

Francis [illegible]

[illegible]

30-V-17

VICTORIAS D'AFRICA

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

VICTORIAS D'AFRICA

A DEFEZA DE LOURENÇO MARQUES
E AS CAMPANHAS
DO VALLE DO INCOMATI E DO PAIZ DE GAZA

Francisco Macedo

1894-1895

1897

LISBOA
TYP. — RUA DO NORTE, 46, 1.º — ESQ.
1896

Honor Victoribus!

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno...
(Camões — *Lusiadas*)

1894-1895

PREFACIO

Está na memoria e no coração de nós todos, homens de Portugal, esta singelissima synthese da nossa maior gloria contemporanea:

Para salvar a cidade de Lourenço Marques, assediada pelos cafres, e para assegurar a soberania portugueza nos sertões de Gaza e do Incomati, partiram de Portugal cerca de tres mil homens do exercito. Desaffrontando a cidade em perigo, reoccupando *Angoane,* dispersando os cafres, perseguindo-os em marchas penosissimas, batendo-os em *Marracuene,* vencendo-os em *Magul,* a elles e aos vátuas, pondo-os em fuga em *Chinavane,* destroçando os vátuas e buingelas em *Coolella,* tomando o kraal de *Manjacaze,* assaltando nas florestas o ultimo asylo do regulo Gungunhana e aprisionando-o, em presença de tres mil vátuas estupefactos; esses expedicionarios, que a marinha auxiliou destemidamente nas suas operações dos rios Incomati e Limpopo, trouxeram a Portugal, subitamente, com o nosso prestigio redivivo, o maior triumpho que,

n'este momento historico, podia acariciar a alma da nação.

Voltou á patria a maior parte d'esses bravos. E' consolador saber como elles venceram; é enternecedor lembrar como elles foram victoriados.

E aqui está o thema inteiro d'este livro, esboço apenas de uma grande historia, que a alma do auctor comprehende commovidamente, mas que a sua penna obscura não sabe escrever completa.

Estamos ainda sob a impressão deslumbradora dos jubilos nacionaes e temos ainda no espirito a visão soberba dos ultimos combates; nos olhos e no coração a imagem dos expedicionarios que voltaram, abraçados pela alma portugueza, n'um extase de inexcedivel ternura e de abençoado orgulho!

Parece que ainda sentimos a bemdita surpreza das nossas almas por cada lampejo de victoria que nos chegava do sertão negro, e diante dos olhos, turvos de lagrimas, d'essas lagrimas santas e consoladoras que as nações choram nos arroubamentos de uma subita gloria, como que vemos passar ainda, na sua marcha triumphal, por entre a repercussão dos hymnos e os esplendores de uma apothéose, os lividos heroes da ultima guerra d'Africa!

Póde bem dizer-se que, de um ao outro extremo do paiz, vibram ainda pelos ares os gritos enthusiasticos da alma nacional e que sob a arcaria dos templos antigos, como em Santa Maria de Belem, se não dissiparam de todo as nuvens brancas do incenso, erguidas para Deus no radioso jubileu da patria portugueza.

Na comprehensão e na confraternidade do mesmo ideal, a alma da nação despertou enternecidamente nas vibrações de todas as nossas almas e sobre os valentes, coroados de flôres, descem fervorosamente as bençãos da Patria, como benção carinhosa de mãe amantissima, ao filho que volta, glorioso e ovante.

Dir-se-ha que é cedo ainda para escrever a historia d'esses homens, cuja destemida abnegação,

rasgando no relampago das descargas, a nossa amarga lenda pessimista, accendeu a aurora de uma nova era, de confiança e de força, no vivo fulgor das espadas.

Para uma historia que fosse a apreciação politica dos factos, na sua intima relação com as operações militares, ou para a historia exclusivamente technica e doutrinaria, sem nenhum objectivo de vulgarisação patriotica; para um livro de analyse politica ou para um livro de critica da guerra, seria effectivamente cedo, porque não teria o tempo chegado ainda para a calma e inflexivel avaliação dos acontecimentos, nem para a reflectida lição a deduzir dos factos, na sua mais ampla e proveitosa significação.

Mas em nenhum dos dois casos está precisamente comprehendido este livro.

Não é essencialmente uma historia politica, nem é exclusivamente uma historia militar. Recordando precedentes de outras expedições, relacionando os factos militares com os factos politicos que os motivaram; descrevendo a campanha, esboçando o grande quadro dos combates, comparando com extranhos commettimentos os feitos das tropas portuguezas, pondo em largos traços caracteristicos as virtudes e as qualidades dos nossos soldados; vibrando a nota impressionista ou a nota anecdotica, sem a adulteração do facto na sua plena realidade, e procurando a lição e o corollario dos acontecimentos, perante a sciencia da guerra ou perante os altos interesses da nação; o nosso livro, quaesquer que sejam os seus erros, não tem outro objectivo que não seja fixar bem na alma portugueza a bemdita pagina de gloria e de sacrificios que se additou ao livro de oiro do esforço portuguez, collaborada por todos os que voltaram triumphantes e por todos os que morreram vencedores, na ultima epopêa d'Africa.

Não é cedo para um livro assim. Nem tem pretenções a ser a critica definitiva de um periodo his-

torico, nem póde ser a analyse technica de uma campanha colonial.

Para que se não apague a impressão consoladora d'essas façanhas, para que não esmoreça a impressão suggestiva do commettimento e se não perca esta lição, que, póde ser bem o primeiro movimento de uma grande renascença, é agora até a occasião opportuna de registrar n'um livro quanto ha de grande e util, de altivo e reanimador n'essa envaidecedora experiencia contemporanea da nossa alma, da nossa força, da nossa fortuna.

Appareceu ha annos em uma cidade de França, na exposição de certo bazar, um quadro que representava um porta-bandeira francez salvando a bandeira do seu regimento, no dia lugubre de Sedan. O pintor era um ignorado, a obra de arte era uma mediocridade, mas nenhum francez passava que não parasse, que se não commovesse, que se não apartasse do quadro com os olhos rasos de lagrimas.

Era o assumpto, era o facto que, pela sua enternecedora eloquencia, fallava ali, na tela absolutamente mediocre.

Será assim este livro.

A historia póde ser tambem uma obra de sentimento, sem deixar de ser uma obra de verdade. Para que se torne um livro de vulgarisação, para que a entenda e sinta a grande alma das collectividades, para que seja uma lição efficaz, não basta que relacione os factos e os nomes, na pallida exhibição da sua precedencia chronologica, nem basta mesmo que seja raciocinada; é preciso que dê a physionomia e o aspecto dos homens e das cousas na sua côr, no seu movimento, na sua paizagem rediviva.

Suppõe muita gente que o historiador deve ser um analysta impassivel, especie de juiz que expõe fria e severamente as peças do processo e por ellas redige seccamente a sentença. Puro engano. Dizer a verdade de modo que nos accenda a alma em

chammas de vivido enthusiasmo ou nos levante a consciencia em ondas de sincera indignação, conforme o facto é uma virtude ou uma torpeza; dizel-a de tal arte, nos limites da razão e da equidade, é uma fórma suggestiva da arte, que nem deturpa a justiça nem abastarda a historia. Quer parecer-nos que póde ser justa e sincera, sem deixar de ter as qualidades emotivas, que devem constituir a essencia de toda a obra litteraria, conforme o criterio de Taine.

N'esta nossa, que não é a historia definitiva das recentes campanhas d'Africa, que não podia ser e não é senão um livro sincero e impressionista; n'esta, em quasi todas as suas paginas e na sombra dos seus defeitos, por enormes que sejam, ha de o leitor sentir pulsar o coração da patria, como sob as suas mãos, tacteando o passado, Pelletan sentia palpitar o coração da França.

Mas se outras razões de justificação não tivessemos para explicar esta obra, que é sobretudo a homenagem de um obscuro aos mais gloriosos soldados que nos ultimos oitenta annos teem reavivado a tradição epica do exercito portuguez; procurariamos o precedente de estrangeiros e encontral-o-hiamos bem recente e de bem assignalada auctoridade.

Tem já a sua historia a campanha de Madagascar, ha poucos mezes ainda concluida, e já produziu mais de um livro a historia da guerra de Dahomé, que só em janeiro de 1894 se considerava completamente terminada com a prisão de Behanzin, o autocrata derrotado e foragido.

*
*   *

No prefacio de um livro de Jules Poirier — *Campagne du Dahomey* — 1892-1894 — escreveu o deputado francez Henri Lavertujon: L'AFRIQUE! EST-IL

UN NOM QUI ÉVOQUE DES PLUS GLORIEUX SOUVENIRS, DES PLUS BRILLANTES ÉSPERANCES!

Com que razão immensamente maior, pela historia, pelo presente, pelo dia de amanhã, não poderemos fazer nossa esta evocação enthusiastica do escriptor francez!

Sim, por que a Africa é afinal na historia da França apenas uma pagina de setenta annos, desde a fundação das suas primeiras feitorias do Senegal e desde a conquista da Algeria até á sua moderna expansão no Sudan, em Tunis, no Congo e em Madagascar. Pagina brilhantissima, decerto, mas a pagina d'um seculo incompleto.

Em quanto que, para nós, a Africa é um capitulo epico da civilisação humana, escripto pelos nossos marinheiros e pelos nossos soldados em quatro centos e oitenta annos, desde a conquista de Ceuta, com vinte mil guerreiros, até ao quadrado de Coolella, com quinhentos soldados.

A Africa! Se fomos nós que a arrancámos da lenda tenebrosa dos arabes e dos phenicios, se a completamos nos planispherios da Terra, se a cruzámos primeiro que nenhum povo moderno, se foi ao longo do seu inhospito littoral que as caravelas portuguezas abriram o caminho da America e o caminho da India! Se foi ali, no campo militar da velha civilisação mussulmana—em Marrocos—se foi ali que os antigos portuguezes crearam a escola de gentilezas de valor com que haviam de assombrar o Oriente. Um punhado d'homens esparsos por metade do mundo [1]!

Que ossuario immenso que ella é, de soldados e marinheiros, de viajantes e missionarios portu-

[1] Então os portuguezes, que não chegavam a ter 40:000 homens em armas, faziam tremer o imperio de Marrocos, os barberescos d'Africa, os Mamelukos, os Arabes, e todo o Oriente, desde Ormuz até á China.

(CESAR CANTU—*Historia Universal*).

guezes! Nem talvez o Oriente nos custou tanto sangue.

Foi nos mares africanos que fizemos a aprendizagem de marinheiros e foi na Africa (Ceuta, Tanger, Arzilla, Alcacer-Ceguer, Mazagão) que fizemos a aprendizagem de conquistadores. Na Africa esboçámos o primeiro imperio que a nossa ambição planeára e foi lá que elle se enterrou, afogado em sangue, com a corôa de ouro, a corôa fechada do mallogrado imperador D. Sebastião de Portugal, feita em pedaços nas mãos rapaces dos berberes! (Alcacer-Kibir-1578).

E é ainda na Africa, por um capricho do destino, que está a mais legitima esperança, a maior força, o rutilo futuro da patria portugueza.

Perdido o imperio do Oriente, que tinha as suas colossaes fronteiras entre o Indico e o Mar Vermelho e entre o Pacifico e o mar da China; perdido o imperio do Brazil, uma immensidade entre os Andes e o Mar, os rios como oceanos, imperio quasi tão grande como a Europa inteira; está na Africa o nosso terceiro imperio colonial — o ultimo.

E este, ainda assim, na sua vastidão de mais de dois milhões de kilometros quadrados [1], é sufficientemente grande para conter duas vezes a Hespanha com todos os seus dominios ultramarinos [2].

---

[1] O sr. Raposo Botelho, na sua *Geographia Geral*, calcula a superficie da provincia de Angola, com os districtos da Lunda e Congo, em cerca de 2.000.000 de kilometros quadrados e a provincia de Moçambique em proximamente 1.000.000 de k. q.

Um dos nossos mais distinctos cartographos e esclarecido africanista avalia, porém, a superficie d'Angola em 1.372.500 k. q. e a de Moçambique em 785.000 k. q., o que, com a Guiné e ilhas da Africa, dá para todo o nosso imperio africano uma superficie total de 2.172.000 k. q., approximadamente.

[2]

Superficie da Hespanha...........	507.045	k. q.
Superficie de todas as colonias hespanholas........................	429.120	»
Superficie total.......	936.165	»

*
* *

Referindo-se á expansão colonial da França e ao enthusiasmo da opinião publica pelas victorias de Dahomé, escreveu o sr. Henri Lavertujon:

«Elle a compris que, si nous nous renfermions obstinément dans nos 529:000 kilométres carrés de terre française, aveç ses 38 millions d'habitants, nous serions fatalement, dans un délai prochain, emportés, submergés, engloutis dans le tourbillon des grands peuples, qui tous les jours s'accroissent, comme l'Angleterre, les Etats-Unis, la Russie».

O que deveremos nós dizer então com os nossos 89.625 kilometros quadrados de terra portugueza do continente europeu e com os seus escassos 4.500.000 habitantes, ou, ainda assim, quasi o triplo da população com que fizemos as conquistas?

Podemos e devemos dizer que é a Africa o grande futuro da nacionalidade portugueza, que é a maior razão historica da nossa existencia politica, por que nos equilibra ao lado da Hespanha e perante a Europa, como ha quatro seculos nos equilibrava perante Castella e Leão, quando era a nossa base de operações para a viagem da India e nos salvava da acção absorvente da unidade hespanhola por que era a affirmação da nossa iniciativa civilisadora e a immortalidade da nossa preponderancia historica.

Por isso a alma portugueza comprehendeu enternecidamente o enorme effeito moral das abençoadas victorias dos nossos soldados, immensnmente maior que o seu effeito material, n'este cyclo de profundos esmorecimentos.

Por isso, n'uma effusão de enthusiasmos, como nunca nenhum homem d'hoje ainda vira n'este paiz, n'um carinho que chegava aos arrebatamentos

do amor, a alma da nação, na sua dupla sentimentalidade pelo heroismo e pelo affecto, que resumem a psychologia do caracter antigo, eternamente modelado no oiro das *Lusiadas*, por isso essa alma, erguida como a aguia symbolica dos antigos triumphadores, apertou contra si, como as mães apertam os filhos, a bandeira que foi agora glorificada nos sertões.

E ainda, n'este momento, das mais modestas povoações do paiz, das infimas aldeolas, nos está chegando a nota commovedora das glorificações parciaes.

Cada expedicionario que volta á sua terra, um soldado raso, um tambor, que vae para a sua casa pobrissima, para junto dos paes, uns velhitos talvez andrajosos, que importa isso? é recebido pela população inteira, por todos, os mais illustres e os mais humildes, com as honras de um triumphador e as caricias enternecidas de um irmão. Ás vezes a casa é um pardieiro, um desvão, uma choça, e faz-se de subito o recinto de uma apotheose! E quantas mães, coitadas, no seu doce espanto, não terão perguntado ao coração, se effectivamente será o seu pobre filho esse que tanta gente applaude e abraça, como se todos, até os grandes, os ricos, os poderosos, tivessem orgulho de chamar-lhe irmão, a elle, o pobre soldado livido, a quem ainda ha um anno, só alguns raros humildes, seus iguaes, conheciam e apertavam a mão!

E se lh'o perguntarem a elles, os victoriados, se as mães lhes perguntarem por que os levantam nos braços, como se levantam os andores dos santos, a elles, uns soldados rasos, responderão singelamente — e quantos não terão respondido assim? —:

—É por eu me ter batido em Marracuene. E porque eu estive em Magul. E por que eu fui ferido em Coolella. Está aqui a prova. E a medalha da Rainha. Pozeram-m'a no peito as suas mãos, brancas de neve.

Hora santa de gloria! Hora santa de justiça!

Não é talvez assim que se deve escrever a historia; mas é assim que todos nós a sentimos agora.

Para esses valentes, os mais brilhantes e os mais humildes, os que vieram, os que hão de voltar ainda, os que não voltarão nunca; para todos elles, as pobres paginas d'este livro

I

EXPEDIÇÕES MILITARES

Foram os portuguezes, entre as primeiras alvo radas percursoras da Renascença, os primeiros da Europa que emprehenderam conquistas no continente africano.

Pela grandeza das esquadras e pelos effectivos de desembarque, as expedições portuguezas a Marrocos (antigo Maghreb) egualaram e algumas vezes excederam as grandes expedições de Veneza á margem oriental do Mediterraneo, e as dos aragonezes e catalães contra a Sicilia, Napoles e Sardenha.

De Marrocos, que fôra o vasto campo entrincheirado do imperio arabe e a sua base de operações contra a Peninsula Hispanica e a França, fizemos nós a nossa base de operações para a conquista da Africa mysteriosa e do Oriente e a escola de guerra dos nossos soldados, dura e sanguinolenta escola que durou trezentos annos de quasi ininterrompidos combates, de cercos, de crudelissimas *razzias*. Começou em Ceuta, a *Septum* romana, e acabou em Mazagão, abandonada como ultima epopêa

inutil do imperio, que D. João I planeára e que D. Sebastião intentou completar e sepultou lugubremente em Alcacer-Kibir.

Nenhuma nação moderna tem feito, como a nossa, maiores sacrificios pela Africa, nenhuma ali derramou ainda mais sangue. Basta Marrocos para nos dar essa tragica prioridade.

Custou-nos tambem muito sangue o Oriente, que foi nosso, desde Socotorá a Malaca, desde o Mar Vermelho ao Mar da China; levou-nos centenas de vidas o Brazil, na encarniçada guerra de dezeseis annos, que ali sustentámos contra os hollandezes invasores. A Africa, porém, custou-nos muito mais, sem tomarmos em conta os que morreram em volta do seu littoral immenso, sepultados pelas ondas do Atlantico e do Indico [1].

Tambem para nenhum outro continente mandamos expedições maiores. Comprehende-se. Raça aguerrida e indomavel, constituindo rapidamente exercitos numerosos, era a gente de Marrocos mais difficil de vencer do que a maior parte das raças da Asia. Rivalisando com ella, só os malaios e os arabes [2].

Tão temiveis como os marroquinos, só os turcos; mais perigosos, pela reflectida coragem, pela disciplinada bravura, pelos seus progressos na sciencia da guerra, só os hollandezes e os inglezes, que os nossos marinheiros e soldados tiveram de combater

---

[1] Perdeu-se nos mares da Africa uma parte das naus que andavam na carreira da India. Em pouco mais de um seculo naufragaram 66 naus; o maior numero nas aguas africanas!

[2] Tão guerreira e destemida raça aquella de Marrocos, que na guerra com a Hespanha (1859-1860), dispondo de pouco mais de 50.000 homens de tropas regulares e de outra tanta força de gente indisciplinada e com grosseiras armas de fogo, oppoz uma resistencia formidavel ao brilhante exercito de O'Donnell e Prim, composto de 45.000 homens de tropas aguerridas, apoiadas por uma poderosa esquadra.

E' espantosa a tenacidade com que os marroquinos, de

em Moçambique e na Asia, e os francezes e hollandezes, que tiveram de repellir na America, precisamente quando Portugal estava já extenuado por uma lucta colossal, desproporcionada, de duzentos annos, em todos os continentes e em todos os grandes mares do commercio colonial. Enfraquecido até pelas riquezas corruptoras do Oriente e do Brazil, que eram afinal o incentivo, a força impulsora d'estes gloriosos adversarios.

N'este esboço retrospectivo das expedições militares ao ultramar, cabe á expedição de Ceuta (1415) o primeiro logar, não sómente pela precedencia chronologica, como pela grandeza das forças e pela importancia estrategica e politica do objectivo.

Foi preciso levantar um exercito de vinte mil homens, arrancado ao rudimentar e imperfeito organismo militar d'aquella epocha; exercito, em que entravam muitos voluntarios, mas que na maior parte se compunha de gente obrigada pelos compromissos da sua condição social—homens d'armas avassallados aos nobres e cavalleiros, como estes o estavam ao rei; bésteiros e cavalleiros dos municipios, que se não podiam escusar a uma guerra contra o moiro, como os seus antepassados se não tinham recusado a ir a Navas de Tolosa e ao Salado, em soccorro da Hespanha (1212-1340).

E com a mobilisação d'este exercito foi indispensavel a organisação de uma frota, como nenhuma outra se havia ainda reunido no occidente da Europa. A viagem era de poucos dias, o transporte das for-

combate em combate, desde Sierra Bullones, ao pé de Ceuta, até Tetuão e Wad-Ras, ultimas batalhas, obrigaram os hespanhões a gastar quatro mezes para avançarem cerca de 11 ou 12 leguas, na maior parte ao longo do littoral!

Venceram os hespanhoes, enramaram de novos louros a sua altiva bandeira, mas pelo duro preço de 6.146 mortos e feridos, além de 2.888 mortos por effeito de doenças em campanha.

(Extrahida do Atlas historico da campanha, formulado pele estado maior hespanhol).

ças podia, portanto, tolerar-se nas peores condições de installação, mas, ainda assim, um exercito de tal effectivo e com 5.500 cavallos exigia grandissimo numero de embarcações, attenta a pequena tonelagem dos navios d'aquelle tempo, em que eram excepções as galés grandes de Veneza, empregadas no trafico commercial do Mediterraneo.

A esquadra compunha-se de 33 galeões de linha, 27 de tres ordens de remos, 32 galeras e 120 navios de menor lotação.

Para completar tão grande frota foi preciso afretar navios de transporte em varios portos da Europa.

Comprehende-se bem que estes importantes armamentos fossem difficeis e morosos n'um paiz pequeno, de escassos recursos, com uma população que pouco excedia um milhão d'almas e tendo por base organica uma marinha militar ainda nascente.

E todas as demoras dos preparativos foram ainda aggravadas pelos embaraços resultantes do segredo e das precauções diplomaticas com que a expedição era organisada, para que ninguem lhe soubesse o verdadeiro objectivo. Entretanto, a noticia d'estes armamentos espalhou-se na Europa, como era de prever, e encheu de receio a côrte de Castella e o rei mouro de Granada, que empregou desesperados esforços e fez tentadoras promessas para saber o fim d'aquelles extraordinarios aprestos.

O segredo, porém, foi firmemente guardado e só raros sabiam que se ia conquistar a grande cidade marroquina, que era então a chave do Estreito e um dos mais opulentos emporios commerciaes d'aquella época.

Entre o vulgo corria que era intento de el-rei ir conquistar a Sicilia e entre a gente de côrte espalhara-se propositadamente que a expedição era destinada á invasão da Hollanda.

Os escriptores portuguezes não estão concordes quanto ao tempo que duraram os preparativos. Uns dizem que começaram em 1412, outros affirmam

que só se iniciaram no anno immediato. Dois ou tres annos [1].

Em 25 de julho de 1413 recebia João Vaz d'Almada uma carta credencial de el-rei D. João I para ir tratar em Inglaterra de certos negocios relativos a Portugal. Em 26 de setembro de 1414 Henrique V de Inglaterra concedia licença a João *Vasques* d'Almada (provavelmente o mesmo João Vaz d'Almada que recebera a credencial de D. João I) para levar de Inglaterra 400 lanças, destinadas ao rei de Portugal. Em 26 de janeiro de 1415 Henrique V dizia em carta ás auctoridades de Londres que havia permittido a Alvaro Vaz que equipasse varios homens d'armas e comprasse 350 lanças em Inglaterra, para o serviço do rei de Portugal, e ordenava-lhes que deixassem sair estes armamentos livremente e sem pagamento de quaesquer direitos.

D'aqui se deprehende que já em 1413 se tratava da compra de armamentos em Inglaterra e que em janeiro de 1415 se effectuava uma nova compra d'armas.

A expedição partiu do Tejo em 25 de julho. No dia 21 d'agosto (e só então porque a esquadra tivera de arribar a Faro, batida por um temporal) as tropas portuguezas tomavam aos marroquinos

[1] Com immensos recursos militares, com uma poderosa esquadra e uma população trinta e tantas vezes superior á do Portugal de D. João I, a França de Carlos X levou largo tempo a organisar a expedição do marechal Bourmont contra Alger. A honra do pavilhão francez exigia um desforço impreterivel. Em 1827 o dey argelino Hussein-Pachá havia affrontado gravemente o consul francez, a ponto de ameaçar esbofeteal-o. Passado tempo um navio parlamentario francez foi crivado de balas pela artilheria argelina.

A expedição saiu de Toulon em 5 de maio de 1830. Compunha-se de 38.000 homens, *ayant à peine trois mil chevaux*, como refere um historiador francez.

Para vingar o desaire de Puebla (Mexico), a França de Napoleão III organisou uma expedição de 35:000 homens. Um historiador francez escreveu a respeito d'esta expedição: *Les préparatifs furent longs et remplirent l'année 1862.*

de Salat-Ben-Salat a mais opulenta cidade da Mauritania. Quando o sol morria no horisonte já a bandeira de Lisboa tremulava altaneira sobre a velha kassba de Ceuta.

O primeiro e mais arrojado luctador d'aquelle dia fôra esse mesmo infante D. Henrique, que annos depois havia de ser o iniciador das modernas descobertas da Terra.

Não é intento nosso descrever remotos combates, nem indicar expedições exclusivamentes navaes n'este capitulo preambular da historia de uma guerra africana dos nossos dias.

Indicámos a nossa primeira expedição e a nossa primeira campanha ultramarina; vamos agora apontar algumas das mais importantes expedições que de Portugal foram enviadas ao ultramar. Temos o direito de ligar bem o passado a essa pagina brilhantissima que o esforço dos nossos soldados escreveu no sertão negro. Lembrar os antigos é tambem prestar homenagem aos modernos que os egualaram.

*

* *

Depois da conquista de Ceuta, a mais notavel das nossas expedições, lugubremente notavel, foi a de Tanger, commandada pelo Infante D. Henrique. Resolvera-se que fosse composta de 14:000 homens, mas tão antipathica se tornára ao paiz e tão mal agourada foi, que saiu do Tejo aos 22 d'agosto de 1437, levando menos de metade do effectivo planeado!

Quando desembarcou em Ceuta, base das operações sobre Tanger, contava sómente 2:000 cavalleiros, mil bésteiros e tres mil homens de peonagem. Seis mil homens apenas!

Tanger tinha uma guarnição de 7:000 soldados. Era seu govornador aquelle mesmo Salat-Ben-Salat, que fôra vencido em Ceuta.

A cidade resistiu. Em breve os portuguezes passaram de sitiadores a sitiados. Eram poucos para aquelle commettimento e faltava-lhes o commando lucido e experiente. De todas as tribus do interior affluiram á lucta multidões enormes de guerreiros; a onda impetuosa dos berberes chegou tambem. Apertados entre as muralhas da praça e a multidão formidavel que se reunira para soccorrel-a, os portuguezes tinham de combater na razão de 1 para 50. O desastre era inevitavel. Não faltou a coragem; faltou o numero, faltou o commando. A sêde e a fome completaram o tragico successo. Os soldados chegaram a escavar a terra com as lanças para lhe sugarem, soffregamente, a humidade que lhes mitigasse a seccura atormentadora!

A retirada, que era a unica salvação possivel, impôz aos nossos um pacto doloroso; a entrega de refens para a restituição de Ceuta aos marroquinos. Como principal penhor ficou o Infante D. Fernando, o *Infante Santo,* como o povo lhe chamou. Mas Ceuta não se entregou nunca e o Infante morreu entre grilhões, como escravo, n'uma enxovia de Fez.

A primeira campanha d'Africa, facil campanha de um dia, custara-nos apenas algumas vidas e fôra um triumpho espantoso. A segunda, com 6:000 homens, durára 43 dias, desde a marcha de Ceuta até ao reembarque da expedição, mas custava-nos quasi 600 mortos (incluindo os feridos que morreram depois dos combates) e era um doloroso desastre. Raras campanhas modernas na Africa terão dado esta horrivel percentagem de mortalidade. Lembram-nos sómente a dos hespanhoes em Marrocos, a dos inglezes na Zululandia, por causa do desastre de Isandhluana, onde toda a infanteria foi morta e de 1:300 homens só lograram escapar-se 40; a dos italianos na Abyssinia, em consequencia das derrotas de Saati, Dogali e Amba-Alaghi e, por effeito dás febres, a dos francezes em Madagascar.

Affonso v, o *africano,* deu largo impulso á con-

quista marroquina. No seu tempo, e sob o seu commando, foi a Ceuta uma expedição de 3.000 lanças; fez-se a conquista de Alcacer-Ceguer (1458) com 280 navios e 22.000 homens e a de Arzilla e Tanger (1471) com 338 navios e 23.000 combatentes. Estas expedições custaram rios de dinheiro, cerca de 400:000 *dobras,* quantia importante em uma época em que a receita total do estado era simplesmente de 43:074$000 réis [1].

Para além de Marrocos, a primeira expedição de tropas portuguezas, foi a de Diogo d'Azambuja, que partiu de Lisboa em dezembro de 1481, para construir e guarnecer o castello, que se denominou de S. Jorge da Mina. Compunha-se de 500 homens d'armas e 100 operarios. Foi transportada em 10 caravelas e 2 urcas.

Seria longo e inutil registrar aqui as pequenas expedições de reforço, enviadas para Marrocos e para varios pontos da Africa Occidental.

No reinado de D. Manuel, e a despeito das primeiras expedições ao Oriente, a conquista marroquina foi engrandecida com o dominio de Azamor, Tite e Almedina.

Para a tomada de Azamor (1513) partiram de Portugal 18.000 homens, com 2.500 cavallos, n'uma esquadra de 400 navios. As forças eram commandados pelo Duque de Bragança D. Jayme e por D. João de Menezes, um dos heroes de Arzilla, que era, como diriamos hoje, o chefe do estado maior da expedição.

Mas o periodo das conquistas de Marrocos estava concluido. Tinha começado o das tentadoras conquistas do Oriente.

A lucta no velho Maghreb continua ainda por mais de duzentos annos, porfiada, terrivel, heroica,

---

[1] Vem designada em um documento do reinado de D. Affonso v, que foi encontrado no archivo da Torre do Tombo pelo brilhante historiador Rebello da Silva.

mas quasi reduzida a uma gloriosa defensiva. Sessenta e cinco annos depois da expugnação de Azamor viria a catastrophe enorme de Alcacer-Kibir, que foi a ultima e desvairada tentativa de conquista no territorio marroquino.

As expedições militares ao Oriente foram sempre muito inferiores em numero ás que deixámos indicadas, e que realmente maravilham como esforço de uma nação pequena e n'uma epoca em que na Europa se consideravam grandes os exercitos de trinta a quarenta mil homens.

Muito tempo depois, e com instituições militares mais perfeitas, Carlos VIII de França invadia a Italia á frente de trinta mil homens (1444). Carlos V levou á expedição de Tunis trinta mil homens de desembarque, recrutados na Italia, na Allemanha e na Hespanha, em todos os dominios do seu immenso imperio. Portugal tambem concorreu a esta empresa com o auxilio de 2.500 expedicionarios e uma esquadra de 23 navios, entre os quaes ia o maior d'aquelles tempos, o galeão S. João, denominado depois o *Bota-fogo* (1535).

Na expedição de Filippe II contra a Inglaterra (1588) iam a bordo da *Invencivel Armada* 40.000 homens, que representavam as forças disponiveis da Hespanha, de Portugal, da Italia, de uma parte da Allemanha e da Flandres.

*

* *

As expedições portuguezas para a Asia não excediam dois a tres mil homens e calcula-se que seria de 3.000 a média dos portuguezes embarcados annualmente para a India, durante o periodo de maior actividade das conquistas.

Explica-se. Para Marrocos a viagem e o transporte das tropas eram relativamente faceis. Para o Oriente, a quatro ou a cinco mil leguas da foz do

Tejo, em viagens tormentosas de longos mezes, nem os soldados poderiam ir nas condições deploraveis em que eram transportados ao Estreito, nem os recursos do paiz chegariam para a despeza enorme a fazer com as grandes expedições.

Iam todos os annos em pequenos troços, de aventureiros, de homens de soldos ou de contracto, como os bombardeiros, que em grande numero vinham da Allemanha e da Italia.

Na armada do vice-rei D. Garcia de Noronha partiram de Lisboa 2.000 homens, entre os quaes muitos ainda imberbes. A armada de D. Constantino de Bragança tambem levou de Portugal apenas 2.000 homens, gente collecticia, contractada por baixo preço.

No Oriente tivemos sempre uma força naval muito superior ás forças terrestres. A nossa marinha militar e mercante, e por largo tempo foi promiscuamente uma e outra cousa, chegou a ter mais de 400 navios de alto bordo e cerca de 2:000 navios pequenos!

Desde a primeira expedição do Gama (1497) até 1612 partiram de Lisboa para a India 806 naus; as primeiras de 120 a 200 toneladas, com 40 a 50 marinheiros e soldados, as do primeiro quartel do seculo XVI, de 500 a 600 toneladas, com 100 a 120 marinheiros e 200 a 250 soldados e desde os meados d'aquelle seculo, algumas de 800 e mais de 1.000 toneladas com numerosa guarnição.

Quando Duarte Pacheco emprehendeu a sua prodigiosa campanha defensiva em Cochim, contra o exercito de 50.000 homens do rajah de Calicut, tinha apenas 150 portuguezes e alguns auxiliares, que de pouco serviam, porque aos primeiros rebates da lucta fugiam como creanças. E então (1504) era Cochim a unica praça da India onde os portuguezes tinham fundado fortaleza.

Albuquerque nunca teve sob o seu commando directo mais de 2.000 portuguezes e umas pequenas forças de auxiliares. Foi como tão diminuto effectivo

de tropas que elle conquistou Gôa, defendida por 9.000 turcos. Malaca, cidade florescente e pederosa, guarnecida por mais de 12.000 homens com numerosa artilheria, foi tomada pelo espantoso conquistador á frente de 800 portuguezes e 400 malabares!

Diu, uma das nossas mais importantes praças da India, o objectivo constante dos turcos e da gente de Cambaya, tinha uma guarnição de pouco mais de seiscentos homens, por occasião do segundo cerco. O exercito sitiante, que a principio constava de 8.000 homens, entre os quaes mil janizaros, foi successivamente reforçado até chegar a um effectivo, que se calcula entre trinta e quarenta mil guerreiros!

Pois para acudir a uma praça onde já não havia epicas loucuras que valessem para a salvar, porque a guarnição estava reduzidissima e as muralhas eram quasi um montão de ruinas; para lhe acudir, D. João de Castro, o *viso-rei* da India, não poude reunir mais de tres mil homens que, juntos á guarnição sitiada, davam o mesquinho effectivo de 3.400 guerreiros, e d'esses apenas 2.300 eram portuguezes! E foi com este punhado d'homens que o vice-rei deu batalha campal ao exercito de Rume-Khan. Um contra dez, e venceu!

Já no primeiro cerco d'esta praça (1538) a guarnição portugueza, phalange de heroes que escreveu uma das maiores epopêas do nosso esforço, não excedia 700 soldados! Pois as forças sitiantes, sob o commando de Khodja-Safar e Soleyman-Pachá, compunha-se de 16.000 janizaros e guzarates, providos de poderosa artilheria, que viera a bordo da esquadra turca de bloqueio, composta de 76 navios.

E, todavia, esta lucta desegualissima, que principiara em 26 de junho, só terminou, depois de ferocissimos combates, no 1.º de novembro, dia em que as tropas sitiantes reembarcaram, receiosas dos reforços que deviam chegar de Gôa e convencidas

de que seria impossivel tomar a fortaleza á viva força! Mal sabiam elles que, por detraz das muralhas despedaçadas, estavam apenas *40* homens válidos! Eram os que tinham ficado illesos do ultimo assalto!

O soccorro veiu, mas, muito retardado pelos temporaes, só chegou em janeiro de 1539, quando já não havia inimigos a combater.

E era, por signal, a mais numerosa das expedições sahidas de Gôa. Constava de 150 navios de diversas lotações, com 1.500 marinheiros e 5.000 homens de desembarque, portuguezes e auxiliares.

Ormuz, por exemplo, cidade riquissima, a chave e o emporio do *Golfo Persico,* cubiçada pelo Pachá do Egypto e pelo Sultão de Constantinopla chegou a ter uma das maiores guarnições do nosso imperio oriental, quando as conquistas dos turcos se alongaram até Aden e Bassorá e chegava ao seu maximo esplendor a gloria de Solimão, o grande, o magnifico, o vencedor dos hungaros em Mohacz, o conquistador de Belgrado e de Rhodes, o invasor da Persia, o sitiador de Vienna d'Austria, o terror da Europa.

Pois essa forte guarnição, em posto de tal perigo e importancia, era apenas de 900 homens!

E foram sufficientes para repellir a esquadra de 25 galés grandes, commandada por Epir-bey, que, pelo insuccesso do commettimento, foi mandado degollar em Constantinopla.

Em 1554 a guarnição foi reforçada com 500 soldados e a esquadra do Mar Vermelho era composta de 42 navios, que traziam a bordo 1.200 soldados.

Mas esta concentração de forças ao occidente da Asia tornára impossivel o reforço das guarnições do Extremo-Oriente. Malaca, a magnificente, tinha na sua cidadella apenas 400 soldados portuguezes, e com elles teve de se defender dos exercitos e das esquadras colligadas dos sultões de Java, de Sumatra e do nosso irreconciliavel inimigo de Bintam.

Malaca soffreu um terrivel assedio, mas os portuguezes estavam já acostumados a vencer os turcos na desegualdade de 1 para 10, em campo aberto, tinham para a defeza das praças a sua grande escola de Marrocos, nas heroicidades de 1 contra 60 ou 70, e souberam vencer no Extremo-Oriente, como tinham vencido em Diu e Ormuz.

Não tinhamos porque sentir ciume d'aquelles 5.600 heroes de Rhodes, que em 1522 haviam defendido a ilha, durante 6 mezes, contra os 200:000 turcos de Solimão, o Magnifico. Defeza brilhante e desditosamente improficua!

Mas temos ainda outraspr ovas dos pequenos effectivos das expedições ao Oriente.

Quando na India se formou a formidavel colligação contra o nosso imperio (1568), colligação de Hidal-Khan II contra Goa, Onor e Bracelor; de Melek, rajah do Nizam, contra Chaul, Baçaim e Damão e do Samoudri-rajah de Calicut contra Chale, Cananor, Cochim e Mangalor; o governador da India, D. Luiz d'Athaide, podia apenas mandar para Chaul um soccorro de 600 soldados e reunia em Gôa 650 antigos soldados, 50 cavalleiros e 1.500 milicianos e escravos. Tão diminuta força, obrigou-o a confiar ao cabido, ao clero e aos frades dominicos e franciscanos a defeza interior da cidade de Gôa, a capital do imperio!

Pois a colligação moveu os seguintes formidaveis exercitos: Contra Chaul o exercito de Nizam, composto de 120.000 homens, sendo 34.000 de cavallaria, 12.000 bombardeiros e frecheiros e 18.000 gastadores, com 360 elephantes e 40 canhões, dirigidos por alguns officiaes turcos e venezianos. Contra Gôa, o exercito de Hidal-Khan, com um effectivo de 75.000 homens de infanteria, 35.000 de cavallaria, 2.000 elephantes e numerosa artilheria. Contra Chale, o exercito de Samoudri-rajah, composto de 100.000 homens com 40 canhões. Eram 330.000 homens de todo o Malabar!

E para oppôr a esta alliança de desespero con

tra o dominio portuguez, não havia na guarnição total das tres praças investidas mais de 1.400 portuguezes e cerca de 2.000 auxiliares!

Mas afinal o rajah de Nizam foi repellido e pediu a paz, e o Hidal-Khan levantou o cerco de Gôa, que durara sete mezes, e seguiu o exemplo do seu alliado. Só Chale capitulou. Governava-a então um pobre octogenario, dominado pelos sustos de uma esposa ainda moça, e havia na fortaleza uma guarnição, que no principio do cerco era apenas de sessenta homens e que só quatro mezes depois recebia um insignificante reforço.

Quando chegou o *grande soccorro* de Cochim —1.500 homens—já a fortaleza havia capitulado.

Veio depois a suprema decadencia nas suas tristes e multiplices manifestações de cubiça, de corrupção, de indisciplina, de desalento e até de infortunio. Não era uma subita enfermidade; vinham de longe os seus morbidos symptomas, mas era agora que chegava ao seu periodo agudo e fatal. Ainda se emprehenderam valiosas conquistas, ainda lampejam no Oriente os relampagos assombrosos do heroismo portuguez; mas o imperio estava ferido de morte.

Na Asia, como na Africa e na Europa, raras vezes nos trahiu a victoria, sempre que a desegualdade do numero não excedeu os limites do humano esforço e o commando e a disciplina foram os indispensaveis auxiliares da intrepidez do animo. É a lição de toda a nossa historia militar.

Mas no Oriente faltava já quasi tudo. O commando supremo, lucido e energico, a disciplina, a unidade e a abnegação dos esforços, o numero e a fortuna. Quasi se póde dizer que as vergonhas ficam ainda na sombra das glorificações; mas os heroes tinham de ser os coveiros epicos do imperio.

Os hollandezes e os inglezes appareceram na Asia; conluiaram-se com os persas, os arabes, os malabares, os simghalas e os malaios, e Portugal,

mortalmente ferido na Africa, havia ficado sob o dominio de Filippe II de Hespanha.

As esquadras e as expedições, já muito rareadas no reinado do Cardeal D. Henrique (1578-1580) não acudiam opportunamente em soccorro dos longinquos dominios.

Em 1619 Ruy Freire d'Andrade partia de Lisboa para o Oriente, com o fragilissimo soccorro de dois galeões, tres urcas e seiscentos e tantos soldados. O commandante é que valia mais que toda a expedição. Era encargo seu construir e guarnecer uma fortaleza na ilha de Kischmisch (Queixome), possessão essencial á defeza de Ormuz contra os persas.

Ruy Freire d'Andrade fundou a fortaleza e tolheu a navegação dos inglezes no Mar Vermelho e no Golfo Persico. Era inevitavel a guerra.

Shah Abbas alliou-se com os inglezes e os arabes. A nossa esquadra queimou e metteu a pique mais de quatrocentos navios inimigos, mas o Khan de Schiraz cercou a fortaleza de Queixome com 25.000 homens. Os nossos são menos ainda do que eram em Diu. Entre os sitiantes ha excellentes officiaes e soldados inglezes. Um engenheiro inglez dirige as operações do cerco. As muralhas da fortaleza estão em ruinas. De Goa não chegam soccorros! De parte nenhuma! Os inglezes propõem a capitulação com todos as honras da guerra. O cerco durava ha nove mezes. Ruy Freire d'Andrade ainda tem a tragica idéa de se sepultar nas ruinas da fortaleza. Não lh'o consentem os seus. A guarnição sae da fortaleza, ao som dos tambores, bandeira ao vento; era um punhado de spartanos (1623). Só Ruy Freire d'Andrade ficou prisioneiro. É ás vezes no ceu escuro do inverno que as estrellas brilham com maior fulgor. A defeza de Queixome, na derrocada do imperio, valia ainda mais que as loucuras heroicas de Diu e de Chaul.

Malaca é outra epopêa no abandono dos seus miseros recursos. Em 1606 o almirante hollandez

Cornelio Matatlief apparece de subito nas aguas da cidade com uma esquadra de 11 navios e 1.500 homens de desembarque. Na cidadella ha apenas uma guarnição de 145 portuguezes! Os hollandezes desembarcam, assestam a sua poderosa artilheria de sitio e são reforçados pelo exercito dos sultões de Jahor e de Singapara. Pois a guarnição resistiu tres mezes e os hollandezes retiraram, quando correu que a cidade ia ser soccorrida pelo vice-rei da India.

Em 1640 Malaca é novamente atacada pelos hollandezes, que teem 18 navios, 1.700 homens de desembarque e são auxiliados por uma esquadra do sultão de Pahang e por 5.000 malaios. A guarnição da cidadella estava reduzida a 60 soldados ao cabo de seis mezes de bloqueio! No baluarte de S. Domingos havia apenas 8 soldados famintos! Malaca reudeu-se em janeiro de 1641. A lucta começára de 1 contra 20 e acabára de 1 contra 100!

Vejam como a façanha de Rhodes se vae apoucando no confronto d'estes desesperos?

Columbo (Ceylão) foi a ultima d'essas espantosas epopêas. Sitiaram-na os hollandezes de Gerardo d'Huld e João Wlaas, auxiliados pelo exercito do rajah de Kandy. O primeiro assalto, em 12 de novembro de 1655, foi bem uma carnificina. Os hollandezes foram repellidos com perdas enormes. Ao fim de cinco mezes de assedio, a guarnição era diminutissima e tinha fome! Já era allivio morrer na lucta. E nem um homem sequer de soccorro! Pozeram-se fóra as boccas inuteis, mas os braços válidos eram já tão poucos para a defeza, que nem chegavam para abrir a valla dos que morriam de fome, de peste, ou varados pelas ballas. As muralhas estavam em escombros e ninguem pensava em render-se! O mais intrepido, o mais inabalavel, era o governador Antonio de Souza Coutinho, um septuagenario!

Foi uma nevrose de heroicidade. Dez homens tomaram uma bateria hollandeza; tres homens guarneciam o baluarte de S. João, e d'esses, dois eram

a bem dizer umas creanças! No assalto de 7 de maio (1656) combateram os padres, os feridos, as mulheres, luctou-se nas ruas, nas barricadas, foi um desespero prodigioso! Saragoça tem este altivo precedente.

Não chegavam soccorros. Era inevitavel ceder. A bandeira arreada ali podia cobrir, como santa mortalha, os mais arrogantes paladinos da historia portugueza. A rendição foi resolvida em conselho de guerra por 21 votos contra 13.

A guarnição sahiu da praça com todas as honras da guerra, em 12 de maio de 1656. Eram 94 officiaes e soldados e 100 moradores!

Esta foi a ultima convulsão sublime da derrocada.

Ainda houve alguns esforços brilhantes, luctas honrosas, mas o grande periodo acabára.

*
* *

Depois d'aquella epoca sahiram de Lisboa algumas expedições para o Oriente, mas quasi todas de pequena importancia numerica.

Uma das maiores foi a do marquez de Louriçal, nomeado vice-rei da India (1732). Compunha-se de seis naus de guerra e levava 4 batalhões de infanteria, com o effectivo total de 2.000 homens, e 16 canhões, dos que recentemente tinham sido inventados por Jacob de Weniholtz, que se achava ao serviço de Portugal. Não ha senão noticias incompletas ácerca d'estas peças, que talvez fossem depois inutilisadas como reles sucata. Affirma-se que podiam dar 20 tiros por minuto. Ainda que dessem só 8 ou 10, seriam estas as predecessoras de toda a moderna artilheria de tiro rapido.

Esta expedição ia soccorrer Gôa, gravemente ameaçada pelo maharadjá dos mahrattas, famoso guerreiro que ousára invadir os estados do Grão-Mogol e se tornára o terror do Malabar.

Então já havia melhores elementos organicos para uma expedição militar. O exercito permanente fôra creado durante a guerra dos *28 annos* contra a Hespanha (1640-1668). Anteriormente houvera como ensaio de tropas permanentes apenas uns nucleos no reinado de D. João III e o *terço* da armada, creado no tempo dos Filippes.

O exercito permanente no tempo da expedição do marquez de Louriçal teria um effectivo de 13:000 homens. Havia mais dois regimentos de tropas de embarque com 1.800 homens e 35.000 milicianos.

E tempo de deixar essa Asia, por onde durante 160 annos passaram talvez trezentos mil marinheiros e soldados d'aquelle Portuga,l que não chegava a ter dois milhões d'almas!

*

* *

O Brazil nunca foi uma possessão de dominio essencialmente militar. Era caracteristicamente uma colonia de exploração agricola e mineira, arroteada pelo escravo negro, importado da Africa. Dava assucar, produzia especiarias como a India e as Molucas, teria ouro como o Mexico, diamantes como Narsinga e por isso lá foram os nossos aventureiros, mais ciosos de riquezas que de victorias.

Começou a ser explorado no reinado de D. João III por 1530 a 1531, em que se realisaram as primeiras explorações de Martim Affonso de Sousa.

Dividido em capitanias de regimen accentuadamente feudal, confiado á exploração dos donatarios d'essas capitanias, que tinham poderes soberanos, como os modernos concessionarios de algumas terras africanas; o Brazil foi durante um largo periodo uma colonia de fazendeiros e exploradores e a sua defeza esteve confiada quasi exclusivamente aos proprios exploradores.

Não carecia de grandes expedições militares.

Os indigenas desconheciam as armas de fogo e para os dominar bastavam os proprios aventureiros, na defensão dos seus interesses.

Mas soube-se na Europa que era um paiz fecundo esse Brazil immenso e, comquanto não estivessem ainda descobertas as suas riquezas auriferas e os seus diamantes entre o cascalho dos rios (o Jaraguá e o Jequitinhonha foram os rios do ouro e dos diamantes no seculo XVIII), logo a febre das riquezas levou áquella vastissima possessão portugueza os piratas e aventureiros da França e da Inglaterra.

Começava então a necessidade de organisar a defeza do littoral, de constituir e concentrar alguns elementos essenciaes para a lucta armada.

Quando, porém, a guerra de pirateria ou de occupação tomou um caracter mais grave e perigoso, foi quando a *Companhia das Indias Occidentaes,* estimulada pelos primeiros lucros e pelo exito espantoso alcançado pelos hollandezes no Oriente, se decidiu a emprehender uma obstinada guerra de invasão no territorio brazileiro.

Era em principios do seculo XVII, e pelo que já sabemos que succedera na India, a respeito dos soccorros da metropole, dominada então pela Hespanha, é facil avaliar qual seria a grandeza e opportunidade das expedições militares enviadas ao Brazil.

Depois de se ter perdido a Bahia, que em breve se reconquistou, estando Pernambuco a pique de perder-se, e coincidindo os nossos desastres com os da esquadra hespanhola de Benevides e com o saque de Havana, resolveu-se o governo de Madrid a enviar uma expedição ao Brazil, ameaçado por uma nova esquadra hollandeza com avultadas forças de desembarque. Causa lastima a miseria do soccorro, que só valia pela importancia do novo governador nomeado para a capitania de Pernambuco. Era esse governador Mathias d'Albuquerque, o futuro vencedor da batalha do Montijo contra os

hespanhoes. O reforço enviado cifrava-se apenas em tres caravelas!

Em fevereiro de 1630 apparecia nas aguas do Brazil uma esquadra hollandeza de 65 navios, com 3.780 marinheiros e 5.500 soldados de desembarque.

Mathias d'Albuquerque, no seu campo entrincheirado das margens do Rio Doce (Olinda) tinha 650 portuguezes e indios, para oppôr aos 2.200 soldados e 700 marinheiros do coronel Waerdenburch. Já não foi pequena façanha combater em tão desiguaes condições e retroceder em boa ordem. Ainda tentou a defeza de Olinda, mas foi vencido e teve de retirar para o Recife com *vinte soldados!*

O forte de S. João, guarnecido primeiro por 7 homens, reforçado mais tarde por 15, só se rendeu depois de quinze dias de bombardeamento. Era commandado por Antonio de Lima.

Parece um trecho das grandes façanhas da Africa e do Oriente!

A maior força que Mathias d'Albuquerque poude depois reunir para a campanha defensiva de Pernambuco foi de 1.000 portuguezes e 3.000 indios!

Depois de porfiadas instancias e queixumes, resolveu o ministro hespanhol Conde Duque de Olivares enviar uma expedição a Pernambuco. Era composta de 19 navios de guerra e de 13 de transporte, e saiu do Tejo sob o commando superior do almirante D. Antonio de Oquendo.

Foi-lhe, porém, ao encontro nas aguas do Brazil uma esquadra hollandeza de 16 naus, commandada pelo almirante Pater, o heroico marinheiro que depois se atirava ao mar, envolto no glorioso pavilhão do seu paiz. A batalha, que foi terrivel, durou sete horas e ficou indecisa. Ambas as esquadras estavam incapazes de proseguir as operações. A de Oquendo teve de ir abrigar-se nos portos da America hespanhola, depois de haver desembarcado no Brazil um corpo de mil homens, commandado pelo italiano Conde de Bagunolo, para ir auxiliar Mathias

de Albuquerque, e um outro corpo de 800 homens para reforço da guarnição da Bahia. Esta não era, porém, uma expedição exclusivamente portugueza.

Mas os hollandezes augmentavam tambem as suas forças em Pernambuco, a ponto de poderem dispôr ali de 4.136 soldados, auxiliados por uma esquadra de 42 navios, com 1.500 marinheiros.

A guerra proseguia encarniçadamente e com varia fortuna. Os hollandezes recebiam constantes e valiosos reforços. Batel-os e expulsal-os a elles não seria empreza que podesse comparar-se á que, com tão bom exito, haviamos intentado contra os francezes do cavalleiro de Villegagnon, no Rio de Janeiro e de Ravaudiére, no Maranhão.

Os portuguezes tinham por si uma parte dos indios e os seus compatriotas nascidos no Brazil, auxiliares que eram valiosos, mas que não podiam equilibrar as forças de Portugal com as da Hollanda. Entre os heroes d'aquellas renhidas campanhas avultam as epicas figuras do indio Potyguarassú, do preto Henrique Dias e de André Vidal de Negreiros.

Olivares decidira, emfim, enviar uma grande expedição á America portugueza e, para mais facilmente completar o effectivo das tropas, vendia commendas das ordens militares portuguezas, a quem lhe apresentava um certo numero de homens arvorados em soldados! Em 1638 estava organisada a expedição. Compunha-se de 8 galeões portuguezes e 11 hespanhoes, e de 6.000 marinheiros e soldados. Era a maior, mas foi tambem a mais inutil.

Depois de reforçada na Bahia, a esquadra fez-se ao mar com 86 navios, 6.000 marinheiros e 6:000 soldados, portuguezes e hespanhoes.

A esquadra do almirante hollandez Loos, substituido depois pelo vice-almirante Huygens, destroçou todo aquelle poder n'uma terrivel batalha de seis dias. O temporal e a fome completaram o desbarato d'aquella miniatura da Invencivel Armada.

Entretanto, o governo hespanhol arrancava de

Portugal numerosas tropas para irem guarnecer a Catalunha e reforçar as guarnições hespanholas na Italia!

Em 1640 é enviada para o Brazil uma expedição de 8 naus, com 2.500 homens. Commandava-a D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, que fôra nomeado governador do Brazil.

Dois annos depois a guerra principia a tomar para nós um aspecto diverso. A gloria illumina de novo a nossa bandeira e mais dois heroes — Moniz Barreto e Fernandes Vieira — surgem resplandentes na epopêa brazileira.

Começa a expulsão dos hollandezes. Em 1645 vencem os portuguezes a batalha das Tabocas, em 1648 a primeira batalha dos Gararapes e nos principios de 1649 a segunda batalha d'este nome. Apagam-se para a Hollanda os dias gloriosos da invasão e a tradição altiva de Mauricio de Nassau, o mais insigne dos chefes hollandezes, esmorece nas vibrações dos grandes nomes laureados de Fernandes Vieira e Moniz Barreto.

Reconquistam-se as capitanias occupadas por aquelles intrepidos e tenacissimos adversarios e retomam-se as fortalezas onde tremulava arrogante a inclita bandeira neerlandeza, que fôra nos mares o assombro e o terror da Hespanha e da Inglaterra.

N'esta enorme guerra de dezeseis annos, em que a Hollanda empenhou metade das suas esquadras e um exercito sempre superior ao nosso, coube aos portuguezes do Brazil um alto quinhão de glorias, que é bem um prologo epico na historia da sua illustre nacionalidade.

Não trataremos dos conflictos com a Hespanha na America no seculo XVIII, por causa da colonia do Sacramento, nem mesmo da invasão da Guyanna franceza nos primeiros annos do nosso seculo. Pouco importam ao objectivo d'este capitulo, pois não representam a sahida de alguma importante expedição da metropole.

Deixaremos a America, depois de termos dado

noticia da mais numerosa expedição militar que, depois de Alcacer-Kibir e sem o concurso de outra potencia, temos enviado ás terras ultramarinas.

As possessões hespanholas do Rio da Prata tinham seguido tambem o grande movimento de emancipação das outras colonias, que constituiam o immenso imperio da Hespanha na America. Os desvarios da revolução, excitados por ambições facciosas, abriam campo vastissimo aos triumphos da anarchia, nas suas tragicas e ignobeis manifestações de odio e de rapina, de facciosismo e de destruição. A onda assoladora alastrára-se pela banda oriental do Rio da Prata até á fronteira do Brazil. As facções de Montevideu faziam propaganda revolucionaria na colonia portugueza e os desalmados exploradores da anarchia invadiam o territorio brazileiro, como em *razzia* de beduinos ou incursão de piratas.

O exercito do Brazil emprehendeu contra os revolucionarios uma campanha de desforço e occupou a cidade de Montevideu, que em breve, porém, teve de abandonar, em consequencia de complicações com a Inglaterra. Fez-se um armisticio, que foi, afinal, completamente inutil. As incursões continuavam. Um guerrilheiro celebre, o *gaúcho* Artigas apossara-se de Montevideu e de toda a banda oriental do Rio da Prata, organisára forças militares consideraveis e constituira com a famosa raça dos *gaúchos* [1], arrojados e indomaveis cavalleiros como os berberes, os antigos mamelukos e os cossacos, uma horda formidavel de cavallaria para as grandes *razzias*. Artigas fizera-se um potentado.

Para castigar a audacia do guerrilheiro, ordenou D. João VI que em Portugal se organisasse uma divisão de voluntarios, que iria reforçar a dimi-

[1] Nas suas memorias, José Garibaldi, o glorioso caudilho italiano, considera os gaúchos como os mais dextros, os mais arrojados e os mais intrepidos cavalleiros do mundo.

Garibaldi conhecia-os bem pela experiencia das suas campanhas de voluntario em Montevideu.

nuta guarnição da colonia brazileira. Devia ser constituida por voluntarios do exercito de 1.ª linha, excellente exercito que tinha ainda os quadros enormes que haviam contido effectivos entre 42 e 56.000 homens, desde 1808 a 1814.

Rarissimas expedições portuguezas teriam tido elementos organicos tão excepcionalmente superiores! Os officiaes e os sargentos e o grande nucleo dos soldados haviam de sair d'esse exercito, que, durante sete annos, em 15 batalhas campaes, em 211 combates, em 14 sitios, em 24 assaltos e bloqueios, do Bussaco a Toulouse e do Tejo ao Garonne, contra os brilhantes soldados de Bonaparte, haviam realçado as tradições famosas dos seus heroicos antepassados do Montijo e das Linhas d'Elvas, do Ameixial e de Montes Claros, contra a mais arrogante e prestigiosa infanteria do seculo XVII — a infanteria hespanhola.

E talvez que entre os officiaes da divisão expedicionaria fosse alguem das heroicas reliquias d'essa intrepida Legião Portugueza, cuja bravura arrancára louvores d'assombro a Oudinot em Baumersdorff, tomada por dois batalhões portuguezes, sob a metralha que fizera recuar uma divisão franceza, e merecêra a classificação de inexcedivel a Bonaparte, no Wagram, e fôra apontada como exemplo por Michel Ney, na lugubre campanha da Russia.

O decreto de organisação das tropas expedicionarias foi publicado em 15 de maio de 1815.

A pequena divisão formava-se de duas brigadas com 4 batalhões de caçadores, de 6 esquadrões de cavallaria e dois parques de artilheria, sob o commando superior do tenente-general Carlos Frederico Lecor, que mais tarde foi agraciado com o titulo de Barão de Laguna. Era de 4.831 praças o èffectivo d'esta expedição.

Entre os seus officiaes mais illustres ia o coronel João Carlos de Saldanha, que havia de ser, dezesete annos depois, o vencedor de Bourmont e o brilhante Marechal d'Almoster.

A cavallaria e a artilheria embarcaram em setembro de 1815; a infanteria em 20 de janeiro de 1816.

A frota de transporte da infanteria, que só poude sahir do Tejo em 15 de fevereiro, era composta de uma charrua de guerra e de dez navios mercantes de pequena tonelagem, dos quaes um era sueco, outro francez e outro inglez. Comboiava-os a nau *Vasco da Gama*.

«Poucas expedições militares se organisaram em Portugal tão promptamente como esta — escrevia em 1884 o sr. visconde de Villa Maior no *Memorial biographico do general Claudino Pimentel*. Eram apenas decorridos cinco mezes desde que se decretára a sua organisação, começa logo o embarque de parte das forças».

A seu tempo veremos com que superior rapidez, e dispondo apenas de um pequeno exercito deshabituado das aventuras da guerra, se organisou a ultima expedição d'Africa.

Agora uma nota impressionista, extrahida das memorias do general Claudino Pimentel, que, sendo major do regimento de infanteria n.º 5, fôra promovido a tenente-coronel para o 3.º batalhão de caçadores da divisão expedicionaria:

«Pelas 8 horas da manhã d'aquelle dia (20 de janeiro de 1816) pozeram-se em marcha as duas brigadas de caçadores para embarcarem no arsenal de marinha. Durante a marcha, desde Belem a Lisboa, notava-se extraordinaria concorrencia de gente de todas as classes, em cujos rostos se manifestava profunda mágoa, por verem partir de Portugal uma tão brilhante porção de tropa, que se lhe afigurava não regressaria á patria. Tal é o descostume em que estão os portuguezes de ver partir dos nossos portos expedições maritimas de maior vulto».

Nas suas memorias, Claudino Pimentel diz que as brigadas embarcaram *na melhor ordem,* e nada mais!

Pois, volvidos 78 annos, havia tambem grande concorrencia de povo nas ruas de Lisboa e passavam para o arsenal de marinha uns soldados, quasi todos muito moços, ainda galuchos, que nunca tinham visto um campo de batalha e que iam para a guerra nos sertões d'Africa. Não eram officialmente voluntarios, como os aguerridos *voluntarios reaes do principe,* que partiram para Montevideu: partiam por escala das unidades a que pertenciam, pelo terem solicitado alguns d'elles, mas eram todos voluntarios pelo coração.

Havia tambem profunda mágoa na alma de quem os via, esvoaçavam em torno d'elles os mais funebres vaticinios, mas o povo acclamava-os. Embarcaram tambem na *melhor ordem,* mas quando os olhos dos que não partiam se afogaram nas lagrimas d'aquella despedida, talvez para sempre, os pobres galuchos, que nunca tinham visto um combate e que iam para as rudes campanhas do sertão, subiam ás enxarcias do navio que os levava e desafogavam a alma em gritos vibrantes de saudação á patria.

Valentes rapazes! E com tanto maior ternura patriotica a saudavam elles, quanto mais o coração lhes dizia que precisava do seu esforço esta nação atormentada por tantos infortunios, ha setenta annos na melancholica nostalgia das grandes victorias.

A gloria coroou os que em 1816 partiram para a America. Vencedores do mais famoso caudilho do Rio da Prata, entraram triumphalmente em Montevideu.

Tambem a gloria coroou carinhosamente os que partiram em 1894 e 1895 para os sertões de Lourenço Marques e de Gaza. Vencedores do mais poderoso regulo da Africa do sul, entraram triumphalmente em Manjacaze.

Ha, todavia, uma differença enorme. Alguns louros mais pouco valeriam para a nação que tinha virentes ainda os que enlaçára sobre os tropheus da epopêa napoleonica. Mas para o Portugal do nosso tempo, esmorecido e calumniado, com o seu prestigio de quatrocentos annos a sumir-se nos sertões, a victoria era o desforço, a rehabilitação, a reviviscencia da alma nacional.

*
* *

Voltemos á Africa. E antes de falarmos novamente de Marrocos e do nosso ultimo exercito expedicionario mandado áquelle imperio, daremos noticia de duas notaveis expedições enviadas á Africa Oriental, onde em outros tempos, não tivemos nunca a fortuna de alcançar grandes victorias, especialmente em Moçambique.

Por não serem importantes ou por não entrarem no objectivo d'este capitulo, não temos indicado algumas expedições organisadas nas colonias. A que vamos registrar não foi organisada na metropole, mas merece bem que d'ella se faça uma excepção, senão pela importancia do seu effectivo, realmente diminuto, decerto por ser a primeira expedição européa á Abyssinia.

Em 1541, D. Estevão da Gama, governador da India, foi com uma esquadra ao mar Vermelho, para destruir os navios que o Pachá do Egypto estava armando em Suez. Os navios egypcios estavam, porém, bem defendidos e D. Estevão não poude realisar o seu objectivo. Percorreu com a esquadra alguns portos da Abyssinia e em Massauah recebeu embaixadores do Negus, com quem os portuguezes já tinham relações antigas, solicitando-lhe auxilio contra o scheik de Zeilah, que lhe movera guerra.

D. Estevão da Gama accedeu ao pedido e mandou desembarcar em Massauah um corpo de 400 soldados, com 8 peças de artilheria e oito pequenas

boccas de fogo, muito portateis, que nós empregavamos frequentemente nas guerras do ultramar e que denominavamos *berços* e *meios berços*. Podiam os soldados ou os bombardeiros leval-as nos braços, como tinha succedido na tomada de Mombaça. Eram estas peças as remotas precursoras da moderna artilheria de montanha.

O governador confiou o commando d'este punhado de audaciosos a seu irmão D. Christovão da Gama. Um *Djedaz*, grande do Negus, encarregou-se do serviço de transportes e forneceu o numero necessario de camellos, bois e muares.

A expedição penetrou nas asperrimas serranias da Abyssinia em 1541, pelo caminho que 327 annos depois havia de seguir a expedição ingleza de Roberto Napier, com os seus 40.000 officiaes, soldados, creados e serventes, com os seus engenheiros, as suas ambulancias, os seus comboios de viveres, com 40.000 bois, camellos, muares e burros do Egypto, com tudo, emfim, o que a sciencia, a arte e a riqueza podem conseguir no nosso seculo.

Avançando com os seus pesados armamentos e sem as precauções que hoje se podem tomar nos paizes insalubres, sem os recursos da engenheria e da medicina moderna, ora requeimados pelo sol e torturados pela sede, ora alagados por enormes chuvas e arrancando a braços dos barrancos a artilheria e o gado, já extenuado, ora combatendo entre penhascos abruptos e na garganta de profundos desfiladeiros, aquelle punhado de soldados portuguezes realisava uma odyssêa de tormentos e de trabalhos extenuadores!

Concentrado para a defensiva, o exercito do Negus não os poude auxiliar efficazmente e tiveram de combater sósinhos contra as tropas do scheik de Zeilah. Repelliram-nas intrepidamente aquelles bravos, mas o scheik obteve o auxilio de 1.000 soldados turcos do pachá de Zebid, e a desigualdade tornou-se então esmagadora.

Travou-se uma lucta sangrenta e d'aquella pe-

quena phalange perdida, que já não tinha 400 homens, escaparam apenas 130! Mas estes bastaram, unidos depois ao exercito do Negus, para lhe salvarem a patria e o throno! Dil-o a tradição abyssinia, revelada tres seculos depois por Guilherme Lejean, consul da França n'aquelle paiz.

Os que escaparam d'aquella extraordinaria expedição, estabeleceram-se na Abyssinia e deixaram ali uma tradição tão resistente como as suas proprias edificações, que desafiavam os seculos, similhantes ás edificações romanas, conforme a propria expressão de Lejean.

Os italianos sabem já, pela sua dolorosa experiencia, quanto custa uma campanha n'aquelle paiz, e os soldados de Roberto Napier levaram dois mézes e meio para chegar a Magdala, porque a media das suas *etapes* não ia além de 8 kilometros por dia!

Com o intuito de exigir do imperador do Monomotapa, grande potentado, visinho dos sertões de Moçambique, uma satisfação pela morte do missionario Gonçalo da Silveira, barbaramente mortificado no sertão, e ainda para descobrir as valiosas minas que se dizia haver na alta Zambezia, mandou el-rei D. Sebastião organisar em Lisboa um corpo expedicionario de 1.000 homens, que devia ser levado á Africa em tres navios de guerra. Era commandante da expedição Francisco Barreto, que havia sido já governador da India.

A esquadra partiu do Tejo em 16 de abril de 1569.

Nunca para Moçambique se mandára da metropole expedição com tal numero de soldados de desembarque. Foi a maior e tinha de ser a mais desastrosa. Depois de haver subjugado na ilha de Moçambique uns mouros revoltados, Barreto penetrou no Zambeze a bordo de pequenas lanchas. Em dezembro de 1571 chegava á villa de Sena

com um corpo de 700 arcabuzeiros. Foi de pavor a primeira impressão dos cafres, mas a expedição soube attrahil-os, para que lhe revelassem as minas, e durante algum tempo viveram uns e outros em apparente amizade. Barreto mandou embaixadores ao Monomotapa, mas não alcançava seguras noticias dos almejados jazigos de prata e de ouro.

Afinal romperam-se as hostilidades. Os negros eram accusados de envenenar as aguas e as subsistencias de que os portuguezes se abasteciam.

Apparecem 6.000 cafres; os arcabuzeiros facilmente os dispersam. Barreto avança e estabelece acampamento em Chicova. Deixa ali 200 soldados e vae a Tete buscar soccorros. Os cafres assaltam então o acampamento de Chicova. Os 200 soldados resistem durante dias, mas começam a cair fulminados pelas febres e extenuados pela sede e pela fome. Antes a azagaia dos inimigos. Fazem uma sortida desesperada, penetram como doidos atravez da multidão dos cafres, matam, matam, mas apenas alguns conseguem chegar a Tete. A noticia d'este desastre amargura por tal forma Francisco Barreto, que lhe faz perder a vida, provavelmente já ferida de morte pela acção fatal das febres.

A expedição estava completamente perdida.

Esta foi bem a primeira campanha de europeus nos sertões da Africa do Sul. Apesar das febres, a lucta ainda foi possivel e ainda foi victoriosa para os nossos, na desegualdade de 1 para 10, mas quando chegou á desproporção brutal de 1 para 30, a catastrophe era inevitavel, porque, embora os cafres não usassem então armas de fogo, o arcabuz, pesado, de tiro moroso e incerto e de pequeno alcance, não bastava para afastar os negros, evitando a lucta corpo a corpo, necessariamente funesta para os nossos, sobrepujados pelo numero e enfraquecidos pelas febres.

A expedição d'Alcacer tivera dezeseis annos an-

tes um prologo brilhante na defeza de Mazagão (1562), a praça de mais gloriosa tradição que nós tivemos na Africa.

Quando a Lisboa chegou a noticia de que Mazagão estava cercada por um enorme exercito (80.000 homens) do sultão Muley Abdallah, a alma portugueza despertou nas coleras epicas dos seus grandes dias e todos á porfia quizeram partir em defeza d'aquelle padrão do nosso esforço. Fizeram-se donativos valiosissimos e a affluencia de voluntarios foi tal que o governo da rainha D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, teve de prohibir energicamente o embarque de mais gente para Mazagão.

Os marroquinos, depois de um cerco de quasi dois mezes, assaltaram a praça furiosamente. Combateu-se encarniçadamente um dia inteiro, mas os defensores de Mazagão, em requintes de heroicidade, que pareciam um reflexo das façanhas de Diu, repelliram os assaltantes e uma victoria mais aureolou a inclita bandeira de Portugal.

Os marroquinos levantaram o cerco e a victoria vibrou ruidosamente na Europa. No concilio de Trento celebrava-se uma solemne missa em acção de graças por este triumpho contra os inimigos da fé.

Era o prologo enganador da lugubre tragedia d'Alcacer!

Dezeseis annos depois dir-se-hia que tudo havia mudado! Na febre do seu desvairado sonho de conquistador, D. Sebastião empenhava esforços inexcediveis para reunir soldados e recursos com que passasse a Marrocos, e o seu appello não encontrava um ecco de enthusiasmo e de fé na grande alma da nação! Só tinha em volta de si o applauso dos lisongeiros e da mocidade doidamente aventureira.

O recrutamento da expedição foi uma lastima e uma vergonha. Vexaram-se os povos e deu-se margem á especulação torpissima dos agentes de alis-

tamentos. Compravam-se as isenções e apurava-se afinal a ralé! Resolvera-se, conforme o plano de organisação, que a infanteria portugueza constituisse 4 terços [1] ou regimentos de 3.000 homens cada um e tivesse, portanto, o effectivo total de 12.000 homens, mas não foi possivel apurar mais de 9.000, quasi todos improprios para os trabalhos da guerra!

O que havia de melhor entre as tropas portuguezas era o corpo de 2.000 homens de cavallaria, constituido pela nobreza, e um outro corpo de voluntarios, formado por mais de 400 fidalgos, que commandavam soldados mantidos á sua custa e cujo effectivo seria augmentado com alguns contingentes das guarnições de Tanger e Arzilla.

No estrangeiro contratou-se um terço de 3.000 allemães, experimentados na guerra, e um outro de 3.000 soldados de Hespanha. Depois foi tambem contratado um corpo de aventureiros italianos, que ia de viagem para a Irlanda, sob o commando do marquez de Linster.

E tudo isto não dava mais de 18.000 homens de tropas collecticias, em grande parte bisonhas, sem instrucção, sem disciplina e, para cumulo de infelicidade, sem um commando lucido e experiente, que pudesse dar-lhes unidade e corrigir-lhes os defeitos de origem!

Que differença enorme entre esta insania e as brilhantes expedições de Ceuta e d'Arzilla!

Depois de ter lançado mão de todos os expedientes financeiros, D. Sebastião apurava 700:000 cruzados, mas as despezas da expedição estavam

---

[1] Designação da principal unidade tactica da infanteria hespanhola no seculo XVI. *Tercio* a denominavam os hespanhoes, porque o seu effectivo normal representava a terça parte da força de um regimento allemão de 3.000 homens. Mas o effectivo dos terços algumas vezes chegou a ser igual ao d'estes regimentos. Os portuguezes adoptaram aquella denominação, que se conservou até ao fim da guerra dos 28 annos.

orçadas em 800:000 e só os mercenarios italianos e allemães custavam 300.000!

É singular que tão desastradamente se organisasse uma expedição de guerra, precisamente no reinado em que se estatuira um systema militar, que, a ter-se executado, a não haver ficado lettra morta, daria a mobilisação das forças do paiz, tal como podia realisar-se ha tres seculos, dentro dos lineamentos de uma organisação, que bem poderia considerar-se a base rudimentar das modernas instituições militares.

Se na idade média os ricos-homens e cavalleiros acontiados, com a sua gente d'armas, os freires das ordens de cavallaria, nucleos de milicia permanente, e os cavalleiros e besteiros de conto dos municipios representavam a nação válida, a nação armada, com que fôra possivel fazer a cruzada contra o mouro e as guerras contra Castella; no reinado de D. Sebastião a lei de 12 de dezembro de 1569 e o alvará de 10 de dezembro de 1570, que era como que o seu regulamento, deveriam ter produzido uma vigorosa organisação militar, se na decadencia e na corrupção pudessem fructificar instituições, que eram a suprema expressão de um dever d'honra e de um sacrificio de patriotismo.

Estabelecia-se o serviço militar pessoal e obrigatorio para todos os homens válidos dos dezoito aos sessenta annos e organisavam-se as forças por companhias de grandes effectivos, variaveis conforme a população de cada cidade, villa ou concelho, sédes das companhias e centros do alistamento regional. Regulamentava-se a instrucção normal das tropas de cada companhia e fixavam-se para os grandes exercicios (alardos) as épocas da Paschoa e do S. Miguel. Preceituava-se a instrucção de tiro ao alvo para os arcabuzeiros e espingardeiros—*fazer barreira* era a designação d'estes exercicios—e estipulavam-se premios pecuniarios—*preços*—para os atiradores mais habeis.

Cada soldado era obrigado a ter armamento, o

armamento da ordenança, e os de cavallaria tinham obrigação de manter cavallo seu.

Não havia estipendio em tempo de paz.

Em Lisboa, onde a organisação das forças era especial, deveria haver 4 *terços* de infanteria a 3.000 homens cada um e o *terço dos privilegiados da côrte*.

Excellentes preceitos a contrastarem com a deploravel decadencia militar a que se tinha chegado! Sete annos depois do alvará de 10 de dezembro, cuja execução representaria a nação armada, não era possivel organisar com forças portuguezas uma expedição de 18.000 homens! Pois a avaliar por Lisboa, cuja população era calculada em 100.000 almas e que pelo alvará de 1570 deveria ter 12.000 homens de *ordenança*, o paiz, cuja população era computada em 1.800.000 almas, poderia ter 100.000 alistados, depois de feito um desconto de 50 % de isentos, incapazes e em serviço no ultramar.

D. Sebastião desenvolveu prodigiosa actividade nos ultimos trabalhos organicos da expedição. Ia examinar constantemente os preparativos da esquadra e assistia aos exercicios das tropas no Campo Pequeno. Actividade inutil. Os fidalgos andavam preoccupados com os seus vestuarios de brocados e telas de oiro, com os seus chapeus de presilhas de diamantes e com as suas espadas de punhos riquissimos, e a soldadesca, estrangeira e nacional, profundamente indisciplinada, batia-se nas tabernas e nas ruas da cidade, em mortiferos combates. Os allemães com os nossos e os italianos e uma companhia da gente do Duque de Bragança com uma companhia do terço hespanhol!

Emfim, depois de quasi dois annos de preparativos, a expedição partiu do Tejo no dia 25 de junho de 1578, a bordo de 800 navios, de velas empavezadas e bandeiras soltas ao vento. Era Portugal que ia para o seu funeral de conquistador.

A descripção da batalha faz chorar de desespero a nossa alma de portuguezes. O primeiro impeto

ainda foi dos nossos, na lucta desigual de um contra seis, mas faltou a previsão e a unidade do commando — D. Sebastião combatia como um soldado — e nem se aproveitou a artilheria, que fôra sempre, na cidadella, no navio ou no campo de batalha, a grande força cooperadora do nosso arrojo nas conquistas do Oriente! [1]

Em meia hora estava tudo perdido! A batalha fizera-se carnificina. Nunca Portugal soffrera, nunca mais soffreu, um desastre militar de tão lugubre e tamanha magnitude!

Angola fôra occupadada pelos hollandezes em 1641, como o fôra tambem S. Thomé. O almirante Jol, alcunhado o *Perna de pau,* realisára a occupação com uma esquadra de 20 navios e 2.200 soldados de desembarque. Sem forças para resistir, o governador d'Angola retirou para o presidio de Massangano.

Sete annos depois, Salvador Correia de Sá batia e expulsava os hollandezes de toda a provincia, com uma expedição que organisára no Rio de Janeiro e se compunha de 15 navios e 900 homens de desembarque.

Depois d'esta campanha, breve e felicissima, temos tido numerosas guerras em Africa, mas quasi todas ellas sustentadas pelas proprias guarnições coloniaes, uma ou outra vez auxiliadas por destacamentos ou pequenas expedições de voluntarios do exercito da metropole.

---

[1] «E quando nos lembramos de que os soldados e marinheiros d'este grande povo de descobridores e conquistadores eram os habitantes da nação mais pequena da Europa, o seu exito parece-nos ainda mais extraordinario e mais absorvente o interesse pela historia da nação que educou os heroes portuguezes.»

(Historia de Portugal, pelo inglez Morse Stephens, publicada em 1891.)

Na Africa ou em Timor algumas d'essas guerras teem sido sangrentas, porfiadas, de incontestavel importancia, e seria monstruosa injustiça não registrar que na Guiné e em Angola, em Moçambique e em Timor, officiaes portuguezes, com soldados indigenas, teem dado testemunho de singular intrepidez e de extremada abnegação patriotica, reavivando as mais altivas tradições do esforço nacional.

Não comportam as dimensões d'este capitulo, já immensamente longo, que apontêmos todas as pequenas expedições, e por isso nos limitaremos a rememorar duas das mais importantes que temos enviado á Africa no presente seculo e anteriormente a 1894.

A que fez a campanha do Bembe e Congo (1859-1860) e a que fez a terceira campanha de Massangano (1869-1870).

A primeira, que fôra precedida no Bembe pela pequena expedição do tenente coronel Salles Ferreira (1856), era constituida por um corpo de tropas, formado de voluntarios da metropole e de forças da guarnição de Angola, coadjuvadas pela marinha, sempre no ultramar a cooperadora brilhante do exercito, quando as circumstancias lhe não conferem a iniciativa e o primeiro posto, como na ultima campanha de Bissaú, que seria um titulo de legitima ufania, se d'elles precisasse quem tem a sua epopêa engastada nos brazões da civilisação humana.

Foi gloriosa a campanha do Congo; de rudes soffrimentos e de envaidecedoras victorias. A figura mais brilhante d'essa guerra, figura que parece talhada pelos moldes da antiga heroicidade portugueza, é hoje o venerando almirante da nossa marinha — honra e orgulho d'ella — o sr. conselheiro José Baptista d'Andrade, o valente dos valentes, como Ney era o *bravo dos bravos*.

A segunda expedição — a da Zambezia —, essa, por effeito da sua deploravel organisação, não por

falta de valor individual, representa um dos maiores desastres das nossas campanhas coloniaes. Constituida por voluntarios dos corpos do exercito da metropole, sem nenhuma selecção, alguns d'elles a escoria das casernas; minada pela indisciplina que chegava até ao desvario da revolta, privada dos necessarios recursos de abastecimento, sem reservas de munições, sem um serviço regular de ambulancias e sem uma direcção superior, previdente e solicita, era quasi fatal o seu desastre. Teve fome antes de entrar em fogo; faltaram-lhe as munições de artilheria ao terceiro dia de combate, e a sua retirada de Massangano foi uma angustiosa odyssêa de sacrificios e de privações. Não faltou ás tradições da sua bandeira, officiaes e soldados bateram-se como valentes, mas para vencer, mesmo na Africa, é preciso mais alguma coisa de que a coragem individual.

Até aos raros que voltaram, e tanto haviam soffrido, faltou o amparo e a solicitude da patria!

O desenlace d'esta desventurada expedição, mais adensou ainda a tradição lugubre de Moçambique, nuvem de sangue, nuvem tragica em que se reflectia a recente chacina da columna do tenente coronel Portugal, na mesma guerra fatidica de Massangano.

Em 1871 partiu para a India o batalhão de caçadores n.º 1 e em 1891 embarcou para a Beira (Moçambique) o 1.º batalhão de infanteria n.º 1 com algumas forças de engenheria e artilheria. Nenhuma d'estas expedições entrou em campanha, mas ambas prestaram ao paiz serviços relevantes, especialmente a segunda, e teem o grande merecimento de representar o precedente das expedições ao ultramar com unidades do exercito da metropole, nomeadas por escala, segundo as armas e a respectiva ordem numerica.

A terceira d'estas expedições destacadas do exercito foi a que partiu para Lourenço Marques e fez as campanhas do Incomati e das terras de Gaza

contra os cafres e contra os buingelas e vatuas do Gungunhana.

Tendo sido a expedição ao Congo de pouco mais de 700 europeus de desembarque e a da Zambezia de menos de 600, e conhecidos já os effectivos dos principaes expedições enviadas ao ultramar, comprehenderá bem o leitor que a expedição de Lourenço Marques, que teve um effectivo total de 2.910 homens, foi decerto uma das mais numerosas que em todos os tempos sairam de Lisboa para o ultramar, excepcionando os exercitos expedicionarios a Marrocos e as expedições de hespanhoes e portuguezes reunidos (Tunis, Argel e Brazil).

A mais importante, deslocada directamente do exercito da metropole em unidades constituidas, e a maior enviada para a Africa depois de Alcacer-Kibir.

A maior n'este seculo, depois da guerra de Montevideu.

Pelo objectivo e pelo exito das campanhas que havemos de narrar, comprehender-se-ha tambem que nos deram as mais brilhantes glorias militares dos ultimos 80 annos (exceptuamos as guerras civis, que não pódem representar a legitima gloria militar de uma nacionalidade), as maiores que ainda obtivemos no sertão negro, attento o valor guerreiro da raça a combater e a desigualdade enorme de numero entre os vencedores e os vencidos.

II

PRECEDENTES E CONFRONTOS

Quando um paiz pequeno e pobre, como o nosso, sente em si o pessimismo da sua propria fraqueza material e póde chegar á suspeita de que todas as estranhas glorias são immensamente superiores ás suas, como tantas vezes tem succedido aqui, a melhor, a mais insuspeita, a mais consoladora lição deverá procurar-se no precedente das nações illustres e firmar-se no confronto entre as suas e as alheias façanhas.

Tental-o-hemos aqui resumidamante. Dir-se-ha que poderia citar-se o precedente e formular-se o confronto no proprio texto descriptivo d'este livro.

Podia. Mas para que a citação ficasse bem explicita e ao alcance dos menos lidos na historia militar do estrangeiro e para que o confronto não ficasse obscuro no resumo do facto, seria necessario truncar frequentes vezes e por largo espaço a natural successão dos acontecimentos, que constituem a essencia d'este livro.

Assim, referindo aqui, desafogadamente, os exem-

4

plos de fóra, bastar-nos-ha depois apontar em tres ou quatro palavras a lição já conhecida.

As nossas recentes campanhas d'Africa podem bem comparar-se a outras campanhas coloniaes do estrangeiro, que foram mais ruidosas, que hão de talvez ficar mais celebres, mas que não representam maior somma de energia, nem mais alto esforço de valor individual. E que no effeito moral da victoria reflecte-se quasi sempre a valia dos effectivos em combate, a grandeza e a preponderancia politica dos vencedores, o renome dos vencidos, a importancia politica e estrategica do paiz onde se travou a campanha.

E tanto assim é que, admittida a mesma energia de acção, as mesmas gentilezas de valor, a mesma revelação de altas qualidades militares e o mesmo exito triumphal da parte dos portuguezes e do lado dos vátuas a mesma lenda de terrivel omnipotencia, a mesma altiva intrepidez, a mesma tradição guerreira e a mesma supremacia politica, n'um sertão maior do que o territorio portuguez; as nossas recentes campanhas seriam menos conhecidas na Europa, produziriam menos ruido, ficariam mais obscuras, se o chefe dos vátuas não houvesse sido enredado nos tramas de alguns aventureiros poderosos da Africa do sul e de alguns missionarios, mais dados á intriga politica do que á propaganda evangelica, e se o amplissimo estuario de Lourenço Marques, cáes e emporio do paiz riquissimo dos *boers,* não estivesse ha trinta annos bloqueado por cobiças poderosissimas e não fosse destinado a transformar a cidade n'uma Bombaim do continente negro.

Não se dessem todas essas circumstancias, não fosse uma surpreza para o estrangeiro a energia subitamente affirmada pelo paiz, com tamanho sacrificio e em tão apertadas circumstancias financei-

ras, e talvez a Europa não soubesse o nome do Gungunhana, nem levantasse os olhos, sequer, de cima das suas atormentadas complicações politicas e das suas formidaveis crises sociaes, para attentar um momento nos nossos triumphos.

N'este momento historico, realmente excepcional, presos á situação politica da Europa, no seu pesadelo de ambições e de receios, caserna e arsenal onde o grito de *álerta* das sentinellas se cruza com o ruido ameaçador das *gréves* e o uivar das machinas que fazem canhões quasi domina o bulicio das officinas que fazem locomotivas; n'este momento de angustiosa expectativa pelo dia de ámanhã, que póde ser de subito a enorme catastrophe de uma lucta de duzentos couraçados e quatorze milhões de soldados; n'este momento, as nossas campanhas d'Africa, d'essa Africa assediada por insoffridas ambições, foi bem uma dupla fortuna, feita de todo o fulgor longinquo da nossa estrella e de toda a vibração épica da alma dos nossos soldados.

Reavivou-se a tradição, quasi esquecida, do velho arrojo portuguez, quebrou-se a lenda de desdem. que iniquamente se formára em volta da nossa pequenez e da nossa pobreza, e foram solemnemente ratificados os direitos historicos do nosso dominio africano. Talvez nas chancellarias européas reparassem agora que Portugal não é no mundo, nem pela sua situação estrategica, nem pela sua categoria colonial na Africa, um factor completamente inutil.

Não nos deslumbra o sentimento patriotico. Provou-se que eramos capazes de um esforço, reflectidamente planeado; que sabiamos luctar e vencer como as grandes nações, guardada a proporção fatal dos nossos recursos; que tinhamos officiaes com o brio e a intrepidez antiga a realçar-se nas lucidas noções da moderna sciencia da guerra, e que os soldados, pela serena conformidade nas provações, pela inabalavel constancia na hora do perigo e pela audacia d'animo no momento decisivo dos combates, não valiam menos que os seus altivos antepas-

sados, antes a alguns d'elles se avantajavam pela força moral da disciplina, que tantas vezes, nas guerras do Oriente, deploravelmente se quebrou, annullando os mais altos planos de Albuquerque e pondo uma sombra enorme sobre as façanhas, em que parecia reflectir-se uma doida heroicidade de spartanos!

É claro que seria ridiculo e pueril suppôr que a Europa ficára maravilhada por que Portugal mobilisava cerca de tres mil soldados para o sertão africano, a tres mil leguas da metropole. Mas não é ridiculo nem pueril suppôr-se que, no exaggero a que chegára o computo da nossa fraqueza material e a tradição da nossa indolencia de meridionaes, se admirasse de um esforço tão rapido, de tanto sacrificio e de tão brilhante desenlace.

A Europa bem sabe o tempo que levaram a organisar e as difficuldades que tiveram de vencer as expedições mais recentes no continente africano; a dos inglezes contra os Achantis em 1873, e as dos francezes contra o Dahomé em 1892 e contra Madagascar em 1895, sem recordar as infortunadas expedições da Italia á Abyssinia, onde a bravura dos fundadores da colonia Erythrêa não tem podido apagar a sombra luctuosa de Saati e Dogali, de Amba-Alaghi e Aduah.

A Inglaterra, concentrando na Costa do Ouro pouco mais de dois mil homens do exercito e da marinha, e a França reunindo no Dahomé cerca de tres mil homens do exercito, da marinha e das tropas do Senegal e ultimamente em Madagascar dezesete mil e quinhentos homens, organisados com voluntarios de doze corpos de exercito e contingentes da Argelia, do Senegal, da Reunião, e da tribu dos Sakalaves, da propria ilha de Madagascar, não fizeram sacrificio proporcionalmente igual ao nosso, mandando a Moçambique cerca de tres mil homens de unidades constituidas do exercito da metropole, ou quasi 14 % do seu effectivo do tempo de paz.

E tanto este facto produziu impressão, que um

dos mais importantes jornaes militares da França — *La Révue Militaire de l'Étranger* — commentava d'este modo as ultimas expedições militares portuguezas:

C'est là un effort considérable, étant donné l'effectif des forces entretenues par ce pays en Europe, sur le pied de paix, et qui fait grand honneur au patriotisme de la nation.

Pela rapidez da organisação das forças portuguezas tambem o confronto nos não desanima, ainda mesmo que se não dedusa do tempo decorrido entre a ordem de nomeação das unidades expedicionarias do segundo troço e o seu embarque, aquelle em que estiveram aguardando a estação propria para uma campanha na Africa, visto não haver urgencia de proceder com a segunda columna de tropas, como se procedera com a primeira, destinada a acudir a Lourenço Marques, que os cafres assediavam na soffreguidão da rapina e da carnagem.

A França só emprehendeu a segunda campanha do Dahomé depois de muitas hesitações, de reiteradas tentativas para manter a paz e até de transigencias, que foram duramente verberadas no proprio parlamento.

O governo francez empenhou os maximos esforços para evitar a guerra.

Já em 1889 os bandos de Glé-glé, antecessor do rei Behanzin, haviam reduzido os francezes a uma situação afflictiva. Atacaram Porto Novo, cujo rei (Toffa) alliado da França, não poude ser soccorrido pelas tropas francezas. Os commerciantes tiveram de fugir para a colonia ingleza de Lagos e Mr. Baeckmann communicava ao commandante da estação naval no Atlantico: *La colonie est ruinée, perdue, le pavillon compromis.*

Pois ainda n'estas condições a França tentou manter a paz! O dr. Bayol foi encarregado de pedir explicações ao rei de Dahomé pelo seu proce-

dimento desleal, e, segundo as instrucções que recebera do *Quai d'Orsay*, devia ser conciliador.

«Malgré la gravité des attentats commis par ce dernier (o rei de Dahomé)—dizia M. de Lanesson no parlamento francez, em 1891—les instructions donnés à Mr. Bayol, par le sous-secrétaire d'État aux colonies, étaient extrêmement pacifiques et même accompagnées de cadeaux.»

Entre os presentes levados por Bayol ao rei de Dahomé avultava um brilhante capacete de couraceiro cujo pennacho foi tingido de verde, por ser esta a côr dos distinctivos reaes n'aquelle paiz. Diz um historiador da campanha: *on avait poussé la délicatesse jusqu'à faire teindre en vert la crinière de ce couvre-chef royal.*

Pois apesar d'isto, a arrogancia dos dahomeanos era indomavel, e o principe Kon-Dô chegava á insolencia de censurar a fórma do governo da França, perante o proprio enviado francez!

Le prince déclara finalement que la France etait governée pour des jeunes gens et qu'elle devait abolir la République.

A guerra era inevitavel, mas de Paris recommenda-se a simples defensiva. Hesita-se em emprehender uma campanha no interior.

Behanzin avança e espalha entre os seus que a França lhe pedira perdão!

Mr. Fournier telegrapha ao governo: *Renforts demandés nécessaires, non pour aller en avant, mais pour repousser aggresseur.*

Depois de varios recontros, Fournier é encarregado de negociar a paz com as seguintes modestas exigencias: Entrega dos prisioneiros europeus e reconhecimento do protectorado francez em Cotonum.

Inuteis tentativas. O contra-almirante Couverville

recebe esta indicação telegraphica do ministro da marinha: *Aucun succés saurait vous faire plus d'honneur que la clòture por voie transactionnelle de l'incident du Dahomey.*

Fez-se em fim a paz. Behanzin recebeu 20:000 francos de indemnisação pelo reconhecimento do protectorado francez em Cotonum.

Mas os dahomeanos em breve rompem novamente as hostilidades. *Enhardis par notre silence* — diz Jules Poirier — *et par notre retraite, nos ennemis porsuivirent leur route.*

O gabinete Ribot hesita em ordenar a offensiva. Como os dahomeanos tinham mais de 12.000 guerreiros e talvez 4.000 armados com espingardas modernas, suppunha-se em França que seriam precisos 6.000 expedicionarios para uma guerra offensiva. Havia mesmo quem falasse em 26 ou 27.000 homens! Mr. Hervieu chegou a lembrar no parlamento o alvitre de trocar as possessões francezas da costa de Benim por outra colonia de Portugal, da Inglaterra ou da Allemanha!

É que a França sabia já quanto custavam as campanhas na Africa e sentia a verdade d'estas palavras de Wissmann, o famoso organisador das forças militares da Allemanha nas suas colonias do continente negro:

A guerra contra os africanos não deve empenhar-se como se fosse uma campanha na Europa.

A França procurou ganhar tempo que lhe désse para organisar a sua segunda expedição e para esperar a estação apropriada ás operações.

O coronel Dodds, um filho do Senegal, um bravo de Sedan e do Tonkim, foi nomeado commandante da expedição a organisar e partiu para Dahomé, levando apenas um reforço de 150 homens. Em 29 de maio de 1892 desembarcava em Porto Novo e só em 16 de julho o governo francez se resolvia a organisar uma expedição, que devia partir

em 2 d'agosto e que seria constituida por um batalhão da *Legião Estrangeira*, um destacamento de engenheria, uma secção dos serviços de administração e de saude e pelos quadros para um esquadrão de *spahis*, que se organisava em Dakar (Senegal). No Dahomé estavam já sob o commando de Dodds um batalhão de atiradores *haoussas*, duas companhias de artilheria do Senegal e um destacamento de artilheiros europeus.

A estação das grandes chuvas no Dahomé vae de 15 de março a 15 de julho; as pequenas chuvas começam em 15 de setembro.

Só d'este modo se póde explicar que, na situação difficil e humilhadora em que os francezes se encontravam n'aquelle paiz, uma nação de tão grandes recursos militares como a França demorasse tanto a organisação e a partida das tropas com que o coronel Dodds havia de emprehender a segunda campanha.

A expedição de Madagascar levou tambem largo tempo a organisar e revelou tamanhos defeitos de constituição e taes deficiencias de aprovisionamento, que em toda a imprensa franceza vibraram protestos indignados, talvez nem sempre justos e razoaveis.

Não nos desfavorece o confronto na propria modestia da nossa pequenez e da nossa pobreza, e, se devemos este resultado consolador á collaboração devotada de quantos, na esphera das suas attribuições, intervieram na organisação e nas operações militares do Incomati e de Gaza, seria injustiça negar a cooperação da boa fortuna, que de ha tanto parecia hostil ao nome portuguez.

*

* *

As campanhas do Incomati e de Gaza,—repetimol-o—tiveram como prefacio a defeza de *Lourenço Marques* e a reoccupação do pequeno campo entrin-

cheirado de *Angoane* e synthetisam-se na marcha asperrima da *Magaia,* nos combates de *Marracuene* e de *Magul,* no recontro de *Chinavane,* no combate decisivo de *Coolella,* na occupação e destruição de *Manjacaze* e na espantosa surpreza de *Chaimite,* em que foi aprisionado o chefe dos vátuas. Estes nomes, já agora inapagaveis na alma portugueza, como legendas de uma constellação rutilissima, não traduzem sómente uma grande energia de direcção, uma notavel força moral de commando e uma admiravel intrepidez de acção. Encerram tambem uma proveitosa lição, exclusivamente patriotica.

Não se confirmou simplesmente que o esforço d'animo dos nossos soldados, a sua soffredora constancia nos perigos e nos trabalhos, a sua singela bravura nos grandes lances, era hoje perfeitamente, como era ha setecentos annos na cruzada contra o mouro e na lucta contra o castelhano, como era ha quatrocentos annos na conquista contra o marroquino, como era ha tres seculos na conquista contra o indio e o turco ou contra o persa e o malaio. Suppunham os pessimistas de cá e do estrangeiro que já não haveria aqui quem soubesse combater na desproporção de um contra cinco, como em Aljubarrota; de um contra vinte, como em Malaca e Ormuz. Julgavam que o sangue se havia empobrecido como a antiga metropole gloriosa, que a alma ficára sepultada nas ruinas do imperio derruido, e que já não teriamos soldados para as marchas audaciosas, como a do *fossado* de Orik e da remota campanha da Abyssinia; para as penosas *etapes,* como na retirada de Burgos ou na retirada da Russia, e para hombrear em requintes de bravura com os defensores de Chaul e de Mazagão, de Arzilla e de Columbo, com os terços do Montijo e das Linhas d'Elvas, do Ameixial e de Montes-Claros, das Tabocas e dos Gararapes ou com os regimentos do Bussaco e de Albuera, dos Arapilles e de Victoria, dos Pyrineus e de Nivelle.

E tinhamos, por gloria nossa, que não ha de a má fortuna atormentar-nos em tudo. De menos grandeza a sua estatura historica, de menos ruidosa celebridade as suas victorias brilhantes? Decerto, mas por que não tiveram deante de si os mussulmanos de Abdu-l-mumen, nem os mamelukos de Suleyman-pachá, nem os persas de Shah Abbas, nem os hollandezes de Mauricio de Nassau e Cornelio Reijertz, nem os hespanhoes de D. João d'Austria e do Marquez de Caracena, nem os francezes de Massena e Soult, de Ney e Marmont.

Mas se não conquistaram imperios, se não repulsaram a ambição de nações brilhantes, se não avassalaram emporios e cidades magnificentes de estranhas civilisações—e tantas vezes no fulgor da victoria irradía tambem a celebridade e o esplendor dos vencidos—se nada d'isto o seu destino permittiu que fizessem, nem por isso a sua obra no sertão negro—theatro de uma guerra sem treguas—foi menos heroica, menos devotada do que a dos seus antepassados, que andaram quatro mil leguas a talhar a patria no mundo!

De mais provações, de maiores sacrificios talvez: torturados pela sêde, atormentados pela febre, o corpo a dobrar-se pela anemia, a alma a agitar-lhes o sangue, que as lagunas envenenavam, e em vez da perspectiva reanimadora das cidades magnificentes, em vez do estimulo de opulentos despojos, as florestas, os pantanos, as palhotas e em cada combate, em cada quadrado, o dilemma fatal de vencer ou morrer. No sertão negro, quando se combate na razão de um para dez, de um para vinte, não se retira e não se capitula, senão para morrer.

Não; estimulos havia dois e esses traziam-nos comsigo os valentes.

Era a honra da sua farda, épica mortalha de alguns d'elles, e era o nome da patria, que tinham saudado aqui alegremente, na partida, e que traziam guardado no coração, como no encerro de um sacrario.

E d'elles, sempre vencedores, quantos não voltaram feridos de morte! O miasma é ainda mais cruel do que a zagaia vibrada pelo cafre ou a Martini disparada pelo *vátua*.

Não; os antigos trouxeram a Portugal os tropheus de Marrocos e do Oriente: cimitarras de punho de ouro e diademas de perolas raras entre os despojos; eram da mais audaz e opulenta nação do occidente, as suas figuras historicas avultavam aos olhos do mundo n'uma perspectiva theatral e brilhante, mas nunca talvez trouxessem na vibração dos seus triumphos uma tão consoladora nota como estes d'agora, com os seus uniformes desbotados, com os rostos esmaecidos e a singela modestia de quem suppunha haver cumprido apenas um dever.

Ha tres seculos que importava uma victoria mais, se tantas havia que enchiam o mundo, mas agora, n'um periodo de tantos desalentos, de tantas desesperanças, de tão iniquo pessimismo, de tão immerecido descredito, aqui e em Africa, agora que abençoadas victorias as d'elles!

Os outros, os antigos, crearam o prestigio do nome portuguez, mas estes tiveram de o resurgir e se para o mundo a sua obra é immensamente menos ruidosa e grande, para o coração da patria é uma bemdita obra de reviviscencia, de santo orgulho, de confiança no futuro!

E se hombrearam com os que os precedem na historia do seu paiz, tambem se não amesquinham no confronto com os que teem no mundo mais nome e mais poder.

Quando, entre as ultimas sombras de uma noite tempestuosa, o quadrado de Marracuene foi roto de surpresa pelos cafres, era plausivel suppôr que se não pudesse refazer sob a acção dos atacantes, cinco vezes superiores em numero, e que as tropas da mesma columna umas ás outras se fuzilassem precipitadamente, como na columna de William Hichs Pachá, no Kordofan, ficando esmagado, como todos

os quadrados rotos, sob a acção offensiva de um inimigo numeroso.

E não foi. Refez-se e venceu!

Quando o quadrado de Magul, composto de 267 portuguezes, porque os auxiliares espavoridos fizeram como tinham feito os auxiliares dos francezes no combate de Atchoupa, em Dahomé; quando aquelle quadrado provocou a lucta contra mais de seis mil cafres e alguns vátuas, era razoavel contar com um desastre immenso, tragico, tal como fôra o do quadrado de Isandhluana.

E foi uma victoria! No quadrado inglez, morto em peso, com a pequena excepção dos quarenta fugitivos, que atravessaram o *Blood-River* (Rio do Sangue), havia 1 contra 18 [1]. No quadrado portuguez, que pôz em fuga o inimigo, havia 1 contra 24.

Quando no combate de Coolella, oito *impis* de vátuas e cafres, com mais de dez mil homens, investiram o quadrado de 570 portuguezes, seria licito suppôr quasi impossivel a victoria para as nossas armas.

Uma parte dos vátuas tinha armas de fogo aperfeiçoadas, como no Dahomé uma parte dos guerreiros de Behanzin. No combate de Poguessa, talvez um dos mais sangrentos d'aquella guerra, a columna do commando do coronel Dodds, com cerca de dois mil homens, empenhára todo o esforço de que é capaz o soldado francez para repellir tres investidas de dez mil dahomeanos, commandados pelo proprio rei. Um contra cinco. Os dahomeanos foram vencidos, deixando mais de duzentos mortos.

Mas em Coolella, um contra vinte, os vátuas foram derrotados, levando comsigo numero avultadissimo de feridos e deixando no campo cerca de trezentos mortos.

---

[1] Os inglezes eram 1.320 homens contra cerca de 24.000 zulus, segundo o calculo de alguns escriptores.

Irmãos dos zulus, valentes como elles, os vátuas atacaram destemidamente. Dil-o tragicamente a mortandade enorme dos seus.

Mas serão os dahomeanos uma raça superior á dos vátuas pelo valor guerreiro e pela altivez do caracter? Jules Poirier responde por esta fórma na sua historia da campanha de Dahomé: *Le dahoméen est d'un servilisme abject... La valeur militaire des dahoméens est discutable.*

O testemunho é perfeitamente insuspeito, mas não quer dizer que os dahomeanos se não batessem encarniçadamente, que bateram, durante uma longa campanha contra os brilhantes soldados da França. Só depois de numerosos combates a columna do coronel Dodds poude entrar triumphalmente em Abomé, a capital que Behanzin abandonára, mandando elle proprio incendiar a sua residencia e as casas que a circumdavam (17 de novembro de 1892).

Outro tanto não poude fazer o chefe dos vátuas, como teremos occasião de vêr, tão precipitada foi a sua fuga. O *kraal* de Manjacaze, ninho do abutre negro, ninho prodigioso e inexpugnavel nas rudes superstições do sertão, esse desfez-se em chammas, mas foi incendiado pelos vencedores de Coolella.

Em outro facto ainda não quiz a boa fortuna abandonar o arrojo das nossas tropas. Behanzin, o rei desthronado e vencido como Catchuayo, andou mais de um anno foragido e, por fim, cançado da sua amargurada odyssêa, elle proprio se fez aprisionar, mandando dizer por um parlamentario seu ao general Dodds, que estava em Oumbigauée e que podiam ir buscal-o. E foi preso em Ajigos a 25 de janeiro de 1894.

Antes de volvidos dois mezes após a tomada de Manjacaze, o regulo dos vatuas era atacado de surpreza no seu novo kraal, entre-florestas, junto do tumulo do terrivel Manicusse, e caía prisioneiro de *cincoenta portuguezes,* ante o pavido assombro de

tres mil vátuas e buingellas, a quem o desalento pelas anteriores derrotas e o deslumbramento por aquella espantosa audacia, deixára absolutamente irresolutos!

Pertencem á historia das heroicidades portuguezas de todos os tempos, até ao mais obscuro, ao mais humilde, ao ultimo, esses cincoenta homens, paladinos de uma aventura que parece antiga, jogo terrivel da morte em que todos estavam conscientes do perigo e voluntariamente o buscavam! E sobranceiro a elles, a figura extraordinaria de Mousinho, como sobranceiro aos *setenta* do passo de Cambalam, a figura épica de Duarte Pacheco!

Não sabemos se aquella aventura tem precedentes nas modernas campanhas d'Africa. Com todas as suas circumstancias caracteristicas, se alguns tem, devem ser raros.

Na historia militar portugueza conhecemos um facto que se assimilha pelo arrojo, mas que lhe fica inferior pelas condições especiaes que o caracterisam.

É a tomada do forte chinez do Passaleão, proximo de Macau, na tarde do dia 25 d'agosto de 1849. Projectando os chinezes atacar Macau, com o auxilio da enorme população chineza da cidade, reuniram 2.000 homens nas alturas visinhas da Porta do Cerco e guarneceram com 400 soldados o forte do Passaleão, que tinha 20 canhões de calibre 18 e ficava fronteiro áquella Porta. As baterias chinezas começaram a fazer fogo contra a cidade, reduzida a um punhado de soldados. Exasperado pela inercia a que se via forçada a pequena guarnição portugueza da Porta do Cerco, o segundo tenente de artilheria, Vicente Nicolau de Mesquita, decide-se a tomar a offensiva e, appellando para os bravos que tem sob o seu commando, encontra 36 soldados, que voluntariamente se resolvem a seguil-o n'aquella aventura de morte. O tenente Mesquita arroja-se contra o forte á frente dos seus trinta e seis bravos. O velho obuz que levava inu-

tilisou-se ao segundo tiro. Deixal-o. Abandonaram o obuz e avançam a um de fundo, por entre campos de arroz, sob o fogo do forte. Naturalmente pusillanimes e talvez subitamente recordados da nossa velha tradição de *leões do mar*, os chinezes, sentem-se amedrontados ante o arrojo d'aquelle punhado d'homens, julgam talvez que outros os seguirão, igualmente resolutos, e, n'um movimento irresistivel de terror, abandonam os canhões, largam as armas e fogem do forte, como creanças doidas de medo! Os dois mil das alturas visinhas fogem tambem, e 37 portuguezes tomaram um forte de vinte canhões e põem em fuga 2.400 soldados!

Esta façanha, que os incredulos da Europa suppunham inventada, teve uma testemunha ocular estrangeira, de alto renome, a dar-lhe publicidade. Foi o hespanhol D. Sinibaldo de Mas, que a relatou na sua obra *La Chine et les puissances chrétiennes*, publicada em Paris em 1861, um anno depois que tres mil francezes, sob o commando de Montauban, haviam derrotado trinta mil chinezes na batalha de Palikáo, com grande assombro da Europa, que, provavelmente, não conhecia ou não acreditava no precedente do Passaleão.

Mas na Africa o arrojo foi ainda maior. Os que atacaram o Passaleão tinham atraz de si Macau, a dois passos, e os que foram surprehender o Gungunhana tinham atraz de si o sertão immenso das lagunas e das febres, inhospito, onde se morre de fome e de sêde. Mas os vátuas não são como os chinezes. São da raça d'esses zulus contra os quaes algumas vezes se quebrou, pela desproporção do numero, a firmeza intrepida dos soldados inglezes, inabalaveis como rochedos nos quadrados de Waterloo e, ainda bem recentemente, admiraveis de constancia na defeza de um forte, na campanha do Chitral, contra Umra-Khan (1895).

Em relação ás difficuldadas de meios de trans porte e á morosidade das marchas nada encontraremos que deva admirar-nos.

Já vimos no capitulo antecedente que os inglezes de Robert Napier levaram á Abyssinia um numero de animaes de carga approximadamente egual ao dos creados e serventes, que era maior ainda que o dos soldados. Na marcha para Magdala, que durou dois mezes e meio, a média foi de 8 kilometros por dia. No caminho morreram 11.000 animaes de carga e de combate. A maior mortalidade deu-se entre as mulas adquiridas em Hespanha. As que foram compradas na Syria e no norte da India e os burros trazidos do Egypto deram boas provas de resistencia.

Quando em Inglaterra se organisava a expedição contra os Achantis, o estado maior inglez calculava que a marcha de Akra para Coumassie (280 kilometros) devia levar seis semanas, ou seja a média de 6k,6 por dia.

No desafogo da sua immensa riqueza, sem precisão de restringir despezas, a Inglaterra fèz acquisição de 25.000 bois, 3.000 mulas e 400 cavallos, para o serviço do seu corpo de operações (9 a 10.000 homens) na guerra contra os zulus, cujas forças em campanha não excediam 24 a 25.000 homens.

Em quanto á desigualdade das forças belligerantes, não encontramos exemplos de outras superiores ás dos nossos contra os cafres e vátuas, nas modernas campanhas coloniaes, e quando em combate as differenças de força teem sido quasi eguaes ou mesmo eguaes ás de Magul e Coolella, a derrota tem chegado a proporções tragicas, como no anno passado a de Amba-Alaghi, em que os 1.250 soldados da columna italiana do major Toselli foram esmagados por 25.000 homens do exercito choano. Era 1 para 20.

Nas campanhas de Dahomé a maior desproporção em combate foi de 1 para 10, approximadamente, na acção de Atchoupa e na retirada para Adjoana. Os francezes eram 750 com 3 canhões. Os dahomeanos 7.000. Os francezes formaram quadrado; os dahomeanos por tres vezes tentaram

romper-lh'o; não o conseguiram, mas o quadrado teve de retirar, perseguido sempre pelo inimigo, até Adjoana, onde a artilheria de marinha conseguiu pôr em fuga a gente de Behanzin e salvar a pequena columna em perigo.

Na ultima campanha de Madagascar não ha desproporções notaveis a registar. Os *hovas* contavam muito mais com o auxilio do clima do que com a sua bravura e com as suas excellentes armas de fogo rapido. Foi uma campanha de enormes e lugubres sacrificios, que fazem honra á coragem soffredora do soldado francez, mas não foi uma campanha de combates brilhantes. Quasi se póde dizer que foi a *campanha das febres* e que se dispendeu mais em quinino que em polvora.

Quando o general Duchesne avançou para Tananarive, a cidade semi-europêa, de 100.000 habitantes, erguida no seu ninho de rochas e argillas vermelhas, a 1.554 metros de altitude, e quando sobre o grande quadrilatero do palacio de Manjakaimadana, com os seus terraços pejados de canhões, fluctuava ainda a bandeira branca e vermelha da rainha Ranavalo, já da brilhante divisão franceza de 17.500 homens, não havia válidos senão, a bem dizer, os batalhões do Senegal, da Reunião e da tribu sakalave.

Estava, porém, conquistada essa grande ilha, maior do que a França, e á qual os antigos navegadores portuguezes tinham dado o nome de ilha de S. Lourenço, trezentos e oitenta e nove annos antes.

Mas ha nas guerras d'Africa um precedente de maior desproporção de forças. E' um combate entre 400 *boers* e 15.000 zulus. Foi em 1810. Mas os zulus mal conheciam então as armas de fogo e os *boers*, no seu meio proprio, inaccessiveis á acção depauperadora do clima, na posse plena das suas forças, limitaram-se a uma simples defensiva e o seu quadrado tinha por parapeitos, não os corações dos soldados, como os nossos quadrados, mas os enormes carros dos seus comboios sertanejos. Forma-

ram o que elles denominam *laager*. As zagaias dos zulus iam cravar-se na rija madeira dos vehiculos e os tiros certeiros das armas de silex dos *boers* tornavam quasi impossivel o assalto d'aquella improvisada fortaleza. E tanto que os *boers* não perderam um homem sequer.

Nas guerras entre os *boers* e os zulus houve combates muito mais mortiferos do que os das nossas ultimas campanhas. Assim, no combate de *Blood River* os zulus tiveram 3.000 mortos, mas os *boers* apenas 3 feridos (1838).

Não fazemos confrontos no intento pueril de apoucar estranhas glorificações ou de fazer suppôr que são inimitaveis as façanhas dos nossos soldados.

Seria ridiculo e seria inutil. Pelo contrario. Já o dissemos. Para aquilatar bem os feitos das nossas ultimas campanhas é que nós buscamos a lição, o precedente, o exemplo das nações militares de mais altivo esforço e de mais remontada gloria.

*
* *

Sabemos quaes foram sempre as altas qualidades militares, as grandes qualidades antigas do soldado portuguez. Estavam provadas.

As ultimas campanhas d'Africa, em que nunca as nossas tropas retiraram batidas e sempre ficaram vencedoras, mesmo em condições excepcionaes, como em Marracuene, mesmo devorados pela sêde, como em Magul, mesmo a tremer de febre, como em Coolella, vieram provar a um tempo a solidariedade com o passado, pelas qualidades individuaes, e a solidariedade com o presente pelos progressos revelados.

Não foram apenas valentes e soffredores em extraordinarias condições de perigo e de provações; fo-

ram um alto exemplo de disciplina nos combates e de confraternidade nos sacrificios.

Houve o traço heroico, antigo, e o grande traço moderno dos exercitos cultos, na acção moral de quem commandava e na devotada cooperação de quem obedecia.

Não fosse o commando das grandes e pequenas unidades culto e prestigioso, de modo a impôr áquelles excellentes soldados a sua superioridade moral, realce e complemento da superioridade hierarchica; não tivessem os officiaes a noção theorica das modernas guerras d'Africa, já que, na sua quasi totalidade, não tinham o tirocinio das campanhas sertanejas, não mantivessem as unidades sob a sua acção directa, mesmo nos lances mais criticos da lucta e não tivessem os soldàdos a pratica do tiro nas carreiras de instrucção; e, para vencer em tão difficil conjunctura, não bastaria decerto todo o estimulo do patriotismo e todo o esforço do animo.

Realisou-se até, como havemos de vêr na descripção dos combates, um facto de disciplina do fogo, com que muita gente não contava e que mesmo nos exercitos de mais aprimorada instrucção nem sempre será provavel que se dê.

No quadrado de Magul o fogo foi interrompido serenamente, a toque de corneta, para esperar que se dissipasse a fumaceira e se podesse visar bem o inimigo, que investia o quadrado, como um oceano enorme contra um rochedo isolado.

No quadrado de Coolella conseguem os officiaes que os fogos sejam feitos á voz de commando, tranquilla e correctamente, como em um campo de exercicio, e tinham deante de si um inimigo feroz, arrojado, vinte vezes superior!

Quando nos exercitos da Europa se pensou na adopção das espingardas de repetição, um argumento se formulou immediatamente, em toda a parte, contra as novas armas — a precipitação dos fogos, tendo como consequencia inevitavel o desperdicio das balas e um grande e perigoso consummo

de munições. As tropas de mais acurada instrucção e de mais inabalavel disciplina não resistiriam — dizia-se — em certos lances da lucta, á tentação de disparar muitos tiros, embora inefficazes e sem nenhum effeito moral e material nos adversarios. Nada mais difficil de conseguir, principalmente com tropas novas e inexperientes, do que a disciplina do fogo — affirmavam os officiaes mais largamente experimentados nas campanhas da Europa. Deante de um inimigo mais numeroso, em face de um perigo evidente, toda a acção restrictiva do commando seria inutil e todo o serviço de abastecimento de munições se tornaria insufficiente.

A arma de repetição aggravaria consideravelmente o perigo, que já se havia revelado com a Chassepot nas mãos dos francezes, na guerra de 1870, e com a Peabody, nas mãos dos turcos, na guerra de 1875. *Fazia-se a torrente de balas* a grandes distancias, desbaratavam-se as munições a ponto de faltarem para o lance difficil e *habituava-se* o inimigo ao effeito moral dos fogos intensos, exactamente quando elles não podiam abalal-o, porque as balas se perdiam doidamente.

Na Africa então, ainda o perigo seria maior. Ali o transporte das munições de guerra representa quasi sempre importantes sacrificios e difficuldades enormes; ali o europeu não pode supportar o peso de um grande municiamento, ali a victoria do branco depende em grande parte, não das balas perdidas, que servem apenas para estimular a coragem do negro, dando-lhe uma falsa noção da efficacia dos armamentos europeus; mas dos effeitos dos fogos, na sua dupla acção pelo anniquilamento e pelo terror.

No combate de Atchoupa (Dahomé) os francezes foram por tal modo immoderados nos fogos, que as munições escassearam por forma a recear-se um desastre.

Nas suas lucidissimas opiniões ácerca das guerras d'Africa, o major Wissmann aconselha os fogos

de commando, especialmente nas tropas auxiliares, por serem geralmente as menos instruidas e de menos segura disciplina.

Pois os nossos soldados, armados com uma arma de repetição—a Kropatschek—soldados noviços de um ou dois annos de serviço na quasi totalidade, sem nenhuma experiencia da guerra e tendo, claramente, deante de si o perigo de uma chacina selvagem, se cada um não valesse por vinte, executam os fogos com a regularidade admiravel de uma machina, que a acção do commando move precisamente, como se dos campos de exercicio da Allemanha ou da França houvessem partido para os sertões!

Como por esta admiravel serenidade e intrepida obediencia esses gloriosos quadrados recordam aquella altiva brigada portugueza que, na batalha de Albuera, (1811) avançava em linha, com um pequeno quadrado em cada flanco, parando apenas de espaço a espaço para receber e repellir as cargas impetuosas dos lanceiros polacos do exercito de Soult! Talvez não tivesse precedentes! Com armas de silex não se avançava em linha sob a acção offensiva de uma cavallaria numerosa e arrojada!

E aqui está como na mediania da nossa pobreza e na modestia da nossa categoria politica, a historia militar portugueza, que tinha já as grandes paginas da cruzada contra o mouro e da lucta contra Castella e a espantosa aventura da conquista de um imperio, que só tinha pela grandeza o precedente do imperio romano [1]; aqui está como essa historia tem no presente seculo estes feitos, talvez sem precedentes:

---

[1] Tel est le début héroïque de ce petit royaume: un compagnon du Cid commence ses glorieuses destinées, elles ne s'acheveront que lorsque, de victoire en victoire, l'empire des Portugais aura presque égalé en étendu celui des Romains.

(*Histoire du Portugal*, par Mr. Ferdinand Denis).

A marcha de Albuera.

O quadrado de Marracuene, refeito sob a acção offensiva de um inimigo quatro ou cinco vezes superior.

Os quadrados de Magul e Coolella, vencendo pela intrepidez do commando e pela serenidade dos fogos, um inimigo mais de vinte vezes superior.

O assalto de Chaimite, 50 homens em frente de tres mil, encerrando a campanha n'um prodigio de audacia, que parece recortado de alguma velha lenda medieval.

III

MOÇAMBIQUE

Pouco explorada e pouco propicia ás nossas armas, a Africa Oriental, com excepção da ilha de Moçambique, e das praças moiras de Zanzibar, Mascate, Quiloa, Melinde e Mombaça, foi a região do nosso dominio colonial que mais ficou envolta em sombras, durante o largo periodo das conquistas.

Ainda ignorados os jazigos aurificos que o Brazil recatava no leito dos seus rios e nas entranhas das suas serranias, um momento houve em que os portuguezes procuraram avidamente em Sofala a tradição remota do Ophir, e buscaram pelo valle do Zambeze as minas famosas do Monomotapa, com a mesma avidez com que os hespanhoes tinham procurado na America a visão estonteadôra do *eldorado.*

Mas em Sofala, avassallada por Pedro de Anhaya, em 1506, encontraram principalmente uma tragica decepção na azagaia do cafre e na febre do pantano. E das minas do Monomotapa quasi toda a primeira illusão se desfez na desastrosa expedição

de Francisco Barreto, (ja indicada no primeiro capitulo d'este livro), embora Vasco Homem Fernandes lhe succedesse no commando e houvesse penetrado na região mineira de Manica.

Ainda assim, os aventureiros não desampararam o sertão de Moçambique. Foram subindo tenazmente o Cuama, o *Rio dos Bons Signaes* da expedição do Gama, o Zambeze, como hoje se denominam indifferentemente todos os ramos em que o grande rio se divide e braceja para o mar. Avançavam lentamente, mas iam fundado povoações pelas suas margens e, estabelecendo as feiras do sertão, alargavam consideravelmente a sua preponderancia commercial.

Mas era tudo isto uma tarefa que ficava obscura entre os ruidosos commettimentos na Asia. Não dava ainda epopêas o sangue derramado na lucta contra o negro selvagem do sertão de Moçambique.

Sofala tem a prioridade na obra de occupação da costa. A fortaleza da ilha de Moçambique, a sua primeira egreja e o seu primeiro hospital são fundações posteriores (1507).

Todavia Sofala, se não era o sonhado Ophir, foi por algum tempo uma estação para o *resgate do ouro*. Esboçando um quadro do immenso commercio de Lisboa, nos fins do seculo XVI, os embaixadores venezianos Tron e Lippomani dizem no relatorio da sua missão diplomatica *que de Sofala vinham todos os annos para Lisboa cento e setenta barras de ouro, que valiam á razão de trezentos cruzados por barra*. E com o ouro vinha tambem marfim. Aqui está por que essa povoação, hoje semi-morta, foi por muito tempo o mais importante, ou antes, o unico centro importante do nosso commercio na costa de Moçambique.

A pequena ilha onde se fundou a cidade de S. Sebastião, essa, excellente porto de escala e de abrigo, sentinella do grande canal por aonde passavam as frotas da India, era uma posição estrategica

valiosissima. Dir-se-hia uma grande nau de rocha e coral que se immobilisára ali.

Lourenço Marques, a famosa bahia dos nossos dias, a promettedora cidade do futuro, era então apenas a inaproveitada descoberta que D. João de Castro annunciava a D. João III em carta de 1545 e cujo completo descobrimento el-rei recommendava no anno immediato.

Mas tão pouca importancia se ligou depois á grande bahia, que D. Sebastião a deixou fóra dos limites do nosso imperio oriental, dividido por elle em tres grandes governos, um dos quaes, o da costa africana, começava no Cabo das Correntes, um pouco ao sul de Inhambane, e ia até ao Cabo Guardafui, defronte de Socotorá, a sentinella do estreito de Bab-el-Mandeb.

Inhambane, apenas uma pequena fortaleza e uma feitoria obscura, começára em 1579.

E assim, o territorio de Moçambique existiu por largo tempo mais conhecido pela triste notoriedade que lhe davam os naufragios das naus da India e as sangrentas escaramuças com os negros do sertão, do que pela sua valia nos dominios do imperio, apesar das barras de ouro de Sofala e da importancia estrategica de S. Sebastião.

Angola [1] começou mais tarde, (1575), mas progrediu com muito maior rapidez. O seu primeiro presidio, o de Massangano, foi fundado quatro annos depois de Inhambane.

O seculo XVII foi bem o primeiro periodo notavel da historia de Moçambique.

Persistentes, a despeito de todos os desastres,

---

[1] Paulo Dias de Novaes, o iniciador da occupação de Angola, foi nomeado *capitão e governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia.*

Esta designação, longa e cortezã, ridicula homenagem a D. Sebastião, foi sensatamente substituida pela denominação indigena de Angola.

os portuguezes continuram a penetrar no sertão. Auxiliaram o imperador do Monomotapa, em guerra contra outro potentado, e obtiveram d'elle a doação das almejadas minas que tinha nos seus estados (1607). Um anno depois D. Estevão d'Athaide tomava posse das celebres minas de Chicova.

Mas se este facto chamou as attenções da metropole para aquella possessão, um outro devia lembral-a ainda mais vivamente. Para assegurarem o caminho d'essa India que nos iam arrancando aos pedaços, os hollandezes, que já estavam senhores do Cabo da Boa Esperança, decidiram conquistar Moçambique. Ia-lhes sendo facil a empreza por que a praça de S. Sebastião estava desabastecida e quasi sem guarnição! A tempo lhe acudiu, porém, o governador interino da India, mandando-lhe mantimentos e munições e um soccorro de 150 soldados. Era a salvação da praça. Em 1607 uma divisão naval hollandeza atacava S. Sebastião e era repellida. Não desistiram, porém, os hollandezes e no anno immediato appareceu nas aguas de Moçambique uma poderosa esquadra de 13 naus, com 367 canhões, 1.900 soldados de desembarque e abastecimentos para tres annos. Commandava esta expedição o almirante Pedro Willemsz Verhoeven e com tão poderoso armamento gastára a *Companhia das Indias Orientaes* a importantissima somma de dois milhões setecentas e noventa e seis mil libras!

A cidadella, governada por Estevão de Athaide, resistiu com heroicidade a um cerco de vinte e cinco dias. A sua diminuta guarnição não se limitou a uma simples defensiva; atacou tambem os sitiadores em arrojadas sortidas.

Verhoeven, convencido de que lhe seria difficil tomar a praça á viva força e, provavelmente, com as tropas já dizimadas pelas febres, reembarcou e fez-se de vela.

Deixava em terra 30 mortos e levava comsigo 80 feridos. Quiz, porém, disfarçar o desastre n'uma ruidosa selvageria. Mandou assassinar defronte da

fortaleza os prisioneiros que fizera e allumiou a saida da sua esquadra com as labaredas da cidade incendiada!

Moçambique foi, todavia, mais feliz do que a India e o Brazil, e tinha afinal a sua primeira pagina brilhante na historia militar de Portugal.

O seculo XVII foi o cyclo das grandes missões na Asia e na Africa.

Portugal teve então catechistas e peoneiros da civilisação, como tivera navegadores e soldados no seculo anterior. Moçambique teve tambem em Jeronymo da Silva um catechista e viajante, que era da phalange illustre dos que penetraram na Abyssinia, no Thibet, no Cabul, na Tartaria e na China.

Outro padre, Luiz Marianno, descobria e assignalava n'aquelle mesmo seculo esse famoso lago Nyassa (antigo Maravi), que Livingstone fingiu ter descoberto.

Dois factos de alta importancia enchem a historia da provincia, no seculo immediato. As tentativas da occupação de Lourenço Marques pelos hollandezes e depois pelos austriacos, e a primeira viagem scientifica, em busca de caminho entre as duas costas oriental e occidental, pelo dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, que a morte surprehendeu no Cazembe (1798).

Os hollandezes foram expulsos, em 1732, pelos austriacos, que lograram estabelecer-se mais firmemente em Lourenço Marques e na Matolla. Só em 1781 foi possivel retomar-lhes a possessão.

Reduzida a umas palhotas e ao simulacro de uma fortaleza, Lourenço Marques não valia n'aquelle tempo senão pela grandeza da sua excellente bahia. Ainda assim, os francezes saquearam em 1796 o pouquissimo que lá havia e se não ficaram como dominadores, foi porque desde logo se viram ferozmente hostilisados pelo clima e pelos cafres.

Não vale a pena nem nos chega o espaço para registar algumas guerras obscuras com os pretos em toda a provincia, nem esses acontecimentos de

menor valia importam ao plano d'esta noticia historica.

O seculo actual foi assignalado em Moçambique por estes acontecimentos de mais alta importancia e renome:

Invasões dos negros em Rios de Sena e Cabo Delgado, seguidas de horrorosos morticinios (1809). Estas incursões foram vingadas pelas nossas forças em 1810 e 1815.

Annos depois a guerra reaccendia-se com lugubre vigor e os habitantes de Sena tinham de fugir da povoação, desvairados pelo terror e pela fome.

A decadencia e o abandono da provincia eram cousas incontestaveis. Um governador energico e zeloso era bem a *avis rara* n'aquella malfadada provincia!

Em 1825 o apresamento de um navio inglez, que fazia contrabando, provocou um conflicto entre as auctoridades portuguezas e o capitão Owen, commandante da fragata *Leven*.

O conflicto era bem um pretexto para qualquer aventura, que as circumstancias não deixaram realisar. Owen já tinha celebrado tratados com os regulos de Temba e de Maputo (Lourenço Marques), fingindo suppôr que estes chefes não estavam sob o dominio de Portugal.

Em 1828 fundava-se á nossa custa o sultanato de Zanzibar. O Iman de Mascate apoderára-se facilmente de Mombaça e da ilha de Zanzibar.

O anno de 1831 foi honrosamente assignalado pela notavel viagem do major Corrêa Monteiro e do capitão Pedroso Gamitto, ás terras do Cazembe, ainda no empenho antigo de procurar o caminho para a outra costa; assim como o anno de 1833 foi tragicamente assignalado pela tomada e destruição de Lourenço Marques pelos *vátuas*, e o de 1834 pelo ataque e morticinios de Inhambane pelos cafres.

Em 1835 os *vátuas* surgem de novo nas suas formidaveis hostilidades e arrazam Sofala, a velha

capitania do resgate do ouro, a miniatura do sonhado Ophir!

Não dá treguas a Lourenço Marques essa raça irrequieta e feroz, que se tornava o terror do sertão. Em 1848 o seu chefe, Manicusse, tentava impôr tributo ao governador do presidio e só em 1857 se poude celebrar um tratado de paz entre o Attila negro e a auctoridade portugueza.

A anarchia campeava infrene em toda a provincia. Em 1848 o sultão de Zanzibar apodera-se de Tungue, os cafres atacam Inhambane e assassinam o governador. No anno immediato rebentam sublevações em Sofala, em Lourenço Marques e em Inhambane, que é outra vez assaltada pelos negros, e rebenta uma nova guerra na Zambezia.

Em 1857 o apresamento da barca franceza *Charles et George,* suspeita de traficar em escravos, provoca um conflicto com a França e sujeita a nossa pequenez a uma iniquidade brutal de Napoleão III.

Em 1861 occupou-se Angoche e reoccupou-se o Zumbo. A morte do Manicusse levantára a questão da herança do poder e promovera uma guerra ferocissima entre os dois irmãos Mahueva e Muzilla. Estas guerras pelo supremo poder são frequentes nos sertões, como foram frequentes e barbaras na Europa medieval e, principalmente, na Hespanha, ou nas monarchias christãs ou nos amirados mussulmanos. Mahueva dispunha de um poderoso exercito, como teremos occasião de ver no capitulo em que nos occuparmos dos *vátuas,* e Muzilla, comprehendendo que não podia resistir-lhe desajudado, foi pedir auxilio ao governador de Lourenço Marques, que lh'o concedeu, pondo á disposição do pretendente uma importante força de cipaes.

O reforco era valioso e o Muzilla venceu, depois de sangrentas batalhas. Póde affirmar-se que nos devia o pôder. Pagou-nos bem. Estabeleceu-se no paiz ao norte do Save, proximo das nascentes do Buzi e nas ramificações da serra Citalonga, em

Mussurize. Fez-se um potentado formidavel e em breve as razzias da sua gente annullavam Sofala e levavam o pavor e a devastação aos sertões da Zambezia e ao sertão de Inhambane.

Na sua gratidão hypocrita, retorcida em restricções machiavelicas, o despota negro simulava não comprehender a unidade da soberania portugueza em Moçambique e só poupava Lourenço Marques, onde directamente recebera o auxilio que implorára e lhe déra o poder.

Em 1869 um novo infortunio militar veiu entenebrecer ainda mais a sombria tradição de Moçambique. A guerra de Massangano, a guerra contra o rebelde *Bonga* (o indio Antonio Vicente da Cruz), foi uma das mais desastrosas que temos tido na Africa. Tambem difficilmente os defeitos de organisação e os erros e imprevidencias do commando podiam exceder os d'aquellas desgraçadas campanhas. Tres expedições pequenas e deploravelmente constituidas se organisaram contra o rebelde. Duas na propria provincia e uma na metropole. A primeira foi absolutamente inutil por falta de disciplina dos elementos indigenas que a compunham. A segunda, tambem de tropas indigenas, deu uma carnificina sem combate. O rebelde pedira treguas, que lhe foram concedidas, e a expedição em descanço, sem nenhumas precauções, era surprehendida com as armas ensarilhadas, a comer o rancho, tranquillamente! Foi morta á machadada pelos negros que saiam da *aringa* (povoação e campo fortificado) do Bonga e que simulavam conduzir os gados ás pastagens. Eram cerca de quinhentos homens e escaparam 48! E' verdade que pouco tempo depois (1870), na Europa e em uma das mais illustres potencias militares do mundo, dava-se uma imprevidencia parecida com uma divisão em campanha, e sem a attenuante da tregua!

Da terceira expedição já demos noticia no segundo capitulo d'este livro.

Estas guerras produziram na provincia e na metropole uma profunda impressão de desprestigio e de desalento.

O Bonga morreu impune, e os seus descendentes, tambem em rebeldia, ameaçavam gravemente a paz e a prosperidade da Zambezia, quando, durante o governo do sr. conselheiro Augusto de Castilho, se emprehendeu contra elles uma campanha, em que foram completamente destroçados, depois de renhidos combates. E' uma campanha que faz honra ao exercito ultramarino, ao glorioso explorador Paiva d'Andrada, e a um dos mais valentes e illustres officiaes da guarnição de Moçambique, o capitão Jayme José Ferreira.

1875 é uma das mais bellas datas da historia de Moçambique, assim como 1895-1896 é hoje a mais brilhante de toda a sua historia de 398 annos, depois que os marinheiros do Gama cravaram na ilha de Moçambique aquelle pedaço de pedra que tinha a legenda da descoberta, grosseiramente esculpida por baixo do brazão de Portugal, e que se denominava o *padrão S. Jorge*.

Em 1875 foi decidida a nosso favor, por sentença arbitral do marechal Mac-Mahon, presidente da republica franceza, o litigio com a Inglaterra por causa dos direitos de posse a uma parte do districto de Lourenço Marques. Na sua sentença, datada de Versailles, Mac-Mahon concluia assim:

Nous avons jugé et decidé que les prétentions du Gouvernement de Sa Magesté Trés-Fidèle sur les territoires de Tembe et de Maputo, sur la presqu'île d'Inyack, sur les îles d'Inyack et des Eléphants, sont dûment prouvées et établies.

Nove annos depois accentuava-se a crise gravissima de Moçambique. Os aventureiros inglezes appareciam na Machona e no paiz dos Matabelles e approximavam-se das fronteiras de Manica e de Gaza. A morte do Muzilla e a ascenção ao poder

de Mundagaz, o primogenito do regulo morto, o Gungunhana emfim, produzindo natural abalo entre os vátuas e os povos subjugados, suscitaram na provincia os legitimos receios de uma guerra, que, por não ser directamente contra nós, nem por isso deixaria de nos ser funesta. A revolta do Massingire. contra a companhia do opio, era tambem outro perigo, que se antolhava formidavel.

Por nossa fortuna só dos tres perigos apontados um subsistiu e se aggravou. Os outros dois conjuraram-se com relativa fortuna. A successão do Muzilla não produziu as guerras, que eram do estylo nos usos africanos. O Gungunhana mandou assassinar os irmãos, que podiam pleitear-lhe o poder, e os vátuas reconheceram-no como seu legitimo chefe. Na sua astuta previdencia, que não lêra Machiavel, mas que instinctivamente o seguia, pensou o Gungunhana que lhe seria util fingir-se vassallo da corôa portugueza, pelo menos, emquanto se não firmava no poder e não cingia bem na sua garra de tigre os povos que seu pae lhe legára. Podia mesmo levantar-se algum conflicto com os regulos seus vassallos e a intervenção dos portuguezes não seria para desdenhar. O Mundagaz sabia bem a historia de seu tio Mahueva, derrotado pelo Muzilla, graças ao auxilio do governador de Lourenço Marques.

Refere Pinheiro Chagas no seu livro: *As colonias portuguezas no seculo* XIX: «Ao mesmo tempo, o que era de uma importancia extrema, aproveitava-se a morte de Muzilla, para se travarem relações com o Gungunhana, seu successor. Podera realisar este acto importantissimo um empregado da provincia de Moçambique, o sr. José Casaleiro de Alegria Rodrigues, que já tinha relações pessoaes com o novo regulo e que habilmente as aproveitou. O Gungunhana enviou embaixadores a Lisboa, que assignaram no dia 12 d'outubro de 1895 um termo de vassallagem, pelo qual o governo portuguez podia estabelecer residentes nas terras de Gaza, governadas pelo Gungunhana, e onde ficavamos exer-

cendo assim o nosso protectorado. O decreto de 19 de novembro creou o logar de residente chefe e de residentes, sendo nomeado residente-chefe o proprio sr. José Casaleiro de Alegria Rodrigues».

Não vale a pena dirimir este ponto. Proposta pelo proprio regulo ao sr. Alegria Rodrigues ou por este ao regulo, o facto capital é a vassallagem e essa, em boa paz, dependia exclusivamente da vontade do Gungunhana.

A mesma idéa de velhaca diplomacia negra e o mesmo interesse proprio o moveram decerto como proponente ou como simples acceitante.

Em qualquer dos casos, procurava captar as sympathias dos portuguezes, emquanto não firmava nos sertões o sanguinario prestigio da sua omnipotencia. Iria consolidando o seu poder, consagrando a successão nas superstições sertanejas, explorando-nos descuidosos, e um dia, elle bem sabia o que havia de fazer d'aquella theorica vassallagem, que indirectamente o protegia, sem a cousa nenhuma o obrigar. O pae fizera o mesmo, impunemente. Tambem era vassallo nosso desde 1861, e, desde o Zambeze ao Incomati, foi o dominador implacavel dos sertões, assolados pelos seus *vátuas,* e tornou necessaria a transferencia do governo do districto de Sofala para a ilha de Chiluane.

Como os territorios em que o Gungunhana exercia dominio chegavam á Machona, allega Pinheiro Chagas no seu livro que foi, graças ao tratado de vassallagem com o chefe vátua, que a Inglaterra limitou as suas pretenções na fronteira da Machonaland. E tanto em 1890 (data da publicação do livro a que nos estamos referindo) o successor de Muzilla era o pesadelo dos que se interessavam pela situação de Moçambique, que Pinheiro Chagas affirmava que o *rompimento* d'esse tratado *por parte do Gungunhana seria a perda completa do nosso territorio até Sofala.* Quer dizer, a perda d'essa vasta região importaria fatalmente a perda de Lourenço Marques, de que nos haviam de esbulhar em

nome da civilisação, desde que os *vátuas* lograssem expulsar-nos do territerio de Inhambane. A importancia de Moçambique ficaria então completamente annullada.

Felizmente, o futuro desmentiu o lugubre vaticinio, que não era só de Pinheiro Chagas, um pouco suspeito de enthusiasmo pelo tratado que fôra celebrado, quando o brilhantissimo escriptor era ministro da marinha e do ultramar.

O outro perigo que indicámos era a revolta do Massingire, e essa foi rapidamente debellada (1884).

Mas com os primeiros rebates da tempestade imminente coincidiu um periodo de extraordinaria actividade e de gloriosas expedições geographicas e politicas, que directa ou indirectamente interessavam á provincia.

Á travessía de Serpa Pinto, de Benguella a Durban, uma espantosa odyssêa de audacias, seguiu-se a notabilissima travessia de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens do sertão de Angola a Tete. Era uma resurreição do nosso passado de peoneiros da civilisação. Já tinhamos nomes brilhantes a oppôr aos nomes famosos de Cameron e Stanley, nos fastos da geographia africana.

Serpa Pinto e Augusto Cardoso emprehendem a viagem de exploração ao Nyassa, que só o segundo concluiu, porque Serpa Pinto adoecera gravemente.

A marinha e o exercito davam alguns dos seus mais illustre officiaes para estas asperrimas e incruentes campanhas da civilisação.

Retoma-se Tungue, que nos fôra usurpado pelo sultão de Zanzibar; Antonio Maria Cardoso vae ao Nyassa completar a tarefa da expedição de Augusto Cardoso; Serpa Pinto parte para o Chire em procura d'aquelle intrepido explorador em perigo; Paiva d'Andrada e Victor Cordon avançam pela alta Zamcezia, recebendo os testemunhos de vassallagem dos regulos á soberania portugueza.

Um dia, porém, os Makololos, que pretendiam

oppôr-se á passagem de Serpa Pinto, são batidos no combate de Mupassa e João d'Azevedo Coutinho, a bordo de uma lancha canhoneira, no Chire, sustenta, com a sua caracteristica bravura, a honra e as tradições da bandeira do seu paiz.

De subito, como as tempestades nas regiões tropicaes, todos esses clarões deslumbradores se apagam sob nuvens, negras como crepes. Surge o desgraçado conflicto com a Inglaterra (1890) e o ultimo argumento, a *ultima ratio* foi do mais forte, immensamente mais forte.

Em evidencia, n'uma evidencia que nunca tivera, mais cubiçada ainda do que o fôra a India, duzentos annos antes, Moçambique fazia-se a nossa angustiosa preoccupação, o nosso immenso pesadêlo.

A situação excepcional da provincia e os receios de um novo conflicto com a gente armada da *South Africa,* a poderosa companhia que dominava na Machona e no paiz dos Matabelles, impunham a necessidade e um pouco o *desafogo patriotico* de uma expedição europêa ás regiões da Beira e Manica, regiões mineiras opulentas, entregues á exploração da Companhia de Moçambique. O rio Pungue era a linha de penetração para os famosos paizes de Quiteve, Manica e Barue e para a Machona, antigos dominios do remoto imperio do Monomotapa, e o Pungue era um rio portuguez, que convinha guardar n'aquelle momento historico de amargas e insoffridas exaltações.

Já um anno antes houvera um grave conflicto entre a gente da opulenta companhia ingleza, que fôra fundada em 1889 com direitos magestaticos, e os representantes da *Companhia de Moçambique.* O incidente produziu enorme sensação na provincia e na metropole, e em Lourenço Marques foi organisado um batalhão de voluntarios, destinado a Manica. Era então governador d'aquelle districto o capitão de cavallaria Joaquim Mousinho de Albuquerque e o commandante do batalhão era o major

Alfredo Augusto Caldas Xavier, dois bravos cujos nomes inolvidaveis estão já vinculados a uma das mais brilhantes paginas da historia portugueza.

Depois de uma marcha penosissima, o batalhão fez um reconhecimento offensivo á posição em que a gente armada da *South Africa* se havia fortificado e que ficava a tres kilometros de Massequesse.

Houve perdas de parte a parte e dos nossos foi ferido o capitão Augusto de Bettencourt, que, em quanto poude, fez fogo e se bateu intrepidamente como um simples soldado. Nada mais houve e todas as conveniencias politicas indicavam que nada mais devia haver.

Um dos mais valentes e illustres officiaes da guarnição de Moçambique dizia-nos um anno depois em Lisboa: Foi uma providencia não se ter levado a artilheria; se houvesse ido, teria sido possivel vencer, mas a victoria não valeria na provincia os perigos e as catastrophes que havia de custar na metropole.

Da expedição do exercito, cujos serviços foram valiosissimos para o progresso e para a civilisação da provincia, por que foi de paz toda a sua tarefa; d'essa já demos brevissima noticia no primeiro capitulo.

Depois celebrou-se com a Inglaterra, em 4 de junho de 1891, um tratado de limites da provincia de Moçambique. Era a modificação de um outro tratado, que fôra firmado em 20 d'agosto de 1890.

Recentemente tivemos um conflicto com a Allemanha por causa da posse de Kionga. Era a desillusão e o epilogo do tratado platonico de 1886, que nos foi completamente inutil.

E aqui está como essa provincia de tão obscuros principios, de tão mal auspiciada occupação, se tornou n'este fim de seculo o dominio mais notavel e mais inquietador do nosso imperio colonial, talvez o mais opulento e indubitavelmente o mais perigoso.

Nas suas crises successivas, grandes, temiveis,

assoberbadoras, a maior foi a da rebellião dos cafres, que teve Lourenço Marques a dois passos da ruina e da intervenção estrangeira, e a da guerra contra o Gungunhana, que muita gente considerava uma temeridade e que, longe de ser um desastre funesto, como certas cobiças suppunham e esperavam, se tornou a maior e a mais rutila gloria militar que as tropas portuguezas teem alcançado na Africa, depois da conquista marroquina.

Por este pequeno esboço historico terá comprehendido o leitor que divida enorme de desforço, divida de sessenta e dois annos, tinhamos a saldar com os vátuas e que necessidade suprema tinhamos ali de levantar o decahido prestigio do nosso nome.

*
* *

Contendo enormes riquezas naturaes, a foz de um dos maiores rios do continente negro e um dos mais vastos ancoradouros do mundo; confinando ao norte com dominios da Allemanha, ao oeste com territorios inglezes e com o Transvaal; sendo sua a linha facil de penetração para o Nyassa, a linha unica de penetração para as regiões do ouro na Machonia e a linha primacial de penetração para o Transvaal, o paiz do ouro e dos diamantes; Moçambique, alongada pelo seu immenso littoral de 2.000 kilometros, fronteiro á possessão franceza de Madagascar, é bem uma colonia que deve ser de immensa importancia commercial e que é já de altissima importancia politica.

A sua superficie, incluindo os dominios exclusivamente historicos ou nominaes, era calculada ha quinze annos por Oliveira Martins, no seu livro — *O Brazil e as colonias portuguezas* — em 1.284.000 kilometros quadrados, em quanto a área de Angola era avaliada no mesmo livro em 908.000 kilometros quadrados.

Na sua *Geographia Geral* o sr. Raposo Botelho

avalia-lhe a superficie em cerca de um milhão de kilometros quadados, depois do tratado de 1891, e calcula a área de Angola em cerca de dois milhões de kilometros quadrados.

Em 1895 a superficie de Moçambique era avaliada na *Révue Militaire de l'Étranger* em 990.000 kilometros quadrados.

Segundo o calculo de um illustrado africanista, auctoridade n'este assumpto, a superficie de Moçambique é de 785.000 kilometros quadrados, como a de Angola é quasi o dobro, com a addição da Lunda, ou seja uma área de 1.372.500 kilometros quadrados.

Mesmo por esta avaliação, Moçambique é muito maior do que a França (528.600 k. q.), é quasi o dobro de todas as colonias da Hespanha (429.200 k. q.), tem uma superficie dupla da do territorio inglez na Europa (314.628 k. q.).

A falta de seguras estatisticas não permitte que se possa fixar a população de Moçambique. Oliveira Martins calculava-a em 368.411 almas no seu livro de 1881, certamente, porque avaliava apenas a população dos paizes directamente sujeitos á auctoridade portugueza; e o articulista da *Révue Militaire de l'Étranger,* a que já nos referimos, avaliou-a em 1.500.000 almas, tomando em conta, provavelmente, todas as populações comprehendidas nos amplos limites da provincia.

Actualmente as suas regiões mais importantes, sob o ponto de vista do commercio e da politica colonial, são, por sua ordem, as de Lourenço Marques, de Manica e de Inhambane.

De duas unicamente intentamos occupar-nos em brevissima noticia, por terem sido o theatro das operações da nossa ultima guerra d'Africa — a de Lourenço Marques e a de Inhambane.

*

*   *

Com o seu mesquinho forte de Nossa Senhora da Conceição, uma casa de madeira e algumas dezenas de palhotas, que habitavam cafres e indios, Lourenço Marques era ha setenta annos uma povoação miseranda, em volta de um pantano e uma feitoria onde, quasi exclusivamente se traficava em marfim, n'uma curva da sua immensa bahia, sem rival na Africa.

Hoje, com os seus edificios de pedra, de madeira ou de ferro, com a sua egreja de estylo gothico e as suas praças regulares e as suas pequenas avenidas illuminadas, com o seu hospital moderno, com os seus estabelecimentos de nacionalidades diversissimas, com as suas fabricas, com os enormes *hangares*, os seus hoteis, a sua estação do caminho de ferro, que a liga ao Transvaal, a Pretoria, a capital do glorioso povo *boer*, e a Johannesburg, a cidade prodigiosa do ouro; hoje Lourenço Marques, emporio nosso e cáes dos *boers*, é ainda uma cidade infantil, um esboço do progresso europeu, mas é já uma cidade, saudada triumphalmente pelos uivos da locomotovia, como ha setenta annos era apavorada, no seu esmorecido isolamento, pelo rugido das feras, impacientes de fome.

A palhota infecta cedeu o passo á *gare* ruidosa e o bulicio da civilisação afastou o cafre semi-nu, como um jacto de luz afasta estonteada a ave noctivaga.

Está dado apenas o primeiro passo, cercado de perigos, mas já promettedor, mas já brilhante.

Em 1 de julho de 1857 o presidio e a povoação tinham 83 europeus de ambos os sexos, 44 asiaticos, 2 americanos e 785 negros libertos e escravos, ou 914 pessoas.

Ha dois annos havia na cidade e arredores 512 portuguezes, 100 inglezes, 28 hollandezes, 26 allemães, 20 francezes, 13 suissos, 16 gregos, 6 hespanhoes, 7 italianos, 2 austriacos, 1 dinamarquez, 1 sueco, 12 japonezes, 2 americanos, 2 brazileiros, 99 indios portuguezes, 116 indios inglezes e 52 chi-

nezes, ou seja um total de 1.017 habitantes, dos quaes 611 portuguezes da Europa e da India.

Ultimamente a população da cidade tem tido um augmento consideravel, em que mais avulta a colonia italiana.

Ha 40 annos a alfandega de Lourenço Marques rendia apenas 2:675$726 réis e ha um anno já esse rendimento excedia 340 contos! O movimento de importação, que ha trinta annos era insignificante, era ha um anno de 3.303:874$660 réis!

E hade augmentar espantosamente, visto como é aquelle o porto facil de importação e exportação do Transvaal, paiz riquissimo com uma população de 649:560 habitantes, dos quaes mais de 120.000 brancos e approximadamente 60.000 *boers*, e com um movimento commercial de mais de seis milhões de libras sterlinas.

Mas a população e o movimento commercial d'aquelle paiz hão de ter em breves annos um alto desenvolvimento, porque é escacissimo aquelle numero de habitantes para uma área de 292.000 kilometros quadrados, ou quasi a superficie da Italia (296.328 k. q.).

Actualmente não chegam já para o trafego commercial de Lourenço Marques nem a ponte de desembarque, nem o material circulante do caminho de ferro, nem os *hangares* da alfandega, que ha poucos annos se consideravam desnecessariamente grandes.

Não é proposito nosso traçar aqui um quadro dos progressos da colonia, mas dar apenas uma idéa rapida da sua situação, visto que foi a cidade o centro de concentração de tropas e a base de operações da campanha contra os cafres e que nos seus sertões se travaram os primeiros combates da ultima guerra. N'este ponto seguimos o exemplo dos escriptores estrangeiros na historia das modernas campanhas coloniaes.

*
* *

O clima de Lourenço Marques tem uma terrivel fama de insalubridade, embora não seja peor que o de algumas cidades do Brazil, periodicamente assoladas pela febre amarella, nem tão eliminador como o de Cuba, nem tão mortifero como o de Quelimane e Sena.

No seu excellente livro ácerca de Lourenço Marques, repositorio de preciosas indicações, diz a este respeito um distincto africanista, o sr. Eduardo de Noronha:

«Soffre-se em Lourenço Marques de differentes manifestações de impaludismo, como se soffre no sul da Hespanha e da França, como se sente em muitos pontos das margens do Danubio, Crimêa e na Turquia e em mil outros logares, que seria longo enumerar aqui. No emtanto, raros, os casos das febres typhoides em Lourenço Marques, são, por assim dizer, endemicos na cidade do Cabo da Boa Esperança, e frequentissimos em Natal; as pneumonias dizimam uma boa parte da população em Johannesburg; a variola nos brancos e pretos é constante em toda a Africa do sul.»

Segundo uma curiosa memoria do missionario suisso Henri Junod, fundador da estação de Rikatla, a 22 kilometros ao norte de Lourenço Marques, a mais alta temperatura indicada foi de 45°, ao sol, em um dia de janeiro de 1890 e a mais baixa tinha sido de 7°, em um dia de maio de 1888.

Conforme as observações meteorologicas do sr. Augusto de Castilho, quando governador de Lourenço Marques, e n'um periodo comprehendido entre dezembro de 1876 e março de 1878, o dia de mais chuva foi o 1.° de fevereiro d'aquelle ultimo anno, em que o pluviometro marcou 79 millimetros.

Nos mezes de maior calor a temperatura raras vezes sobe além de 27.° a 32.° á sombra.

No Dahomé, segundo Poirier, a temperatura média é de 26.° á sombra. As brisas do mar, nas

proximidades do littoral, correm desde as 9 hores da manhã até ao começo da tarde e voltam depois durante a noite.

Na opinião do missionario de Rikatla, o vento norte, secco, ardente, verdadeiro vento do deserto, é em Lourenço Marques o *vento da febre*. Exerce sobre o systema nervoso uma acção deprimente e não raras vezes mortifera. As grandes chuvas duram de outubro a março e as trovoadas sobre os montes Libombos e sobre as montanhas da Swazilandia, são quasi sempre formidaveis e chegam a durar 35 a 40 minutos, sem interrupção!

Os terrenos em volta da cidade e no sertão são em geral argillo-arenosos; uma pequena parte é de grés silicioso com oxidos de ferro. Em quasi todo o valle do alto Incomati, extraordinariamente fertil, prepondera o *humus* e a argilla.

*

* *

O districto de Lourenço Marques, o mais pequeno de Moçambique, uma estreita faxa entre as cumiadas dos Libombos e o Indico, com a superficie de 16.000 kilometros quadrados, approximadamente, tem o seu sertão (as denominadas Terras da Corôa) dividido em 4 grandes circumscripções, que em 1894 comprehendiam as terras de 26 regulos avassallados, com mais de 22.000 palhotas, 8.357 combatentes e uma população total de 40.176 pessoas.

Mas todos estes numeros estão abaixo da realidade. Só a Zixaxa e a Magaia podiam pôr em campo mais de dez ou doze mil combatentes.

Como estes numeros resultam do arrolamento para a cobrança do imposto de palhota, é plausivel suppôr que ficam longe da verdade, visto o natural interesse dos regulos em subtrahirem á incidencia d'aquelle imposto uma parte das suas palhotas e a difficuldade de verificar efficazmente a exactidão do

numero apurado. Além d'isto, o arrolamento não abrange todas as terras do sertão. Diz o sr. Eduardo de Noronha que o arrolamento não comprehende mais de um quinto d'aquellas terras, e calcula, por isso, que será de 200.880 almas a população de todo o districto. D'esta forma, o numero total dos combatentes irá além de 40.000, approximadamente, em todo o sertão.

Na 1.ª circumscripção o regulo mais poderoso era o da Zixaxa, que, segundo o arrolamento, tinha nas suas terras 928 combatentes. O da Magaia, na 2.ª circumscripção, tinha 2.369 combatentes. Bastavam, portanto, os dois para reunirem uma força de 3.297 combatentes, suppondo que o arrolamento é a expressão da verdade. Mas se contarmos tambem os que estavam mais ligados áquelles dois por interesses communs ou mais sujeitos á sua preponderancia, o numero de combatentes irá além de 5.000, que em algumas horas poderiam concentrar-se em volta de Lourenço Marques. Dado, porém, que estas forças subissem para o alto Incomati a juntar-se ás dos regulos do norte (3.ª e 4.ª circumscripção), cujos combatentes arrolados eram 3.080, teriamos um total de mais de 8.000 guerreiros, suppondo que se lhes não juntavam os das terras não incluidas no arrolamento.

As forças militares de Lourenço Marques compunham-se: De 1 batalhão indigena de caçadores (o n.º 4 da guarnição da provincia), que nunca teve effectivo superior a 360 praças e que, desfalcado pelos destacamentos, chegava a estar reduzido a algumas dezenas de soldados; de um pequeno corpo de policia, composto de uma secção de cavallaria e de uma companhia de infanteria. Era esta a força militar de mais confiança por que se compunha de gente da metropole. O seu effectivo organico (decretado em 1887), era de 163 homens e 37 cavallos.

Acerca das fortificações e do material de arti-

lheria existente em Lourenço Marques, diz o sr. Eduardo de Noronha no seu livro já citado:

«Em Lourenço Marques ha a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, que tem uma bateria a barbette deitando sobre o rio e dois baluartes do lado da cidade, hoje completamente inuteis pelas modernas construcções; a villa era cercada por um muro com cinco baluartes que foram demolidos quando se ampliou a cidade.

«O novo projecto da cidade indica quatro lunetas que se deveriam construir na parte mais elevada da cidade, a defendel-a do lado da Munhuana, mas nunca se chegaram a construir. Em 1891, o capitão de engenharia Soeiro, estudou e começou a construcção de uma bateria maritima na Ponta Vermelha e outra no alto do Maxaquene, infelizmente nunca se passou da remoção de terras.

«Actualmente ha uma serie de blockhaus provisorios, circumdando a cidade, e que foram levantados á pressa para pôr os habitantes ao abrigo de um golpe de mão que os pretos sublevados tentassem.

....

«Em Lourenço Marques todo o corpo policial é obrigado a conhecer o manejo de artilheria, havendo ali metralhadoras Montigny, Nordenfelt, Gatling, Hotchkiss, peças de carregar pela bôcca de 8 e 12 centimetros, algumas Krupp de montanha, Crouzon e canhões rewolvers que vieram da Zambezia.»

Estas peças revolvers, a que se refere o sr. Noronha, eram as Hotchkiss, que annos antes se haviam comprado para o districto de Manica.

*
* *

Qualquer que seja o futuro das suas minas re-

gistadas e o aproveitamento dos fertilissimos terrenos do valle do Incomati, Lourenço Marques hade ser principalmente uma colonia commercial, como Inhambane, qualquer que seja o seu desenvolvimento commercial, será principalmente uma colonia agricola.

Pela sua situação excepcional, politica, estrategica e mercantil; emporio e estação naval sobre o antigo caminho da India; com a sua prosperidade e a sua existencia estreitamente ligadas á prosperidade e á existencia dos *boers,* que só por ali e sob a protecção desambiciosa da nossa bandeira podem chegar ao mar, sem correrem o perigo de *morrer:* Lourenço Marques tem uma importancia com a qual Inhambane não poderá hombrear nunca.

Mas se esta não póde ter preponderancia politica internacional que não seja um reflexo da outra colonia, que, por assim, dizer completa e amplia; pela grandeza e pela fertilidade do seu sertão, póde bem ser a região agricola de abastecimedto do paiz mineiro do Transvaal e da cidade de Lourenço Marques, quando esta attingir o grau de prosperidade, que já se esboça em animadôras promessas.

O sertão de que Inhambane é o nucleo de civilisação e de supremacia póde considerar-se limitado ao norte pelo curso do Save, ao sul pelo curso do Limpopo e ao oeste pela fronteira linear e mal definida ainda do tratado de 1891. E' uma superficie de 170 a 175.000 kilometros, approximadamente. Quasi duas vezes a área de Portugal e muito superior á de Dahomé, avaliada em 120.000 kilometros quadrados.

Era na quasi totalidade do immenso sertão de Inhambane e excedendo-o ainda ao norte do Save, até ao Mussurize, e ao sul do Limpopo, até ao alto Incomati; era n'aquelle paiz vastissimo que o chefe dos vátuas tinha os dominios dos seus *indunas* (grandes do estado) e dos regulos seus dependentes pela tradição ou pelo terror.

Em todo o sertão estanceiam as raças aborige-

nes dos *bitongas, burrongueiros, mendongues* ou *chopes* e *landins*. Os *vátuas* eram a raça usurpadora, a raça superior que se impozera pela conquista.

A população de todo o districto tem sido avaliada, muito arbitrariamente, em 130.000 almas por alguns escriptores e em 150 e mesmo em 200.000 almas por outros. Caldas Xavier, perfeito conhecedor dos sertões do districto, avaliava-lhe a população em 400.000 almas, conforme se vê na sua memoria ácerca de Inhambane, (Inharrime e as guerras Zavallas), publicada nos Boletins da Sociedade de Geographia. D'este modo, a população do districto não é muito inferior á de Dahomé.

A raça *mendongue* é a mais laboriosa e a mais dada á cultura da terra. Ao contrario, a raça *landim* é a menos inclinada á agricultura e a mais destemida e guerreira, sem contar agora a dos *vátuas*.

São notaveis as grandes aldeias *mendongues* de extensas ruas e palhotas altas, circulares e de cobertura conica.

Caldas Xavier achava excellente a indole dos negros do sertão de Inhambane e considerava-os menos altivos e menos guerreiros que os do sertão de Lourenço Marques.

Não são raras as florestas de grandes e preciosas arvores e em todo o districto se encontram excellentes madeiras.

Os *mendongues* e *bitongas* aproveitam a terra solicitamente por meio dos seus processos rudimentares e são muito dados á industria e aos trabalhos manuaes. Refere Caldas Xavier que viu entre os chopes alguns capacetes guarnecidos de escamas feitas de moedas de vintem, batidas e ligadas umas ás outras. E usavam-nos debaixo de um sol abrazador! Para moerem a canna do assucar inventaram umas machinas de madeira, que são grosseiras, mas revelam as suas aptidões artisticas.

As armas predilectas dos *chopes*—informa ainda o illustre africanista—são o arco, a frecha e as za-

gaias de mão e de arremesso. E' raro encontral-os sem estas armas, que sabem manejar perfeitamente. Os landins e outros povos do districto preferem as zagaias de mão e o escudo de pelles. As armas de fogo são em geral apreciadas.

E actualmente muito em uso, accrescentaremos nós, porque Caldas Xavier escrevia estas informações em 1881.

Já apparecem a *Snider* e a *Martini-Henry* entre as velhas armas de silex e de percussão, em uso nos sertões, como no Dahomé appareceram nas mãos dos negros a Dreyse, a Mauser, a Winchester e a Peabody. Raras ainda nas mãos dos chopes, mas numerosas nas mãos dos vátuas e dos negros da Magaia e da Zixaxa.

Calculou-se em tempo que os regulos avassallados do sertão de Inhambane poderiam fornecer 20.000 cipaes e *caçadores das terras*, como se designam os cipaes armados com espingardas do governo. Isto era um pouco theorico, principalmente depois que o Gungunhana se transferiu de Mussurize para Manjacaze e sujeitou ao seu despotico dominio grande numero de regulos, que eram vassallos da corôa portugueza. Mas com este auxilio problematico se contava ingenuamente e não faltou quem lembrasse aquelles *caçadores* para baterem o Gungunhana!

Pensou-se n'isso, e, ainda no tempo do Muzilla, alguem alvitrou que a expedição de cipaes, victoriosa na guerra de Zavalla, poderia abrir hostilidades contra os vátuas. Caldas Xavier, que era um bravo, respondia assim a quem indicára o commettimento:

«O effectivo das forças reunidas era realmente consideravel, mas eu sei bem o valor que se póde attribuir aos cypaes e gente de guerra dos regulos, e declaro aos desejosos de novas e gloriosas conquistas, que aquella famosa expedição debandaria

ao primeiro combate que tivesse com as forças aguerridas dos vátuas.»

*

O clima do sertão de Inhambane é dos melhores da Africa Oriental, nas regiões arborisadas e menos proximas das numerosas lagunas do Inharrime, do alto Chicomo, de Manjacaze e do valle do Save, que o distincto explorador Antonio Maria Cardoso denominou a *região das lagôas,* no relatorio da sua viagem ás terras do Muzilla, em 1883.

De aguas baixas e lodosas, depositos de numerosos organismos em decomposição, algumas das languas do sertão de Inhambane são mortiferos fócos de infecção, proximo dos quaes é quasi impossivel a permanencia dos europeus. Outras, porém, de mais fundo, verdadeiras lagôas, como a de Niambutzé, onde apparecem cavallos marinhos, não prejudicam sensivelmente as condições climatericas das regiões adjacentes. Entre as lagôas mais conhecidas, citaremos a Poelella, a pequena distancia de Inhambane, no caminho para o Limpopo, e a Coolella, hoje celebre, a pequena distancia de Manjacaze.

No sertão o thermometro tem marcado em dias de fevereiro e março 22° e 33°,5 á sombra e em outubro chegou já a marcar 62° ao sol!

*

A capital do districto, villa creada por el-rei D. José, é uma das povoações mais pittorescas, mais risonhas, mais bucolicamente formosas do littoral africano. O sr. Cawthra Woodhead, redactor do *Natal Mercury,* chama-lhe uma povoação dentro d'um *pittoresco bouquet de coqueiros e o mais bonito dos portos da costa oriental* [1].

[1] As impressões da viagem d'este escriptor inglez, do Natal a Moçambique, foram traduzidas em portuguez pelo sr.

No seu ninho semi-selvagem, entre palmeiras e tamarindeiros, encostada ao seu pequeno porto, á beira do rio tranquillo, com as suas ruas de arvores, como alamedas de um bosque remançoso, com a torre quadrada da sua egreja, que se avista do mar e a sua modesta mesquita entre arvoredos; com as suas singelas casas europêas e as suas palhotas sertanejas; Inhambane é um traço apagado da Europa e da Asia, n'uma ridente e soberba paizagem africana.

Calcula-se-lhe a população em 7.000 habitantes —moiros indios, que mercadejam e vivem no seu bairro especial de *Balane,* negros indigenas e alguns raros brancos. *Chivatune* é o bairro commercial.

O seu commercio é por ora modesto e limita-se á permutação de borracha, cera, amendoim e milho, por fazendas e generos alimenticios, importados de Marselha, Londres, Rotterdam e Porto Natal.

Em 1894 a guarnição militar da villa constava apenas do batalhão de caçadores n.º 3, composto de alguns officiaes brancos e pouquissimos soldados pretos.

A respeito de obras de defeza, informa o sr. Eduardo de Noronha:

«Em Inhambane apenas se via a cortina de uma demolida fortificação.»

Eduardo Borges de Castro e publicadas no seu livro interessantissimo: Africa Oriental—*Portugal em Lourenço Marques.*

IV

OS VÁTUAS

Não póde esboçar-se a historia dos *vátuas,* sem que se lhe procure a origem nas florestas da antiga Zululandia, entre as tribus guerreiras d'essa raça arrogante e impavida, que luctou com o Transvaal e com a Inglaterra e, afinal vencida, póde ainda ler na face dos seus escudos e no gume das suas zagaias a tradição das victorias sangrentas de Tugela, contra os boers, e de Isandhluana, contra os inglezes.

Os zulus eram ha noventa annos um pequeno povo enfeudado á grande tribu Am-Tétua, do valle do Umfolosi. Senzangakona, o chefe zulu, mal podia avultar entre os seus poderosos visinhos, autocratas de um milhão de cafres, tranquillos representantantes da remota familia *Bantu,* estanceando nas orlas de enormes florestas onde o urro do elephante se cruzava nos ares com o rugido formidavel dos leões de fulva pupilla, nas grandes noites tenebrosas, sob o ceu listrado de relampagos. O chefe zulu era então como arvore noviça entre os gigantes seculares da floresta.

Um dia, porém, nos sertões negros, a ambição irrequieta de dois homens agitou aquella massa immensa de cafres, como o vento agita o mar, e o antagonismo dos interesses, debatendo-se em ondas de sangue, abriu a era das tremendas campanhas. *La force prime le droit,* como ainda se proclama hoje sob os esplendores da nossa altiva civilisação. A guerra é a historia dos homens, como na phrase do conde de Ségur, ou a escrevam a espada de Roma e o montante medieval, as bayonetas de Bonaparte e a Dreyse prussiana, ou a trace em caracteres grosseiros, da côr do sangue, como as grandes lettras dos livros antigos, a frecha ou a azagaia do cafre.

Dois filhos do chefe da tribu Am-Tètua conspiravam contra o velho pae, impacientes pela herança do poder.

A conspiração foi, porém, surprehendida nos seus primeiros passos e punida conforme as tradições da barbarie antiga. Houve uma carniceria espantosa e só d'ella escapou, nas sombras da noite, mas com uma zagaia cravada nas costas, Godonguana, o mais audaz dos dois chefes rebeldes.

Suppoz-se que o fugitivo fôra asylar-se na colonia ingleza do Cabo. Fosse como fosse, dentro em pouco o nome de Godonguana passava de bocca em bocca, entre as tribus da Zululandia, como o nome prodigioso de um guerreiro lendario. Os cafres tinham o seu D. Sebastião. Era maravilhosa a lenda do foragido. Cruzava as florestas e rodeava as povoações—contava-se—montando um animal desconhecido, um cavallo prodigioso, que passava rapido como as folhas seccas levadas pelo vento.

Um dia appareceu um guerreiro negro, que era a encarnação da lenda e se dizia o famoso Godonguana. Seria elle realmente ou algum impostor que lhe usurpára o nome? Fosse como fosse, os povos da tribu Am-Tétua acclamaram-no phreneticamente como seu rei e chefe. Se elle até mostrava nas costas a cicatriz de um ferimento de azagaia.

O novo chefe tomou o nome de Dinguisuayo e fez-se o arrojado reformador do povo que o elegera. Reorganisou a gente de guerra, dividiu-a em grandes unidades de combate, similhantes aos regimentos inglezes que vira no Cabo e deu a cada uma o seu distinctivo na côr do escudo. E para completar a sua obra de reorganisação e progresso, estabeleceu relações commerciaes com Lourenço Marques e desenvolveu quanto poude as pequenas industrias e artes rudimentares do seu paiz.

Foi então que Chaka, o filho do chefe dos zulus, receoso de que as dissenções de familia lhe dessem algum tragico destino, procurou o prestigioso Dinguisuayo e lhe pediu um logar entre os mais humildes guerreiros do seu exercito.

Chaka era um luctador indomavel e em breve consquistou a estima do chefe dos Am-Tétua, de quem foi companheiro e amigo nas luctas e nos triumphos.

Em 1810 morria Senzagakona, o velho chefe zulu, e Chaka foi acclamado chefe, não por que lhe pertencesse a herança do poder, mas por que o poderoso Dinguisuayo, seu protector, o impozera aos zulus.

Em 1818 Dinguisuayo foi derrotado e morto por Zuide, chefe de uma tribu inimiga. Vencida e á mercê dos invasores, a forte raça dos Am-Tétua, que fôra o terror do sertão nos dias gloriosos do seu grande chefe morto, foi procurar asylo entre a gente de Chaka.

Fundiram-se então as duas intrepidas tribus e Chaka poude iniciar a primeira rude epopêa da Zululandia. Na ancia das victorias, na impaciencia do predominio, Chaka deu uma forte e excepcional educação guerreira á sua gente, no empenho de tornal-a invencivel.

A menor hesitação em combate e o minimo indicio de fraqueza eram immediatamente punidos com implacaveis supplicios, entre requintes de inexcedivel ferocidade.

As suas grandes unidades de combate, as *impis*, eram compostas de tres ou quatro corpos e de 1.500 guerreiros cada uma. É interessante a descripção do vestuario de guerra d'aquellas tropas, feita pelo sr. Eduardo de Noronha:

«O vestuario compunha-se — diz o illustre escriptor e benemerito africanista — de uma especie de barrete de pelle de lontra, caindo sobre as costas, em volta d'esse barrete collocava-se uma corôa feita de pennas de differentes aves, sobre as orelhas cahiam bocados de pelle de chacal. Tiras de couro de boi, cobriam-lhe o corpo desde o pescoço até ao ventre e uma parte do braço direito. O braço esquerdo ficava a nú por debaixo do escudo. Em volta da cintura, uma custosa pelle de cimba que lhe cahia até aos joelhos. Desde ahi, e seguras por uma liga, a perna era resguardada por opulentas caudas de boi, brancas, que na corrida fluctuavam como grandes pennachos. O tornozelo era protegido por correias entrelaçadas.»

O famoso zulu chegou a ter sob o seu commando cerca de 100.000 combatentes!

Feroz, alcunhavam-no de *hyena* os negros vencidos. De gigantea estatura, chamavam-lhe os seus o *grande elephante*.

Dominador de 500.000 pessoas, destruidor de mais de 500 tribus, arbitro de um paiz immenso, cuja superficie não seria inferior a 160.000 kilometros quadrados, Chaka foi o maior e o mais terrivel conquistador dos sertões negros.

Mas um dia succedeu-lhe a elle o que tem succedido aos grandes conquistadores brancos, o que, em outra esphera, acontecera alguns annos antes a Napoleão. Abandonaram-no alguns dos seus chefes, por ciume, por desespero, ou por ambição. Um d'elles foi Musilikatze. Desertou-lhe com forças importantes, passou para as terras de alem do Vaal, conquistou a Betchuana, venceu os Basutos, atacou

os *boers,* na sua odyssêa do sertão, e, repellido por elles para o alto Limpopo, foi subjugar a Machona e fundou esse estado dos Matabelles, que os inglezes da *South Africa* destruiram em 1893, depois da derrota de Lobengula, o filho do antigo chefe de guerra do poderoso Chaka.

Outro chefe de Chaka, a hyena zulu, desertava tempo depois, seguindo o exemplo do Musilikatze. Chamava-se Manicusse. Á frente de uma hoste numerosa de zulus atravessou o Pongolo, cahiu como um abutre sobre o miserando presidio de Lourenço Marques, e passou, como tempestade assoladora, para o valle do Incomati e para as margens do Limpopo.

Estava fundado o poder dos *vátuas.* Vem d'aquella altiva origem de luctadores, orgulhosos como leões e crueis como hyenas, vem d'aquella raça de cafres excepcionaes, o sangue e a historia d'esses que, da sua estirpe, foram os ultimos a cair vencidos.

E' d'elles que nos vamos occupar agora, deixando os zulos nas suas porfiadas guerras com os *boers* e nos seus combates sangrentos com os inglezes.

*

* *

Ácerca da origem do termo *vátua* escreve o sr. Eduardo de Noronha, no seu livro a respeito de Lourenço Marques:

«É difficil affirmar qual a origem d'esta palavra com que se designam os zulus, ou tribus uriundas d'essa raça, que caminharam para o norte e foram até á margem direita do rio Zambeze. Será *vátua* uma corrupção de Am-Tétua, principal tribu do povo que occupou o territorio que constitue hoje a Zululand?... O plural, em quasi todos os dialectos da lingua *Bantú,* forma-se substituindo a prefixa *am* singular, por *vá,* que ficaria então para

designar o conjuncto *Vá-Tétua* e, com o andar dos tempos, *vátua?*»

Não temos elementos para responder á interrogação do distincto africanista. A sua hypothese parece perfeitamente acceitavel e outras conhecemos nós, n'estas questões de philologia, bem menos verosimeis.

Tem, porém, opinião diversa ácerca da origem da palavra o nosso glorioso africanista Antonio Maria Cardoso.

Diz o illustre official de marinha no seu relatorio da viagem ás terras dos vátuas, em 1883:

«Por antigos escriptos pertencentes ao governo de Sofalla vê-se que os vátuas já existiam em epoca anterior á ida de Manicusse para o Bilene, sendo conhecidos pela denominação de *majotos,* parecendo, portanto, que o nome de *vátuas* lhes foi dado quando se aggregaram á gente de Manicusse, de cuja existencia em Biline só se soube em 1834, pelo tenente coronel Menezes, que de Inhambane por terra, com 30 soldados, ia tomar conta do governo de Lourenço Marques, dando-lhe o nome de *majocites* (no Ibo *mafotes*)».

E' possivel que antes da invasão do Manicusse houvessem apparecido no sertão de Inhambane e na Zambezia ou alguns aventureiros da raça zulu em busca de fortuna ou alguns fugitivos das tribus desbaratadas pelo terrivel zulu Chaka e que a esses taes dessem o nome de *majotos,* mas parece, pouco plausivel que os *mafotes* do Ibo fossem oriundos da raça zulu.

Vátuas, dada a formação do termo, segundo a hypothese do sr. Eduardo de Noronha, seriam denominados os guerreiros de Manicusse, que eram, como vimos já, o resultado da fusão dos zulus com a grande raça Am-Tétua, de que Dinguisuayo fôra o chefe poderoso. E a elles se aggregariam então

os *majotos*, perdendo a individualidade e o nome. Os *vátuas* conservaram sempre as tradições de superioridade, de lingua, de crenças, de desdem pelo trabalho e de intrepidez guerreira, que eram os caracteristicos da antiga raça zulu ou *Izulu*, que quer dizer *do céo*. No aspecto physico e no vestuario guerreiro a mesma conformidade de origem, com insignificantes modificações. As plumas, as pelles d'animaes cingindo-lhes o corpo, o escudo ou rodella, tudo como entre os zulus e até o cantico de guerra, soberbo, vibrante, marcial, uivo e selvagem apotheose ao mesmo tempo, como o cantico dos seus antepassados e d'esses irmãos seus da Zululandia, contra os quaes a Inglaterra teve de mobilisar um verdadeiro exercito [1].

O sr. Antonio Maria Cardoso, que teve occasião de os conhecer bem na sua viagem ao kraal do Muzilla, descreve-os assim no relatorio que a Sociedade de Geographia de Lisboa deu á publicidade nos seus boletins:

---

[1] As tropas inglezas e auxiliares com que o tenente general lord Chelmsford emprehendeu a guerra contra os zulus, em 1879, compunham-se de 5.200 soldados de infanteria, de contingentes de marinha, de tres regimentos indigenas, de corpos de voluntarios montados e de 1.400 homens de cavallaria regular. Este exercito foi dividido em 3 columnas de 4.000 homens cada uma, approximadamente. Depois da derrota do quadrado de Isandhluana e dos desastres da margem do Intombi e do monte Hlobane, as forças inglezas receberam consideraveis reforços, de Santa Helena, da India e das guarnições da esquadra. No forte de Tenedos concentrou-se uma divisão de 6.000 inglezes, para soccorro das tropas em operações.

Foi no combate das margens do Umfolosi branco, a pequena distancia do Kraal real de Ulundi, que os 3.300 inglezes de Chelmsford, formados em quadrado, alcançaram vingar aquelles desastres. Parece que eram dez a doze mil os zulus que entraram n'esta acção.

Esta derrota dos zulus não foi, ainda assim, tão sangrenta como a que tinham soffrido em 1838, em *Blood River*, contra os *boers*.

«Os povos que o habitam (o territorio de Muzilla) estão debaixo de um jugo de ferro, soffrendo toda a casta de extorsões e vexames praticados pelos vátuas, que nada fazem e vivem quasi exclusivamente á custa do trabalho d'elles. Um vátua viaja sem cousa alguma, entra na primeira povoação que encontra no caminho e ali são obrigados a dar-lhe o que elle exigir e assim por diante.»

. . . .

«A raça vátua differença-se de todas as outras pelo correcto das suas feições, maneiras arrogantes e linguagem, que nada tem de commum com as outras raças. Os homens são de estatura mais que regular, bastante reforçados e de uma insolencia e atrevimento desmedidos, que lhes provem decerto da fama de valentes que adquiriram e os torna temidos das outras raças.»

«Para mostrarem que não trabalham usam as unhas crescidas como os chins ricos, mas não tão desenvolvidas.

. . . .

«Os homens vestem de pelles como os landins.»

A respeito do *Kraal do Muzilla,* que era na margem esquerda do Moenguezu, diz ainda o brilhante explorador:

«E' grande a povoação e toda cercada de uma especie de palliçada de paus delgados e canniço, tendo no centro um espaçoso curral, onde Muzilla costuma dar audiencia e que o separa de um outro mais pequeno, que lhe fica ao N., pertencente ao seu secretario Maquejana.»

Acerca dos vátuas encontramos ainda interessantes informações, umas de pessoas que estiveram no paiz de Gaza, outras extrahidas do livro do sr Eduardo de Noronha, repetidas vezes aqui citado.

E' curioso o kalendario que elles teem, e que se

relaciona com os periodos de certas producções da terra, com o estado do tempo ou com a apparição e instinctos rapaces de varios animaes, como o kalendario da primeira republica franceza se relacionava com os phenomenos atmosphericos e com os periodos agricolas.

O anno dos *vátuas* começa em outubro *Xemuganhana* (fructa do matto); novembro *Muganomucuio* (fructa grande do sertão); dezembro *Impaia* (cabra do matto); janeiro *Gungoni* (vaca do matto); fevereiro *Pusse* (batuque do regulo); março *Mexanga* (apparece o gato bravo e floresce o canniço); abril *Devanlgeia* (corta caminho); maio *Santurcia* (frio); junho *Quéquése* (estrella do sul); julho *Siimeia* (frio); agosto *Ucanhana* (milhafre); setembro *Muco-Mucuio* (gavião que apanha os pintos).

Ha entre os vátuas cinco grandes classes de castas inconfundiveis: a de origem real, pelo ramo varonil, denomina-se *Jaméne,* vem dos descendentes de Sigóte, pae de Manicusse; a dos grandes, dos nobres, descendentes directos dos zulus, que se chama *Mungune-gune;* a dos *Am-Bunlgua,* os de sangue cruzado; e a dos *Am-Tonga,* que são os *vatualisados* pela educação guerreira entre as classes mais nobres.

As *impis vátuas* são conhecidas e designadas pelos nomes de alguns dos seus illustres chefes, como d'antes succedia e ainda hoje sucede com alguns regimentos europeus. Assim tinham a *impi* dos *antigos guerreiros do Muzilla* e a *impi grande sombra do Gungunhana*, etc.

É o pennacho branco o distinctivo primacial dos guerreiros *vátuas;* e por isso os denominam *passaros brancos.*

Como entre os antigos zulus de Chaka, o serviço da guerra é obrigação inilludivel de todos os vátuas, desde os 16 aos 60 annos, salvo o caso de absoluta incapacidade physica.

Contava o anno passado uma folha do Transvaal que em novembro de cada anno costumam os

vátuas reunir-se n'uma grande planura de Gaza, para realisarem o que elles chamam a *medicina da guerra*. Juntam-se ali quarenta a quarenta e cinco mil guerreiros e experimentam o esforço e a destreza na lucta feroz contra manadas de touros, endoidecidos pela dôr brutal dos golpes com que propositadamente os enraiveceram. Mutilados, sangrentos, na vertigem do desespero, os touros arremettem contra os vátuas, que os derribam corajosamente a golpes de azagaia. Então cruzam-se nos ares, medonhameute, os rugidos dos touros semi-mortos e o cantico selvagem dos vátuas vencedores! Depois a orgia do sangue e os feitiços tradicionaes. E' esta a *medicina da guerra*.

E' assim o seu *concurso annual* de tiro de azagaia, de dextreza e de interpidez d'animo. Habituam-se por este modo aos espectaculos de sangue, cerram o coração a todos os instinctos de piedade, affeiçôam-se á carniceria, como os gladiadores voluntarios dos circos da antiga Roma.

N'aquelle enorme alarde de ferocidade recebem os jovens guerreiros o seu baptismo de sangue.

*
* *

Reatêmos agora o esboço historico do dominio *vátua* no sertão de Moçambique. Deixámol-o na invasão de Manicusse ao norte do Limpopo.

Depois de constantes hostilidades contra Lourenço Marques, o conquistador vátua assaltou a fortaleza d'aquelle districto em 22 de outubro de 1833. A guarnição era insignificante, o presidio incapaz de uma defeza energica, e o desamparado governador viu-se forçado a abandonar a fortaleza e a refugiar-se na Xefina. Os vátuas então arrazaram o miseravel presidio, saquearam as habitações e azagaiaram a gente indefeza que lograram encontrar. Sabendo que o governador Dionysio Antonio Ribeiro estava na Xefina com um punhado de sol-

dados, foram ali atacal-o, prenderam-no, trouxeram-no, para o presidio e infligiram-lhe horrorosos supplicios, ante as casas e palhotas da povoação em chammas.

Pouco tempo depois chegavam reforços e os vátuas eram repellidos, graças ao auxilio da marinha.

Moçambique fôra sempre uma colonia quasi votada ao abandono e n'aquella época ainda em maior desamparo a deixava a metropole, convulsionada e enfraquecida pelas guerras civis.

As hostilidades de Manicusse proseguiram de vario modo e com breves intermittencias até 1857, em que com elle celebrámos um tratado de paz, que o poderoso negro violava depois caprichosamente e com singular audacia. Ainda assim, nunca mais atacou Lourenço Marques, á mão armada, como em 1841, em que a defeza dos nossos foi efficaz e honrosa, nem teve mais a veleidade de querer impôr tributo ao presidio, como succedera em 1848.

Em 1859 o despota expirou e dois filhos seus, Mahueva e Muzilla, disputaram ferozmente a herança do poder nos campos de batalha. Pela crueldade Mahueva era bem o imitador de Chaka, o zulu-hyena. Abandonado pela fortuna dos combates, Muzilla teve de acolher-se ao Mossuate.

Depois de dois annos de exilio entre os *boers,* Muzilla decidiu tentar novamente a sorte das armas, convencido de que os portuguezes lhe prestariam auxilio, mediante a promessa de sujeitar-se á soberania de Portugal.

Escolheu o pretendente para seu intermediario o regulo Maxaquene e deu-lhe tres commissarios seus para o acompanharem a Lourenço Marques. O regulo partiu, effectivamente, com os representantes de Muzilla e pelas 10 horas da noite de 2 de novembro de 1861 o governador do presidio, Onofre Lourenço de Andrade, recebia a proposta do grande vátua, que promettia fazer-se tributario do

rei de Portugal, se quizessem os portuguezes ajudal-o na guerra contra o irmão.

O governador achou tentadora a proposta—era talvez a paz e a prosperidade d'aquellas terras, tão pouco providas de defeza — e apresentou-a aos moradores da villa, encarecendo-lhe os largos beneficios que havia de trazer ao commercio sertanejo e á povoação, até ali sempre sobresaltada e na dolorosa previsão de um assalto do implacavel Mahueva. Concordaram os moradores com a opinião do governador, e logo se resolveu auxiliar o Muzilla com gente e armas do estado e dos particulares.

Poz-se o Muzilla em campo assim que recebeu a boa nova d'aquella promessa e logo ao primeiro recontro bateu um dos *indunas* (grande) do irmão; mas esta facil victoria mais acirrou os odios de Mahueva, que o mandou perseguir por algumas das suas *impis,* na força total de 12.000 homens.

Reforçado com alguma gente da Matolla, o Muzilla encontrou-se com o exercito do irmão e, de recontro em recontro, foi até Moamba, onde se empenhou o combate definitivo, que foi um enorme desastre para o nosso promettido vassallo. A lucta deu em carniceria e a gente do Muzilla teve cêrca de 7.000 homens mortos e feridos.

Desbaratado, o pretendente foi para Catembe e d'ali para Lourenco Marques a solicitar a completa execução da promessa que lhe fizeram. Reduzido a 4.000 vátuas, ser-lhe-ia impossivel continuar a campanha, sem a intervenção dos portuguezes.

Estamos em dezembro de 1861. O governador, para acudir ao Muzilla n'aquelle apertado lance, expediu aviso aos regulos avassallados, ordenando-lhes que se apresentassem com as suas forças disponiveis. A ordem foi admiravelmente cumprida. Mahueva era um tigre que todos os cafres odiavam. Cinco dias depois de se ter ordenado a concentração das forças, mais de 16.000 cafres se reuniram em parada na planura da Manhuana, nos arredores da villa; e com elles os 4.000 vátuas do Muzilla. D'este

exercito, de mais de 20.000 homens, apenas, 2.000 poderam ser armados com espingardas, fornecidas pelos negociantes da villa, e pelo presidio.

E' provavel que Mahueva não dispuzesse de tantas armas de fogo.

Cada contingente dos regulos cafres arvorava a bandeira da nação soberana, a nossa bandeira, e o commando de todos elles foi confiado a Soteve, filho do regulo Maxaquene.

Volvidos alguns dias aquelle exercito atravessava o Incomati em busca das forças do Mahueva, que eram computadas em mais de 20.000 homens. A 17 de dezembro encontraram-se os dois exercitos e travou-se uma batalha, que ficou indecisa. Tres dias depois empenhou-se nova batalha. Batiam-se como leões os guerreiros do Mahueva e iam já levando de vencida os seus adversarios, violentamente atacados de flanco e com o centro já consideravelmente enfraquecido, quando uma grande companhia de 200 caçadores do Muzilla acudiu ao centro em perigo e já tambem investido, e conseguio pela acção dos fogos fazer recuar os atacantes, que em breve tempo lhes cederam o passo.

Estava vencida a batalha. O resto foi um duello monstruoso d'homem contra homem. Ali não havia capitulação possivel nem paciencia para manietar prisioneiros. Dizem que 20.000 negros ficaram azagaiados no campa de batalha!

Mahueva fugiu para Muzilikazez e foi mais tarde asylar-se no Mossuate, que fôra tambem asylo de seu irmão, agora vencedor.

Estava sagrado o novo rei dos *vátuas* na carniceria dos campos de batalha.

Era aquelle o nosso vassallo, mas, como dissemos já, entendia a vassallagem e a gratidão sob singulares restricções.

Respeitava a bandeira portugueza sobre as muralhas do presidiu onde recebera auxilio, mas considerava como bandeira inimiga a que fluctuava nos districtos do Inhambane, de Sofala e de Sena!

Muzilla foi occupando o sertão ao norte do Limpopo até que fixou residencia no Mussurize, para cima do Save, na região de Manica.

As hostilidades entre elle e o irmão não terminaram depois d'aquella sangrenta batalha; proseguiram ainda, mas sem importancia que modificasse as condições do vencido e do vencedor.

Contra os nossos dominios ao norte do Limpopo é que o *vátua* cevava os seus instinctos de ferocidade e de rapina.

Ha quatorze annos dizia o intrepido Paiva d'Andrada, o mais infatigavel e um dos nossos mais gloriosos peoneiros do continente negro, em uma das suas valiosissimas communicações á *Sociedade de Geographia:*

«Ao S. de Manica e do Quiteve e a W. dos prazos de Sofala, está situada nas margens do rio Save, a capital de Muzilla, o poderoso regulo vátua, que occupa desde proximo de Lourenço Marques, todo o sertão que do S. ao N., segue a W. das terras de Inhambane e de Sofala ao antigo reino de Quiteve.

«Os prazos da margem direita do Zambeze e a propria villa de Sena teem soffrido toda a qualidade de vexame da parte da gente do Muzilla, que por vezes tem assassinado povoações inteiras; que fazem repetidas excursões com o fim de se apoderarem das mulheres e bens dos colonos e que impozeram contribuições, dentro mesmo e junto ao forte da villa de Sena, cujos habitantes, geralmente negociantes, exerciam pressão moral sobre o commandante militar, para que elle lhes deixasse pagar aos landins as fazendas pedidas, afim de evitar a guerra, que completamente os arruinaria.

«O Muzilla, o poderoso chefe d'estes landins, é filho do Manicusse, de nefasta memoria na historia dos nossos districtos ao S. do Zambeze.»

Referindo-se depois á occupação do districto de

Sofala pela gente do Muzilla, accrescentava o sr. Paiva d'Andrada, «e quem teve de sahir foi o governador do districto, que para evitar vexames, que o governo da metropole nunca pensou repellir, abandonou a capital do districto e a guarda da gloriosa torre de Pedro de Anhaya, para ir viver, desde ha muitos annos, na quasi fronteira ilha de Chiloane».

No relatorio da sua missão ao Muzilla, em 1883, missão completamente sem exito no seu objectivo politico, escrevia o sr. Antonio Maria Cardoso, as seguintes conclusões:

«Que de modo algum se póde contar com as forças de Inhambane e de Sofala, para, em caso de necessidade, se baterem com os vátuas, em consequencia do medo instinctivo que d'elles têem».

O sr. Antonio Maria Cardoso aconselhava immediatas precauções nos districtos de Sena, Sofala, Inhambane e Lourenço Marques (mais de metade da provincia e decerto a mais valiosa), por que em todos aquelles districtos se mantinha o dominio ou a influencia dos vátuas e receava muito que a morte do Muzilla, já em adeantada velhice, provocasse guerras funestas por causa da herança do poder.

*
* *

Como sabemos já, o Muzilla pouco tempo durou depois d'aquella viagem, e seu filho Mundagaz, o famoso Gungunhana, que onze annos depois havia de ter a honra de figurar em telegrammas e artigos da imprensa europêa, logrou tomar conta da herança do pae, sem ter de entregar-se á sorte dos combates. Bastou lhe eliminar os irmãos, que um dia podiam ter velleidades de usurpar-lhe o poder.

Já tivemos occasião de nos referir ao tratado de vassallagem que o ultimo rei dos vátuas celebrou com Portugal, tão leal e tão sincero como fôra o do Muzilla, firmado em Lourenço Marques.

Rei, dissemos. Rei, que assim é designado em varios tratados que fez com os inglezes da Africa ou que estes lhe attribuiram, por conveniencia dos seus planos.

Em um tratado, que se diz celebrado em 1890 entre o chefe vátua e o dr. Aurel Schultz, representante da *South Africa,* tratado de importantes concessões, que teve larga publicidade, intitulava-se o despota—*rei do paiz de Gaza.* Por signal que até o escrevente do auto o datou de Manhlagaz, talvez por Manjacaze, e chama ao rei *Gungunhana M. Dongazir,* provavelmente, em vez de Gungunhana, Mundagaz.

N'este contracto figura como testemunha um Jameson, que não sabemos se será o celebre caudilho, que ha pouco ainda invadiu o Transvaal, á frente de um punhado de aventureiros e foi derrotado pelos *boers.*

Em troca das concessões recebidas, a Companhia ingleza obrigava-se a pagar ao rei, annualmente, e conforme a sua escolha, a quantia de 500 libras ou o seu equivalente em fazendas.

Este tratado teve depois uma ampliação, que envolvia dominio de terras e exercicio de soberania.

N'este novo convenio os agentes inglezes dão ao chefe vátua a denominação de *Gungunhana Umdungazua, rei absoluto do paiz dos vátuas.*

Na imprensa ingleza affirmou-se que o rei dos vátuas mandára ao Cabo offerecer a sua vassallagem á Inglaterra, pouco depois de ter prestado vassallagem a Portugal.

Um jornal que defende os interesses da *South Africa,* affirmava que depois de 1891, os *emissarios Huluhulu e Umfeti, do regulo de Gaza, tiveram a honra de uma audiencia da rainha Victoria em Win-*

dsor e lhe pediram um residente britannico para o seu paiz[1].

Pois n'aquelle mesmo anno de 1891 o intendente portuguez em Gaza acompanhava a Lourenço Marques os seguintes embaixadores do Gungunhana: *Inhamane,* neto do Manicusse e filho de Récua, irmão do Muzilla; *Sophanene,* neto de Manicusse e filho de Engenéa, tio do Muzilla e do Mahueva; *Incumana,* primeiro induna da casa de Uduengo e *N'Gobuzana,* induna de Sahomene.

Não juramos sobre a regia stirpe dos dois primeiros embaixadores nem sobre a elevada categoria dos outros dois.

O que é verdade é que em audiencia solemne, em presença do corpo consular e das auctoridades e principaes moradores de Lourenço Marques, os embaixadores fizeram estas *consoladoras* declarações, segundo a versão do interprete:

1.º Que o Gungunhana era portuguez e não queria amisade com os inglezes.

2.º Que entregava as armas, presentes dos inglezes, ao residente portuguez, mas que queria outras em substituição.

3.º Que era falso ter sido mandada uma embaixada a Inglaterra.

O consul inglez La Cour contradictou logo tenazmente os dois factos que diziam respeito ás relações entre o Gungunhana e os inglezes.

Mas afinal, apezar d'estas solemnes declarações, da intendencia geral de Gaza, creada em 1889, apezar das intendencias subalternas e das relações affectuosas entre o regulo e o intendente geral, estabelecido em Zefunhe, visinhanças de Manjacaze, o rei dos

---

[1] Transcripto de um opusculo do sr. conselheiro Augusto de Castilho, publicado sob este titulo—*A proposito de Lourenço Marques.*

vátuas não era um vassallo fiel. Menos feroz que seu avô Manicusse e sem o genio guerreiro de Muzilla, seu pae, tinha a duplicidade, os expedientes hypocritas e os ardis gananciosos dos antigos diplomatas chinezes.

Explorava habilmente as ambições que o cercavam, procurava segurar-se á preponderancia das companhias inglezas, sem se malquistar comnosco, guardava soffregamente as libras dos inglezes e os presentes de Portugal, recebia affavelmente o conselheiro Almeida (residente portuguez), e o dr. Schultz (residente da *South Africa*), acceitava das mãos dos portuguezes a Snider e das mãos dos inglezes a Martini e guardava com igual agrado a farda de coronel de 2.ª linha que os portuguezes lhe offereceram e o sabre de punho de ouro com que os inglezes o brindaram. E nas horas de embriaguez e de lubricidade, poderoso, requestado, tranquillo, como não havia de rir de uns e d'outros o Sardanapalo negro!

Depois, alguns missionarios estrangeiros fizeram causa commum com os agentes da poderosa Companhia da Africa, e Mundagaz começou a descobrir o seu jogo traiçoeiro contra nós, mas ainda dissimulado e ardiloso, a fingir que não era intento seu hostilisar-nos.

Tem de interromper-se aqui a historia dos vátuas e do famoso Gungunhana. Os derradeiros capitulos hão de escrevel-os os nossos soldados e havemos de resumil-os nós aqui. A lenda do ultimo rei dos vátuas tem um epilogo — não nas margens do Limpopo, como a do Manicusse, nem nas margens do Save, como a do Muzilla — mas nas margens do Tejo, sob a bandeira de Portugal, victoriosa e soberana.

V

A REBELLIÃO DOS CAFRES

As terras chamadas da Corôa, no districto de Lourenço Marques, estavam divididas em quatro circumscripções, ás quaes já tivemos occasião de nos referir.

O chefe, a quem estas circumscripções estavam subordinadas, era denominado commandante das terras da Corôa e este cargo era exercido por um official superior. A cada circumscripção correspondia um commando militar subalterno e as sédes deviam ser *Ressano Garcia* (sobre a linha ferrea de Lourenço Marques ao Transvaal), *Stocolo,* na curva descendente do Incomati, *Magudo,* acima d'aquelle segundo posto, e *Macanda.* A séde do commando geral era em *Angoane* ou Angoana, pequeno campo militar, situado a 20 kilometros ao norte da cidade, entre dois vastos pantanos e sob o commandamento de algumas collinas, que se alteiam a menos de meio kilometro de distancia, no paiz da Zixaxa. Abaixo das condições estrategicas d'este posto só as suas condições hygienicas. Dentro do campo ha

via umas pequenas edificações de madeira e zinco, alojamento do commando e do pequeno destacamento de tropas indigenas e umas palhotas para os cipaes. Os vassallos das terras da Corôa estão sujeitos a um tributo, chamado imposto de palhota, que a principio era pago em genero e, desde de 1881, começou a ser pago em dinheiro. Era lançado directamente pelos commandantes militares ou por delegados seus, que no mez de novembro percorriam as terras dos regulos das suas circumscripções, cobravam o imposto, passavam o respectivo recibo e formulavam o arrolamento. O imposto fôra primitivamente de 340 réis por cada palhota, subiu a 900 réis e foi fixado em 1$350 réis em meados de 1894.

Entre as attribuições do commando das terras da corôa não era a unica nem a mais importante esta do lançamento e recepção do imposto. Tinha outra de mais alta gravidade — a resolução, segundo o direito consuetudinario cafreal, das pendencias entre os povos ou entre os regulos. *Milandos* chamam os negros a estas pendencias.

E n'estas contendas se parecem alguns negros com os teimosos pleiteadores da Europa. Da mesma origem e com varios aspectos tiram pretexto para insistentes *milandos*.

A mais recente d'entre as pendencias graves que houvera nas terras da Corôa era a do regulo Maveja com Mupanga, pae do Mahazuli e depois com este. Mupanga, mais poderoso, vencera Maveja e, segundo o direito tradicional dos cafres, o vencido devia ficar vassallo e tributario do vencedor. Não se conformou completamente com este direito o regulo derrotado e, depois da morte de Mupanga, moveu *milandos* sobre *milandos,* que os commandantes militares, quasi sempre interinos, iam resolvendo como podiam e talvez nem sempre, conforme o uso dos povos, que tambem na Europa fôra direito consagrado e lei reconhecida durante a idade média.

Um dia decidiu-se no commando militar que o Mahuzuli tinha direito a duas terças partes das terras do Maveja e este ao terço restante. A resolução descontentou a gente da Magaia, que a considerou attentatoria do direito tradicional.

Depois foi preciso um partido de carregadores e deu-se ao Maveja o encargo de fazer a divisão dos contingentes. Maveja excedeu, provavelmente, o encargo ou aproveitou-o para ferir as susceptibilidades do seu incommodo suzerano, e Mahazuli, irritado, promoveu um conflicto, que ia tendo tragicas consequencias, e não obedeceu á intimação que lhe fizeram por intermedio do seu odioso *vassallo*.

Para reprimir estas pequenas manifestações de rebeldia, que iam parecendo já um symptoma alarmante, o commandante das terras chamou a Angoane os dois regulos desavindos.

Não faltaram, mas o Mahazuli, cercado de espiões negros que tudo sabiam de quanto se fazia e pensava em Lourenço Marques, fôra prevenido de que o commandante das terras lhe prenderia os *indunas* suspeitos de o terem incitado á desobediencia, e fez-se acompanhar de uma formidavel escolta de gente armada, que, segundo o testemunho do sr. Eduardo de Noronha, não seria muito inferior a 2.000 homens.

Houve ardente discussão em Angoane, mas não se passou de palavras. Não era com meia duzia de soldados pretos que o commandante das terras havia de effectuar a prisão dos maus conselheiros do Mahazuli, vistas as disposições bellicosas da sua gente.

Não havia ainda, realmente, razões poderosas para uma rebellião, mas havia pretextos e disposições, que os especuladores hostís ao dominio portuguez, tramando na sombra favorecedora em que a nossa tolerancia os esquecia, haviam de transformar em incitamentos de guerra.

O imposto de palhota não fôra ainda augmentado e já a insubmissão se manifestava desabrida-

mente, quando é certo que contra a taxa existente se não tinham revelado queixumes nem repugnancias.

Dizia-se que havia excessos da parte dos cobradores. Talvez houvesse; mas os regulos podiam recorrer aos commandantes das terras para que cohibissem os abusos. Allegava-se que em Lourenço Marques tinham sido presos, por simples pretextos, alguns negros das terras.

E' possivel que tivesse havido alguma violencia, mas isso succede nas mais cultas cidades da Europa e não é estimulo bastante para accender os odios de uma guerra.

E todos nós imaginamos do que os cafres seriam capazes nas ruas de Lourenço Marques, se ficassem impunes os mais audazes na pilhagem ou no desrespeito á lei. Na Europa tambem os gatunos e os brigões de taberna se consideram sempre victimas deploraveis da tyrannia policial.

Não; o que havia era o desejo de um pretexto, incitado dentro e fóra da colonia pelo desalmado egoismo que não queria vêr em volta do seu objectivo as consequencias funestas de uma rebellião.

Para o cafre o incentivo tentador, immediato, que lhe afagava o instincto e o vicio, era o saque, a pilhagem da cidade onde havia ouro e aguardente, armas e polvora. Mas atraz d'elle estariam as mãos que o empurravam e haviam de esganal-o depois da victoria.

Se na avidez das libras sterlinas que lhe vinham de fóra da provincia, como preço da sua deslealdade, o Mundagaz não fosse o alliado secreto dos cafres, para servir estranhos designios, nem o regulo da Zixaxa nem o da Magaia, apezar de poderosos, ousariam rebellar-se e intentar uma guerra offensiva.

Ha-de vir dos acontecimentos a confirmação d'esta suspeita.

*

* *

Em Lourenço Marques percebia-se de que lado estava o perigo.

O regulo da Magaia, muito moço ainda, era principalmente um ebrio, um alcoolico, dominado pelos seus *indunas,* e ligado por elles ás ambições de Mamatibjane, o audacioso regulo da Zixaxa.

Este sim, este é que era perigoso, porque tinha sobre o outro a superioridade da intelligencia e a firmeza inabalavel dos designios. Um pouco a miniatura de Chaka, na ambição e na ferocidade, Mamatibjane sentia a necessidade de ser um grande chefe e tinha a guial-o um homem que sabia vêr ainda mais longe do que elle, porque illustrára a natural sagacidade no convivio de uma alta civilisação. Era excellente e até insubstituivel para as *negociações externas* e para apreciar no seu exacto valor o que a selvatica ignorancia do regulo não sabia avaliar nas suas justas proporções. Finish se chamava o cafre perspicaz, que por largo tempo residira na colonia do Cabo e era o cerebro dirigente da rebellião. Finish, induna do Mahazuli e senhor das terras de Macaneta e Macanda, entendia-se muito melhor com o impetuoso regulo da Zixaxa de que com o seu proprio chefe.

O regulo da Magaia procuraria o pretexto, o da Zixaxa teria a iniciativa da guerra, em que seria preponderante.

A gente de Mamatibjane estava sujeita ao mesmo imposto de palhota, mas parecia que só a do Mahazuli se insurgia contra o accrescimo do tributo!

Entretanto ordenou-se o lançamento do imposto pela nova taxa. Os missionarios da estação de Rikatala aproveitaram o ensejo para mais incenderem os animos contra a legitima auctoridade, n'aquella terra, que elles, provavelmente, julgavam legitimamente sua pela concessão da liberdade de propaganda, consignada nos ultimos tratados de limites africanos.

Segundo o testemunho do sr. Eduardo de Noronha, corroborado por outras informações locaes,

em Rikatala e na cidade, houve duas conferencias, ambas em ladim, e perante numeroso auditorio, em que se falou na igualdade do preto, nas extorsões dos brancos, no excesso dos impostos, na ausencia de melhoramentos materiaes, taes como estradas, abertura de poços, etc., e no fim fez-se-lhe vêr a fórma philantropica e bondosa como os seus irmãos eram tratados nas colonias inglezas de Natal e Cabo.

Era a propaganda politica, a propaganda em proveito do estrangeiro e em detrimento da legitima soberania!

Catechistas que fossem apostolos do Bem e da Verdade e tivessem o amor altruista da humanidade acima das conveniencias egoistas de seita ou das interesseiras predilecções de nacionalidade; propagandistas que sinceramente pertencessem á civilisação, que não *fizessem politica* e não deixassem que a Biblia se transmudasse em mercadoria funesta e envenenadora, como a espingarda de contrabando e a cachaça do chatim; missionarios que tivessem ao menos escrupulos de consciencia e a singela bondade de coração de qualquer homem culto no meio da selvageria sanguinaria; teriam ensinado aos cafres por quaes meios de brandura deveriam reclamar, depois de lhes haverem dito lealmente que o imposto de palhota é maior em outras colonias, que a fortuna e a riqueza teem feito prosperar rapidamente e onde o negro póde ganhar mais ouro, mas é realmente o mais infimo dos homens, porque nenhum branco desce a nivelar-se com elle.

Mas isto, que era a verdade, o preceito, o dever, isto que podia evitar os morticinios, o latrocinio, a ruina, a guerra com todos os seus horrores inevitaveis, isto que era humano e justo, um dever de lealdade perante os homens e um dever de confraternidade perante Deus, que não é, não podia ser o manipanso do cafre, propicio á traficancia, ao dolo, á rapina; isto seria esteril, seria mesmo desagradavel ás influencias protectoras, e não se disse.

Admittamos ainda que o imposto era uma ex-

orbitancia, uma extorsão, uma violencia sem precedentes. O homem de partido, o homem politico, o luctador agitaria os animos, sem que lhe importasse prevêr até onde a tempestade podia chegar. Comprehendia-se. Movia-o o egoismo de facção, a cubiça do poder, o odio de raça, se querem mesmo a paixão da justiça, na sua manifestação menos piedosa; podia desencadear uma tormenta lamentavel, erguer-se ou afogar-se em ondas de sangue, mas não teria prostituido hypocritamente a sua missão ante Deus e ante os homens.

Mas um missionario, que invoca o testemunho do céo para a sua sinceridade e pede o salvo-conducto da civilisação para a sua catechése, um missionario, que não fosse um especulador politico, prégaria a paz, acalmaria os animos, ainda que todos os queixumes fôssem verdadeiros, e depois, desassombradamente, não por favor a uma nacionalidade, mas por um sentimento de concordia e de leal abnegação, iria pedir justiça para os cafres, expôr os perigos da situação e declarar que a sua tarefa de paz ficaria absolutamente inutil, se não quizessem ouvil-o os que podiam e deviam auxilial-o.

Mas se havia apenas um pretexto, que convinha transformar em odios e mascarar de justo sentimento de desespero, como haviam de cumprir os *bons missionarios* as suas obrigações de homens cultos n'um paiz estrangeiro e de apostolos do Bem entre gente selvagem?

Pouco nos importam os nomes e as nacionalidades. Em vez de catechése promoveram *meetings*, fizeram politica, ajudaram a provocar a guerra.

E quando, d'aqui a pouco, ouvirmos o grito lancinante das mulheres e das creanças azagaiadas, os brados de pavor das populações inermes, o uivo lugubre dos cafres na rapina e no morticinio, tragicamente illuminados pelas labaredas do incendio; quando ouvirmos as apostrophes brutaes da artilheria, o gemido dos que agonisam e virmos a fumaceira das descargas e as cinzas das palhotas boiando

em sangue; perguntarêmos então a nós mesmos com que tranquilla devoção os *conferentes* de Rikatala podem ler as santas lições da Biblia.

*

* *

Tentou-se novamente realisar o mallogrado projecto de prisão dos *indunas,* apontados como instigadores da desobediencia do Mahazuli. Era apenas ir ao encontro dos acontecimentos. A idêa da rebellião estava no espirito dos cafres; descera d'alto sobre elles. Era uma questão d'algumas horas ou d'alguns dias. Pensou-se talvez que valeria a pena intentar o aborto do conluio cafre por um acto de audacia, que já não podia ser uma surpresa porque os cafres estavam precavidos.

Avisaram os *indunas* da Magaia para se reunirem em Anguane. Obedeceram, mas levaram comsigo cerca de 4:000 homens armados de *nongas* e azagaias. Na residencia do commando havia apenas *20* soldados pretos.

Depois de increpar os *indunas* pelas suas responsabilidades nos conflictos anteriores e de receber d'elles umas frouxas desculpas, o commandante das terras mandou prender um dos mais insubmissos.

Os soldados conseguiram prendel-o e encerral-o em um calabouço de mesquinha solidez.

Houve um momento de hesitação. Depois, ao protesto succedeu a violencia. A turba arrombou o calabouço e libertou o *induna* preso; os soldados fizeram fogo, as balas cruzaram-se no ar com as azagaias, o commandante, mettido destemidamente entre os amotinados para os acalmar, foi espancado. Afinal os cafres fugiram e no recinto de Angoane ficavam alguns feridos e dois cafres prisioneiros.

Rebentára a rebellião. Ia começar a guerra.

Na cidade, reduzida a um punhado de soldados europeus da policia e a algumas dezenas de solda-

dos negros, em que não era licito confiar, recebeu-se a noticia como um prenuncio inquietador de mais graves acontecimentos.

Saiu logo para Angoane uma pequena força de 12 praças da cavallaria de policia e marchou mais tarde para ali um destacamento de caçadores 3, composto de 1 capitão, 2 subalternos e 62 soldados.

Era em 27 d'agosto de 1894.

VI

A DEFEZA DE LOURENÇO MARQUES

Era preciso precaver para a guerra. Os rebeldes da Magaia tinham já interceptado as communicações pelo Incomati, haviam expulsado os indios mouros do trafico sertanejo e encetavam a sua campanha de bandidos pelo assalto e saques á mão armada dos barcos de mercadorias que desciam o rio, transportando mercadorias das regiões marginaes do Cossine, da Xerinda e da Manhissa.

Ordenou-se ao commandante das terras que mandasse convocar os regulos vassallos e os intimasse a armarem-se para a guerra contra o Mahazuli. Appareceram apenas alguns e esses declararam logo, n'uma singular conformidade de opinião, que não tinham duvida em ir guerrear o regulo da Magaia, mas quando todos os outros regulos avassallados fossem com elles, que, por si só eram fracos para arcar com o Mahazuli. Percebia-se. Estavam excellentemente informados e bem sabiam que punham uma condição irrealisavel, pois que outros regulos, e o da Zixaxa com certeza, tomariam a

peito a rebellião, em vez de nol-a ajudarem a suffocar.

Estava perdida a esperança que por um momento alliviára os justificados receios da cidade.

Ao menos, responder-se-hia ás hostilidades da Magaia, repellindo-lhe a pirateria no rio.

Aproveitou-se a flotilha ancorada na bahia. O vapor de guerra *Neves Ferreira* foi para a foz do rio Incomati, acompanhando a lancha-canhoneira *Xefina*, que subiu o rio, levando á bordo o tenente Furtado, commandante do vapor. O *Neves Ferreira* não podia seguir a lancha, por causa do pouco fundo e estreiteza da corrente.

Travaram-se então as primeiras hostilidades. Escondidos no matto espesso e alto e no mangal que orlava o acanhado curso do rio, os rebeldes receberam a tiro a pequena canhoneira. Respondeu-lhes a *Xefina* com algumas descargas das metralhadoras, que lhes causaram perdas importantes; mas a lucta era inutil e seria insustentavel por mais tempo n'aquellas condições. Uma lancha sómente não podia comboiar todos os barcos de commercio e repellir os ataques de milhares de rebeldes, que estanciavam na margem do rio e, perfeitamente a coberto, faziam fogo certeiro e vivo com a Snider ou com a Martini. A *Xefina*, desprovida de blindagem, tinha sido crivada de balas.

O2 cafres estavam bem precavidos. Tinham recebido ou comprado boas armas de fogo e abundantes munições, antes mesmo de lhe terem augmentado o imposto de palhota!

A lancha retirou d'onde, isolada como estava, se perderia inutilmente.

A situação complicava-se. Obteve-se a promessa de um auxilio de 4.000 homens da rainha Zambia, dos *Am-tongas,* mas até esta mesma esperança se perdeu, porque a gente do Maputo ou estava já no conluio ou entrou n'elle depois da promessa e faltou escandalosamente ao compromisso, merecendo bem o nome de *cães* com que os antigos zulus os haviam designado.

O commandante das terras tentou mover o regulo da Moamba a reunir a sua gente para ir guerrear o Mahazuli. Inutil tentativa. O regulo pediu tres chapeladas de *libras* pelo auxilio, que talvez depois recusasse, e como lhe não acceitassem o preço, desfeiteou o commandante militar e roubou-o.

Que predilecção tinham já os cafres pelas libras sterlinas e como elles entendiam que a guerra se podia fazer para qualquer lado, comtanto que o ouro marcasse a preferencia!

A onda subia. Mamatibjane, o indigitado caudilho da rebellião, estava já perfeitamente preparado para a guerra e nas terras da Magaia organisava-se a defeza com alguns trabalhos de fortificação passageira, dirigidos por alguem que conhecia os processos defensivos dos europeus. Dizia-se que esse alguem era o *Finish,* embora parecesse pouco plausivel que a simples permanencia de alguns annos no Cabo e n'um meio, decerto afastado dos centros militares, podesse dar ao inculto cafre um claro conhecimento d'aquelle ramo da sciencia da guerra.

Já resolutamente disposto á guerra, com um plano assente e as miragens do poder supremo e do saque opulento a desenrolarem-se-lhe na sanguinea pupilla, Mamatibjane convocou o conselho dos seus *indunas,* por um mero alarde de formalismo hypocrita. Ia ouvir as opiniões de todos, firmemente resolvido a seguir a sua. Bem sabia elle já quaes eram os enthusiastas e os oppositores do seu plano.

Ao conselho assistiu a mãe do regulo. Foi d'ella o primeiro voto contrario á empreza. Nas suas previsões de mãe, atormentava-a o perigo d'aquella aventura. Aconselhava prudencia e que cada um se conformasse com a sua condição. *Onde chegou o branco nunca mais o preto governa* [1]. Era esta a

[1] Vid. *A rebellião dos indigenas em Lourenço Marques,* pelo sr. Eduardo Noronha, distincto official do exercito, que tomou parte na defeza d'aquella cidade.

synthese da sua resignada politica. Ouviu-a de má sombra o iracundo regulo e tão desorientado ficou por que alguem, mesmo sua propria mãe, ousava contrariar-lhe os projectos, que, em repellões de selvagem desespero, vociferou torrentes de ameaças e mandou pôr fóra do conselho aquella que tivera palavras de paz e de conformidade.

Houve ainda um conselheiro intrepido apoz este lance violentissimo. A guerra ainda teve outro voto contrario. Era o de um velho induna, tio do regulo. Falou sem rodeios de cortezão, mas cortou-lhe a palavra, bruscamente, uma bala da espingarda Martini, que o sobrinho trazia comsigo. Mamatibjane assassinára o tio, o conselheiro de rude e destemida franqueza. Era o unico voto. Desfechára em quinto acto de tragedia aquelle singular conselho d'estado!

A guerra foi proclamada por entre gritos de jubilo selvagem, em quanto no chão, o velho induna, soltava n'um arranco o seu ultimo alento.

*

*   *

Fortificára-se um pouco melhor o campo de Anguane, que, todavia, não ficára capaz de resistir aos ataques impetuosos de uma grande multidão de negros. Levaram-se para o campo 2 canhões estriados de 8c e uma velha metralhadora Montigny. Nos trabalhos de defeza prestára serviços valiosissimos o chefe da secção de obras publicas de Lourenço Marques, o engenheiro Paes d'Almeida.

Ali se tinham reunido tambem, além da força disponivel de caçadores 3 (umas 50 praças), dois contigentes de 50 praças cada um, que pertenciam a caçadores 1 e 4 da provincia e que haviam chegado a bordo da corveta *Rainha de Portugal*.

Mas estes soldados indigenas eram em grande parte recrutas bisonhos, que mal sabiam pegar na

espingarda e que pelo esforço individual valiam muito menos que os cafres.

O sr. general Fernando de Magalhães, governador geral da provincia de Moçambique, viera para Lourenço Marques, logo quo teve conhecimento da situação grave do districto e mandára para a cidade os mesquinhos recursos militares de que podia dispôr. No empenho da defeza precedera-o, como era natural, e coadjuvava-o solicitamente o sr. Canto e Castro, disticto official de marinha, governador do districto.

A situação alarmante de Lourenço Marques era conhecida em Portugal apenas por noticias suspeitas de certa imprensa estrangeira.

Entretanto as informações dos consules, telegrammas e cartas dos negociantes estrangeiros, estabelecidos na cidade, instavam pelo soccorro de navios de guerra das suas nacionalidades, para que fossem esses navios o seu ultimo refugio,

Como era de esperar, os jornaes affeiçoados á *South Africa,* ou por ella estipendiados, aproveitavam soffregamente o ensejo para concitar contra Portugal a opinião dos interessados nas questões africanas, e carregavam brutalmente as côres d'aquella situação, realmente perigosa. Apoucavam propositadamente as nossas pequenas forças, reeditavam antigas calumnias contra a nossa aptidão colonial, vibravam em volta do nosso nome o odio e o desprezo e incitavam os governos interessados na Africa do sul a combinarem-se para uma occupação militar de Lourenço Marques, a titulo de defeza e com o pretexto de que Portugal ou não podia ou era incapaz de sustentar a colonia contra a aggressão dos cafres.

A occupação estrangeira seria o appetecido remate d'aquella providencial rebellião dos negros, pelo menos nos planos de certos agentes poderosos de uma grande companhia de exploração do continente negro.

Entretanto, o governador geral da provincia to-

mava a peito a obra da defeza e julgava firmemente que poderia realisal-a com bom exito, sem o concurso de soccorros da metropole. Não ficava mal este empenho ao seu animo, mas era positivamente uma temeridade e uma perigosissima illusão.

N'aquelle intuito não quiz, pela sua parte, sobresaltar a metropole e, longe de instar por soccorros immediatos, mantinha a opinão de que podia repellir e castigar os rebeldes com as proprias forças da provincia.

Mas a situação aggravava-se de dia para dia e ia além das proprias previsões do governador geral, talvez um pouco deslumbrado pelo optimismo do seu animo.

Em Anguane vivia-se verdadeiramente no rude e fatigante serviço de campanha. Os cafres quasi tinham o campo sitiado e de quando em quando appareciam provocadores, entoando canticos de guerra.

Mais para o interior a situação era tal que se define n'este trecho do livro do sr. Eduardo de Noronha, ácerca da rebellião:

«Por este tempo o sr. Almada, rapaz habituado á vida facil de Lisboa, mas por então cançado d'ella, metteu-se a sertanejo e fôra com uma pacotilha ao Gungunhana. Reduzida a fazenda a libras retirou-se d'ali e veiu acompanhado por um soldado d'Angola. A quatro horas da povoação de Anguane morreu-lhe o cavallo, continuou o caminho a pé, comendo milho e massa, prato que, com certeza, não faz parte dos *menus* do *Bragança* ou do *Internacional.*

«Quando quiz atravessar o vau do Marracuene veiu muita gente armada interceptar-lhe a passagem, o soldado quiz reagir, ao que elle se oppoz, para não serem os dois feitos em postas.

«Vendo a vida em perigo, não obtendo licença para proseguir, declarou-se inglez. A esta magica confissão foi-lhe facultada a passagem e fornecido um *induna*, que os acompanhou até fóra das terras do Mahazuli, para que ninguem os hostilisasse».

Este trecho não nos dá sómente um aspecto da revolta; dá-nos uma revelação, que é bem o commentario mais significativo que podia fazer-se ao pretexto do imposto de palhota.

*
* *

Da guerra, apenas em principio, a primeira victima européa, fôra um cabo de cavallaria da policia, destacado em Anguane.

Na perseguição dos cafres, que se haviam approximado do acampamento em assomos de provocação, o cabo carregou impetuosamente um grupo dos rebeldes e chegou a aprisionar um d'elles, segurando-o pelo capacete de pennas. Mas era necessario não desfitar os outros rebeldes, e o cabo não teve tempo de segurar melhor o prisioneiro, que não era seu intento matar. O capacete soltou-se, porém, a um movimento do cafre, que velozmente se passou para o lado esquerdo do cavalleiro e lhe cravou a zagaia no ventre, fugindo como uma antilope.

Era um valente aquelle cabo. Estava de licença da junta e apresentára-se voluntariamente aos primeiros rebates da rebellião.

Vingaram-lhe a morte, acutilando cafres, alguns dos poucos soldados que o haviam seguido na perseguição dos rebeldes.

*
* *

A cidade vivia no receio inquietador de um proximo assalto, que talvez fosse o saque, a chacina, a completa destruição. Os cafres tinham boas armas e se todos se reunissem, todos os que estavam no conluio e sob a influencia dos dirigentes da Zixaxa e da Magaia, viriam doze a quinze mil assaltantes, cujos instinctos sanguinarios se engrandece-

riam na ancia da rapina. E na cidade havia peças de artilheria, metralhadoras *Nordenfelt* e *Maxim*, armas *Kropatschek*, *Martini* e *Snider*, mas não havia soldados que chegassem para a defeza de uma povoação aberta. Comprehende-se a inabalavel resistencia de duzentos homens, contra dez ou vinte mil, no recinto de uma poderosa fortaleza. Mas ali, onde todas as zonas de defeza eram a bem dizer outros tantos pontos fracos da defeza geral, ali o que poderia fazer-se com uma população espavorida e um punhado apenas de soldados brancos, dignos de confiança? Setenta e dois eram elles, segundo o testemunho do sr. Eduardo de Noronha Cincoenta marinheiros que desembarcaram da *Rainha de Portugal* e vinte e dois da policia, que não tinha o effectivo completo e ficára assim reduzida por causa dos reforços que haviam ido para Anguane.

As suspeitas de ataque avolumaram-se, tornaram-se convicção e, para desafogo dos animos, não houve remedio senão distribuir armas e munições á gente válida. Confiaram-se cerca de duas mil armas a portuguezes, estrangeiros europeus, mouros, parses, baneanes, mulatos e pretos, gente do caminho de ferro e da alfandega, gente das obras publicas e do commercio, gente de todas as condições e de todas as procedencias, mas quasi toda ella sem saber carregar as espingardas que trazia nas mãos e sem aquelle espirito de ordem e de obediencia, sem aquella unidade de acção e de cohesão disciplinar, que constituem a força primacial dos exercitos. Na hora da lucta não havia de faltar o precipitado tiroteio dos inexperientes, não seriam raros os exemplos de coragem pessoal, mas quando chegasse o lance temeroso, todos elles formariam a onda do terror e, para resistir até á ultima extremidade, restariam apenas pouco mais de 72 homens.

Estabeleceram-se os postos, regulou-se o serviço de vigilancia, combinou-se a acção cooperadora dos diversos postos e fixou-se o local de concentração, para o derradeiro esforço de resistencia.

Fizeram-se todos estes preparativos extraordinarios ao escurecer do dia 23 de setembro. Era já noite fechada quando se procedeu á distribuição dos armamentos. Devia ser uma hora tragicamente lugubre aquella em que cada homem válido, na profunda emoção do perigo eminente, ia receber uma arma e alguns punhados de cartuchos para a defeza do proprio lar, ultimo reducto de tantos interesses, que são o estimulo da lucta pela vida e de todas as santas affeições, que são a suprema ventura da alma.

A noite adensou-se na sua escuridão tenebrosa, como se fosse um tragico vaticinio. Ageis, cavilosos, arrastando-se como as serpentes, os cafres poderiam surgir inopinadamente, como de um oceano de sombras, peito a peito com os defensores dos postos exteriores. Ninguem dormia. O governador geral e o governador do districto rondavam os postos. Sobre a madrugada abriu-se no horisonte uma estreita fresta de luz, tibia e fria, como a lamina embaciada de um cutello. Era a lua, como um allivio n'aquelle pesadelo.

Uma corneta tocou a unir. Reboaram tiros de artilheria. Estrondeiam descargas irregulares. Vibram novos toques de unir em direcções diversas. Concentram-se forças no pantano e na avenida central da cidade.

Seria o assalto? Não era ainda. Fôra um reconhecimento dos cafres, que tinham vindo tactear a cidade pelo lado do cemiterio. Julgavam-n'a talvez desprecavida n'aquella hora de lassidão, de extenuamento, de assoberbadora somnolencia, que succede ás preoccupações da vigilia. Contavam com a facil victoria e fugiram como bandidos, assim que as balas os surprehenderam.

O alarme evidenciou as deficiencias da defeza. Não havia obstaculos materiaes a oppôr ao ataque e a abundancia dos voluntarios não podia compensar a escassez dos soldados.

No dia immediato, reconhecida a necessidade

de concentrar na cidade as forças militares que estavam no acampamento de Anguane, afinal inutil e quasi assediado pelos rebeldes, ordenou-se que fosse abandonado. Era mais um punhado de soldados.

Por proposta do tenente Eduardo de Noronha levantaram-se barricadas nas ruas por onde seria possivel que os assaltantes penetrassem mais facilmente. Á noite estavam terminadas e foram guarnecidas. Estava tudo álerta nos postos exteriores e nas barricadas. As patrulhas de cavallaria cruzavam nas avenidas.

*

* *

A gente auxiliar promettida pela rainha Zambia e pelo regulo Ingoazani chegou a sahir do Maputo, mas, provavelmente, já com o firme intuito de nos ludibriar. A sua marcha foi uma devastação brutal de bandidos. Chegados á Catemba exigiram que lhes dessem espingardas Martini (como a Martini estava conhecida n'aquelles sertões!) Não lh'as poderam dar e distribuiram-lhes umas espingardas ordinarias, do systema *Albini,* propositadamente compradas para aquelle fim. Receberam-n'as de má sombra e fugiram com ellas, inopinadamente, para as suas terras.

Refere o sr. Eduardo de Noronha ácerca d'esta gente de Maputo:

«Do que não resta duvida é da chegada á Catemba do emissario do Gungunhana, trazendo um categorico *ultimatum,* em que se declarava ao chefe da *impi* que se hostilisassem os revoltosos o Gungunhana mandaria gente em seu auxilio».

O rei de Gaza era na sombra e pelo seu terrivel prestigio o mais poderoso auxiliar dos cafres rebellados.

A 4 d'outubro os negros da Zixaxa fizeram uma

audaciosa incursão até proximo da cidade e roubaram os gados que pastavam na langua de Munhuana, depois de terem retalhado a golpes de azagaia um dos guardadores.

Com tão arrojados inimigos, demais a mais, sabedores de quanto se passava na cidade, pois que dispunham de numerosos espiões, que não era facil reconhecer e annullar; comprehendeu-se que a defeza era ainda insufficiente e que de um momento para o outro não seria difficil que os cafres penetrassem na povoação.

Por proposta do engenheiro Paes d'Almeida construiram-se *blockhaus* de madeira e zinco. Chegou a 12 o seu numero total. A direcção da defeza foi confiada ao coronel Araujo de engenheria, director do caminho de ferro.

Eram frequentes os alarmes na cidade, extenuador o serviço na guarnição das barricadas e dos *blockhaus,* durante longas noites, tempestuosas e lugubres.

Em 9 d'outubro nova investida e nova escaramuça. Se não fosse a linha dos *blockhaus,* os cafres da Magaia teriam entrado na cidade, depois de terem assassinado vinte e duas pessoas na Pulana, azagaiando as proprias creanças! Furiosos pelo insuccesso da investida, assassinaram um pobre homem, que encontraram isolado e indefezo.

Volveram então para a cidade os dias angustiosos do terror. A dois passos das suas barricadas, o homicidio, o roubo, a destruição impune, e a onda dos cafres, formidavel e immensa, a esbravejar, quasi ao alcance da sua artilheria!

*

* *

Havia chegado participação telegraphica de que o governo da metropole decretára a partida immediata de um batalhão de caçadores e de uma bateria de artilheria de montanha do exercito; que varios na-

vios de guerra estavam apromptando para reforçar a estação naval de Moçambique e que em Angola se organisava um contingente de 400 soldados negros, para reforçar a guarnição de Lourenço Marques.

Consoladoras noticias, que valiam um abençoado allivio, uma forte e realentadora esperança n'aquella atormentada existencia de uma cidade que não podia contar afoitamente com o dia immediato, a cada noite velada nas plataformas dos *blockhaus* ou junto dos canhões e das metralhadoras nas barricadas.

Mas que longo periodo ainda de perigos e de provações, apezar da brevidade excepcional com que a expedição fôra organisada na metropole?

A boa nova espalhou-se rapidamente na cidade; revelava-se em todos os rostos, era o desafogo de todos os animos. Os cafres souberam-n'a, como sabiam tudo.

Entenderam os rebeldes, ou melhor talvez, entendeu o astuto conselheiro de Mamatibjane que era chegado o momento opportuno de intentar um ataque decisivo a Lourenço Marques.

Quando os soldados brancos chegassem, a cidade estaria espoliada, morta entre os despojos fumegantes da sua nascente prosperidade. Combinou-se o plano. O regulo da Zixaxa era a individualidade preponderante, a alma da lucta, como o Finish, era o cerebro, o pequeno Moltke negro d'aquella horda de selvagens. Mahazuli com a sua gente atacaria pela Munhuana, Maxequene e Ponta Vermelha (direita e centro da linha defensiva) e a gente da Zixaxa e da Moamba investiria a cidade pelo L'hanguene, pela estrada do Transvaal e baixa do Mahé. As forças dos tres regulos não seriam inferioriores a 12 ou 14.000 cafres, dos quaes havia muitos armados com espingardas.

A cidade não teria mais de cento e vinte homens disciplinados, marinheiros e soldados da policia. Dos voluntarios brancos alguns se bateriam

intrepidamente, mas com os parses, mouros, baneanes e pretos não seria licito contar.

Pelas 9 horas da manhã de 14 d'outubro um ex-soldado da cavallaria de policia encaminhava-se a cavallo para o Infulene, onde tinha uma cantina. Quando ia proximo da capella da missão de S. José do L'hanguene, viu surgir de todos os lados negros armados, como avançadas de uma grande multidão que se agitava a coberto de um canniçal. Era a gente da Zixaxa e da Moamba.

O ex-soldado comprehendeu a situação e o perigo e voltando rapidamente o cavallo, enterrou-lhe as esporas nos ilhaes e deitou em doida carreira para a cidade, a essa hora tranquilla e no descanço reparador da noite perdida. Aquelle homem obscuro, que as azagaias não poderam alcancar, salvava Lourenço Marques.

Chegou a um dos *blockhaus* e communicou a aterradora noticia. Havia ali apenas uma peça e dois soldados da policia. Deixal-o. Os negros avançavam. Os primeiros tiros da defeza seriam tambem o signal de alarme. Guarnecem os dois a peça. Ao primeiro tiro uma roda do reparo invalida um d'elles, n'um forte movimento de recuo. Embora. Ficava o outro. Carrega e faz fogo elle sósinho; a segunda granada rebenta no ar, como rebentára a primeira, mas a do terceiro tiro cae sobre a onda negra e produz enormes estragos, que por um momento apavoram os atacantes.

A cidade está já em alarme. Os soldados da policia correm do quartel onde comiam o rancho e vão guarnecer a linha ameaçada, sob o commando do valente capitão Aguiar. São apenas algumas dezenas de homens, mas o fogo toma uma intensidade extraordinaria. Quasi todas as pontarias das peças são feitas pelo capitão. Não se perde uma granada. Seriam 70 homens e estavam fazendo frente a 7.000. Era um contra cem!

Na cidade o pavor é indescriptivel. Uma locomotiva que ia tomar agua e recuava para a estação,

depois do primeiro alarme, solta o signal de perigo, o silvo inquietador, um como grito de pavor de alguma enorme ave selvagem.

A população, surprehendida no seu breve repouso, acotovella-se livida, desorientada, semi-nua, como no lance de um incendio pavoroso.

Os intrepidos marinheiros occupam o seu posto a passo de carga. As barricadas estão ainda desguarnecidas de voluntarios. As mulheres e os timidos embarcam de tropel para bordo dos navios surtos na bahia. Em toda a parte pedem e reclamam os marinheiros e a policia, que são apenas um punhado d'homens e que são afinal a defeza suprema.

Os governadores e os officiaes estão no seu posto. Volvido o momento de estranha confusão d'aquella gente, a quem falta a disciplina militar, os voluntarios mais animosos guarnecem as barricadas, na resolução de morrer combatendo

Chocam-se nos ares com o ruido secco das descargas e a interjeição formidavel dos canhões os gritos lancinantes das mulheres que não poderam fugir. Os baneanes, a tremerem como creanças, são mais timidos e mais inuteis que as mulheres.

De bordo da *Rainha de Portugal* desembarcou tudo quanto podia disparar uma espingarda — os fogueiros, os creados, os doentes que podem arrastar-se. A bordo da canhoneira ingleza *Trush* preparava-se o destacamento de desembarque para defender o consulado e salvar os seus nacionaes, se os negros conseguissem entrar na cidade.

A policia, com extraordinaria serenidade d'animo, dava descargas com a regularidade dos fogos de exercicio. Os marinheiros, com a sua tradicional coragem, batiam com os seus fogos e punham em fuga a massa de cafres que chegára até ao edificio da fabrica do alcool.

Fugiam agora aquellas hyenas negras, que antes do assalto haviam assassinado barbaramente crean-



CANTO E CASTRO
(Governador de Lourenço Marques)

ças e mulheres desprecavidas, nos arredores da cidade.

Intimidados pelo fogo vivissimo da defeza contra os guerreiros da Zixaza e da Moamba, os guerreiros do Mahazuli não se atreveram a pôr em pratica o plano de ataque, e não completaram a investida intentada pela gente que o Mamatibjane dirigia.

Se os não acobarda a energia da defeza, ter-se-hia combatido nas barricadas e talvez não houvesse milagres de bravura que podessem salvar a cidade.

Calcula-se que os cafres não tiveram menos de 100 mortos e feridos. Na retirada foram perseguidos pela secção de cavallaria, por officiaes e voluntarios a cavallo e por alguns pretos macuas, mas esquivaram-se a todo o contacto com as forças perseguidoras, á frente das quaes ia o governador do districto Canto e Castro.

Podia considerar-se honrosamente concluido o fadigoso assedio de mais de dois mezes.

Não faltariam ainda os alarmes e os receios, mas o combate do dia 14 salvára a cidade.

Provou-se aos cafres que os portuguezes não estavam degenerados a ponto de serem fracos como mulheres, que era o que elles e os seus instigadores espalhavam no sertão.

Quaesquer que hajam sido as hesitações do primeiro periodo da defeza, é consolador affirmar que nenhum antigo chronista dos grandes tempos das conquistas duvidaria consagrar uma pagina de louvor aos bravos de 14 d'outubro de 1894.

Tiveram ali intrepidos representantes essa gloriosa marinha que não tem esquadras e esse bravo exercito, que é como a tradição viva da antiga patria aventurosa.

Todos quantos comprehendiam o que valia aquella bandeira erguida sobre Lourenço Marques, nos dias de tormentosa provação, souberam comprir honradamente o seu dever. Alguns foram além do proprio dever e será um grande exemplo a citar

o do valente commandante da *Rainha de Portugal*, o capitão de fragata Moraes e Sousa, que em todas as noites deixava as commodidades do seu navio, para ir compartilhar com os seus marinheiros desembarcados, como simples voluntario, as fadigas e os perigos na linha dos *blockaus* [1].

A defeza de Lourenço Marques é bem o honroso prologo das campanhas que vamos descrever. Prologo escripto á antiga, pelos marinheiros e pelos soldados, na intrepidez de um contra cincoenta.

[1] Citaremos aqui alguns officiaes de marinha e do exercito e alguns funccionarios que tomaram parte na defeza da cidade: Governador do districto Canto e Castro; 2.º tenente Sepulveda e guardas marinhas Nogueira, Pinto Cardoso, Pereira da Silva, Santos e Silva Cardoso. Do exercito: general Fernando de Magalhães, governador geral da provincia, coronel Araujo, tenente coronel Nogueira, majores Assumpção e Martins de Carvalho, capitães Aguiar, Pina Rollo e Miranda, tenentes Noronha, Encarnação, Nogueira, Silva e Moreira de Sousa e alferes Custodio Silva, Praça, Baptista da Silva, José Francisco e Castello Branco.

Funccionarios civis: engenheiro Paes de Almeida e subchefe da repartição de fazenda Ernesto Mestre.



MORAES E SOUSA
(Commandante da «Rainha de Portugal»)

VII

PARA A AFRICA

Em fins de setembro corriam em Portugal noticias inquietadoras ácerca de Lourenço Marques, mas todas ellas de proveniencia estrangeira e de suspeitosa origem.

Alguns dias depois de se haver reeditado lá fóra o velho boato da venda de Lourenço Marques aos inglezes, esse boato que de quando em quando renasce das proprias cinzas, como a Phenix mythica, publicava a Agencia Havas o seguinte telegramma:

«Lourenço Marques, 25, n. — Aguardam-se disturbios serios. O chefe dos *kaffires*, Mahazuli, reuniu alguns milhares de *kaffires*, diz-se que para atacar a cidade. O governo distribuiu armas á população branca para se defender».

Como era de esperar, este telegramma causou viva emoção em Portugal. O governo expediu um telegramma ao governador geral de Moçambique,

pedindo-lhe informações, e antes que houvesse tempo de ter resposta, recebia um telegramma do sr. general Fernando de Magalhães, dando conta d'uns boatos de hostilidades, em que não acreditava, mas que o levavam a tomar precauções para proteger a cidade contra qualquer surpreza.

Um illustre jornalista que havia exercido já uma alta commissão eventual na Africa, explicava no jornal de que é director, que os taes *kaffires* do telegramma da Havas não eram outra cousa senão os cafres ou landins das Terras da Corôa, e accrescentava não ser provavel que os landins se atrevessem a atacar Lourenço Marques.

Outro jornal de Lisboa, que se declarava informado por pessoa que havia estado n'aquelle districto africano, não achava improvavel o assalto da cidade pelos negros, mas não lhe parecia que fosse cousa muito para recear. A rebellião parecer-se-hia com muitas outras, sem importancia, que anteriormente se haviam suffocado nas terras de Lourenço Marques.

Em 27 de setembro appareceu nos jornaes um telegramma de Londres, informando que haviam desapparecido os receios em Lourenço Marques, e que a cidade retomára a sua tranquillidade normal.

O governo resolveu reforçar a estação naval de Moçambique com a corveta *Affonso d'Albuquerque* e a canhoneira *Rio Lima.*

Por essa occasião noticiou o *Temps* que em Lourenço Marques haviam desembarcado marinheiros inglezes. Referia-se ao facto de ter desembarcado da canhoneira *Trush* um destacamento que fôra guardar durante a noite o edificio do consulado inglez. O desembarque effectuára-se quasi clandestinamente e o governador do districto protestou contra o facto, logo que d'elle teve conhecimento. O consul inglez limitou-se então a combinar com o commandante da canhoneira os signaes com que, em caso de perigo, poderia avisal-o para mandar defender o consulado com as forças de desembarque,

sempre promptas ao primeiro alarme, especialmente de noite. Estes signaes de telegraphia optica eram feitos de dia com bandeiras e á noite com luzes.

Em 4 de outubro ainda um importante jornal de Lisboa estava convencido de que a rebellião era sómente do regulo Mahazuli, cujas forças suppunha pouco importantes.

Mas a grandeza do perigo era já incontestavel em Lourenço Marques e o governador geral pediu telegraphicamente urgentes reforços.

Um telegramma de Johannesburg, simples producto d'um falso boato, ou brutal insidia de inimigos nossos, dava Lourenço Marques tomada pelos cafres!

*

*   *

O governo resolveu acudir immediatamente á colonia, mandando-lhe um forte contingente de soldados de Angola e um importante reforço da metropole.

Em relação ao contingente colonial seguiam-se os precedentes nacionaes e os exemplos das grandes nações européas. Como vimos já no segundo capitulo d'este livro, a Inglaterra e a França teem organisado as expedições ao ultramar com importantes elementos das suas tropas coloniaes.

Com respeito á expedição da metropole, quebrar-se-hia a tradição antiga e persistente de organisar corpos de gente collecticia, aventureiros sem escolha, quasi sempre o exgoto das casernas. Iriam unidades constituidas do exercito, como para as possesões africanas só por excepção havia ido a expedição de 1891.

A urgencia era enorme, a conjunctura gravissima, o perigo excepcional. A Europa escutava attentamente os echos de Lourenço Marques; era precisoso que fosse quem soubesse honrar a um tempo o nome do exercito e as altivas tradições da bandeira nacional.

Tinha chegado a crise formidavel da politica ultramarina, a grande politica historica da nação portugueza. Era indispensavel fazer um esforço violento, mesmo a troco de qualquer sacrificio dos nossos recursos e da nossa pobreza, ou ficariamos irremediavelmente perdidos como potencia colonial, o que equivaleria a descer de categoria na Europa e a fechar, talvez para sempre, o maior livro da iniciativa portugueza no mundo.

Deixar que se perdesse Lourenço Marques, a nossa colonia de maior futuro, seria um golpe mortal na honra d'este paiz, seria perder tambem Moçambique e deixar que vibrasse irrespondivel o grito de incitamento á pilhagem do resto que nos ficasse.

Toda a hesitação e toda a demora valeria um desastre.

Era então ministro da marinha e do ultramar um valente e illustre official de marinha, de valiosos serviços na Africa—o sr. João Antonio de Brissac das Neves Ferreira.

Era ministro da guerra o sr. coronel Luiz Augusto Pimentel Pinto, um dos ministros a quem o exercito deve os mais assignalados e inolvidaveis serviços em prol da sua instrucção, da sua disciplina, do seu nivel moral.

Podiamos evitar aqui as palavras de louvor, que a outros de maior authoridade é licito dizer, sem que lh'as averbem de lisonja, como podem averbar as nossas, vista a distancia entre quem as merece e quem as escreve. N'este livro, porém, similhante receio seria alguma cousa mais de que uma injustiça, porque seria uma lacuna injustificavel.

Nas ultimas campanhas d'Africa tem o sr. Pimentel Pinto a partilha honrosissima, que não póde negar-se aos *organisadores da victoria,* como a não recusa a historia á culta energia do conde de Castello Melhor, que tornou possiveis os ultimos grandes triumphos da guerra dos *vinte e oito annos.*

O sr. Pimentel Pinto empenhou devotadamente todos os esforços de que era capaz na organisação

rapidissima do primeiro troço da expedição a Moçambique. Teve a nitida comprehensão d'aquella perigosissima conjunctura.

D'esta gloria ninguem, absolutamente ninguem, poderá esbulhal-o. Nem os seus mais implacaveis adversarios.

Em cinco dias decretou-se a expedição, preparou-se e partiu! Pela firmeza da resolução havia sómente dois precedentes, que em outro capitulo indicámos; pela rapidez da organisação, não havia nenhum.

Depois de uma prevenção, que precedera tres dias apenas a publicidade official da resolução do governo, a ordem do exercito n.º 22 de 1894 publicava o seguinte decreto:

SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA
REPARTIÇÃO DO GABINETE

Sendo conveniente reforçar a guarnição do districto de Lourenço Marques: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º São postas á disposição do ministerio da marinha e ultramar, para embarcarem com destino a Lourenço Marques, o 2.º batalhão do regimento n.º 2 de caçadores da Rainha, uma bateria de artilheria de montanha com quatro bôcas de fogo, uma secção do serviço de saude, uma secção da administração militar e uma secção de material de guerra, com os effectivos indicados no mappa A. As bagagens e reservas de fardamento que hão de acompanhar o batalhão e bateria são as mencionadas no mappa B.

Art. 2.º As condições, vencimentos e vantagens com que as referidas forças vão prestar serviço no indicado districto são as que constam das instrucções annexas ao decreto de 16 de dezembro de 1890.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra e o ministro e secretario d'estado dos nego-

cios da marinha e ultramar assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 9 de outubro de 1894.=REI.=*Luiz Augusto Pimentel Pinto—João Antonio de Brissac das Neves Ferreira.*

Do mappa A, a que se refere este decreto, extrahimos o seguinte quadro das forças do primeiro troço expedicionario:

FORÇAS QUE EMBARCARAM PARA LOURENÇO MARQUES

Designações	Pessoal			Animal			Peças de montanha (7 c.)
	Officiaes	Praças de pret	Todos	Cavallos	Muares	Todos	
Caçadores 2	17	513	530	2	4	6	
Bateria de montanha	5	76	81	5	20	25	4
Secção do serviço de saude		2	2		2	2	
Dita da administração militar	1	9	10	1		1	
Dita do material de guerra	1	3	4				
Total	24	603	627	8	26	34	4

Estas forças levaram o material completo de bivaque, reserva de fardamento e calçado e uma importante reserva de munições de artilheria e de cartuchame para a carabina Kropatschek com que estavam armados os caçadores e os serventes da bateria de montanha. Iam 250 tiros por peça e 600 cartuchos com bala para cada carabina.

O material de guerra fornecido pelo arsenal do exercito importava em 13:334$909 réis.

Pelos depositos geraes de medicamentos, de roupas e objectos de cirurgia do exercito foram fornecidos artigos no valor de 1:503$846 réis, in-

cluindo a importancia de 30 filtros Mallié. Mais tarde enviaram-se mais 240 filtros, no valor de 1:692$080 rèis.

Com a secção da administração militar foram os necessarios elementos para o estabelecimento de uma padaria.

Eram importantes as quantidades de generos alimenticios adquiridos para a subsistencia da expedição em Lourenço Marques, durante os primeiros tempos.

Era commandante em chefe da expedição o sr. major José Ribeiro Junior.

No dia 15 d'outubro, cinco dias depois da publicação do decreto, a expedição partia para Lourenço Marques, a bordo do paquete *Cazengo,* da *Companhia Nacional de Navegação para a Africa Occidental.*

*

* *

A partida foi um lance commovedor, inolvidavel. Enchia de ternura e de orgulho!

O dia rompera brilhante, claro, azul, inundado de sol, entre scintillações de oiro antigo. Um dia formosissimo de outomno, cheio de encantos sob o lucido céo de Lisboa, a reflectir-se nas amplidões do Tejo e a levantar-lhe das aguas fulgores de aço polido, como de um arnez de cavalleiro medieval.

Desde manhã que a multidão, contida por fileiras de policias, se acotovellava anciosa na praça do Municipio, defronte do arsenal de marinha. Esperava a chegada dos expedicionarios.

Na longa ponte do arsenal viam-se filas successivas de officiaes do exercito e da marinha, entre os quaes algumas dezenas de pessoas da classe civil quebravam a viva tonalidade dos uniformes.

No Tejo um movimento excepcional de pequenos barcos, de fórmas varias, engalanados de bandeiras multicores.

Entre a multidão, mulheres que soluçavam e

... olhos afogados de lagrimas. Eram mães, esposas, noivas e irmãs dos que iam partir.

Para a Africa! Como era lugubre a sua tradição antiga! E de bocca em bocca se iam rumoreando as noticias esmorecedoras que os nossos jornaes tinham traduzido da imprensa estrangeira, muitas vezes informada pela insidia de quem tinha a peito exaggerar os nossos infortunios. Calculava-se a multidão terrivel dos cafres e falava-se na protecção que lhes dava o poderoso chefe dos vátuas, que tantos milhares de guerreiros poderia mover contra os nossos. E a favor de tantos inimigos, o maior, o mais pavoroso, o mais terrivel de todos — a febre! — Antigos marinheiros e soldados davam pormenores dos trabalhos asperrimos da Africa.

Como viriam elles, os pobres rapazes, subitamente arrancados das relativas commodidades da vida europêa, para serem arremessados ao sertão negro, a tres mil leguas do seu lar, do seu casalejo, da sua aldeia? Os officiaes, esses, sim, deviam soffrer tambem, mas o seu espirito culto via de mais alto e melhor o que era a terra africana e o sacrificio d'aquella empreza. Os soldados, porém, rudes ingenuos, ha mezes sahidos das suas montanhas, dos seus grosseiros labores ruraes, esses tinham ouvido apenas a vaga noticia do perigo, de bocca em bocca exaggerada, e da Africa só conheciam a velha noção tenebrosa, que fizera d'ella o escoadoiro das prisões, na equivalencia da forca abolida. Ir para a costa d'Africa era nas povoações montesinhas a formula do supremo castigo, da suprema desgraça, do ultimo desespero. Da outra formula, immensamente mais antiga—*metter uma lança em Africa* —a formula dos dias brilhantes da conquista marroquina, d'essa não sabiam elles a remota significação.

Nos quarteis fazem-se as ultimas despedidas, no de Valle de Pereiro, onde está caçadores 2 e no de Campolide, onde se alojára a bateria de montanha, que viera de Penafiel. Saem os expedicionarios; en-

chem-se as janellas de senhoras que agitam lenços, e agglomera-se o povo nas ruas, acclamando as tropas que passam. Na vanguarda de caçadores a banda do regimento solta as notas do hymno nacional, como um cantico de batalha; á frente dos artilheiros a charanga do regimento n.º 1 da arma faz vibrar nos ares a sua soberba marcha de guerra.

Sente-se um fremito inexplicavel de enthusiasmo e de admiração por aquelles homens e por aquelle sacrificio. Aquella musica é como uma vaga evocação antiga, que nos desperta a alma em ancias de novos dias e na profunda nostalgia da victoria, ha tanto apartada de nós. Se elles podessem vencer!

Pois se alguem chorava, não eram elles, os que iam partir! Deviam soffrer, soffriam muito, mas sabiam apagar no rosto as sombras da saudade, até os mais rudes e bisonhos galuchos, como se de subito sentissem dentro de si a forte alma aventurosa d'outros tempos! Tiveram a noção intuitiva da sua abençoada missão patriotica e dir-se-hia que todos comprehendiam unanimes a necessidade suprema de realentar pelo exemplo este povo pessimista, por tantos infortunios esmorecido!

Foi o primeiro acto de coragem d'aquelles soldados e não foi o menos difficil. A disciplina apenas podia compellil-os a partir e a baterem-se, mas em cada um, nos mais humildes, nos menos cultos, nos mais inexperientes, lá estava o coração a dizer-lhes que era preciso saber-se como de cabeça erguida, com o sorriso da confiança e o nome de Portugal nos labios, se diz adeus a tudo o que ha de affectuoso e santo na patria, para lhe ir defender a honra e a bandeira.

Defronte do arsenal de marinha, o povo, n'um accesso de enternecido orgulho, refluia sobre as fileiras e cortava a marcha, abraçando os soldados. Mal sabia elle então que immenso dever estava cumprindo.

Passaram, e o enthusiasmo, que fôra uma suggestão da firmeza d'animo d'aquelles soldados, tol-

dou-se em sombras de amargos vaticinios. *Talvez cá não volte nenhum!* — era a phrase esmorecedora dos pessimistas e o gemido d'alma das mulheres, que soluçavam entre a multidão.

Atracado á ponte do arsenal de marinha, com os porões abarrotados de carga, o arcaboiço negro, negro o cano fumegante, o *Cazengo*, a resfolgar pelos seus pulmões d'aço, está recebendo os ultimos soldados.

Fazem-se as despedidas a bordo, trocam-se as ultimas saudações. A maré está descendo; o paquete desatraca da ponte.

Move-se no rio a flotilha onde se agitam, como bandos de passaros estonteados, as bandeiras e os lenços. Com as suas grosseiras botas de marcha os soldados treparam ás enxarcias e soltam a alma e mascaram a saudade em brados consecutivos de saudação á patria. A multidão, agglomerada á beira do rio, responde-lhes como um echo immenso, demorado, profundo, que se repete nas amplidões do Tejo. O sol inclina para o mar a sua juba de oiro e as bandeiras esvoaçam no ar, como aves multicores.

O *Cazengo* afastára-se lentamente e fôra amarrar á boia, para completar o embarque que a vasante não deixára concluir na ponte do arsenal. Pouco depois levantava no ar o seu immenso pennacho de fumo negro e fazia a derradeira saudação á terra no silvo estridente da machina.

Todos os navios içaram o signal de ***boa viagem*** e, já, ao longe, divisam-se ainda por sobre as amuradas do paquete os lenços a arfarem na derradeira despedida e os cobre-nucas das barretinas a alvejarem sobre o vulto negro do navio.

E na curva distante do horisonte, sobre o mar, o espirito dos que sempre crêram na alma nacional, como que via desenharem-se as cumiadas resplandecentes da Historia, grandes como turbilhões de nuvens, e sobranceira a ellas a estrella remota dos nossos destinos.

Bem certo é que a cada grito de alarme desperta rejuvenescida e paira acima dos nossos erros, da nossa pobreza, dos nossos infortunios, a inclita alma antiga.

Não foi o arcaboiço de pinho das naus do Gama que nos deu as victorias do Oriente, nem foram as pedras do Guzarate, aprumadas em baluartes, que nos fizeram a epopêa de Diu. Foi a alma dos nossos marinheiros, a alma dos nossos soldados, a alma portugueza, e essa não morreu ainda.

VIII

AS PRIMEIRAS OPERAÇÕES

No dia immediato ao da partida do *Cazengo* já o regimento de infanteria n.º 2 tinha prevenção para estar prompto a embarcar para a Africa, á primeira ordem. Devia partir com um effectivo correspondente ao duplo do que levára o 2.º batalhão de caçadores n.º 2.

Em Lourenço Marques recebeu-se com immenso jubilo a noticia telegraphica do embarque do primeiro troço da expedição, mas não se dissiparam os plausiveis receios de um novo ataque. O insuccesso do combate de 14 d'outubro desalentára um pouco os cafres e acirrára divergencias cuja origem vinha de longe. Era provavel que o Mahasuli se sentisse humilhado ante Mamatibjana, a quem quasi desamparára n'aquelle combate e que o celebre regulo da Zixaxa recriminasse o seu alliado pelo mau exito da guerra; mas a despeito d'estas desavenças e do inevitavel effeito moral da derrota, a rebellião mantinha-se e alastrava-se por todo o valle do Inkomati. Mamatibjana não era homem para ceder ao

primeiro desastre, nem o Finish era conselheiro para esmorecer n'um lance de má fortuna. Se não havia animo para investir de novo a cidade, não faltaria constancia para atear a guerra no vasto sertão do Incomati.

Os falsos alarmes continuavam e a cidade, com o commercio paralysado e o animo acabrunhado por tantos sobresaltos e pavores, receava bem a vindicta dos cafres, antes que os reforços tivessem tempo de chegar de Loanda e de Lisboa.

Demonstrára-se pela terrivel evidencia dos factos que pàra a defeza só era licito contar afoitamente com um punhado de marinheiros e com algumas dezenas dos intrepidos soldados da policia, e não era com estas forças que seria possivel guarnecer efficazmente a extensa linha dos postos exteriores. Qualquer que fosse a coragem dos voluntarios na defeza das barricadas, a sua ignorancia das cousas mais rudimentares do serviço da guerra e a sua insubmissão aos preceitos da disciplina militar, não podiam inspirar confiança na efficacia do seu esforço pessoal, por admiravel que fosse.

Restringiu-se por estas razões a area da defeza da cidade, subordinando-a á pequenez da guarnição europêa, e pensou-se em contractar um corpo de 600 *boers,* resalvando as susceptibilidades do amor proprio nacional com o precedente da Inglaterra, que em tempo contractára gente dos sertões para lhe ajudar a bater os zulus e com o exemplo da Allemanha, que constitue as suas tropas das colonias africanas com negros contractados na Zululandia e no Sudão [1].

Deve dizer-se que este alvitre foi suscitado e applaudido quasi exclusivamente pelos estrangeiros da *Associação Commercial.* A quasi totalidade dos com-

[1] Os quadros de commando compõem-se de europeus, quer nas tropas de occupação — *Schützroup,* quer nas forças de policia — *Polizeitroupe.*

mercìantes portuguezes era adversa ao alistamento dos *boers* e n'este sentido telegraphou para o ministerio da marinha, depois de uma reunião no *Atheneu Commercio e Industria*.

Entretanto proseguiam os trabalhos de defeza. Reforçaram-se as barricadas e combinou-se o plano de resistencia, de forma que, a não poderem sustentar-se os postos exteriores, a defeza se concentrasse na *Praça 7 de Março*.

Haviam chegado á cidade varios *reporters* de jornaes estrangeiros e á bahia os navios de guerra inglezes *Sparrow, Philomel* e *Rancoon* e o cruzador allemão *Seeadler*.

Em fins de outubro constou que a gente da Zixaxa estava abatida d'animo e que o Mamatibjana se havia retirado para a Magaia com os seus guerreiros, de mais firme lealdade e valor. Na cidade tinham-se apresentado varios *indunas* de alguns regulos das Terras da Corôa, que iam affirmar a sua obediencia ao governo.

A cidade ia retomando o seu aspecto normal. Até se apagára já a impressão dolorosissima causada pela tragica barbarie da ilha Xefina, onde os cafres haviam assassinado a azagaia e a machado um italiano e o intrepido compatriota nosso, Carlos Lopes, um neto do glorioso patrão Joaquim Lopes,

No dia 7 de novembro começou a demolição das barricadas exteriores, já consideradas inuteis, e á noite a banda de musica de caçadores 4 (indigena) tocava no jardim publico, *pela poimeira vez desde 24 de setembro,* observa o sr. Eduardo de Noronha no seu livro, tantas vezes aqui citado.

A 10 chegava o paquete *Angola* com 400 soldados angolas; em 12 o *Cazengo* com a expedição da metropole, anciosamente esperada.

Emfim. Acabára o pesadelo de mez e meio.

*

* *

Na metropole receava-se dia a dia que subitamente chegasse a noticia telegraphica de um novo ataque á cidade, antes que ali houvesse aportado a expedição. Seria um desastre enorme, principalmente pelo inevitavel desembarque das guarnições dos navios estrangeiros. Calculem-se as formidaveis complicações internacionaes que esse facto não havia de produzir!

O telegramma de Lourenço Marques, noticiando a chegada do *Cazengo,* valia para o governo e para o paiz a noticia jubilosa de uma victoria. A lucta nos sertões seria asperrima e incerta, mas o perigo maior, n'aquelle momento, estava no pretexto para a intervenção estrangeira, que de um lance e no embate de poderosas ambições, nos poderia perder a colonia.

Na resolução de levar a guerra até onde á honra e aos interesses do paiz fosse preciso leval-a, preparava o governo outros troços expedicionarios mais importantes, que deviam seguir para a Africa, em estação apropriada ás operações dos europeus no sertão negro.

E como era preciso confiar a direcção superior da provincia a um funccionario cuja categoria e poderes extraordinarios fossem muito além da categoria e poderes de um governador geral, pois que com os negocios administrativos e com as operações militares poderiam enlear-se negociações ou pendencias diplomaticas de urgente solução entre o governo superior da provincia e as colonias estrangeiras e estados independentes que com ella confinam; decidiu o governo entregar á suprema direcção de um commissario regio todos os negocios d'aquella colonia, em tão difficil conjunctura.

Effectivamente em fins de novembro publicou o *Diario do Governo* o seguinte decreto:

SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR — DIRECÇÃO GERAL — 1.ª SECÇÃO

Considerando as circumstancias que actualmente

se dão na provincia de Moçambique e os meritos, serviços e conhecimentos especiaes que concorrem na pessoa de Antonio José Ennes, do meu conselho, ministro e secretario d'estado honorario: hei por bem nomear o referido Antonio José Ennes commissario regio na provincia de Moçambique, devendo n'esta qualidade exercer, relativamente á administração e ao governo da provincia, todas as faculdades e attribuições do Poder Executivo e bem assim representar o governo em quaesquer negociações diplomaticas que ali se tratem com agentes ou representantes estrangeiros e que se refiram ao dominio portuguez na Africa Oriental.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios da marinha e ultramar e dos negocios estrangeiros assim o tenham entendido e façam executar. Paço, 30 de novembro de 1894.=REI.=*João Antonio de Brissac das Neves Ferreira—Carlos Lobo d'Avila.*»

Homem de talento pujante e de rara energia, conhecedor da historia e das condições da provincia de Moçambique, onde já estivera como encarregado da delimitação da fronteira de Manica, o sr. Antonio Ennes, o ex-ministro da marinha que mandára a Moçambique a expedição nomeada em fins de 1890, era realmente um funccionario digno d'aquella alta categoria e d'aquella enorme responsabilidade.

Jornalista brilhante, homem de lettras laureado, homem politico na alta esphera onde se rematam as aspirações dos homens d'estado, o sr. Antonio Ennes prestou ao seu paiz um serviço relevantissimo e deu um raro exemplo de civica abnegação, n'aquelle momento gravissimo da historia portugueza.

Abandonando as commodidades da sua placida vida de Lisboa, apartando-se do seu lar, o sr. Ennes ia sacrificar a saude, a vida talvez, e tomava sobre si responsabilidades de tal modo enormes, que podiam subitamente esmagar-lhe todas as ven-

turas da sua alma e até a gloria do seu poderoso talento, n'uma d'essas horas funestas, que dependem dos caprichos da fortuna e que tantas vezes são a suprema iniquidade da opinião publica.

Iria tambem organisar a lucta e, não podendo dirigir nem vencer combates, havia de ficar acabrunhado na sombra dos que se perdessem. No lance angustioso de um desastre, em que todas as opiniões se desvairassem em arrebatamentos de desespero e de dôr, a injustiça havia de feril-o, a elle, o *paizano* que não commandava batalhas, a elle primeiro do que a nenhum outro.

Quando o seu talento o não previsse, dizia-lh'o a grande lição da historia, que elle lucidamente conhece. Sabia-o e acceitou o asperrimo encargo. Na evidencia d'este sacrificio, refulgem immensamente mais que a fama do seu talento as glorificações da sua alma de patriota.

*

* *

Pouco depois de haverem chegado a Lourenço Marques as duas expedições militares, entraram na bahia a corveta *Affonso d'Albuquerque* e a canhoneira *Rio Lima*.

As tropas européas começaram logo a ser atacadas pelas febres e o hospital ficou atulhado de doentes. A época era a mais funesta para os europeus e a menos propria para emprehender uma campanha nos sertões cortados de languas e todos elles transformados em immensos pantanos. Mas o campo de Auguane abandonado era como que uma affronta para as tropas recem-chegadas, e, no seu rude egoismo, alguns estrangeiros diziam em ar de mofa que os nossos soldados eram para estar dentro de redomas. Ignorantes do que havia succedido aos francezes no Dahomé, ou esquecendo-o propositadamente, o que elles queriam era que os pobres soldados fossem quanto antes bater os negros, para

que nem sequer de leve os opprimisse o receio de um novo ataque á cidade.

Decidiu-se a reoccupação de Anguane e um reconhecimento offensivo pela flotilha, na ilha Xefina e no Incomati.

Pela madrugada de 5 do corrente concentrava-se uma columna de operações nas terras adjacentes ao cemiterio da cidade. Era constituida por duas secções da bateria de montanha, por 23 praças da cavallaria da policia, pela 3.ª e 4.ª companhia de caçadores 2, por uma companhia do batalhão indigena e por um troço de auxiliares. A columna ia sob o commando em chefe do governador do districto, a infanteria era commandada pelo sr. major Ribeiro, de caçadores 2, e a artilheria pelo sr. capitão Machado. Os auxiliares eram dirigidos pelo sr. Mello Breyner. Era de 600 homens a força total.

A expedição europêa não só estava reduzida pelas baixas ao hospital, mas, principalmente, porque destacára para Inhambane uma secção de artilheria de montanha e duas companhias de caçadores 2. Constára que os landins intentavam atacar aquella villa, ou talvez se receasse alguma aventura dos vátuas, e por isso fôra enviado para ali este importante reforço.

O comboio de abastecimento e de munições das tropas destinadas a Anguane compunha-se de 17 carros.

As tropas iniciaram a marcha depois de ordenado o respectivo serviço de segurança. O corpo da guarda avançada era formado por uma patrulha de cavallaria (flexa), por um troço de voluntarios a cavallo, por um troço de auxiliares, pela secção da sapadores de caçadores 2 e pelas secções de artilheria, apoiadas pela 3.ª companhia d'aquelle regimento. O grosso da columna compunha-se da 4.ª companhia de caçadores 2 e das forças do batalhão indigena. Com o commandante em chefe iam como voluntarios o capitão de engenheria Barahona e Costa e o medico Arnaldo de Menezes. O comboio ia

escoltado por soldados indigenas e por alguns soldados de cavallaria. A guarda da rectaguarda era composta de soldados indigenas. Os flanqueadores eram da companhia de policia.

Os carros do comboio difficilmente rodavam na areia alagada e tornavam a marcha demorada e embaraçosa.

A um kilometro de Anguane a extrema vanguarda encontrava um grupo suspeito de cafres que fugiram rapidamente. Dois exploradores a cavallo vieram dar noticia de que uma força de rebeldes estava acampada em Anguane.

Os auxiliares com tres soldados de cavallaria e tres voluntarios fôram sufficientes para pôr os cafres em fuga.

A columna occupou Anguane, onde só horas depois poderam chegar os carros e a guarda da rectaguarda!

Em commettimento de maior importancia e na proximidade de um inimigo numeroso teria sido indispensavel, para evitar uma divisão funesta das forças, marchar em quadrado com os carros no centro, quaesquer que fossem as difficuldades a vencer e a morosidade inevitavel da marcha.

Estabeleceu-se o serviço de segurança e por duas vezes houve signal de alarme. Os cafres não tinham fugido para longe. A chuva era torrencial. As tropas estavam encharcadas. O inimigo approximava-se atrevidamente, mas desapparecia logo, intimidado pelos tiros d'artilheria.

Pela madrugada do dia immediato tentaram os cafres uma surpreza, que as vedetas e os postos descobriram a tempo. Vendo percebido o seu plano e precavidos os defensores de Anguane, os cafres afastaram-se para longe do campo, não sem que os nossos os perseguissem, causando-lhes 12 mortos.

Pela sua parte, as duas lanchas-canhoneiras tinham subido o Incomati, o rio de zig-zags mais caprichosos que ha em toda a Africa, e haviam batido as margens até acima de Maçaquesse. Emboscados



FILIPPE NUNES
(Commandante da lancha «Bacamarte)

nos densos mangaes que se emmaranham nas margens do rio, como um labyrintho perigosissimo, os cafres sustentaram vivissimo fogo contra os naviositos. O bombardeamento das margens durou quatro horas. As lanchas ficaram crivadas de balas. Calcula-se que foram importantes as perdas dos negros. Da guarnição dos navios ficaram tres marinheiros feridos.

*

* *

Em 27 de dezembro a flotilha voltou a bater as margens do Incomati, enxameadas de rebeldes. Compunha-se do vapor *Neves Ferreira* e da lancha *Bacamarte*, que devia subir até Marracuene.

A lancha subiu sob o fogo intensissimo dos cafres, que occupavam as duas margens do rio. Cahia sobre ella uma torrente de chumbo. Na volta de Marracuene novamente a *Bacamarte* bombardeou o mangal da Macaneta. No convez da lancha o 1.º tenente Filippe Nunes, seu commandante, dirigia o fogo intrepidamente, e quando elle proprio fazia a pontaria da metralhadora, uma bala dos cafres do Finish passa fatidicamente pela fenda do escudo de abrigo e vara pelas costas o coração heroico d'aquelle brilhante official. Estava cortada tragicamente a carreira auspiciosa de um valente. A vida apagou-se-lhe como um relampago. Filippe Nunes morrera, honrando a bandeira do seu paiz e as altivas tradições da sua classe.

O bombardeamento continuou ainda sob aquella dolorosissima impressão.

Regressada a flotilha a Lourenço Marques, fez-se o funeral do mallogrado official. Foi uma commovedora homenagem. A bandeira portugueza cobriu orgulhosamente aquelle morto que a defendera destemidamente.

O dia 7 de janeiro de 1895 foi assignalado por uma audaciosa *razzia* de cafres, uns 3:000 se calcula que fossem, vindos do seu campo de concen-

tração em Marracuene. Passaram entre Anguane e a cidade, destruiram a linha telephonica, incendiaram pequenas casas e palhotas que encontraram no caminho e foram cahir sobre a linha ferrea, onde assassinaram dois capatazes portuguezes e cortaram a mangueira do reservatorio d'agua. Eram 8 horas da manhã. Dividem-se. Uns correm como chacaes sobre algumas povoações da Matolla e assassinam 60 mulheres e creanças; outros, o maior numero, vão atacar o campo de Anguane, d'onde são repellidos e postos em fuga.

Assim que na cidade houve noticia do atrevido commettimento, immediatamente se organisou uma columna que saiu a perseguil-os, sob o commando do bravo major Caldas Xavier. Baldado empenho. Os bandidos tinham fugido.

Dias depois planeou-se um reconhecimento ás terras da Magaia. Effectivamente no dia 21 de janeiro de madrugada (3 horas) sahia de Lourenço Marques uma columna, composta de uma secção de artilheria de montanha com duas peças, 11 soldados de cavallaria do corpo policial, 120 praças de caçadores 2 da metropole e 80 praças do batalhão de caçadores 3 (indigena). Era commandada por Caldas Xavier.

Percorreu 22 kilometros até Guavá, sem encontrar vestigios dos cafres. Fez alto ali e sahiu então para a frente em exploração, á frente dos 11 soldados de cavallaria, um dos mais arrojados e brilhantes officiaes das nossas ultimas campanhas d'Africa, o tenente de artilheria Paiva Couceiro, já assignalado pela sua intrepidez d'animo no sertão do Bihé.

A pequena distancia da columna, surgiram-lhe atrevidamente 800 cafres, que intentavam cercal-o, a elle e aos seus homens, cortando-lhes assim a retirada sobre a columna. Paiva Couceiro, com o seu inexcedivel arrojo d'animo, manda fazer fogo sobre os inimigos e combate desesperadamente para abrir caminho para o lado de Anguane. A conjunctura é verdadeiramente desesperada. A lucta é de 1 para 65.

Felizmente appareceu uma força de caçadores africanos, que tinha saido tambem em reconhecimento. O inesperado reforço quebra um pouco a audacia dos negros. O effeito moral é immensamente maior que o effeito material, porque os soldados indigenas mal sabem disparar as espingardas. Os cafres desorientados, começaram a retirar por um movimento de flanco na direcção do grosso da nossa columna, que avisada já pelo tiroteio, avança em soccorro das tropas de exploração.

O susto apodera-se então dos cafres, que debandam vertiginosamente.

O dia vae declinando. Os tiros da kropatschek alcançam os fugitivos a grande distancia. As granadas dos canhões de montanha levam a distruição e o terror aos grupos em fuga.

As nossas tropas manifestam desejo de perseguir o inimigo, mas não lh'o consente o experimentado Caldas Xavier, que bem sabia como seria inutil e temeraria a perseguição dos negros áquella hora e por tropas européas, que uma longa marcha havia enfraquecido. Caldas Xavier aprendera a conhecer as guerras africanas primeiro que o major Wissmann, e o illustre allemão diz nos seus preciosos conselhos ácerca das campanhas na Africa:

Quanto nas guerras da Europa a perseguição tenaz é o indispensavel complemento do bom exito de um combate, tanto na Africa é essencial ser circumspecto depois de uma acção victoriosa.

No periodo de um mez fôra aquelle o terceiro recontro em Anguane e suas proximidades.

IX

O QUADRADO DE MARRACUENE

Era preciso tomar á offensiva. Quasi todo o valle do Incomati estava em poder dos rebeldes e seria um desdouro ficar com as tropas européas reduzidas á modesta defensiva de Anguane e dos blockaus de Lourenço Marques. A campanha seria dura e perigosa, mas era indispensavel ao prestigio do nome portuguez.

O commissario regio, que havia chegado a Moçambique em 5 de janeiro, viera pouco depois para Lourenço Marques, base das operações a emprehender e cujo plano em poucos dias foi elaborado por dois officiaes do estado maior, os srs. capitão Eduardo Augusto da Costa e tenente Ayres Ornellas e pelo major Caldas Xavier, que, como sabemos já, conhecia bem os sertões de Moçambique e tinha larga experiencia das guerras africanas.

A campanha limitava-se ainda a uma demonstração offensiva. Só mais tarde, com novos reforços da metropole, se levaria a effeito o plano geral da

guerra, porventura já estudado nos seus lineamentos capitaes.

Era indispensavel avançar para bater os cafres no seu campo de concentração e tambem para desmentir solemnemente as calumnias de alguns jornaes estrangeiros, que suppunham os nossos soldados incapazes de uma campanha offensiva.

Um d'esses jornaes, orgão do poderoso ministro da colonia do Cabo, d'esse homem audaz, que foi denominado o *rei dos diamantes* e que se chama Cecil Rhodes, publicára, entre outras de egual rancor, estas odientas palavras de hostilidade:

«*Para ter a ostentação de conservar esse bonito* (a colonia de Lourenço Marques), *Portugal continuará a fingir que colonisa a costa d'Africa, até que a zagaia do cafre venha confirmar as razoaveis doutrinas prescriptas pelo direito internacional*».

E depois de fallar da alienação da colonia a troco de punhados de ouro, accrescenta na infernal esperança de que a zagaia do cafre collabore na obra ambiciosa da *South Africa*:

«No estado em que estão as coisas, é bem possivel, e até *provavel, que Portugal venha a ser desapossado d'aquelle territorio, sem nenhuma das citadas indemnisações. De que poderão servir os seus regimentos—dando mesmo de barato que elles sejam capazes de entrar desde logo em campanha activa*—se, á sua chegada a Lourenço Marques, abandonada a villa pela sua antiga guarnição cheia de febres, tiver sido atacada ou já estiver de facto nas mãos dos pretos?» [1]

O jornal de Cecil Rhodes respondia á sua pro-

[1] Vide opusculo do sr. conselheiro Augusto Castilho *A proposito de Lourenço Marques.*

pria pergunta. Acariciando a necessidade de uma intervenção ingleza, marca logo o preço d'ella, que seria Lourenço Marques!

Enganou-se nos seus vaticinios a alma damnada da *South Africa*.

As febres não poderam os nossos repulsal-as de Lourenço Marques, mas a cidade não se entregou aos negros e a intervenção não poude effectuar-se, porque lá dentro havia, embora envenenados pelos pantanos, algumas duzias de marinheiros e de soldados de Portugal, que sabiam bem como se defende a honra da sua pequena patria empobrecida.

Só faltava provar-se que as tropas portuguezas eram *capazes de entrar desde logo em campanha activa*.

Marracuene vae responder na affirmação laconica dos canhões, na phrase estridula das kropatschecks.

*

* *

Pelas 5 horas da manhã de 28 de janeiro marchava do alto do cemiterio de Lourenço Marques uma columna de operações assim constituida:

Duas secções de artilheria de montanha com 4 peças de bronze de 7^c e uma secção de metralhadoras com 2 Nordenfelt, sob o commando superior do capitão Machado, tendo por commandantes das secções os tenentes Saccadura, Taveira e Castello Branco.

Um pelotão de cavallaria da policia com 23 cavallos, commandado pelo alferes Antonio Manuel.

Tres companhias de caçadores 2 (1.ª, 2.ª e 3.ª) commandadas pelos capitães Macedo, Cabral e Barros, com a força total de 13 officiaes, 12 sargentos e 228 cabos, soldados e corneteiros, ou 253 homens ao todo.

Uma força de infanteria de policia com 70 praças, commandada pelo capitão Aguiar.

Duas companhias de caçadores 3 da provincia,

com 8 officiaes e 307 praças indigenas, sob o commando dos tenentes Encarnação e Pombo.

Era commandante em chefe d'estas forças o major José Ribeiro de caçadores 2, segundo commandante o major Caldas Xavier, chefe do estado maior o capitão Eduardo da Costa. Adjuntos e ajudantes d'ordens os tenentes do estado maior Ayres d'Ornellas e de artilheria Paiva Couceiro e os alferes de caçadores 2 Virgilio dos Santos e de lanceiros Raul Costa. Quartel mestre o alferes José Francisco, em commissão na provincia.

O serviço de saude e a ambulancia iam a cargo do dr. Ignacio França, cirurgião ajudante do batalhão expedicionario.

EFFECTIVO DAS TROPAS

	Homens
Artilheria	87
Cavallaria da policia	23
Caçadores 2	253
Infanteria da policia	73
Caçadores d'Africa	315
Maqueiros de caçadores d'Africa	20
Total	771

Cada peça de montanha ia municiada com 35 tiros e cada metralhadora com 6.000 cartuchos.

Os serventes de artilheria levavam 30 cartuchos, cada praça de cavallaria 60 e 80 cada praça europeia de infanteria, levando 20 na bolsa e 60 em uma das duas mochilas de viveres com que cada praça ia equipada.

A columna de munições e viveres, com a qual ia o carro da ambulancia, compunha-se dos cofres de munições de artilheria, do carro de munições dos caçadores europeus, de 6 burros com cunhetes de cartuchos para a Snider com que iam armados os soldados pretos, de 8 carros de bois com viveres e agua e de 10 burros de sobresalente.

As forças sairam ao som do hymno nacional e por entre as saudações vibrantes da população.

O céo estava carregado de nuvens negras e ao longe, sobre as cumiadas dos Libombos, os trovões e os relampagos davam a visão de uma batalha gigantesca.

A columna marchava em formatura que se approximava do quadrado. O serviço de exploração era feito pelos indigenas, conforme a pratica seguida em outros campanhas de europeus no sertão africano, pratica preconisada por Wissmann, que é boa auctoridade em questões de guerra no sertão negro. O pelotão de cavallaria marchava em flanqueadores. A guarda avançada ia sob o commando do tenente Couceiro.

Dentro do quadrado as 4 peças de montanha; ao centro as metralhadoras, a ambulancia e um carro de munições.

Á rectaguarda do *quadrado branco* uma companhia indigena explorava o matto, e outra, em quadrado, guardava o comboio.

Em caso de ataque, as forças em exploração reuniriam ao quadrado ou abrigar se-hiam sob os seus fogos, deixando-lhe o campo de tiro completamente desembaraçado.

O quadrado avançava muito vagarosamente; os carros dos comboios enterravam-se na areia ou atolavam-se nas poças d'agua. Aquella formatura, essencial á defeza, nas guerras do sertão contra um inimigo muito numeroso e audaz, era a mais incommoda e embaraçosa para marchar.

Ninguem se queixa; o sacrificio é de todos.

Não raro os mais expansivos resumem toda a philosophia da sua resignação em alguma phrase pittoresca da linguagem popular, disparam algum dito alegre ao camarada mais proximo, ou relembram-lhe casos da vida tranquillamente passada em Portugal.

Chegaram a Anguane. Tinham percorrido 20 kilometros. Estava feita a primeira marcha, real-

mente violenta para tropas européas, já enfraquecidas pelo clima africano e n'aquellas excepcionaes condições [1].

Bastava a formatura para a tornar penosa e fatigante, atravez de terrenos irregulares, cortados de obstaculos, transmudados em charcos enormes. Nas excellentes estradas européas para que uma marcha seja lenta e embaraçosa, é bastante que as chuvas tenham descarnado o mac-adam do caminho e que as forças sejam obrigadas a manter uma formatura regular, embora para marchar, immensamente mais vantajosa do que o quadrado.

Com a kropatschek, que é uma arma muito pesada, com o correame, as munições e o grande capote a tiracollo, envolto em uma tela impermeavel, o soldado europeu de caçadores levava um peso, que não seria inferior a 18 kilogrammas [2].

Na guerra de Dahomé cada soldado europeu d'infanteria levava o peso maximo de 15k,645 e cada soldado indigena 29k,835, segundo as ordens expressas do coronel Dodds.

Algumas *étapes* foram por tal fórma fatigantes e angustiosas, ora sob chuvas torrenciaes ora sob um sol abrazador que tudo parecia queimar, que a muitos dos expedicionarios temos ouvido que preferiam entrar em combate a fazer uma d'aquellas extenuadoras marchas.

No dia 29, pelas 7 horas da manhã, a columna continuou a marcha para Marracuene, que fica a 30 kilometros de Lourenço Marques. Partiu sob enor-

---

[1] Uma phrase de bom humor de um soldado:

— Oh! rapazes, mal imagina agora a minha velhita que o filho anda aqui pela terra dos pretos com os ossos de molho.

A *velhita* era a mãe.

[2] A kropatschek pesa com o deposito carregado 4k,817; o sabre-bayoneta com a bainha de ferro tem o peso de 0k,812. O cartucho com bala pesa 0k,0352.

Com a carga do deposito e da camara esta arma leva 8 cartuchos.

mes torrentes d'agua. O tempo tornára-se peor. As tropas tinham dormido encharcadas e assim proseguiam.

No quadrado já não eram poucos os que iam depauperados pela febre, arrastando-se penosamente.

O capim dobra-se fustigado pelas grossas bategas d'agua; as tropas, sem um fio enxuto, fazem um esforço violento para firmar o passo sobre o solo alagadiço. O gado do comboio, a cada momento espicaçado, arrasta-se tristemente. O quadrado caminha e só de vez em quando um obstaculo do terreno faz perder a regularidade geometrica da formatura,

Os soldados indigenas devastavam os campos de milho dos rebeldes. De quando em quando fulgia no matto o olhar felino dos espiões cafres, que vinham espreitar, quasi de rastos como serpentes, e fugiam logo n'uma vertiginosa carreira, como de antilopes perseguidos.

Uns grupos de rebeldes que tiveram a audacia de apparecer, foram facilmente postos em fuga pela cavallaria e por alguns tiros de peça, que lhes causaram numerosas baixas.

A curta distancia de Marracuene, a extrema vanguarda descobriu uma grande multidão de cafres, que se afastava em tumultuosa retirada, provavelmente porque tinham já recebido aviso dos seus espiões e não queriam travar combate decisivo, sem conhecerem bem que forças traziam os portuguezes.

O commandante em chefe recebe participação da proximidade do inimigo pelo tenente Ornellas, que havia ido até á guarda avançada. Mandou logo avançar para tomar a offensiva. O corneta d'ordens fez o toque de accelerado.

Aquella vibração da corneta, aguda e secca, produziu no quadrado um fremito inexplicavel. O sangue agitou-se, a alma arrastou os que iam quebrantados pela fadiga e pelas primeiras ameaças

da febre; aquellas notas estridentes eram como a linguagem symbolica e instantanea de multiplices idéas conjugadas, e como na vida commum tantas vezes um drama se resume n'um grito, assim na vida de campanha toda a abnegação do dever se condensa e traduz ás vezes n'uma palavra de commando ou em um toque de corneta.

O quadrado deslocava-se para a frente, n'um resoluto arranque, recortando-se nas massas da chuva, como n'um panno de theatro.

A esse tempo, já um pelotão de angolas, postado n'uma eminencia, batia com os seus fogos as margens do Incomati, d'onde os cafres, em retirada, respondem n'um tiroteio desordenado.

O quadrado chega. Occultos no mangal e nos canniçaes grupos numerosos de rebeldes fazem fogo, cobrindo a retirada dos seus. Almadias e grosseiras lanchas abarrotadas de cafres, os ultimos que fogem, procuram alcançar a margem opposta do rio, á força de remos.

Tres tiros de artilheria afundam algumas almadias e despedaçam dezenas de cafres. Uma secção de caçadores 2, sob o commando do alferes França, bate resolutamente o mangal e põe em fuga.

Era preciso bivacar. As tropas estavam extenuadas e a escorrer agua. A menos de meio kilometro do Incomati, sobre uma pequena collina havia uns destroços de palhotas e de uma casa grande, de madeira e zinco, habitação de um mouro, que a guerra afugentára d'ali! Aproveitar-se-hia aquelle local para o bivaque e com os restos das palhotas, alguns ramos de arvores, alguns pannos impermeaveis, pedaços de esteira e laminas de zinco da casa destruida, improvisar-se-hiam alguns frageis abrigos.

Estabeleceu-se o bivaque precipitadamente, porque se estava avisinhando a noite e todos careciam de repouso. Tomou-se a disposição em quadrado, ou quasi se póde dizer que o quadrado se fixou ali, mais amplo e mais solido. A face da frente dava

para o matto na direcção de Auguane e era formada pela 1.ª e 3.ª companhia de caçadores 2; a face direita, perpendicular ao rio, era constituida pela infanteria de policia; a face da esquerda, era formada pela 2.ª companhia de caçadores 2, reforçada por uma força de soldados indigenas de caçadores 3; a face da rectaguarda, sobre um declive que ia dar ao rio, compunha-se de tropas negras do indicado batalhão indigena. Esta face tinha um posto avançado na planura, a pequena distancia do rio.

Das quatro peças de montanha, duas foram collocadas no angulo formado pelas faces da frente e da direita e as outras duas a meio da face segunda. As duas Nordenfeldt, assestadas sobre carros, foram collocadas atraz da fileira da vanguarda, na face da frente.

Os carros, as viaturas de artilheria, as ambulancias, o gado de transporte e a cavallaria ficaram dentro do quadrado e um pouco para o lado da face da rectaguarda, que era por onde se suppunha menos provavel uma investida dos negros. Todos os disvelos da defeza tinham convergido para a face da frente. Depois veremos como os cafres estavam ao facto de toda esta disposição.

Não houve tempo de levantar na frente das faces dos quadrados obstaculos que difficultassem um assalto ou uma surpresa dos cafres. E não se pense que isto seria uma precaução de timidos. Wissmann, que por varias vezes temos citado, formula assim a sua opinião ácerca do estacionamento das tropas européas nos sertões africanos e nas proximidades do inimigo:

«Quaesquer que sejam os meios de bivacar, é rigorosamente indispensavel cercar o campo de fio de ferro, abatizes e fossos, para evitar as surprezas».

Mas a noite chegára e não foi talvez possivel tratar d'estas defezas accessorias.

A chuva cahia em torrentes e os relampagos rasgavam esguias clareiras de luz nas cordilheiras

negras das nuvens. Os trovões reboavam nos ares como o rodar de parques enormes de artilheria sobre calçadas de granito. A pequena distancia, rolavam por entre os mangaes as aguas turvas do Incomati, entalando contra as raizes nuas das suas margens, como contra os tentaculos hirtos de um mollusco enorme, os despojos dos cafres despedaçados pela artilheria.

A noite cerrava-se em trevas profundas. E era assim que deviam repousar!

*
* *

A flotilha não havia ficado inactiva. O *Neves Ferreira* e a *Bacamarte* auxiliavam as operações no Incomati, mas não poderam chegar a Marracuene, precisamente como se havia planeado. E' difficilima a navegação do Incomati e o *Neves Ferreira* encalhára por duas vezes. Ainda assim, ao anoitecer de 29, estavam os pequenos navios fundeados defronte de Marracuene, depois de terem dispersado a tiro os negros da Xefina pequena, cujo fogo vivissimo, a coberto do mangal, punha em grande perigo as tripulações dos navios.

Em 30 o *Neves Ferreira,* apesar da sua lotação [1], subiu o rio e bombardeou algumas povoações importantes da Magaia. No dia immediato voltou a bombardear as duas margens do rio e levou a bordo

---

[1] O vapor *Neves Ferreira* tinha uma guarnição de 30 homens e era armado com um canhão revolver á proa, dois pequenos canhões Krupp a meia nau, uma metralhadora Nordenfelt na ponte, a estibordo, e uma Maxim, a bombordo. Era commandado pelo 1.º tenente Furtado.

Tão pequena, que tinha apenas uma guarnição de 6 marinheiros e montava sómente um canhão revolver á prôa e uma Nordenfelt á ré, a lancha-canhoneira *Bacamarte* navegava com muita maior facilidade no Incomati. Era seu commandante o 2.º tenente Rocha.

o major Caldas Xavier e o capitão Eduardo Costa, que iam fazer um ligeiro reconhecimento dos terrenos acima de Marracuene.

Estava-se no quinto dia d'aquelle incommodo bivaque sobre um terreno encharcado. O tempo melhorára. A chuva cessára na vespera. A espionagem dos negros é que não cessava. De noite ou de dia, de rastos no matto ou por entre os mangaes distantes, frequentemente espiavam o bivaque. Para algum commettimento se preparavam elles. A hora da lucta não podia demorar-se.

Na tarde de 1 de fevereiro um grupo de soldados angolas, movidos talvez pela nostalgia do matto ou pelo instincto da pilhagem, aventurára-se a uma excursão para longe do bivaque. Ouvimos dizer que era um grupo de 20; o sr. Eduardo de Noronha escreveu que eram 10 a 12. Pouco importa um ou outro numero; o que é verdade é que faltaram n'aquella noite á formatura do recolher e nunca mais appareceram.

Seriam aprisionados pelos rebeldes e compellidos a darem-lhes informações de tudo o que sabiam ácerca das tropas e da disposição e serviço de segurança no bivaque, para contraprova e para complemento das observações feitas pela espionagem dos cafres? Talvez. É possivel mesmo que os chefes cafres achassem facil uma surpreza de noite, desde que tinham aprisionado os angolas. Sendo natural que no bivaque soubessem da sua falta e d'ella tivessem conhecimento, especialmente os negros que formavam a face da rectaguarda, não seria extraordinario que, na escuridão, alguns rebeldes fossem tomados pelos angolas extraviados, principalmente, se como taes se annunciassem por meio de algumas palavras portuguezas. Acredital-os-hia no primeiro momento a ingenua inexperiencia dos angolas dos postos avançados e o resto seria apenas um lance de audaciosa intrepidez.

E tanto seria este o plano acariciado pelos cafres, que tendo podido aproveitar para uma sur-

preza as noites ou as madrugadas tempestuosas dos dias anteriores, em que naturalmente a vigilancia seria menos attenta e menos perceptivel qualquer suspeito rumor, preferiram exactamente para o commettimento a noite em que os angolas haviam faltado no bivaque.

*
* *

Anoitecera. Adensavam-se no céo nuvens negras como crepes. No matto abafára-se de subito o sussurro vago e longinquo da vida selvagem.

O Incomati agitava-se mais brandamente entre o seu leito de areias e pantanos, que o mangal orlava n'uma exuberancia enorme da vida.

Tinham-se tomado maiores precauções no bivaque. Todos nos seus logares. As Nordenfelts lá estavam empoleiradas nos carros, como impassiveis molossos na vigilancia da noite. Os pequenos canhões de montanha esperavam na sua fria immobilidade, com a guela de bronze aberta contra o sertão. As Kropatscheks estavam promptas á primeira voz. O gado remoia a ração lentamente.

Os oito pequenos postos de angolas, a duzentos e tantos metros do quadrado, vigiavam com mais desvelada attenção. A cada angulo do quadrado e ao centro de cada uma das faces estava uma sentinella, apoiada á espingarda, olhos pregados na treva, ouvido cauto, escutando os rumores do sertão.

Nos seus abrigos, os officiaes conversavam; outros estavam já abatidos pelas febres, como o major Ribeiro. Entre os soldados alguns ardiam em febre; outros fallavam baixo com os seus camaradas mais intimos. O maior numero dormia. Quantos dos adormecidos não sonhariam talvez com a sua longinqua aldeia, inundada de sol? O quadrado repousava, adormecia no seu duro leito de terra. Velavam por elle as sentinellas e os postos avança-

dos. Em volta erguera-se, entre o céo e o sertão, uma desmesurada muralha de trevas, atravez da qual só a pupilla das feras e dos cafres lograria descortinar o vulto das cousas.

Eram frequentes as rondas de officiaes aos postos dos angolas.

Alta madrugada os rancheiros accendiam o lume para fazer o café, que devia distribuir-se ao romper da manhã. Cançados da longa noite incommoda, alguns soldados se foram agrupar em volta das cozinhas do bivaque.

A escuridão era ainda profunda; nem o bruxolear sequer da luz d'alva, esbatendo a noite no horisonte.

Por um acaso felicissimo, a distribuição do café ia fazer-se um pouco mais cedo do que o costume; estava já prompto.

Eram 4 horas. Fez-se o toque de alvorada, o mais suave, o mais musical, o mais longo, um dos mais bellos toques da ordenança militar. A vibração dolente da corneta repercutia-se nos echos immensos do sertão, como um cantico de ave selvatica.

Alguns minutos depois ouvia-se um ruido estranho para a frente da face formada pelos angolas. Estrondeiam tiros de espingarda; chocam-se nos ares gritos de raiva e de dôr e sobre a face da rectaguarda correm uns vultos negros, que bradam precipitadamente: *Não mata, escamarada angola.*

Na desorientação d'aquelle lance, suppõe-se que são os angolas do posto avançado que retiram sobre o quadrado; suppõem-no os seus proprios camaradas. O engano dura apenas um momento. A pupilla dos cafres flammeja, como o olhar de lobo faminto, sente-se-lhes o ruido dos enfeites metalicos agitados nos braços, vem deante d'elles a ascuma branca das azagaias, correm vertiginosamente, grandes, formidaveis, impavidos.

O inopinado assalto quebra de todo a força moral dos angolas, que recuam atropellando os que já estrebucham no chão, rasgados pelas zagaias. Estava

roto o quadrado! E dentro d'elle, quatorze cafres athleticos, ululando na ancia da carnificina, as plumas agitadas na sombra pela aragem da madrugada, a zagaia sangrenta vibrada febrilmente pelos seus herculeos braços infatigaveis!

Estão ja a meio do quadrado os angolas, ennovelados e esmorecidos. A onda dos cafres cresce e procura golfar para dentro do bivaque, como para dentro de uma repreza desmoronada.

Na sua audacia espantosa, os assaltantes luctam furiosamente dentro do quadrado, como homens votados á morte.

Os gemidos dos feridos contrastam com as vozes vibrantes do commando e com os gritos de pavôr dos angolas, refluindo confusamente contra a rectaguarda das faces formadas pelas tropas brancas.

Cruzam-se as bayonetas com as zagaias; morre-se e mata-se desapiedadamente. Um cafre crava a zagaia na sentinella de guarda aos cavallos e cae atravessado por uma bayonetada. Outro cafre embebe a azagaia no corpo de um soldado de caçadores 2 (o impedido do dr. França) e é derribado á coronhada, com o craneo espedaçado; outro ainda rasga com a zagaia o abrigo que pertencia ao major Ribeiro e deita fogo aos restos de uma palhota. O alferes de cavallaria Antonio Manuel fica gravemente ferido por uma zagaia; o cafre que o ferira cae atravessado pela espada de um sargento de cavallaria. Trava-se corpo a corpo a lucta entre um assaltante e um soldado, já ferido, a escorrer sangue; um conductor de artilheria termina aquelle combate singular, mettendo uma balla na cabeça do aggressor.

De fóra, a grande massa dos cafres faz um vivissimo fogo sobre o quadrado e intenta envolvel-o, emquanto alguns procuram entrar pela enorme brecha, aberta pela sua intrepida avançada.

E as tropas brancas? Essas estão dando um dos maiores exemplos de firmeza e de serenidade de

que ha memoria nos fastos militares. A 2.ª companhia de caçadores 2 era inabalavel e respondia tranquillamente ao fogo do inimigo, sentindo atraz de si o alarido dos angolas, a lucta, a carniceria dentro do quadrado. Do seu flanco desprotegido rebate a investida de novos assaltantes! A face da frente espera serenamente os cafres, que intentam um ataque envolvente. A infanteria da policia, faz meia volta, e repelle intrepidamente o inimigo, para evitar que as tres faces se desconjuntem, salteadas pela rectaguarda.

Era o supremo lance d'aquelle extraordinario combate! A fuzilaria dos cafres era já intensa. Ou se fechava solidamente o quadrado ou a expedição estaria irremediavelmente perdida.

Combatia-se ainda na escuridão e apenas as grandes massas negras se lobrigavam confusamente, deslocando-se do horisonte, onde mal se esbatia um tenuissimo alvor.

E eram bisonhos e inexperientes aquelles admiraveis soldados, que não vêem, que não podem vêr o perigo d'aquelle ataque inesperado e formidavel, e só o comprehendem pelo ruido e pelos gritos da pugna que se trava atraz d'elles e pela chamma da fuzilaria que lhes clareia sinistramente o horisonte! Os seus officiaes velariam por elles; para os que viessem de frente lá tinham elles a kropatschek, as metralhadoras e os canhões.

O fogo tornára-se intensissimo na face esquerda. Um soldado, impedido do tenente Saccadura, de artilheria, avança de rastos pelo capim para espionar o inimigo; surprehende um grupo enorme de negros que avançam como reptis, para assaltarem de surpreza. *Elles ahi veem!* — avisa o soldado n'um grito rouco e enorme. *Fogo!* — respondeu o capitão Machado, e a chamma vermelha, golfada por uma peça de artilheria, rasga nas sombras uma clareira rubra como sangue. Uivos de dôr e de desespero respondem á detonação formidavel.

Mas os cafres não cedem nem se intimidam ain-

da. Não querem vêr perdida aquella victoria, que tão facil e segura tinham julgado. Que demonio! Ha apenas ali um punhado de brancos.

E com tal arrojo d'animo — é justiça confessal-o — se empenham no combate, que nem a artilheria nem as armas de repetição conseguem intimidal-os! Elles sabem lá se as theorias da guerra moderna condemnam toda a marcha de frente, a descoberto, contra a artilheria fortemente apoiada ou contra uma infanteria que não haja sido abalada na sua força moral e esteja armada com espingardas de tiro rapido! Theorias. A sua alma selvagem queria lá saber d'isto. Soltam o seu grito de guerra, investem ferozmente, e alguns vão penetrar no quadrado pela face rota, sobre o flanco esquerdo da 2.ª companhia de caçadores 2. Um soldado de policia cahe azagaiado junto da peça que ia disparar e um outro de caçadores europeus é ferido tambem por uma azagaia. Mas a investida é rechaçada.

Consistia o plano dos cafres em sustentar fogo vivissimo contra as faces illesas do quadrado, de modo a tornar-lhes impossivel qualquer soccorro á face rota e arrojar por este lado os seus guerreiros mais destemidos e mais dextros no manejo da azagaia.

O combate reveste proporções formidaveis em todas as faces do quadrado, varejadas por uma verdadeira chuva de balas, que se cravam nos abrigos, nos carros, nos reparos da artilheria e vão destruir algumas espingardas e carabinas dos nossos soldados. O reparo da peça commandada pelo tenente Taveira está cravejado de balas e zagalotes.

Caem varados dois soldados indigenas. No recinto do bivaque já cahíram mortos sete cavallos e cinco muares.

No interior d'aquelle reducto d'homens, alguns officiaes empenhavam esforços inauditos para reanimar os angolas e leval-os a reformar a face rota.

O major Caldas Xavier, com a sua inexcedivel bravura, o capitão Eduardo Costa, o tenente Ayres



CALDAS XAVIER
(Copia de um antigo retrato)

de Ornellas, do estado-maior, o intrepido tenente Couceiro, o alferes Raul da Costa, de lanceiros e os officiaes do exercito ultramarino, Encarnação, Pombo, Pinto e Pinho incitavam os angolas a reoccupar o seu logar, procuravam despertar-lhes o brio amortecido, impunham-se-lhes pela palavra, impunham-se-lhes pela violencia, impelliam-nos diante de si a braço, á espadeirada, de revolver em punho. Para lhes falarem melhor á alma semi-selvagem, os alferes Pinto e Pinho reproduziam nos gestos e nos gritos de combate os estimulos em uso nas guerras pretas de Angola, e bradavam-lhes:

—Não teem medo, angolas; landins é que teem medo! A elles; angolas valentes; p'ra frente! P'ra frente!

Entretanto, nas suas fileiras inabalaveis, quantos queimados pela febre? os soldados brancos faziam descargas correctissimas, por secções, á voz de commando!

Uma nova *manga* [1] de cafres avançava do matto, impetuosamente, contra a face rota. Caldas Xavier e o capitão Costa collocam-se rapidamente á

[1] Unidade de combate dos negros, correspondente a um pequeno batalhão. A *manga* tem ordinariamente 500 guerreiros. O termo provem decerto da antiga tactica portugueza. *Manga* se chamava outr'ora um troço de homens de guerra com o effectivo de uma grande companhia. Frequentemente se encontram nas descripções das batalhas e combates dos seculos XV e XVI as seguintes espressões: *Uma manga de espingardeiros; uma manga de arcabuzeiros.*

Em combate estas forças destacavam-se do principal corpo do exercito, como as mangas se destacam do fato que cinge o tronco do corpo humano. Foram estas companhias as remotas predecessoras dos atiradores modernos.

Não deve causar estranheza a razão de similhança porque aquelle vocabulo foi applicado á tactica militar. Na antiga tactica havia tambem a evolução chamada *bicha*, o *caracol*, e a formatura que precedeu o quadrado e se denominava *curral* ou *cerrado*. Ainda hoje temos na tactica os termos *testa* e *cauda* de uma columna, *colchete* defensivo, e em fortificações as expressões *cabeça* de ponte e *gola* de uma obra.

frente de uma esquadra da infanteria de policia e carregam com singular denodo aos atacantes, fazendo-os recuar.

Os angolas sentem afinal a suggestão de tantos exemplos de bravura. Cobram animo e entram em fogo, vociferando ameaças contra o inimigo.

Emfim. Estava refeito o quadrado, sem nenhum auxilio exterior e sob a offensiva impetuosa, constante, de um inimigo muitissimo superior em numero, pois que até áquelle momento apenas cerca de quatrocentos brancos oppunham os peitos, como blindagens d'aço, á felina intrepidez de tres mil cafres!

Mentia o velho aphorismo militar. Quadrado roto não era quadrado vencido. Em taes condições, isolado, absolutamente isolado, sem retirar e sem se render, havia agora um precedente só. Era aquelle.

Não desistiam facilmente os cafres da victoria que julgavam segura. A lucta continuou ainda encarniçada, mas os tiros da artilheria como que pareciam já apostrophes colossaes de um cantico de triumpho.

Vieram os primeiros clarões da manhã, e veiu com elles o vivo fulgor da victoria. Que suprema irradiação de jubilos no olhar e no rosto d'aquelles heroicos soldados brancos, que tinham estado a dois passos do mais funesto desastre militar que poderia cahir sobre a bandeira do seu paiz!

Retiravam já, fugiam d'aquelle punhado de homens, quasi extenuados, em que mais valia a alma do que a força, fugiam d'elles os companheiros e irmãos de raça d'esses quatorze athletas que tinham invadido o bivaque e que, em qualquer paiz e em qualquer civilisação, seriam considerados a suprema expressão da intrepidez e da temeridade. E esses athletas, que outros haviam seguido até ao numero de dezoito, lá estavam dentro do bivaque, como dentro de um enorme cenotaphio, com os escudos espedaçados, as zagaias inuteis, as plumas enrodilhadas na lama, feita com o seu proprio sangue. Nos rostos, que

a morte immobilisára, havia ficado a ultima impressão horrivel da sua tôrva agonia!

Quadrado roto, quadrado refeito, quadrado victorioso, podia abençoal-o orgulhosamente a alma da patria portugueza. Resumira n'aquella tragica madrugada, pela firmeza, pela constancia, pela bravura, quanto havia de grande nas rutilas epopêas do nosso passado [1].

*

* *

O combate durára quasi hora e meia.

Pelos vestigios que os rebeldes deixaram no capim, n'uma larga zona em volta do bivaque, calculou-se que a sua força total não seria inferior a 3:000 homens.

Em volta do quadrado e a grande distancia encontraram-se muitos cadaveres de cafres e restos dos que haviam sido despedaçados pela artilheria. Em um barranco foram achados uns poucos, horrivelmente mutilados. Os feridos e alguns cadaveres foram levados pelos cafres em retirada, como é uso entre elles.

Calcula-se que as perdas dos rebeldes seriam, approximadamente, de 300 mortos e feridos. Eis o quadro geral das perdas:

	Effectivos	Mortos e feridos	Percentagens
Portuguezes... 444 / Angolas....... 327	771	49	6,3 %
Cafres........	3:000	300	10 %

Avaliadas as nossas forças brancas em 700 homens, numero redondo, temos que as perdas em

[1] Tanto se considerava inevitavel a derrota de um quadrado roto, sob a acção de um inimigo numeroso e audaz, que o marechal Bugeaud, nas suas brilhantes campanhas da Algeria (1841-1848), contra Abd-el-Kader e contra o sultão de Marrocos Abd-El-Rhaman, adoptou os pequenos quadrados, apoiando-se e protegendo-se como reductos de um sys-

mortos foram de 2 %, em feridos de 2,5 % e as perdas totaes representam 5,5 % do effectivo.

Da parte dos cafres as perdas totaes representam de 9 a 10 % da sua gente em combate, o que é já comparavel aos sangrentos combates das guerras europêas.

Os europeus mortos eram: o soldado n.º 10 de cavallaria de policia, o soldado de caçadores 2 José Gregorio dos Santos e o 2.º cabo d'aquelle regimento João Esteves, que falleceu depois do combate. Entre os feridos europeus está incluido o alferes de cavallaria Antonio Manuel. Caçadores 2 teve dois cabos e dois soldados feridos, ambos da 2.ª companhia, que foi a mais alvejada pelo fogo dos cafres.

Os feridos, pensados pelo dr. França com inexcedivel solicitude, foram conduzidos para Lourenço Marques no proprio dia do combate.

Em Marracuene as nossas forças dispararam 4:500 tiros com as kropatscheks e 200 com as metralhadoras. A artilheria disparou 32 tiros de granada e 4 de lanterneta.

Sendo inutil a permanencia das forças em Marracuene e perigosissima para a saude das tropas, já profundamente abalada, a continuação do bivaque em tão duras condições, ordenou-se que a columna recolhesse á cidade, para ali ter o repouso de que tanto carecia.

Em Lourenço Marques as tropas victoriosas foram recebidas com testemunhos de jubilo, embora a má vontade de alguns estrangeiros procurasse apoucar-lhes o feito, porque não tinham ido pelo sertão dentro, em perseguição dos vencidos, como se faz nas campanhas da Europa.

---

tema de defeza. Roto um e irremediavelmente perdido, na quasi totalidade dos casos, se não fosse possivel soccorrel-o a tempo de refazer-se, o desastre não importaria o desbarato dos outros. Foram estes pequenos quadrados que lhe deram a famosa victoria de Isly, contra os marroquinos.

Má vontade e absoluta ignorancia do que sejam as guerras no sertão africano, quando os europeus, depauperados pelo clima, teem diante de si um inimigo agil, audaz, conhecedor do terreno e umas poucas de vezes mais numeroso. As columnas de europeus no sertão não podem dar um passo sem arrastar comsigo um enorme comboio de viveres, que lhes embaraça a marcha e torna impossivel tentar uma perseguição efficaz, dado mesmo que o branco, por muito ligeiro que fosse o seu equipamento e por muito commodo que fosse o seu calçado, podesse correr sobre os negros atravez dos mattos, que elles conhecem como os dedos das suas mãos.

Mas até na Europa ha frequentissimos exemplos de exercitos victoriosos que não poderam perseguir os vencidos. Na batalha de Custozza (1866) os austriacos bateram os italianos e não os perseguiram.

Na metropole — dóe confessal-o — tambem se não comprehendeu bem a alta importancia do combate de Marracuene, tal era o profundo pessimismo de quasi todos e a amarga descrença no nosso proprio esforço!

E, todavia, em Manjacaze a victoria de Marracuene produzira uma enorme impressão de assombro.

Confessou-o o proprio missionario suisso Liengmen, um dos conselheiros europeus do Gungunhana.

Confirmou-o com o seu honrado testemunho o tenente da armada sr. Bicker, que por aquelle tempo era residente junto do rei de Gaza.

*

* *

A primeira noticia do combate chegou á Europa em telegramma do commissario regio, expedido em 4 de fevereiro. Depois de indicar a acção, dizia o sr. Ennes:

«As nossas tropas portaram-se com muita firmeza e bravura».

«Sei que foram para Londres telegrammas mentirosos sobre este incidente».

No dia 6 dizia o commissario regio em telegramma a El-Rei:

«Officiaes, soldados europeus da columna operações foram inexcediveis em brio, valor, constancia. Recommendo-os a Vossa Magestade».

El-Rei, n'uma enternecida vibração de jubilo patriotico, mandou expedir o seguinte telegramma ao commissario regio:

«Do coração agradeço telegramma. Peço-lhe em meu nome elogie officiaes e soldados e lhes diga da minha parte quanto me orgulho de ser chefe d'um exercito cujos officiaes e soldados tão bem sabem merecer da patria. Podem contar comingo por tudo e para tudo».

Em 8 de fevereiro, sendo ministro da marinha e ultramar o sr. conselheiro Ferreira de Almeida, foi enviada ao sr. Ennes uma portaria, na qual, em nome de El-Rei, se lhe ordenava que louvasse «todos os officiaes e mais praças que tomaram parte nos ultimos combates, pela coragem e bravura que demonstraram no arduo serviço que lhes está confiado».

Depois, por occasião de uma solemne missa campal, a que assistiu quasi toda a população de Lourenço Marques, o commissario regio condecorou, em nome de El-Rei, com a medalha de valor militar os soldados que mais se haviam assignalado em Marracuene.

Em officio ao major Ribeiro, commandante da columna de operações, escrevera a penna brilhante do illustre commissario regio:

«A columna do seu commando, affrontando com egual firmeza e constancia as imtemperies do clima e a furia dos revoltosos, deu testemunho de que ainda não esmoreceram, no animo dos portuguezes, as antigas virtudes militares e civicas que lhes glorificaram o nome. *Podemos e sabemos combater em Africa*, agora, como nos seculos XV e XVI, e havemos de conservar intacto o dominio ganho com tanto esforço pelos nossos antepassados.»

«As operações interrompidas unicamente para não expôr por mais tempo as tropas aos rigores da invernia, mais mortifera do que a azagaia dos cafres, hão-de recomeçar com maiores recursos materiaes, logo que esses rigores se acalmem, e El-Rei e a Patria confiam em que os officiaes e soldados que de V. Ex.ª recebem tanto exemplo de brio militar, hão-de novamente revelar os dotes de bravura, disciplina e resistencia que já os assignalou aos louvores dos patricios e ao respeito dos estranhos».

X

O PLANO DE CAMPANHA

Em quanto o commissario regio desenvolvia extraordinaria actividade em Lourenço Marques, melhorando a administração, consolidando o prestigio da auctoridade, reprimindo os abusos dos *reporters* estrangeiros e esboçando o plano de uma nova campanha, de collaboração com os officiaes adjuntos ao commissariado [1]; em Lisboa preparavam-se afanosamente importantes remessas de material de guerra para satisfazer requisições urgentes, destinadas a Moçambique, e para completar o municiamento e

---

[1]. Em 8 de fevereiro fôra nomeado ajudante de campo do commissario regio o tenente do corpo de estado-maior Ayres Ornellas de Vasconcellos.

Em 20 do mesmo mez era nomeado chefe do estado-maior do commissariado regio o capitão do corpo do estado-maior Eduardo Augusto Ferreira da Costa. (Vid. *Boletim Official da Provincia de Moçambique.* — Serie do mez de fevereiro de 1895).

reservas do numerosos troço expedicionario a embarcar.

Já sabemos que infanteria 2 tinha recebido prevenção de marcha, logo depois do embarque de caçadores 2. Resolveu-se depois que, em vez de todo o regimento, iria apenas o 2.º batalhão, em pé de guerra, e mais o 2.º batalhão de caçadores 3, tambem com o effectivo de guerra, e, além d'outras forças, partiria tambem uma companhia mixta de de engenheria, que ja havia sido requisitada pelo commissario regio, em telegramma de 7 de fevereiro.

Por ultimo, e a instancias do capitão Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque, foi deliberado mandar tambem um esquadrão de lanceiros. Mousinho empenhou toda a sua boa vontade em conseguir que o mandassem para Lourenço Marques com o esquadrão. Demonstrou em longos artigos de jornaes todas as conveniencias rasultantes do emprego da cavallaria na campanha a emprehender, citou os exemplos das campanhas dos estrangeiros na Africa, solicitou como um pretendente tenacissimo, e viu afinal acceita a sua proposta, porque teve a boa fortuna de encontrar o apoio do sr. ministro da guerra, que lhe comprehendera bem a ideia e tivera a felicissima previsão do que Mousinho seria capaz de fazer. Veremos depois que hora de immensa fortuna não foi essa em que se decidiu que Mousinho d'Albuquerque partisse tambem para a campanha d'Africa.

Por decreto de 9 de março, publicado em 11 na ordem do exercito n.º 6, determinava-se que *fossem postos á disposição do ministerio da marinha e ultramar, para embarcarem para Lourenço Marques, dois batalhões de infanteria, um esquadrão de cavallaria, uma companhia de artilheria de guarnição, uma secção de artilheria de montanha, uma companhia mixta de engenheria e as secções do serviço de saude, da administração militar e do material de guerra correspondentes áquellas forças.*

FORÇAS EXPEDICIONARIAS

Designações	Pessoal — Officiaes	Pessoal — Praças de pret	Pessoal — Todos	Animal — Cavallos	Animal — Muares	Animal — Todos	Peças de montanha e metralhadoras
Commando geral........	4	2	6	2		2	2 canhões de montanha e 2 metralhadoras Nordenfelt.
2.º batalhão de caçadores 3.	21	896	917	2		2	
2.º batalhão d'infanteria 2.	21	896	917	2		2	
1.º esquadrão de lanceiros 1..................	7	159	166				
Companhia mixta d'engenharia................	5	78	83				
Companhia d'artilheria de guarnição do regimento 4..................	4	108	112				
3.ª secção da 2.ª bateria de montanha.............	1	35	36	1	10	11	
Secção da administração militar................	3	7	10				
Secção do material de guerra................		12	12				
Total......	66	2.193	2.259	7	10	17	4

Do commando geral estão designados n'este quadrado dois officiaes, que já se achavam em Lourenço Marques. Eram o capitão Costa do corpo do estado maior e o tenente Ornellas, do mesmo corpo, aos quaes nos referimos já na primeira nota d'este capitulo.

Os cavallos para o esquadrão de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manuel, deviam ser adquiridos em Africa, na colonia ingleza do Natal.

A artilheria de campanha do exercito da metropole não tem metralhadoras entre o seu material regulamentar. As 2 Nordenfelt, indicadas no qua-

dro, foram fornecidas pelo ministerio da marinha.

Foi importantissimo o material que acompanhou estas forças e ainda o que foi enviado para Lourenço Marques, antes e depois d'ellas embarcarem.

Além do material de que o respectivo regimento podia dispôr, a companhia mixta de engenheria levou mais algum, expressamente adquirido para o seu serviço especial na Africa.

Barracas de campanha foram fornecidas 409 no valor de 18:320$000 réis.

Mais tarde enviaram-se para Lourenço Marques 2.000 metros de fio de ferro zincado.

Em resultado de requisição dos principios de junho, contratou-se com a casa *Siemens Brothers & C.º*, de Londres, uma avultada porção de material telegraphico, pelo preço total de 1.437 libras, 15.sch e 6.pc.

Quanto a armamento e municiamento foram tambem avultados os fornecimentos remettidos para a Africa, além do que acompanhou as forças expedicionarias. Para armamento da gente auxiliar foram 500 espingárdas Snider e 50.000 cartuchos e, para municiamento da artilheria existente n'aquella colonia, enviaram-se 800 granadas com bala e 900 lanternetas para peças de 7c. Poucos mezes antes haviam sido fornecidos 1.650 kilogrammas de polvora, 3.000 camisas de filó de seda e 1.200 escorvas de fricção para peças de 8c.

Em março o arsenal do exercito tinha fornecido já para Lourenço Marques, desde a saida da primeira expedição, uma porção de artigos de material de guerra cuja importancia total ia alem de 87 contos de réis.

Os depositos geraes de roupas, de medicamentos e objectos de cirurgia do exercito fizeram fornecimentos cuja totalidade importou em mais de 7 contos de réis, incluindo 240 filtros Malliè, no valor de 1:692$080 réis.

Em meados de março importavam em mais de 263 contos de réis os fornecimentos e despezas fei-

tas pelo ministerio da guerra por conta do ministerio da marinha e ultramar. Deve notar-se que n'esta verba se não incluía o importantissimo material que estava distribuido ás tropas expedicionarias, para o seu serviço na metropole, nem o seu respectivo municiamento.

*

* *

Fôra nomeado commandante em chefe da expedição o sr. coronel de infanteria Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, official prestigioso que ja havia sido chefe da repartição do gabinete do ministerio da guerra. O sr. Galhardo não ia por escala; era um voluntario. No proposito de ir para a Africa, pedira transferencia do regimento d'infanteria n.º 18, de que era commandante, para o n.º 2 da arma, já prevenido para partir.

Era commandante do 2.º batalhão d'este regimento o sr. major José Maria Gomes Pereira, official distincto que havia exercido já importantes commissões officiaes.

O commando do 2.º batalhão de caçadores n.º 3 fôra confiado ao sr. major Antonio Julio de Sousa Machado, um transmontano apaixonado pelas altivas tradições militares da sua provincia e d'aquelle bravo regimento de caçadores 3, que fôra um dos mais brilhantes do Bussaco e um dos mais assignalados da Guerra Peninsular. Devotadissimo ao estudo da sciencia da guerra, com largos conhecimentos colhidos nos livros, nos campos de instrucção e na apreciação directa dos exercitos estrangeiros, o sr. Sousa Machado havia manifestado os seus altos dotes de militar em algumas importantes commissões de serviço.

A companhia mixta de engenheria era commandada pelo sr. capitão Castro e a de artilheria n.º 4 pelo sr. capitão Julio Oom, dois distinctos officiaes.

Do esquadrão de lanceiros já dissemos quem era o commandante.

A instrucção dos dois batalhões mereceu especiaes desvelos ao sr. ministro da guerra e aos respectivos officiaes. Tiveram frequentes exercicios de tiro ao alvo na carreira de tiro da guarnição de Lisboa, especialmente o 2 de infanteria, cuja prevenção de marcha fôra feita com larga antecedencia, como já sabemos. A secção de artilheria de montanha instruiu-se no manejo da Nordenfelt, absolutamente desconhecida para os soldados. O esquadrão de lanceiros 1 foi instruido na escola pratica de infanteria, em Mafra, no manejo e tiro da carabina Kropatschek, que lhe foi distribuida como reforço do seu armamento. Disse-se que o esquadrão levava armamento de mais. Assim seria, mas a lança era a arma de effeito, principalmente theatral, para a carga contra os negros e a carabina, essa era indispensavel para qualquer lance em que o esquadrão tivesse de limitar-se á defensiva. A lança augmentaria o effeito moral das cargas. Está ainda bem viva a tradição de terror e de assombro que os lanceiros do exercito liberal produziram na intrepida infanteria de D. Miguel (1832-1833), apezar de não dever estar então completamente apagada no paiz a memoria dos lanceiros dos exercitos napoleonicos e especialmente dos lanceiros polacos do marechal Soult, repellidos pela infanteria portugueza em Albuera.

Veremos depois como afinal faltou aos lanceiros a *arma* essencial para o combate da cavallaria — o cavallo, que assim o considerava um dos mais brilhantes generaes de cavallaria que tem tido a Prussia.

De resto, eram numerosos os precedentes do emprego da cavallaria nas guerras dos sertões africanos. Os inglezes tinham levado cavallaria á Abyssinia e tiveram dragões e lanceiros na guerra contra os zulus. Já sabemos que os francezes empregaram na campanha do Dahomé um esquadrão de *spahis*, organisado no Senegal. Para a campanha de Madagascar levaram elles um esquadrão do 1.º regi-

mento de caçadores a cavallo d'Africa (Algeria).

Para as tropas expedicionarias fôra adoptado um chapéo de feltro cinzento, molle, tendo como distinctivo o laço nacional. Ficavam assim racionalmente substituidos os pesados capacetes da engenharia, artilheria e cavallaria e as barretinas de infanteria. Com o intuito de evitar o incommodo constante e, nos climas quentes, quasi insupportavel, das botas de marcha, pesadas e duras, mandou o sr. ministro da guerra distribuir ás praças alpercatas á hespanhola, que, se não podiam aproveitar-se nas marchas pelo matto, seriam, todavia, um allivio consolador no serviço dos aquartelamentos e dos bivaques.

Ás forças que estavam para partir fôram fornecidas camisolas de flanella, eguaes ás que tinham sido fornecidas ao primeiro troço expedicionario.

*
* *

O 2.º batalhão de infanteria 2 embarcou em 8 d'abril, a bordo do paquete *Zaire*; os lanceiros embarcaram em 15, a bordo do *Peninsular*. Caçadores 3 em 22, a bordo do *Ambaca*.

Todos estes transportes são mercantes e nem isso deve admirar, attenta a pobreza material da nossa esquadra e a grandeza relativa dos effectivos a transportar. Potencia naval de 1.ª ordem é a França, tão poderosa que no mundo só outra esquadra é superior á sua — a da Inglaterra — e todavia a sua expedição a Madagascar foi transportada em vapores mercantes. E até em condições que provocaram violentas queixas e protestos, especialmente em relação ao troço embarcado no *Chateau Iquem*.

Surprehendido por um temeroso temporal, o *Peninsular* esteve quasi perdido e não poude seguir ao seu destino. Rebocou-o para Lisboa o vapor francez *Ville de Dunkerke*, e os lanceiros partiram mais tarde a bordo do *Vega*.

Não faltaram as affirmações de abnegação e de enthusiasmo patriotico, antes parece que as estimulára o exemplo enternecedor do primeiro troço expedicionario.

O paiz comprehendia mais nitidamente o que o sacrificio dos seus intrepidos soldados importava á sua honra, ao seu prestigio, aos seus mais altos interesses, e cercava-os de affectuosas homenagens, como de ha muito se não viam aqui entre o espapaçado e melancholico indifferentismo dos ultimos quarenta annos. Começavam a acreditar no valor d'aquelles soldados esses mesmos que um anno antes seriam os primeiros a desdenhal-os, por moda e por pessimismo. Era já uma abençoada conquista.

Tornou-se ponto d'honra não deixar transparecer, n'um olhar que fosse, a mágoa naturalissima da separação. A partida dos contingentes destinados a completar os effectivos de guerra dos batalhões era uma glorificação enthusiastica em que todas as lagrimas intimas da saudade se consumiam, como as gottas de orvalho se consomem ao grande sol, quente e rutilo, nas manhãs ardentes de julho.

Não havia aldeola que não saudasse phreneticamente as tropas que passavam para a Africa. A marcha de caçadores 3 para Lisboa foi uma verdadeira marcha triumphal.

O embarque no Tejo reproduziu todos os lances enternecedores e todas as notas vibrantes de sentimento e de patriotismo, que haviam assignalado a partida dos primeiros expedicionarios.

E, todavia, eram já conhecidos os trabalhos asperrimos de caçadores 2 e da artilheria de montanha nas marchas e nos bivaques, o perigo enorme em que estiveram em Marracuene, a desigualdade e o numero de inimigos a combater, o seu excepcional arrojo e, mais ainda, as *lugubres façanhas* d'esse outro inimigo, mil vezes mais temivel do que os cafres — a febre palustre.

Sabia-se ainda mais e peior. A grandeza numerica da expedição suscitára no paiz e no estrangeiro

a desconfiança de que se intentava emprehender uma campanha offensiva contra o poderoso *rei de Gaza*, como os estrangeiros denominavam o Gungunhana.

Alguns jornaes portuguezes tinham clamado vehementemente contra similhante temeridade, que seria a inevitavel hecatombe dos nossos pobres soldados, e não poucos haviam reproduzido trechos de folhas estrangeiras, em que o commettimento era averbado de tragica loucura.

Apontavam-se as forças que o Gungunhana poderia pôr em campo, e um dos mais celebres jornaes do paiz, dirigido por um notavel homem d'estado, que já estivera em Moçambique, indicava que o famoso regulo poderia congregar para a lucta 60 a 70.000 homens, entre os quaes sete ou oito mil d'esses vátuas indomaveis, que eram o terror dos sertões, desde o Incomati ao Zambeze.

Na melhor das hypotheses para nós, o Gungunhana teria 20 ou 30.000 combatentes para nos oppôr. Em 1886 fizera elle a guerra no sertão de Inhambane com um exercito de 30.000 homens.

E, francamente,—dizia-se—não será com dois mil e tantos homens, pois os que estão em Lourenço Marques precisam de ser repatriados; não será com esses dois mil e tantos soldados, ou muito menos, pois que as febres hão de reter muitos nos hospitaes, logo nos primeiros dias; não ha de ser com essa gente que se hade ir levar a guerra ao sertão inhospito de Gaza, contra vinte, trinta ou sessenta mil guerreiros audaciosos.

Se a Inglaterra, com todo o seu senso pratico, se a propria França, a despeito da sua brilhante bravura, cahiriam em tão desmesurada aventura! A Inglaterra chegou a ter na Zululandia um exercito que correspondia a mais de metade das forças de Katchwayo; a França no Dahomé teve uma expedição igual a $^1/_4$ das forças mobilisadas de Behanzin; mas ali, em Gaza, e na melhor hypothese para Portugal, a expedição representaria $^1/_{10}$ das forças do

Gungunhana, suppondo exaggeradas as informações que lhe davam 30 ou 60.000 homens.

Um jornal inglez, affeiçoado á *South Africa*, dizia com desalmado jubilo:

A infanteria e a artilheria de Portugal poderão varrer os pretos de Lourenço Marques, no primeiro impeto, mas em breve terão de ver-se a braços com a febre terrivel, com o odio inveterado do regulo de Gaza e com o seu numeroso, disciplinado e bem armado exercito.

Tudo isto se dizia e sabia em Portugal, todas estas informações haviam chegado ás casernas, n'uma confusa condensação e, todavia, não houve uma hesitação sequer na partida, antes no rosto dos que partiam se reflectia o nobre enthusiasmo da propria abnegação, como na sua voz se traduzia a paixão da patria em masculas vibrações.

Fraquezas intimas, d'essas santas fraquezas que se chamam o amor de pae, a piedade filial, a paixão da familia, a saudade do lar, se algumas houve, soube disfarçal-as corajosamente o sentimento do dever, e nenhuma poude fallar tão alto, que lograsse cortar a unanimidade da abnegação, que foi o timbre e o primeiro titulo de gloria das tropas expedicionarias.

Nunca do Tejo teriam sahido soldados com mais singela devoção patriotica nem a patria fôra nunca saudada com mais fervoroso enthusiasmo, embora em outros tempos a houvessem victoriado as vozes de heroes de tão colossal estatura, que só cabem na historia épica da civilisação humana.

E quando aquelles modestos soldados, vibrantes de affecto, se apartavam pelo Tejo fóra, a saudar o seu pequeno Portugal que iam defender no sertão negro; em terra, entre a multidão, os pessimistas murmuravam cruamente:

—Bom açougue vão ter agora os vátuas. Já cá não volta nenhum!

*
* *

E era, effectivamente, para a guerra contra os vátuas que elles partiam?

Desconfiava-se que fosse. Officialmente negava-se o intento e é facil comprehender a idêa d'esta negativa. O poderoso regulo podia submetter-se completamente, em boa paz, e a guerra seria então uma fanfarronada inutil. Mas dado que se não submettesse, fazer alarde do provavel commettimento, seria pôr de sobreaviso os muitos interessados que jogavam com o Gungunhana a sua ruim politica e talvez preparar ensejo para alguma complicação diplomatica, que nos prendesse ou restringisse a iniciativa militar.

O plano de uma guerra provavel contra o Gungunhana estava já formulado em Lourenço Marques, desde os fins de março.

Em 3 d'abril o commissario regio datava da Ponta Vermelha (Lourenço Marques) o seguinte plano de campanha, que enviou ao sr. ministro da marinha Ferreira d'Almeida, e que é util e interessante conhecer:

«As operações militares que podem e devem effectuar-se no principio do inverno proximo nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane terão por fim:

«1.º Fazer uma grande demonstração de força, que convença os indigenas de toda a provincia — hoje intoleravelmente atrevidos e desrespeitosos, — e os estrangeiros, que nos consideram impotentes para dominar na Africa Oriental, — de que temos meios e temos vontade firme de manter a nossa soberania n'essa região e castigar quem contra ella se revolte.

«2.º Occupar posições estrategicas e estabelecer postos fortificados nas fronteiras e dentro do terri-

torio do Gungunhana, para o manter em respeito e para dar confiança aos povos e regulos que queiram sacudir o jugo que elle lhes impõe.

«2.º *Sendo possivel,* atacar e anniquilar o Gungunhana, ou, pelo menos, sujeitar á auctoridade da corôa o paiz situado entre o Incomati e o Limpopo.

«Para conseguir estes fins, ou alguns d'elles, tem-se estudado um plano de operações, cujas linhas geraes são as seguintes:

«Tendo o Gungunhana as suas forças espalhadas pelo enorme paiz que se estende desde o Incomati até ao Inharrime e ainda pela margem esquerda do Save, e sendo certo que uma parte das populações que lhe obedecem estão cançadas da sua tyrannia, cada vez mais inexoravel, e desejosas da libertação, affiançando-se especialmente que tal é o estado dos animos na Cossine e em parte do Bilene, deve-se procurar: *a)* cortar ou difficultar as communicações entre as diversas regiões d'esse paiz, principalmente dominando o Limpopo; *b)* ameaçar aquellas d'essas regiões que pareçam mais dispostas a acceitar a nossa auctoridade, para que os seus chefes tenham pretexto ou tenham necessidade de não reunir as forças proprias ás do Gungunhana, se elle os chamar; *c)* animar os descontentes a revoltarem-se contra o seu suzereno e unirem-se ás nossas forças.

«N'este complexo intento prejecta-se dividir as tropas europêas em tres columnas de operações, compostas de diversas armas. Uma d'estas columnas irá, pelo Incomati ou por terra, ou por uma e outra via, occupar o Intimane, a pretexto de evitar novas invasões dos cossas, tomando posições que lhe permittam passar para o Cossine, onde já temos um posto fraco e desguarneçido. Outra, mais fraca, irá embarcada para o Limpopo, devendo este rio estár já guardado por canhoneiras, e, *sendo possivel,* estabelecer-se-ha, devidamente fortificada, na foz do Changane ou em frente d'essa foz, na margem direita do Limpopo; não podendo chegar lá, occupará algum ponto mais proximo da foz, e, sempre

protegida pelos navios, que em caso de necessidade lhe protejam e facilitem a retirada, ameaçará ambas as margens do rio. Convém saber que da foz do Changane vae-se á actual residencia do Gungunhana em duas ou tres marchas, e que ha lá terrenos onde uma força européa póde intrincheirar-se de modo a poder resistir a grandes massas de indigenas. Finalmente, a terceira columna, a mais forte de todas, marchará de Inhambane para Chicomo, d'onde, em poucas horas, um cavalleiro alcança o kraal do filho do Muzilla.

«Os movimentos da columna do Limpopo não estão bem estudados, porque não houve até agora navio que podesse ir reconhecer o rio e as suas margens; esse estudo ha de fazer-se, porém, ainda n'este mez, e, seja qual fôr o seu resultado, é indubitavel que ao Inhampura poderão ir tropas, cuja presença faça receiar, tanto ao Bilene (margem direita) como ao Gungunhana, um ataque combinado com a columna do Intimane e Cossine, ou com a de Chicomo.

«Tomadas estas posições, é *provavel* que a gente de Cossine e a do Bilene (margem direita) não vá juntar-se ao Gungunhana, deixando as suas terras e mulheres, com risco de serem assaltadas pelas tropas que estiverem no Incomati e no Limpopo, e, quando queira fazel-o, a esquadrilha do Limpopo deve cortar-lhes a passagem, e a columna do Incomati póde invadir-lhes o territorio, nas costas d'ella. Tambem é *possivel* que, em tal situação, essa gente, ou parte d'ella, acceite a nossa auctoridade, *como já tem offerecido,* e assim nos assenhoriêmos do paiz entre o Incomati e o Limpopo. Por outra parte, não é de crer que o Gungunhana, vendo perto de casa as tropas do Chicomo, *que deverão ter atraz de si a gente dos regulos de Inhambane,* desvie forças para acudir á Cossine ou ao Limpopo, e, portanto, a columna d'este rio poderá approximar-se mais do seu kraal; mas se o fizer, a columna do Chicomo, com os auxiliares indigenas, terá todas as

probabilidades de não encontrar resistencia invencivel n'uma marcha que emprehenda sobre esse kraal.

«Supponhamos, porém, que tanto no Cossine, como no Limpopo, como em Chicomo, os vátuas e os seus vassallos se preparam para repellir as nossas tropas. Não é de presumir que, assim divididos, sejam temerosos; mas se tiverem forças numerosas e não fôr prudente atacal-os, as columnas limitar-se-hão a estabelecer postos fortificados no Cossine, no Chicomo ou n'algum ponto da margem do Limpopo; e desde que se colloquem na defensiva, apoiados nos rios e servidos por elles, ou não serão atacados ou facilmente repellirão os ataques. N'esse caso, não se terá conseguido anniquillar o Gungunhana, mas o seu territorio ficará guarnecido de postos militares importantes, o que será já uma vantagem enorme, tanto no ponto de vista estrategico como no ponto de vista politico.

«O que deve dicidir dos movimentos das columnas e do seguimento das operações é a attitude dos povos e a do proprio Gungunhana. Se os povos da Cossine, de Bilene, etc., se levantarem animados pela presença das tropas, as columnas avançarão; e poderão avançar tambem, embora com mais precauções, se os povos—*não sendo maltratados pelos nossos soldados*—cruzarem os braços á espera dos acontecimentos, o que poderá muito bem succeder. Se, pelo contrario, os povos se mostrarem dispostos a reagir e reagir com denodo, as tropas ficarão na nossa fronteira ou nas margens dos rios, onde deixarão postos estabelecidos. *Será temerario fazel-os atravessar extensos paizes inimigos entregues aos seus proprios recursos.*

«Não se deve annunciar, nem deixar suppôr, que as operações são emprehendidas *para atacar o Gungunhana;* pelo contrario, convém propalar que só teem por fim *impedir que o Gungunhana ataque as terras da Corôa.* Ir-se-ha, porém, mais longe, *se as circumstancias o permittirem.* A columna de Chicomo

será especialmente incumbida de aproveitar o favor das circumstancias. Collocada a poucos dias de marcha do kraal, *poderá* arrojar-se sobre elle desde que o saiba mal guardado, contando para isso, com o apoio de muitos milhares de indigenas de Inhambane, alguns d'elles valorosos e inimigos encarniçados dos vátuas. Esta *possibilidade* será maior ou menor conforme a tactica que o regulo de Gaza adoptar. O que fará elle quando vir apparecerem ao mesmo tempo tropas na Cossine, no Limpopo e no Chicomo? E' quasi certo que, a principio, procurará a todo o custo evitar a guerra, porque é covardissimo, commodista, e tem entranhada consciencia da superioridade militar dos brancos, e dos portuguezes.

«Ha de mandar embaixadas, e saguates, offerecer mil coisas—com a intenção reservada de faltar a tudo e tirar desforra na occasião opportuna,—e é possivel que esta sua attitude permitta impôr-lhe condições que lhe tirem força moral e que deixem as tropas firmarem-se no terreno, e talvez avançarem n'elle. A par dos soldados devem operar diplomatas.

«Quando chegue a convencer-se de que será atacado, de certo procurará defender-se; mas é duvidoso que atine com a melhor maneira de o fazer e reuna para isso elementos formidaveis. E' certo que elle junta milhares de homens armados, dizem que 40.000 a 60.000; junta-os para festas e revistas, e junta-os quando os seus indunas podem percorrer todo o paiz do Incomati ao Save e quando a sua auctoridade está incontestada.

«Reunil-as-ha tambem para a guerra, estando o Limpopo vigiado pelas nossas canhoneiras, estando toda a margem direita d'esse rio e parte da esquerda em risco de serem invadidas, e correndo voz pelo sertão de que *gente do rei* vae atacar o terrivel potentado, muito temido, mas tambem muito odiado? Certamente correrão ás armas os vátuas legitimos; mas os povos submettidos e escravisados hão de

provavelmente aproveitar todos os pretextos para se deixarem ficar em casa, quando não para se juntarem ás tropas, salvo o seu direito de se lançarem sobre ellas, se as virem vencidas. Especialmente se o Gungunhana hesitar em correr ás armas — e ha de hesitar, — póde-se esperar que não reuna forças consideraveis.

«Bem poderoso era o Lobengula e nunca poz em campo contra os inglezes mais de 6.000 homens, segundo dizem os proprios vencedores, que decerto não diminuiram o numero dos vencidos, diminuindo a propria gloria.

«Não se deve, pois, julgar improvavel a consecução do 3.º dos fins indicados das operações, e essa consecução póde ser auxiliada por lances de fortuna. Se qualquer das columnas tiver a sorte de ser atacada e repellir bem o ataque, ficará segura a victoria para todas ellas. Se o Gungunhana vendo tropas na visinhança, fugir, o que não é nada impossivel, perderá logo toda a auctoridade para organisar a defeza.

«Com alguma fortuna, ajudada por uma boa politica, poder-se-ha, pois, acabar de vez com o formidavel potentado, que não só nos traz usurpadas as melhores terras da provincia, senão que nos tira a segurança das proprias terras que senhoreamos.

«O estudo da execução d'este plano está-se fazendo. N'este momento (3 de abril) o capitão do estado-maior Eduardo Costa, anda nas terras de Inhambane reconhecendo o terreno das operações e preparando ou fazendo preparar quanto é necessario para ellas: meios de desembarque, estradas, transportes, depositos de mantimentos, logares de bivaque e acampamento. Para auxilio de transportes terrestres, que em parte pódem ser feitos por carregadores, estão já comprados em Durban dez carros de duas rodas e dez de quatro com 140 bois; para transportes no porto, e no rio de Matamba, tambem já foram adquiridos um pequeno rebocador e lanchas.

«O campo das operações da columna do Limpopo é que ainda não foi reconhecido, por falta absoluta de navio capaz de ir ao rio e subir por elle; mas no meiado d'este mez deverão ser dispensados os serviços do *Neves Ferreira* no Incomati, e esse navio, ao mesmo tempo que fôr fazer os preparativos necessarios para a montagem das novas canhoneiras, irá estabelecer um posto militar na margem direita e observar onde e em que condições poderá desembarcar a columna destinada áquella região. Emquanto ás tropas que hão de operar no Intimane e no Cossine, subirão o Incomati até lá ou até algum ponto proximo,—conforme a altura das aguas,—com o auxilio do material fluvial que se vae reunindo; dado, porém, que por alguma circumstancia imprevista não podessem subir o rio, seguiriam para Intimane por terra, atravessando sempre terras da Corôa, e passariam o rio n'uma ponte, podendo aproveitar-se para isso a que se está construindo para ser lançada em Incanine. É ocioso observar que todos estes planos presuppõem que, ao tempo em que elles devem ser executados, estará já completamente debellada a revolta da Magaia.»

Como se vê d'este plano, emprehender-se-hia a guerra contra o Gungunhana, *se as circumstancias o permittissem*.

Era prudente. Veremos depois como o valor das tropas logrou triumphar das proprias circumstancias, em que, afinal, foi intentada a campanha offensiva contra os vátuas.

XI

PEQUENAS OPERAÇÕES

A' concentração de tropas em Lourenço Marques correspondia o empenho de reforçar a flotilha, destinada a proseguir as operações no Incomati e no Limpopo. Na casa Yarrow (Inglaterra) estavam em construcção quatro lanchas canhoneiras, que deviam ir para Lourenço Marques, e do Zambeze tinham ido para as aguas d'aquella cidade as pequeninas lanchas-canhoneiras *Sabre* e *Carabina*, construidas especialmente para a navegação fluvial. A viagem temeraria d'estas *cascas de noz* pelo canal de Moçambique até Lourenço Marques é um feito digno de registrar-se, entre tantissimos actos de arrojo de que a nossa marinha legitimamente se ufana. Eram então commandadas pelos tenentes Ivens Ferraz e Caçador.

Depois de chegarem as lanchas de Inglaterra, a flotilha ficou composta do vapor *Neves Ferreira* (antigo Lady Wood) de 7 pés de callado d'agua na linha d'agua, e das lanchas-canhoneiras: *Bacamarte,*

Xefina, Sabre, Carabina, Lacerda, Capello, Serpa Pinto, Incomati e Magaia.

Foram valiosissimas e quasi constantes as operações d'esta flotilha no Incomati e no Limpopo e representaram uma cooperação honrosissima nas campanhas das forças expedicionarias.

O reconhecimento do Limpopo pelo *Neves Ferreira* e a navegação da *Capello* (de fundo de prato) para o tortuoso rio, a reboque d'aquelle vapor, tal audacia e pericia exigiram, que os seus commandantes, os 1.os tenentes Diogo de Sá e Valente da Cruz, foram enthusiasticamente louvados por aquelle testemunho de admiravel intrepidez e inexcedivel competencia profissional.

Marinheiros e officiaes lidavam devotadamente, sem recatar a vida e sem medir o esforço, e não raras vezes os officiaes tiveram de trabalhar como simples grumetes, mettendo-se na agua para desenrascar as lanchas dos baixios e meandros d'aquelles dois rios, que se enroscam pelo sertão, como esguias serpentes.

*
* *

A victoria de Marracuene intimidára os regulos convisinhos de Lourenço Marques e empurrára para o alto Incomati os guerreiros de Mamatibjana e do Mahazuli.

A posição de Marracuene, ponto forçado do trafico para a Manhiça, Intimane e Gaza, fôra solidamente occupada em 22 de março. Ali se lançaram os fundamentos de uma povoação, que foi denominada *Villa Luiza de Marracuene,* em homenagem a uma gentil filha do commissario regio.

Dois dias antes fôra reorganisado o corpo de policia de Lourenço Marques, elevando-se-lhe o effectivo a 66 praças de cavallaria e 263 de infanteria.

Por decreto do commissario regio, de 16 d'abril, foi ordenado que todas as forças expedicionarias



IVENS FERRAZ
(Commandante da lancha «Sabre»

que se esperavam da metropole e as existentes na provincia, constituissem uma brigada de operações sob o commando do coronel Eduardo Galhardo, ficando sob a sua immediata dependencia os depositos de material de guerra, estabelecidos em Lourenço Marques e Inhambane.

Outro decreto de 22 do mesmo mez prohibia a importação de armas e munições e a venda de quaesquer petrechos de guerra, sem licença do governo.

Pouco depois de se terem concentrado em Lonrenço Marques as forças expedicionarias, organisou-se a columna do norte (Inhambane). Era constituida pelo esquadrão de lanceiros, por uma parte da bateria de montanha, por uma parte da companhia mixta de engenheria, pelo 2.º batalhão de caçadores n.º 3 e por uma companhia do 2.º batalhão de infanteria 2.

A columna do sul ficaria composta de 3 companhias de infanteria 2, de pequenas forças de engenheria e artilheria e d'alguns lanceiros.

A caçadores 2, já muito reduzido por effeito dos contingentes que repatriára, tocaria principalmente a guarnição de Lourenço Marques e de Anguane.

Desde logo a columna do sul começou a pôr em pratica a parte do plano que lhe estava commettida.

A sua *pequena guerra* de marchas penosissimas e de investidas contra as povoações rebeldes, e a construcção de postos fortificados sobre a immensa curva do Incomati, consumiriam longos mezes de rudes trabalhos, de enormes sacrificios, de benemerito esforço.

N'essa lida de todos os dias, fecunda, extenuadora e afinal obscura, porque lhe faltava a fulguração das victorias ruidosas, avultaram em todo o seu esplendor as grandes virtudes antigas do soldado portuguez e exalçaram-se em affirmações enternecedoras todos os sentimentos de confraternidade militar, que são a suprema força de cohesão moral

dos exercitos em campanha e transmudam as unidades de combate em grandes familias, estreitamente ligadas pelos vinculos da honra e do dever.

Cousas que em plena paz e na vida remançosa das guarnições da metropole passariam indifferentes ou como um ceremonial banalmente regulamentar — o içar de uma bandeira, o toque da Avè-Maria — tomavam ali, no sertão, o caracter de uma grande e commovedora solemnidade, repassada de melancholica poesia e de profunda fé, como se na mesma liturgia sublime se enlaçassem os grandes symbolos da religião e da patria.

Levantar sobre um mastro grosseiro, aos primeiros fulgores da manhã, na plenitude da luz sem crespuculo, um pedaço de lã com as cores e o brazão de Portugal e arreal-o ao esmorecer do dia, com o sol de fogo a morrer no horisonte, seriam cousas simples, vulgares, inexpressivas na metropole em paz e eram cousas peregrinas e enternecedoras nas campanhas d'Africa. A formalidade fazia-se culto, quasi superstição, e os soldados menos cultos, por uma poetica intuição do symbolismo da patria, punham na bandeira, carinhosamente, os olhos turvos de lagrimas, saudavam-na solemnemente e iam recebel-a nos braços, arriada, com a piedosa devoção com que um sacerdote antigo receberia a ambula sagrada de um sacrario.

E' que para aquelles homens, isolados da civilisação e da familia, a tres mil leguas do seu lar, aquelle pedaço de lã, aquella bandeira, era, ao mesmo tempo, o symbolo de quanto havia de mais glorigoso na patria e de mais peregrino e santo nos lares distantes.

A bandeira resumia toda a ambição nobilissima das suas almas e todos os dilectos amores dos seus corações; era a gloria e a saudade na expressão d'aquellas côres, era a alma de todas as mães a palpitar na alma ideal d'aquella insignia; era Portugal n'aquelle pedaço de lã.

O toque de Avè-Maria foi algumas vezes uma

singela e poetica ceremonia, cheia de fé. Era para muitos como que uma saudosa evocação da infancia. Lembrava-lhes o sino da egrejita branca da aldêa, com o adro orlado de roseiras, nos dias d'outro tempo; o sol a morrer detraz das montanhas, os casaes a levantarem pelas encostas a sua fumarada, como baixa neblina, os carros a chiarem dolentemente pelos caminhos e, regressando ao povoado, os ranchos de trabalhadores, de enxadas ás costas, chapeus e barretes na mão, rezando baixo as Avè-Marias. Tão longe! Ha tanto tempo! E quantos d'aquelles soldados, simples e crentes, áquella hora, por suggestões da alma, não estariam vendo uma figura de velhita, cabellos de neve, a sahir da egreja e a repetir ainda a prece pelo filho que lhe levaram?

Custa durissimos sacrificios a honra das nações.

*
* *

Iam-se estabelecendo os postos fortificados na linha do Incomati.

No seu interessantissimo relatorio de 19 de maio, dirigido ao chefe do estado-maior da brigada de operações, o sr. major d'infanteria 2 Gomes Pereira, dá largos pormenores ácerca dos postos de Marracuene e de Incanine.

Foram importantes os trabalhos que encontrou em Marracuene e por elles louvou calorosamente o sr. capitão d'infanteria 2 Coelho da Silva, commandante do posto. O terreno estava desbravado; levantára-se uma solida construcção de madeira e zinco, defendida exteriormente por vedações de arame farpado. O caminho aberto entre o posto e o rio prestava-se perfeitamente ao movimento das tropas e era sufficientemente protegido para se effectuar por elle o transporte dos abastecimentos para o posto, cuja guarnição era então de 75 homens.

O posto do Incanine compunha-se de uma obra

de defeza de fórma quadrangular, com 16 metros por face, tendo por parapeitos grossos tabuões sobrepostos, que chegavam á altura de $1^m,30$. A defeza exterior era reforçada por uma vedação de fio de ferro farpado com a altura de $2^m,5$ e por uma rede de arame de 4 metros de largura, collocada um pouco acima do solo e á distancia de 80 a 100 metros dos parapeitos.

Na margem fronteira do rio, cuja maxima largura era de 200 metros, fôra construido um blockaus de dois andares, com um mirante de observação para as communicações de telegraphia optica entre aquelle posto e o de Marracuene. Uma ponte de 26 lanços, com 201 metros de encontro a encontro, um taboleiro de $1^m,50$ de largura e uma portada para a passagem de lanchas, estabelecia communicação entre o grande posto e o blockaus destacado.

Este posto esteve guarnecido por 114 homens, sob o commando do tenente Krusse Gomes, de infanteria 2. Ali se estabeleceu um pequeno posto da Cruz Vermelha, organisado pelo illustre medico de marinha, delegado d'aquella associação benemerita, o dr. Rodrigues Braga.

Outros postos importantes se estabeleceram ao longo do Incomati, mas a sua descripção mais importa a um livro technico, especialmente consagrado aos trabalhos de fortificação passageira realisados durante a guerra, e nos quaes a engenheria prestou valiosissimos serviços, do que a uma historia geral d'aquellas campanhas, consagrada, não exclusivamente á classe militar, mas a quantos se interessam pelos gloriosos feitos das nossas tropas na Africa.

Em 17 de maio de manhã sahia para a Mapungà' do Mahazuli, uma columna de operações, composta de 265 homens, sob o commando do capitão de engenheria Freire d'Andrade, tendo como chefe de estado maior o destemido Paiva Couceiro. Era uma columna formada de destacamentos diversos, de

engenheria, da companhia de artilheria de guarnição, da bateria de montanha, de infanteria 2, da policia de Lourenço Marques, de soldados negros do batalhão de caçadores 3 da provincia e de alguns auxiliares. Levava um canhão de montanha e uma metralhadora Nordenfelt, sob o commando do tenente Sanches de Miranda.

Na ordem de marcha, elaborada no commando superior, nenhuma indicação util ficou esquecida. Tudo foi previsto: o municiamento, o serviço de segurança, a alimentação e nem mesmo esqueceu recommendar que aos soldados mais bisonhos fossem indicados, antes da partida e de modo a serem facilmente fixados, os principaes preceitos de combate e do serviço de vigilancia.

Mas os cafres fugiam á approximação das forças, abondonando as povoações, que os nossos auxiliares incendiavam com inexcedivel jubilo. Assim succedeu a Moamoquine e outras.

Esta marcha para a Mapunga foi notavel pela regularidade inexcedivel da formatura, atravez de terrenos difficeis. A expedição avançava em quadrado, como n'um campo de exercicio. Por muitas vezes a face direita do quadrado se ia firmando penosamente na areia, emquanto a face esquerda se atolava em terrenos encharcados.

Concluida esta expedição, rude, fatigante e quasi ignorada, emprehendeu-se logo outra á Macanêta, com o intuito da bater a gente do Finish e surprehendel-o a elle, a alma e o cerebro dos cafres em guerra.

Outra dura marcha improficua. Esta então feita debaixo de chuva copiosa, que encharcava aquella pobre gente, já depauperada pelas febres. O Finish havia-se retirado cautelosamente. Era para o alto Incomati, para a região do Cossine, que os cafres rebellados iam convergindo, rapidamente, evitando combater com as forças portuguezas. Ali estavam mais perto das terras do Gungunhana, receberiam soccorro directo e facil dos vátuas; as suas mulhe-

res e os seus gados seriam acolhidos e guardados por ordem do poderoso regulo, o vassallo hypocrita que trahia a bandeira, á qual promettera fidelidade.

Escarmentados com a sangrenta lição de Marracuene, entendiam os cafres que mais no interior do sertão a lucta seria funesta para os portuguezes e relativamente facil para elles, com a cooperação da gente da Cossine e o apoio de alguma gente de guerra do soberbo regulo de Manjacaze.

Foi nas terras de Finish que as nossas tropas encontraram obras de fortificação passageira perfeitamente regulares; trincheiras-abrigos correctamente construidas; fossos e abatizes que estavam revelando a direcção de alguem muito entendido n'esta especie de trabalhos.

Attribuem-se ao Finish essas obras defensivas e conta-se que um dos nossos officiaes dissera: *Esse figurão parece que estudou Brialmont do principio ao fim.*

Custa a crer — e já indicámos esta suspeita — que só pela permanencia de alguns annos nas colonias inglezas, o cafre, embora astuto, aprendesse a dirigir trabalhos de fortificações, que não seriam precisamente a sua occupação em quanto esteve fóra da Magaia.

Teria procurado aprender com quem fosse interessado em ensinal-o, na mira de futuras contingencias, ou havia estado na Macanêta alguem, com especiaes conhecimentos militares, que o houvesse *auxiliado* na direcção e execução d'aquelles trabalhos?

Aqui está uma pergunta a que não sabemos responder. Fosse, porém, como fosse, é incontestavel que, depois das perdas enormes que os rebeldes soffreram em Marracuene, o Finish não confiou nas suas trincheiras-abrigos e deixou-as ao abandono, para se ir collocar sob a protecção proxima dos vátuas.

No seu relatorio ácerca dos postos e das expedições que indicamos, o sr. major Gomes Pereira

louva enthusiasticamente os dois officiaes que foram as figuras proeminentes da campanha do sul—o capitão Freire de Andrade e o tenente Paiva Couceiro. Diz o sr. Gomes Pereira que, na sua carreira militar de mais de 30 annos de serviço effectivo, não encontrára dois officiaes que, como elles, com tanto valor, abnegação e intelligencia soubessem servir o seu paiz, o que era ainda para maior admiração n'aquelle inhospito clima e em circumstancias por tal modo difficeis e extraordinarias.

*

*   *

Muito rareadas pelas febres, as tropas da columna do sul foram batendo o valle do Incomati e subindo para a região da Cossine. Aos postos de Marracuene e de Incanine ou Incanhine, acresceram os de Manhiça, de Chinavane e de Magude. Havia ainda os de Stocolo e Sabie na curva ascendente do Incomati.

Entretanto, continuavam as negociações com o Gungunhana, protector evidente dos regulos da Zixaxa e da Magaia. Nas fórmulas invariaveis da sua velhaca diplomacia, o rei de Gaza esquivava-se com palavras hypocritas a hostilisar os rebeldes, affiançando solemnemente que não os protegia e que era um vassallo respeitoso de Portugal, um *filho*, dizia o Mundagaz na sua insidiosa ternura. O que elle queria era ir ganhando tempo, á espera, ou da intervenção de algumas ambições estrangeiras, ou de alguma derrota que os cafres infligissem ás nossas tropas e o collocassem a elle em condições de jogar abertamente contra nós.

Depois de mandar uma embaixada com presentes para Lourenço Marques, enviava uma outra com solicitações de auxilio para a colonia do Cabo.

A que foi a Lourenço Marques era composta de Intonga e Nyouji e levava como *saguate* (presente)

algumas pontas de marfim e 200 libras sterlinas. Segundo estes embaixadores, o aggravado e queixoso era o Gungunhana.

O *saguate* não foi acceite e de novo se intimou ao rei de Gaza, sob pena de rompimento de hostilidades, a entrega do Mahazuli e do Mamatibjane. A satisfação d'esta exigencia devia realisar-se no praso de 15 dias. Era um *ultimatum*.

A'cerca da embaixada ao Cabo sabemos que nos principios de setembro sir Hugh Mac Donell, ministro da Inglaterra em Lisboa, communicava ao ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, por ordem do marquez de Salisbury, presidente do gabinete britannico, que o Gungunhana mandára dois emissarios seus á cidade do Cabo, mas que o governo inglez ordenára que nada se tratasse com aquelles emissarios e fossem immediatamente intimados a regressar ao seu paiz. O sr. Mac Donell accrescentava ainda, em virtude de instrucções do marquez de Salisbury, que esperava que o governo portuguez visse n'este procedimento o sincero empenho da Inglaterra em afastar qualquer esperança de apoio que podesse estimular o regulo de Gaza a abrir hostilidades contra os portuguezes.

Afinal o Gungunhana, a despeito do seu poder, dos armamentos e munições que adquirira á força de libras sterlinas, arrancadas do seu thesouro, com tanta avareza recatado, e apezar mesmo de alguns bons conselhos *brancos*, receava uma guerra contra as tropas portuguezas, embora, pela sua excellente espionagem, soubesse a que escasso numero estavam reduzidas as expedições de Portugal.

Pela nossa parte tambem as negociações propositadamente se haviam demorado para dar tempo a que se fortificasse a linha do Incomati, antes de alguma investida dos vátuas, e a que a columna do norte podesse reunir os meios de transporte necessarios para chegar até Chicomo.

Era isto mesmo o que o sr. commissario regio confessava depois em telegramma expedido de Lou-

renço Marques para Lisboa, em 12 de novembro. Dizia assim o telegramma:

Desejo que o governo saiba que a negociação com o Gungunhana em nada atrazou as operações, pois as tropas só poderam chegar a Chicomo desde fins de julho até 15 d'agosto. Rompi a negociação em 15 d'agosto, tendo-a utilisado para tomar posições no Chicomo e no Cossine sem ser atacado.

O *ultimatum* ao Gungunhana havia-lhe sido apresentado em Manjacaze com uma certa solemnidade. Os emissarios portuguezes iam acompanhados por um piquete de lanceiros. Pela sua parte o *rei* de Gaza tambem se não esquecera de alardear o seu poder.

O sr. Jayme de Ornellas, official que já encontrámos em Marracuene entre os mais intrepidos, vae dar-nos um quadro interessantissimo da primeira audiencia solemne em Manjacaze. E' perfeitamente um quadro espontaneo, rapidamente esboçado n'uma carta, mas opulento de observação e de colorido. Um bravo e um *gentleman,* cavalheiroso e imperturbavel como o mais nobre d'aquelles tres mosqueteiros que o genio de Dumas creou e fez immortaes, o sr. Jayme d'Ornellas, que aos primeiros rebates da surpreza de Marracuene puxava o relogio, serenamente, *para ver a que horas começava a tourada,* sabe tambem manejar a penna com a firmeza com que maneja a espada.

Ouçamos o illustre official:

«Pelas 9 horas da manhã, do matto que fecha a elevação onde está o kraal do Gungunhana, vinha sahindo uma multidão de gente descendo a grande *langua de Manguanhana.* Ao chegar á planicie tudo isso fez alto, formando uma densa linha negra que nos fechava o horisonte. Lentamente se

foi ella approximando de nós e pouco a pouco se iam percebendo e distinguindo os vultos, quando se partiu em 6 columnas, duas d'ellas muito profundas, ladeadas cada uma por duas mais pequenas. Eram as duas mangas de guerra dos Impafamane (homens altos) e Iynhony M'Chope (passaros brancos), dividida cada uma em tres troços (malange), na força de perto de tres mil homens cada uma, ostentando elles toda a galla e riqueza selvagem do magnifico trage de guerra dos guerreiros vátuas. Vinham porém armados só de cacetes em prova das suas intenções pacificas. Toda essa massa immensa avançava para nós e cercava a residencia sem um ruido sequer, manobrando com uma precisão e regularidade que fariam inveja a alguns exercitos. A cerca de 500 metros de nós destacou-se á frente o bobo ou jogral do exercito, litteralmente coberto de pelles de tigre, com um immenso capacete de pennas negras na cabeça e dando cabriolas, ladrando com um cão e cantando como um gallo. Já estavam as mangas junto á residencia, e as 6 columnas formaram linha em semi-circulo em volta de nós, vindo para a frente até 15 ou 20 metros um grupo de cerca de 100 homens. Entre estes vinha o Gungunhana, que conheci logo, apezar de nunca lhe ter visto retrato algum: era evidentemente o grande chefe d'uma grande raça. D'esse grupo adiantou-se um dos principaes, orando por bastante tempo, dando-nos as boas vindas em nome do regulo e da sua nação e terminando pela saudação vátua: *bahete!* que repetida por milhares de boccas que nos cercavam produzia o effeito d'uma descarga de fuzilaria. Então o regulo adiantou-se, sentamo-nos e trocaram-se os mais cordeaes cumprimentos. E' um homem alto, e sem ter as magnificas feições arabes que tenho notado em tantos dos seus, tem-as sem duvida bellas, testa ampla, olhos castanhos intelligentes e um inquestionavel ar de grandeza e superioridade. Ao levantar-se fez-se de novo ouvir o estrondoso *bahete!* e formando outra

vez as mangas em columna, mandou-as entoar o canto de guerra. Aqui devia eu parar. Nada no mundo póde dar uma pallida idêa da magnificencia do hymno, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas, vibradas com enthnsiasmo por 6:000 boccas, faziam estremecer-nos até ao intimo.

«Que magestade, que energia, n'aquella musica, ora arrastada e lenta, quasi moribunda, para resurgir triumphante n'um fremito de ardor, n'uma explosão queimante de enthusiasmo! E á medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando e ainda por largo espaço reboavam pelas encostas e entre as mattas de Manjacaze. Quem seria o compositor anonymo d'aquella maravilha? Que alma não teria quem soube metter em tres ou quatro compassos a guerra com toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos» me ribomba o echo do terrivel canto de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu transido de terror, perdido por entre as brenhas d'estes mattos nos quaes vivo ha perto de um mez. No dia seguinte fomos á *banja*, especie de conselho de estado onde teem assento só os membros da familia do regulo e os grandes senhores de terras, umas trinta e tantas pessoas ao todo, e entabolamos negociações.

«Desde o principio se nos apresentou uma grande difficuldade, a de convencer o Gungunhana de que a submissão ás nossas vontades o livraria da guerra. «Se as tropas são tantas e estão nas minhas fronteiras, não foi só para que vocês me viessem cá dizer isso. Se eu tivesse dito que não, percebia então essa approximação». Emfim seria longo enumerar os argumentos apresentados de um e outro lado em tres *banjas* de cerca de 4 horas cada uma. Só direi que admirei o homem que os jornaes d'ahi pintam como um bebado despresivel, e que discutiu durante tanto tempo com uma argumentação lucida e intelligente, racionada e logica».

A 16 de agosto o sr. commissario regio dava ordem ás columnas do norte e do sul para avançarem contra o inimigo, como elle proprio affirma no seu telegramma de 12 de novembro, que em parte foi por nós já transcripto.

XII

O QUADRADO DE MAGUL

Estamos, portanto, diante de dois objectivos que se relacionam, mas que se não unificam. Bater os cafres rebeldes, que se encontravam na Cossine, procurando o apoio dos vátuas, e invadir o paiz de Gaza, levando a guerra ao proprio kraal de Manjacaze. Qualquer d'elles se poderia alcançar, sem dependencia do outro, embora a realisação de um não fosse indifferente, antes devesse influir na realisação do outro.

Sem communicações possiveis entre si, atravez do sertão, separadas por muitos dias de marcha, que a effectuar-se teria de ser uma longa e asperrima conquista, sem poderem, portanto, apoiar-se d'outro modo que não fosse pela acção moral das victorias que alguma d'ellas obtivesse; as duas columnas do norte e do sul operavam isoladamente, com objectivos distinctos e até em paizes que, sob o ponto de vista das soberanias sertanejas, não constituiam um unico dominio.

Não fôra possivel realisar completamente o pla-

pela rapina e pelo incendio, segundo o estylo cafreal.

A pequena distancia, a vanguarda encontrou alguma gente inimiga. Cahiram sobre ella os lanceiros e, apoz brevissima escaramuça, os rebeldes fugiram, deixando 30 mortos e algum gado, que os auxiliares apresaram com a sua natural intrepidez n'esta especie de commettimentos.

A columna continuou a marcha. Nas proximidades de uma cadêa de montes, que são como o limite natural da região da Cossine, novamente a vanguarda encontrou gente rebelde, mas agora bem armada e em numero que não desceria de 2:000.

Couceiro ia muito distanciado da columna, mas avançou resolutamente com os 6 lanceiros e a gente auxiliar.

A columna já tinha passado para além da povoação de Magul, que deixára á sua direita.

Paiva Couceiro, que travára conhecimento com um irmão do regulo da Cossine, lembrou-se de o chamar pelo nome, ao acaso, a vêr se elle estaria entre os rebeldes. Estava effectivamente.

Pasman, o irmão do regulo da Cossine, era o commandante dos rebeldes. A apparição dos lanceiros e o receio de que elles fossem a vanguarda de importantes forças brancas, por tal modo influiram no animo de Pasman, que logo se distanciou da sua gente para ir falar com o tenente Couceiro.

Fingiu-se o preto muito magoado e cheio de assombro por os portuguezes lhe invadirem os seus dominios, fazendo-lhe guerra, a elle, que sempre vivera em paz com a gente de Portugal. Era grande a lista dos seus aggravos. Povoações queimadas, gente morta, mulheres roubadas, gado apprehendido, e sem que elle provocasse semelhantes hostilidades.

Paiva Couceiro percebeu que tinha ali um discipulo emerito do Gungunhana, e ás insidiosas queixas replicou que era d'elles a culpa da guerra, pois acoutavam e protegiam nas suas terras os rebeldes

da Zixaxa e da Magaia. Com os amigos leaes o procedimento era outro, e tanto que ainda no dia antecedente tinham ido avisar a gente pacifica do Incoluane para se retirarem de modo a não soffrerem as consequencias da guerra. Mas que elle Pasman e os outros regulos, como seu irmão Xonqueila e como o Majioli, obedeciam ao Gungunhana, davam guarida aos rebeldes e por isso a *guerra branca* ia começar implacavelmente contra elles, e já vinha a pequena distancia. Intimidou-se Pasman com esta ameaça e supplicou a Paiva Couceiro que lhe concedesse tres dias para aconselhar o irmão e vêr se o movia a entregar os regulos da Zixaxa e da Magaia. Era um expediente dilatorio; comprehendeu-o bem Paiva Couceiro, mas seria funda imprudencia transformar em campanha offensiva com 120 europêus apenas aquella marcha de simples reconhecimento.

Ficou combinado que no praso de tres dias, ou elle Pasman e o irmão iriam entregar os dois rebeldes, ou seriam atacados pelas tropas portuguezas.

Ninguem acreditou na lealdade e no bom exito d'esta combinação. Os nossos trataram de se precaver para cumprir a promessa de hostilidades, e os cafres concentraram todas as suas forças disponiveis para os esperarem.

*

* *

Volveram os tres dias aprazados e não fôram entregues os regulos da Zixaxa e da Magaia, como aliás estava previsto.

Organisou-se a columna de operações com a gente valida do posto de Chinavane e mais 120 praças, com 3 metralhadoras, que vieram do forte de Magude. Ao todo 275 portuguezes, em grande parte já anemicos, já envenenados pelo impaludismo, mas que ainda tinham alma para marchar e combater, e mais uns 33 angolas. Compunha-se de 4 metra-

lhadoras a artilheria e era commandada pelo bravo tenente Sanches de Miranda. Com a columna iam 100 carregadores. Commandava em chefe o capitão Freire d'Andrade e era seu immediato Paiva Couceiro.

A columna constituira-se com os seguintes destacamentos:

Artilheria de montanha	20
Artilheria de guarnição	10
Engenheria	1
Lanceiros	8
Cavallaria da policia	3
De infanteria 2	221
Da administração militar	1
	264
Officiaes	11
Angolas	33
Total	308

No dia 7 de setembro, pelas 9 horas da manhã, começou a passagem do Incoluane em dois escaleres da lancha-canhoneira *Lacerda* e com o auxilio de um cabo de vae-vem. Com taes meios, e a despeito da mediania do effectivo da columna, o transporte devia ser necessariamente morosissimo e fatigante. E foi. Eram 3 horas quando estava concluido. Tinha levado 6 horas! Fazia um calôr suffocante, extenuador. As tropas não podiam mais; alguns soldados mal conseguiam arrastar-se e sustentar a Kropatschek ao hombro.

O quadrado bivacou, sem que o houvesse perturbado o minimo indicio da approximação do inimigo.

Não levava comboio de viveres, nem serviço de saude, que não fosse um enfermeiro e este mesmo sem ter, ao menos, uma simples mochila de ambulancia bem provida!

Quanto ao serviço de saude é incontestavel que a expedição portugueza estava mais mal dotada que

a propria expedição franceza a Madagascar, cujos serviços medicos eram, aliás, deficientissimos. Com a expedição a Dahomé nem sequer é licito estabelecer confronto.

A columna do coronel Dodds, com um effectivo, que era, approximadamente, o da nossa expedição, tinha 19 medicos e numerosas ambulancias, largamente providas! As nossas duas columnas de operações — a do sul e a do norte — não tiveram mais de $^1/_3$ d'aquelle numero de medicos, incluindo mesmo os da Cruz Vermelha.

Todo o trem de marcha da pequena columna se reduzia a 1 carro, 8 burros e 4 bois.

No dia immediato (8) pelas 7 horas e 30 minutos da manhã, o quadrado avançou na direcção de Magul. Levava os carregadores no centro, os angolas em flanqueadores e 7 lanceiros em serviço de exploração.

Custava já a supportar o calor. O sol estonteava; tinha as fulvas scintillações de um brazido colossal; parece que havia na atmosphera reverberações metallicas que feriam a vista subitamente. Como que iam caminhando para a bocca de uma enorme fornalha, que se fechava na linha ampla do horisonte.

Cada quarto d'hora de marcha representava um esforço penosissimo. As espingardas queimavam, os uniformes de brim iam alagados de suor e os soldados, com os chapeus de feltro derrubados sobre os olhos, resfolegando alto, a bocca semi-aberta, como n'uma insaciavel soffreguidão d'agua, dobravam-se muito para a frente, arrastando aos solavancos da sua inabalavel constancia o pobre corpo depauperado pelo clima.

De quando em quando cruzavam-se os ditos alegres de alguns d'esses incorrigiveis humoristas, pittorescamente expontaneos, que são a encantadora bohemia das marchas e dos bivaques.

— Esta sujeita tambem já vae com as febres — dizia um soldado de artilheria, indicando a outro os

canos da Nordenfelt, a queimarem como se estivessem em braza.

Assim marcharam durante duas horas e meia!

Uma pequena linha d'agua, cujo aspecto accendeu fulgurações de jubilo nos olhos amortecidos dos soldados, serpeava por uma larga planura alagadiça, ao cabo da qual e junto das collinas onde dias antes houvera o encontro com o Pasman, uma multidão enorme de cafres fazia exercicios de guerra, entoando os seus canticos de combate e dando saltos formidaveis, como demonios de um *sabbat* terrivelmente phantastico.

Estavam já prevenidos da approximação dos nossos. O exercicio, os canticos, os saltos eram uma provocacão, um estratagema para attrahir o quadrado ao terreno encharcado, onde ficaria enterrado para sempre.

Enganadora miragem aquella agua! Ninguem poderia ali mitigar a sêde.

Conta-se que na campanha de 1808 o general Bernardim Freire d'Andrade replicára ao general inglez que lhe allegava não haver rações de pão para distribuir ás tropas portuguezas:

—Pois bem; combateremos mesmo sem pão.

Mas combater devorado pela sêde deve ser immensamente peior, mais angustioso, mais desesperador.

A vanguarda, commandada por Paiva Couceiro, depois de ter avisado da posição do inimigo, foi cobrindo a marcha do quadrado até um terreno cultivado, que ficava a 1:500 metros da orla do bosque.

Freire d'Andrade mandou concentrar mais o quadrado, que ficou com tres fileiras por face e uma Nordenfelt em cada angulo. Era um pequeno reducto de brancos na moldura immensa d'aquelles sertões. E como os cafres se não decidiam a tomar a offensiva, pois contavam que os nossos cahissem em atravessar o pantano onde a derrota seria inevitavel, o capitão Freire d'Andrade, que não queria

retirar sem combater e que não podia esperar pela noite em tão desvantajosa posição, com as tropas sem alimento, mortificadas pela sêde, quasi extenuadas pelo cansaço e ante um inimigo immensamente superior, resolveu mandar provocar os rebeldes e ordenou aos 33 angolas e 100 corregadores, que avançassem para elles, que os desafiassem conforme o uso cafreal e lhes fizessem fogo, fugindo em seguida para junto do quadrado.

Eram 11 $^{1}/_{2}$. O sol a prumo faiscava nos metaes do armamento.

Os cafres não responderam á provocação dos angolas e dos auxiliares. Custava-lhes desistir do estratagema do pantano, que lhes assegураria a victoria facil e a chacina completa. Apenas começaram a desenvolver-se n'um enorme *crescente,* que lembrava a ordem de batalha dos marroquinos em Alcacer-Kibir. Preparava-se para envolver o quadrado aquelle *crescente* negro de Magul.

Desenvolveram-se, mas não avançaram. O capitão Freire d'Andrade calculou que os cafres aguardavam a noite para o ataque e entendeu que seria de boa prudencia consolidar a resistencia do quadrado por meio de defezas accessorias. N'este intuito mandou derribar duas grandes arvores que estavam proximas da nossa gente e com ellas se estabeleceram abatizes. Pela 1 hora e 20 minutos começou a correr vento na direcção da face esquerda do quadrado e os cafres tomaram a offensiva.

Durante a sua operação de desenvolvimento fôra facil aos officiaes portuguezes mais conhecedores da organisação militar dos negros perceber que elles dispunham de *13 mangas,* que na força normal de 500 guerreiros cada uma, representavam 6.500 homens.

O movimento offensivo accentuára-se mais sobre a face do quadrado contra a qual corria o vento. Entendiam os cafres que assim, a fumarada dos seus proprios tiros iria cair sobre o quadrado, cobrindo-lhes os movimentos.

Os cafres caminhavam cautelosamente e como gente que já conhecia o effeito mortifero das Kropatscheks. Avançavam quasi de rastos, cobriam-se com as ondulações do terreno, escondiam-se no capim, abrigavam-se por detraz dos monticulos de muchèm. Assim faziam fogo, sobre o quadrado, avançando por lanços, em carreira, como os atiradores europeus.

A grande distancia dos que investiam o quadrado com as suas armas de fogo, avançavam lentamente, como para os alentar e proteger ou para assegurar qualquer lance de boa fortuna alcançado pelos atiradores, as enormes massas dos guerreiros armados de azagaias.

Emfim. Começava o combate contra aquelle quadrado de 275 portuguezes, que tinham nas suas mãos a honra de uma nação e 33 angolas que combatiam á sobre posse. A distancia, doidos de medo, inuteis, cozidos com o terreno, onde elles suppõem que as balas não podem chegar, os cem carregadores esperam a tremer o desenlace d'aquella extraordinaria lucta contra mais de seis mil homens. Assim, em campo aberto, isoladamente, sem uma esperança plausivel de soccorro, sem o apoio de uma fortaleza ou de algum navio, com os corações por parapeitos, nunca se combatera, sem que a temeridade não tivesse o desenlace inevitavel de um desastre. Nem os nossos antigos em Marrocos e na India; nem os estrangeiros em qualquer região da Africa.

A façanha de Mazagran (1840), 123 francezes que resistiram a 12.000 arabes na Argelia, é brilhante, soberba, mas se os arabes eram mais que os cafres e os francezes menos do que eram os nossos em Magul; em Mazagran, aquelle heroico punhado de francezes combatia a coberto dos parapeitos de um recinto fortificado e em taes condições tambem já nós sabemos como um homem póde oppôr-se a cem.

Logo que se accentuou o movimento offensivo dos cafres, officiaes e sargentos recommendavam

no quadrado a maxima attenção ás vozes de commando e a maior firmeza nas pontarias. Que ninguem se precipitasse. Deixar avançar os cafres. Os que chegassem mais perto ficariam espetados nas pontas dos sabres-bayonetas, que refulgiam ao sol como facêtas de diamantes.

A primeira fileira do quadrado está de joelhos; pelo lado exterior os angolas, estendidos no chão, esperavam a voz de fogo.

Referia depois um moço official, em uma carta encantadoramente sincera, que no primeiro momento, dentro d'aquelle reductosito de peitos portuguezes, quadrado minusculo de quatorze a quinze metros por face, lhe lembraram subitamente, n'uma grande expansão de saudade, todas as grandes horas felizes da sua vida e lhe passaram velozmente n'alma, como na tela branca dos quadros dissolventes, quantas imagens queridas o seu coração guardava; mas foi um instante que isto durára. Aos primeiros tiros, tudo se dissipou e tudo se esqueceu; veiu a embriaguez da polvora e percebeu-se que era preciso matar para vencer.

Sim, e em cada alma d'aquelles homens — comprehendêmol-o bem — uma grande imagem substituiu todas aquellas pequenas imagens e um grande nome lhes encheu no coração todo o espaço d'aquellas saudosas reminiscencias. A imagem da patria; o nome de Portugal.

Vibrou a voz de *fogo*. Os cafres estavam a 200 metros do quadrado. Foi disparada a primeira metralhadora. As descargas das Kropatscheks pareciam berros formidaveis, seccos, metalicos, de algum monstruoso animal selvatico. As metralhadoras éstrondeiam sob a acção dirigente do bravo tenente Miranda.

Os primeiros tiros dos cafres fazem cair dois dos nossos. Depois outros e outros. As faces do pequeno quadrado vomitam torrentes de balas.

O capim resequido arde como isca, e o vento, soprando o incendio, atira ondas de fumo sobre o

quadrado e vae mortificar ainda mais aquelles pobres soldados devorados pela sêde.

Tres metralhadoras estão já inutilisadas, uma porque uma bala dos cafres lhe destruira a cartucheira e duas porque se tinham encravado com os involucros dos cartuchos. Restava uma que o tenente Miranda manejava febrilmente. Apesar das suas perdas enormes, os cafres, reforçando-se nas suas grandes massas de reserva, como no mar a onda que se alastra se realenta na onda que a precede, avançavam arrojadamente, e iam cahir a 60 metros de distancia das primeiras filas dos nossos.

Dentro do quadrado ha já alguns mortos e bastantes feridos. Um soldado de infanteria tinha tres ferimentos. Outro do mesmo regimento caira ferido n'uma coxa. *Ai que me mataram!* — murmurou. *Qual mataram* — retorquiu-lhe um official. *Vinga-te n'elles, se ainda podes fazer fogo. Diz bem v. s.ª, meu alferes* — volveu o ferido e arrastando-se para a frente continuou a fazer fogo, escorrendo sangue [1]. De 7 lanceiros que havia, tres estavam já feridos!

---

[1] Era o soldado n.º 43 da 2.ª companhia do 2.º batalhão do regimento d'infanteria n.º 2. Chamava-se João d'Assumpção. Não morreu no combate, mas quando regressava a Portugal, a bordo do paquete *Kaiser*, entregosando talvez os jubilos da chegada por entre as caricias e as bençãos da familia.

Foi-lhe sepultura o fundo immenso do mar.

Não se estranhe que registêmos aqui a morte de um soldado.

No tomo II da sua *Historia politica e militar de Portugal*, Latino Coelho, o escriptor inexcedivel, não duvidou entalhar no oiro antigo, purissimo, brilhante das suas paginas o nome de um simples cabo de esquadra do regimento d'artilheria da côrte, que no ataque de Argel pela esquadra hispano-portugueza, em 1794, não quiz que o rendessem na guarnição de um morteiro, *apesar de banhado em sangue, que em borbotões lhe sahia dos ouvidos.*

Não valia menos o animo do pobre rapaz que combatia em Magul, já depois de gravemente ferido.

Chegára o lance temeroso. Todos cumpriam brilhantemente o seu dever. Freire d'Andrade exercia o commando com rara intrepidez. Paiva Couceiro estava imperturbavel sob a chuva de balas, que a espaços quebrava os sabres-bayonetas das Kropatscheks. Sanches de Miranda fazia prodigios com a unica metralhadora válida.

Começou-se o fogo vivo. Era infernal o bramido do combate n'aquelle estreito espaço; em que os combatentes se acotovellavam e os corações se sentiam uns aos outros.

Os cafres recuaram. Era espantoso o numero dos que tinham de arrastar comsigo, mortos e feridos.

Do quadrado, envolto em fumo, como um densissimo nevoeiro, já não podia vêr-se o inimigo. Freire d'Andrade manda tocar, pela segunda vez, a cessar fogo, para ser ouvido nas suas recommendações e para esperar que a fumaceira se dissipe. O fogo cessou immediatamente, como se aquelles soldados, que não davam para mais de uma companhia mobilisada e estavam sendo investidos por mais de seis mil homens, estivessem simplesmente no antigo campo de exercicios das Salesias!

Recobraram animo os cafres de maior arrojo e voltaram ao ataque. Aos mais retardatarios estimulava-os o respectivo *induna*, seu chefe, espancando-os em impetos de colera.

Vibrou a corneta d'ordens o toque de fogo. Recomeçava o combate.

Arrogante, destemido, indomavel, Pópe, o chefe de guerra do regulo da Zixaxa, cumpria heroicamente os deveres do supremo commando. Procurava arrastar comsigo os guerreiros mais acobardados pelo effeito mortifero dos fogos do quadrado, e elle proprio fazia fogo serenamente, como se não sentisse em volta de si uma torrente d'aquellas balas, que iam varar os seus atravez dos troncos das arvores distantes ou lhes dilaceravam as carnes horrivelmente!



FREIRE DE ANDRADE
(Capitão de engenheria)

Na terceira investida uma bala de tantas derribou, emfim, o valente cafre, que era já, elle só, a alma de toda a sua gente na lucta.

Então o terror quebrou inopinadamente todos os animos entre os negros e a massa enorme retirou em debandada.

E como quasi não ha tragedia nem epopêa que não tenha um traço comico, foi n'aquelle momento que os 100 carregadores, os cobardes que tinham estado escondidos como creanças, se levantaram n'um impeto guerreiro, a fingir que perseguiam os vencidos na sua apavorada fuga.

Encontraram apenas alguns rebeldes feridos e entre elles o filho do regulo Majioli.

Em volta do quadrado de Magul refulgia a maior gloria militar de Portugal nas suas campanhas ultramarinas dos ultimos duzentos annos. Aquillo, aquella façanha, que se póde citar alto deante do livro aberto das nossas antigas proezas, podia ser, sem cobardia, uma dolorosa miniatura de Isandhluana (tão poucos eram!) e fez-se uma victoriosa audacia, sem precedentes, nas modernas guerras d'Africa.

Se podesse vêl-os ali, a elles, os pobres vencedores, devorados pela sêde, exhausto de cansaço; se podesse vêl-os, Bonaparte repetiria a sua phrase de Wagram:

—Não ha melhores soldados na Europa.

*

* *

O combate terminára ás 2 horas e vinte minutos da tarde, segundo o relatorio do capitão Freire d'Andrade, enviado em 9 de setembro ao sr. major Gomes Pereira.

As 13 *mangas* compunham-se de gente do regulo Majioli, vassallo do Gungunhana, do regulo da Cossine e dos regulos da Zixaxa e da Magaia.

Estavam com as forças d'estes regulos alguns auxiliares vátuas [1].

As balas dos cafres arruinaram 12 espingardas dos nossos e quebraram grande numero de sabres-bayonetas.

O inimigo dispunha de muitas armas de fogo, principalmente antigas. Tinha tambem espingardas Martini Henry e Snider. Calcula-se que d'umas e outras não teria menos de 1.800.

PERDAS

	Effectivos	Mortos e feridos	Percentagens
Portuguezes e angolas	308	33	10,7 %
Cafres e vátuas.....	6:500	450	6,9 %

As nossas perdas foram relativamente grandes. Como havemos de vêr, foi este para nós o combate mais sangrento de toda a campanha.

Morreram dos nossos: o 2.º sargento Olympio Cunha, n.º 31 da 1.ª companhia; soldados da 2.ª companhia n.º 113 Francisco Barreira, n.º 53 Antonio Nunes; n.º 12 Fernandes; n.º 77 José Antonio Botelho; n.º 158 Nobre, todos do 2.º batalhão do regimento d'infanteria n.º 2.

Tiveram as nossas tropas 26 feridos, dos quaes 15 ficaram em estado grave. Foi tambem ligeiramente ferido um dos carregadores.

As perdas dos cafres foram horrorosas, não pelo numero total em relação á força em combate, mas porque dos 450, em que approximadamente se lhe avaliam os mortos e feridos, quasi 400 foram mor-

[1] Já prisioneiro e retido no forte de Monsanto (Lisboa) o regulo da Zixaxa, affirmava perante o Gungunhana que no combate de Magul fôra auxiliado por alguns homens de guerra do ex-rei de Gaza. A uma negativa do Gungunhana, oppoz elle a designação nominal dos mais importantes d'aquelles auxiliares.

tos no local da acção ou falleceram em resultado dos ferimentos recebidos.

Mais tarde os proprios cafres confessavam que da sua gente tinham sido muitos os mortos e que quasi todos os feridos haviam fallecido.

O effeito do combate de Magul foi de tal modo grande e extraordinario, de tal maneira os echos da victoria estrondearam rapidamente no sertão, que até no extremo sul do districto, no Maputo, foi tão grande o susto dos negros que tinham faltado aos seus compromissos com as auctoridades portuguezas, que abandonaram as suas palhotas, receando uma immediata invasão!

No telegramma em que o sr. commissario regio participava a El-Rei a victoria de Magul, dizia-lhe ácerca do primeiro e segundo commandante da columna:

São dois benemeritos Couceiro e Andrade, que ouso recommendar benevolencia Vossa Magestade.

El-Rei, que estava na Beira Alta assistindo ás manobras da 2.ª divisão militar, respondeu n'estes termos ao telegramma do sr. Antonio Ennes:

Agradeço telegramma que me dá viva satisfação. Louve em meu nome officiaes e soldados que souberam assim honrar a sua patria. E diga-lhes que o seu chefe, ao receber nas manobras a noticia do brilhante feito d'armas, brindou pelos seus camaradas que ahi estão defendendo o glorioso nome portuguez. A si o felicito pela dedicação que tem desenvolvido. — EL-REI.

*
* *

A columna de operações não tomára alimento desde que de manhã cedo havia emprehendido a

sua fatigante marcha. [1] Assim, os intrepidos vencedores estavam devorados de sêde, quebrantados de forças e não tardaria que tivessem fome! A agua do pantano era um veneno mortal, em que nenhum devia tocar.

A columna sahiu precipitadamente, como para uma sortida, sem abastecimentos e sem material de bivaque. Ou nunca mais voltava ou voltaria vencedora n'esse mesmo dia.

Bivacar sem recursos, á beira de um paul, com as tropas mortificadas pela sêde e pela fome, seria uma barbaridade do commando e uma imprudencia funestissima.

O inimigo fugira; era absolutamente inutil ficar. Não se estava na idade média para que a consagração da victoria carecesse da permanencia dos vencedores no campo da acção, durante os tres dias do estylo.

A columna regressou ao posto de Chinavane e todos podem comprehender em que condições esmorecedoras teve de effectuar esta nova marcha, que só terminou á 1 e meia da madrugada do dia 9!

A agua! A agua! Como elles a sonhavam! E os pobres feridos mais do que ninguem.

Ainda n'esta *etape* de regresso se confirmaram as grandes qualidades antigas de constancia e de resignação dos nossos soldados, nas provações de uma campanha.

De tres carros que tinham vindo do posto de Magude só um podia aproveitar-se para transporte. Os outros ficaram inuteis porque tinham adoecido os bois que os puxavam,

O cirurgião-mór d'infanteria 2, dr. Leal, que reunira á columna no mesmo dia do combate, fez os primeiros curativos aos que estavam mais gra-

---

[1] Tinham comido um pequeno rancho de feijão pelas 7 e meia da manhã. *Uns poucos de feijões* — diz o sr. Paiva Couceiro n'um artigo ácerca do combate de Magul.

vemente feridos, e tratou-se logo de preparar o seu transporte e o dos mortos, que era preciso não abandonar ás brutalidades selvaticas dos espiões e das aves de rapina. O quadrado levaria comsigo os seus queridos mortos, para lhes dar jazida em terra onde podesse velar por elles a bandeira gloriosa do seu paiz.

Tres mortos e tres feridos foram collocados no carro, convenientemente separados. Para a conducção dos outros mortos e dos feridos que não podiam marchar improvisaram-se macas feitas de mantas amarradas a varas de madeira [1].

Alguns feridos lá se iam arrastando a pé e um d'elles, atravessado por uma bala, tão bem disposto d'animo, que em vez de queixumes, ia contando singelamente o que fizera no combate!

E o glorioso quadrado assim foi seguindo na sua marcha de longas horas.

Igualmente intrepidos para luctar e para soffrer!

Causariam dó a quem quizesse avalial-os pelo aspecto physico e eram afinal o legitimo orgulho do seu paiz.

Dezoito dias depois d'esse combate, que não era o ultimo, mas foi indubiravelmente a acção decisiva da campanha do sul, o sr. commissario regio enviava ao governo o seguinte telegramma:

O regulo da Cossine e mais nove regulos seus vassallos, foram prestar obediencia perante Couceiro, commandante das terras. Veem mais tres do

---

[1] Nas ultimas campanhas d'Africa foram sempre diminutissimos os cirurgiões, rarissimos os enfermeiros experientes e deficientissimo o material ambulante de saude.

De Chinavane os feridos ainda teriam de ir embarcados em lanchas para Lourenço Marques n'uma viagem de 2 a 3 dias. O que elles não haviam de soffrer!

norte da Cossine; o posto de Magul, ampliado, ficou inexpugnavel. Vae para o Limpopo outra lancha.

Começava a esfarrapar-se a prodigiosa lenda do rei de Gaza.

XIII

EM CHINAVANE E NO LIMPOPO

Em principios de novembro a Agencia Havas transmittia de Londres o seguinte telegramma:

O correspondente do «Times» na cidade do Cabo annuncia uma nova invasão dos vátuas do Gungunhana, que atravessaram o rio Incomati ha quinze dias e massacraram os indigenas.

Um pequeno destacamento portuguez, commandado por Couceiro, atacou e bateu as forças do Gungunhana, perseguindo-as até ás terras de Gaza.

Espera-se outra batalha.

Pela sua parte, o sr. commissario regio dava as seguintes informações telegraphicas ao sr. ministro da marinha:

«Sete mangas Gungunhana tentaram romper nossa linha Incomati, passando rio desde Chinavane. Acudiram logo forças do posto Chinavane-Magude; os vátuas fugiram largando presa feita, per-

dendo muita gente; depois foram perseguidos por 3:000 cossos, intimanes, moambas, e pela cavallaria policia, que avançou até seis horas distancia Limpopo; bateram e mataram regulo Massia, pondo inimigo completa debandada; no Limpopo, Chai-Chai submetteu-se».

Expliquêmos este telegramma.

Já no dia do combate de Magul se havia recebido aviso de que algumas forças do Gungunhana intentavam atacar a gente de Intimane. Quando no dia 20 Chonguella Manavi, regulo da Cossine, e os nove regulos seus dependentes e mais os regulos Chiburre, Macanhana e Chicanana, prestavam solemne vassallagem á bandeira portugueza, celebrando assim na sua quebrada altivez a maior consagração triumphal do combate de Magul, recebia-se no posto de Magude, onde se realisava o preito de vassallagem, a noticia inquietadora de que a gente do Gungunhana se approximava da foz do Sabi, para passar o Incomati no vau denominado do Gungunhana e cahir sobre as terras de Intimane. Era por aquelle vau que as *impis* vátuas costumavam invadir aquellas terras. Agora dizia-se que a incursão se effectuaria com a cooperação de Magunduana, regulo da Moamba.

Era grave. Os vátuas tentavam uma operação audaciosa, que, a ser bem succedida, nos cortaria as linhas de communicação terrestre com a base de operações (Lourenço Marques) e, dando alento aos vencidos, tornaria facil o bloqueio de alguns postos e talvez um assalto a Lourenço Marques, cuja guarnição era diminutissima.

Em 21 de manhã partiu logo para a foz do Sabi uma pequena columna de 75 homens, sendo 46 de infanteria 2 e mais 25 angolas e 4 praças de cavallaria, acompanhada de 3 carros com mantimentos e munições.

A marcha d'esta força foi verdadeiramente notavel pela grandeza e pela rapidez e deve ter ra-

ros precedentes, se alguns tem, nas marchas de tropas europêas atravez do sertão negro, exceptuando o caso de uma retirada em fuga. No primeiro dia 40 kilometros e no segundo 30, em terreno geralmente arenoso! A primeira seria uma verdadeira marcha forçada, até nas commodas estradas da Europa e sob a acção de um clima temperado.

A columna estabeleceu um posto fortificado, que dominava uma parte do curso do Incomati e a confluencia do Sabi. Ficou commandando este posto o alferes de infanteria 2 Quirino Pacheco.

No posto de Chinavane tomaram-se precauções especiaes. Estabeleceu-se uma ponte de cavalletes, de 30 metros de extensão e reforçou-se um posto na margem direita do Incoluane. De Magude, da Manhiça e de Lourenço Marques partiram logo reforços para Chinavane.

As informações chegadas davam a gente do regulo da Zixaxa, do Majioli e algumas forças do Gungunhana em concentração nas margens do Manzimechope, afluente do lago Chuale. Dizia-se que a guerra preta ali reunida excedia em numero a que fôra vencida em Magul. Organisou-se por isso uma forte columna de 400 brancos (tudo quanto havia disponivel nos postos e mais o reforço que viera de Lourenço Marques) de uns 2:000 auxiliares negros e emprehendeu-se uma marcha offensiva sobre as planuras de Magul.

Não foi possivel travar combate e a tarefa maior pertenceu aos auxiliares, que destruiram a povoação onde estivera o regulo da Zixaxa e outras circumvisinhas, havendo apenas entre os atacantes e os fugitivos umas ligeiras escaramuças, em que ficaram mortos 7 dos nossos auxiliares.

Para evitar que os povos da Cossine fossem colhidos sem abrigo e defeza por qualquer *razzia* dos vátuas, que de um para outro momento se receava, mandaram-se construir tres grandes aringas (em geral recinto defendido por paliçadas) que seriam os locaes de concentracão da gente de guerra das po-

voações que fossem assaltadas e o asylo da gente indefeza. A aringa de *Taninga,* para os regulos Mapanjanhana e Capulana, foi construida sob a direcção do capitão Freire de Andrade e reforçada com 5 homens da policia de Lourenço Marques: A de *Machacuane*, junto do Incomati, foi construida pelo tenente Monteiro de engenheria e recebeu um reforço de 15 praças européas e 25 angolas, sob o commando do alferes Paes. Era destinada esta aringa á gente do regulos Chibanza e Banguini. Para a dos regulos Chissuco, Mafabar e Mancumene foi construida outra aringa, junto ao posto X., um dos postos do Incomati assim denominado por deliberação de Paiva Couceiro, que por um requinte de modestia não consentiu que o seu nome fosse dado áquelle posto, como era desejo dos officiaes seus admiradores.

A pouca distancia d'esta aringa e a juzante do rio, ficava o vau denominado do Gungunhana, por que por ali passavam os vátuas nas suas temerosas *razzias* contra as povoações de Intimane.

A columna de reconhecimento havia recolhido ao posto de Chinavane.

Em 21 de outubro de manhã a gente da aringa de Machacuane andava cortando madeiras, quando subitamente recebeu o aviso de alarme de que os guerreiros do Gungunhana estavam a pequena distancia.

O corneta do destacamento que estava na aringa tocou logo a unir e os inimigos ficaram surprehendidos com aquelle toque indicativo da existencia de forças regulares onde suppunham encontrar apenas os negros desprecavidos.

Os espavoridos levaram logo a inquietadora nova ao posto de Magude, e Paiva Couceiro, com a sua extraordinaria decisão d'animo, com o seu espantoso arrojo, mandou immediatamente apromptar os 11 cavallarias de que podia dispôr e com cento e tantos auxiliares cossos, que de momento poude reunir, marchou rapidamente sobre a Machacuane, atravez de

terrenos por onde a passagem da gente do Gungunhana ficára rastreada pelas palhotas destruidas e pelos cadaveres dos negros azagaiados—até mulheres e creanças!

Paiva Couceiro já encontrou na retirada a negraria invasora. Mandou-lhes fazer fogo e ainda lhes matou uns 9 guerreiros. A aringa de Machacuane nem chegára a ser atacada.

Ao posto de Chinavane, e mais cedo ainda que ao de Magude, chegára o alarme da audaciosa *razzia*. O capitão Freire de Andrade sahiu logo com a guarnição branca disponivel e cerca de 500 auxiliares da Moamba. A marcha d'esta columna foi, porém, surprehendida pelos vigias do inimigo, que, a grande distancia e empoleirados nas arvores, espiavam os movimentos da nossa gente. Avisados de que os brancos iam tomar-lhes o passo, as mangas invasoras acceleraram a rapina e a carnagem, para retrocederem a tempo de escapar a um combate. Lembrava-lhes Magul. Não o conseguiram, e as forças de Freire de Andrade cahiram sobre ellas na passagem do rio, tomaram-lhes o gado e as mulheres que haviam roubado e puzeram-nos em fuga, com a perda de algumas dezenas de mortos

No dia 26, concentrados em Chinavane, os negros nossos auxiliares, na força de 3:000 homens, passaram a ponte do posto sobre o Incomati e fizeram uma *razzia* até proximo do Limpopo.

Estava concluida a campanha do sul, longa, laboriosa, asperrima, de enormes sacrificios, que ficaram na sombra das glorificações épicas de Marracuene e de Magul.

*
* *

Já sabemos que a columna do sul, cujo effectivo de tropas européas nunca chegára a 800 homens, incluindo os que atulhavam os hospitaes, não tinha forças disponiveis para avançar sobre a linha do Limpopo ou para destacar uma forte expedição que

fosse operar na margem esquerda d'aquelle rio, auxiliada pela flotilha. Para reunir 300 portuguezes, seria preciso deixar quasi desguarnecidos os postos do Incomati.

Era impossivel organisar a columna de operações no Limpopo e a cooperação prestada pelas tropas do sul á columna do norte, valiosissima decerto, fôra apenas moral. E tanto assim, que depois das operações fluviaes, que vamos indicar em breve noticia, apenas foi possivel destacar da columna do sul para o Limpopo uma pequena força de 65 homens de infanteria 2 e artilheria, commandada pelo capitão Freire d'Andrade, a grande iniciativa inquebrantavel da campanha do Incomati, como Paiva Couceiro fôra o brilhante paladino d'essa campanha.

A força de Freire d'Andrade estabeleceu o posto de Languene, na margem direita do Limpopo, a 70 milhas da sua foz. Este posto ficou sob o commando do bravo tenente d'artilheria Sanches de Miranda.

A guerra no Limpopo seria emprehendida por uma parte da flotilha. O *Neves Ferreira,* o vapor já honrosamente assignalado nas operações do Incomati, e a lancha *Capello,* que quasi rivalisaria com aquella pequena *Bacamarte,* que se cobrira de gloria, durante o primeiro periodo da campanha, reduziriam á obediencia os povos marginaes, sujeitos ao poder do Gungunhana.

Era commandante do *Neves Ferreira* o 1.º tenente Diogo de Sá e da *Capello* o 2.º tenente Andréa.

A 4 d'outubro os dois navios subiram o rio e intimaram aos regulos o *ultimatum* de submissão. Em 15, concluido o praso imposto, o *Neves Ferreira* rompeu as hostilidades sobre as margens até ao Languene, a 70 milhas da embocadura do Limpopo, e a *Capello* subiu até 20 milhas acima d'aquelle ponto. Bombardeadas as povoações, dispersas a tiro de granada as mangas hostís, os marinheiros desembarcavam e reduziam as palhotas a cinzas.



DIOGO DE SÁ
(Commandante do vapor «Neves Ferreira»)



SOARES ANDREA
(Commandante da lancha «Capello»)

Em 18 fazem-se alguns prisioneiros. Em 22 a gente de Chai-Chai, onde o Gungunhana tivera absoluta preponderancia, declarava completamente rotas as suas relações com o rei de Gaza. Estavam dominados pelo terror os povos das duas margens do Limpopo, entre a foz e o Languene.

Em 28 apparecem em Chai-Chai emissarios do Gungunhana, que veem reclamar o contingente de guerra. Comprehendem elles o que os nossos navios conseguiram e dirigem ás guarnições palavras de insolente desafio. Respondem-lhes os canhões e as metralhadoras, e os vátuas, acobardados e enfurecidos, retiram sem o auxilio de gente que iam buscar.

A marinha de guerra tinha mais uma pagina honrosissima na sua altiva historia.

Na sua prodigiosa actividade a *Bacamarte*, o *Neves Ferreira*, a *Capello*, como que tinham dentro de si a movel-as, a agital-as, a impellil-as para todos os arrojos, alguma cousa immensamente mais poderosa do que as suas machinas.

Era a alma intrepida dos seus marinheiros.

XIV

DE INHAMBANE PARA CHICOMO

Ao tempo em que terminavam com tão boa fortuna as operações do Incomati, a columna do norte, *incumbida especialmente de aproveitar o favor das circumstancias,* estava ainda immobilisada, por falta de meios de transporte, no seu acampamento de Chicomo, sobre a fronteira de Gaza.

E ali se iam definhando os effectivos, ali, n'aquelle *grande hotel das estrellas,* como o acampamento era já designado na linguagem pittoresca da tropa, visto como quasi todos dormiam á luz do céo, sob o immenso docel constellado.

Esperavam-se os recursos de transporte e só as diarrheas e as febres palustres não esperavam que a columna podesse avançar.

O reconhecimento do terreno das operações provaveis estava feito desde os primeiros dias de maio pelo chefe do estado-maior da columna, o capitão Eduardo Costa. Sabia-se o caminho a seguir desde Chicomo, o antigo posto avançado do nosso do-

minio, miserandamente aninhado entre humilhações e palhotas, e Manjacaze, a *prodigiosa* residencia, o curral (kraal) inexpugnavel do poderoso rei de Gaza.

A organisação da columna começára nos primeiros dias de junho, mas já em abril e maio haviam chegado a Inhambane alguns materiaes para a campanha, bois para transportes e mais 45 cavallos comprados no Natal para o esquadrão de lanceiros.

De 3 a 15 de junho estavam concentradas as forças europêas que tinham de operar sob o commando do coronel Galhardo. Eram estes os seus effectivos approximados:

Da companhia mixta de engenheria	25
Da bateria de montanha	35
Da 2.ª companhia de artilheria 4	30
Esquadrão de lanceiros	110
2.º batalhão de caçadores 3	900
4.ª companhia do 2.º batalhão de infanteria 2	220
Total	1:320

Este effectivo, com o da columna do sul, já não dava 2:000 homens. O effectivo total das forças expedicionarias fôra de 2:910. Os hospitaes e ambulancias, a repatriação e a morte pelo clima ou em combate, haviam roubado ás fileiras mais de 900 homens.

Com as forças concentradas em Inhambane fôra tambem para aquella villa importante material de artilheria e abundante municiamento para boccas de fogo e para reserva das Kropatscheks. Eram 14 as boccas de fogo, sendo 8 peças de montanha de 7^c, 2 canhões de tiro rapido do systema Gruson, 4 canhões revolveres Hotchkiss (uns e outros de 37^{mm}) e 2 metralhadoras Nordenfelt de 11^{mm}. Para cada peça de montanha havia 500 a 600 tiros e 500 para cada canhão de tiro rapido. A reserva de mu-

niciamento para a infanteria era de 2 milhões de cartuchos.

Parte d'este material d'artilheria foi empregado no armamento dos postos fortificados.

Havia deficiencias resultantes ou da falta absoluta de certos recursos no districto, ou de uma certa hesitação no dispendio de avultadas quantias — pois era já quantiosa a despeza feita — ou ainda pela inexperiencia das modernas campanhas do sertão com tropas européas.

Com forças da Europa havia em Moçambique apenas a tragica lição da terceira campanha da Zambezia. A expedição de 1891 ficára amarrada ao littoral por falta de meios de transporte, pelo menos ostensivamente, que talvez pertença aos dominios da politica internacional a razão preponderante da sua forçada inactividade. De resto, com soldados negros e degredados, em guerras modestas e baratas, não houvera necessidade de elaborar regulamentos especiaes de campanha nem de organisar os serviços das *etapes*, os trens de combate, os trens e postos sanitarios, os comboios e postos de abastecimento e todos esses trabalhos valiosissimos, que constituem os serviços auxiliares e que são ainda mais importantes e indispensaveis nos sertões africanos que nos paizes da Europa onde será possivel supprir algumas vezes com os recursos locaes o que n'esses serviços houver de deficiente.

E a despeito de todas as faltas, nenhuma expedição de Portugal fôra tão bem dotada como aquella.

A 21 de junho chegavam mais 90 cavallos para os lanceiros, mas vinham apenas 11 muares para a artilheria de montanha. Tinha morrido a maior parte das que haviam ido de Portugal. Não deve surprehender-nos. Na guerra da Abyssinia, em 1868, já nós sabemos que os muares que menos resistiram foram as que tinham sido adquiridos na Peninsula. E não dispunhamos nós de riquezas taes que podessemos adquiril-as rapidamente e por alto preço na Syria e no Egypto, como fizeram os inglezes.

minio, miserandamente aninhado [illegible] ...uares tinha e palhotas, e Manjacaze, a [illegible] ...is resistentes o curral (kraal) inexpugn[illegible] Gaza.

A organisaçã[illegible] ... estação de con- meiros dias de j[illegible] ...esse em Cumbana, viam chegado [illegible] ...no, a quarenta e tan- a campanha, [illegible] ...te. Mas tão escassos vallos compr[illegible] ...nsporte, que a columna lanceiros. ...panhias isoladas, a quatro ...as outras. A 4 de julho par-

De 3 a [illegible] ...ve de atravessar o vau lodoso forças eur[illegible] ...fficil que, felizmente, foi trans- mando d[illegible] ...re; depois seguiram outras frac- effectiv[illegible] ...o commandante em chefe e o es-

Da c[illegible]
Da [illegible]
Da
E

...ria, sem effectivo sufficiente para as ... foi reforçada por uma secção da 4.ª ... do 2.º batalhão d'infanteria 2 e por 14 ... de lanceiros, que desempenhariam o ser- ... conductores. A secção de infanteria foi ins- ... no manejo das peças de tiro rapido. Era ... mandada pelo tenente Baptista, cuja actividade ... solicitude inexcediveis se realçaram com o facto ... honrosissimo de solicitar a sua permanencia na cam- panha d'Africa, quando recebeu ordem de regressar á metropole.

Fracos em geral e de má procedencia, os cavallos comprados para o esquadrão não promettiam aturado serviço. Quarenta e cinco foram logo considerados improprios do serviço de cavallaria; d'estes, 32 eram aproveitados para a tracção da artilheria e outros para montadas de alguns officiaes de infanteria.

Procedeu-se á organisação de alguns serviços, em harmonia com os recursos existentes e, em grande parte, conforme sensatas indicações do chefe do estado-maior da columna, capitão Eduardo Costa, official de larga illustração, que devotadamente se havia consagrado ao estudo da campanha, aproveitando, não só as suas observações directas, senão



EDUARDO DA COSTA
(Capitão do estado maior)

tambem a lição colhida na historia das recentes campanhas dos europeus na Africa.

Estabeleceu-se o serviço telegraphico, primeiro entre Inhambane e o Inharrime e depois até Guissano, na linha Inharrime-Chicomo. E como o material telegraphico não chegava para toda a extensão da linha, que era grande, organisaram-se postos de correspondencia, ligando a ultima estação telegraphica com o extremo da linha de penetração — Chicomo. Os postos estavam estabelecidos em Mossana, Coguno e forte de Amba. N'estas condições, qualquer noticia levava 18 horas a chegar de um ao outro extremo da linha de operações.

O *serviço postal* foi creado n'um esboço de organisação incompleta e o *serviço de etapes* era confiado á inexcedivel actividade, larga experiencia e superior aptidão do major Caldas Xavier, que acceitou este espinhosissimo encargo como um sacrificio de obediencia, pois era para os combates que o chamava a sua indole e a sua propria tradição no serviço d'Africa.

Foi a sua ultima commissão e não seria decerto a menos benemerente, de tantas que exerceu no continente negro. Mezes depois, em janeiro, morria assassinado pelo clima o bravo de Mopêa e de Massequece, o valente que fôra a mais poderosa e destemida iniciativa na torva madrugada de Marracuene.

*
* *

Estacionada a columna de operações em Cumbana, era preciso esperar mais bois e carros para avançar.

Em fins de junho chegavam do Natal algumas carrêtas *boers* e carros pequenos e uns 80 bois. Com os que já havia, ficava tendo a columna 10 carretas e 18 carros, mas, infelizmente, nem as pesadas carretas, mesmo depois de modificadas, podiam rodar sobre o solo geralmente arenoso e solto, nem os

bois chegavam para as puxar. Se nem mesmo carreiros havia que soubessem guiar aquelles enormes carros para 6 ou 8 juntas de bois, e foi preciso empregar n'esse serviço violentissimo alguns expedicionarios, que duramente pagaram, alguns até com a vida, o accrescimo de remuneração que lhes davam.

Depois faltaram os bois para consumo e foi preciso abater alguns dos que eram destinados aos carros.

Não eram grandes os recursos de mantimentos, escacissimos os recursos locaes e por isso os officiaes da administração militar se viam em sérios embaraços para acudir ao abastecimento das forças, n'um paiz que lhes era desconhecido e onde faltavam os meios de transporte.

Os da columna do sul tambem algumas vezes soffreram privações, mas esses, ao menos, tinham a linha de abastecimento do Incomati e a cooperação valiosissima da marinha. As lanchas canhoneiras rebocavam os batelões dos comboios de viveres. Mas no Inharrime já se não podia fazer o mesmo.

Abundam no districto os carregadores negros, mas não era licito contar com elles para acompanharem as tropas brancas, em campanha contra o famoso rei de Gaza. Fugiriam doidos de medo assim que vissem a sombra de um guerreiro vátua.

Era preciso esperar e ir caminhando vagarosamente. O peior era que as febres não esperavam. No hospital organisado em Inhambane e dirigido pelo cirurgião ajudante Ignacio França, o intrepido e infatigavel medico do combate de Marracuene, já não havia recanto disponivel e para aquella clinica extenuadora tinha de chegar a actividade e a solicitude de um unico facultativo — o director. Valeram-lhe a sua saude de ferro e a sua inquebrantavel energia. E a enfermaria de Cumbana estava tambem atulhada.

Era indispensavel avançar para a fronteira de Gaza. Não era de Cumbana que se podia ameaçar de uma invasão o poderoso regulo vátua.

Avançou-se para Chicomo, muito lentamente, como era de esperar.

A 18 de julho foi ordenada a marcha do 1.º troço da *brigada*, a *columna de Chicomo*, como então se denominou. Era commandada pelo coronel Galhardo, que levava no seu estado maior o capitão Eduardo Costa, o ajudante de campo tenente Madeira, o chefe do serviço de engenheria capitão Castro, o chefe do serviço de saude, cirurgião-mór Barbosa, o commandante do comboio de abastecimento alferes Raul Costa, o official ás ordens do commando alferes Condeça e o chefe do serviço administrativo o aspirante F. Correia.

TROPAS DA COLUMNA

	Homens
1 secção de engenheria	10
2 secções de artilheria de montanha	70
1 secção de canhões revolveres	30
2 pelotões de lanceiros	65
1.ª companhia do batalhão de caçadores 3	220
4.ª companhia do batalhão de infanteria 2	120
	515

Addicionando-lhe os officiaes do estado maior, dava 23 officiaes e 500 praças de pret.

A columna levava 98 cavallos e 8 boccas de fogo.

Commandava os caçadores o capitão Branquinho, a infanteria o capitão Mattos Cordeiro, os lanceiros o capitão Mousinho, a artilheria de montanha o capitão Machado e a secção de canhões-revolveres o tenente Lopes.

O trem de municiamento era composto de 2 carretas *boers* com 44:000 cartuchos de infanteria e 148 tiros de peças de 7ᶜ

O trem de engenheria era formado de 2 carros com ferramentas; grandes rolos de fio de arame eram levados por 60 carregadores negros.

A ambulancia compunha-se de 1 carro e de 15 *machillas*.

O comboio de bagagens e viveres era formado de 9 carros e uma carreta *boer*. Iam viveres para um dia.

A marcha começou em 19 e até Coguno era considerada uma marcha *itineraria*, por ser completamente improvavel qualquer ataque dos vátuas.

As tropas iam com os uniformes de brim. A cavallaria levava 60 cartuchos de carabina e 30 de revolver; os serventes de artilheria levavam na cartucheira 20 cartuchos e 60 n'uma das mochilas de viveres; os conductores 30 cartuchos de revolver e os soldados de infanteria 100 cartuchos cada um, sendo 40 em duas cartucheiras e 60 n'uma das mochilas de viveres.

Iam 36 tiros para cada peça de montanha e 200 para cada canhão revolver.

As praças apeadas levavam duas mochilas de viveres, uma com cartuchame e com um rancho frio e a outra com artigos de vestuario, e um par de alpercatas ou sapatos.

Como para Marracuene, os capotes iam enrolados e envolvidos n'um lençol impermeavel e n'um encerado.

A columna, para além de Coguno, avançaria n'uma ordem de marcha, que era como o delineamento da formatura definitiva de combate — o quadrado.

O 2.º troço da brigada, que ficára em Cumbana sob o commando do major de caçadores 3 Machado, só partiria para Chicomo em 27. O estado maior compunha-se apenas do alferes ajudante Picão e do cirurgião ajudante Monterroso.

TROPAS DA COLUMNA

	Homens
1 secção de peças Gruzon	13
1 pelotão de lanceiros	20
2.ª companhia de caçadores 3	220
Total	253

Esta columna tinha 2 boccas de fogo e 30 ca-

vallos. Cada Gruzon levava 120 tiros. O municiamento das praças era egual ao da primeira columna.

O trem de municiamento compunha-se de 2 carretas *boers* com 40.000 cartuchos para a Kropatschek, 300 tiros para as Gruzon, 70 para as peças de montanha e 400 para os canhões-revolvers da columna.

A ambulancia era formada por 1 carro e 10 machillas e o comboio de bagagens e viveres compunha-se de 6 carros e 1 carreta. Iam viveres para um dia.

A secção das Gruzon era commandada pelo tenente Baptista, os lanceiros pelo tenente Pessoa e os caçadores pelo capitão Moniz.

Concentrar-se-hiam, pois, em Chicomo cerca de 800 homens. Em Cumbana ficavam ainda de guarnição 2 companhias de caçadores 3, um destacamento de caçadores 2, do glorioso batalhão de Marracuene, e algumas praças de artilheria 4, com 4 canhões de montanha.

O abastecimento do forte de Amba e do acampamento de Chicomo far-se-hia, em regra, por meio de pequenos comboios semanaes de carregadores negros e de carros, sempre que fosse possivel. O pão iria torrado, o que era um triste recurso, ao qual os medicos attribuiam grande numero de diarrheas.

Em Chicomo foi organisada uma enfermaria da Cruz Vermelha com dois medicos europêos. Prestou abençoados serviços.

Daria para um longo capitulo a narração dos incommodos e provações que as tropas soffreram n'aquelle triste acampamento de Chicomo, e n'uma zona quasi despovoada e inculta, onde outr'ora estivera estabelecido um miseravel commando militar.

Que de firmeza e abnegação para commandar ali e que de resignação e constancia para soffrer, durante aquelles longos mezes de forçada inacção, com o sacrificio esmorecedor da saude e para quantos ? com o supremo sacrificio da vida, sem estimulo, sem lucta, sem gloria !

XV

O QUADRADO DE COOLELLA

Só em novembro era possivel sahir de Chicomo, onde officiaes e soldados davam a perceber, embora resignadamente e sem a minima quebra de obediencia, que seria preferivel ir morrer para a frente, fosse como fosse, mas, ao menos, combatendo, a perder ali a saude e a vida, n'aquella ingloria inactividade.

O proprio Gungunhana presumia já e espalhava entre a sua gente que os portuguezes, com a estação das chuvas já começada, se não atreveriam a sahir de Chicomo, senão em época mais favoravel do anno proximo, e que até lá as febres iriam completando a sua obra anniquilladora.

E o caso é que os malditos bois e os negregados carros iam annullando todos os esforços e todas as brilhantes qualidades d'aquella columna, que fôra relativamente numerosa.

Agora, infelizmente, já não eram precisos tantos meios de transporte. Pelas baixas ao hospital e pela

indispensavel repatriação, o effectivo das tropas diminuira consideravelmente.

Reunida a 4.ª companhia de caçadores 3, que ficára em Cumbana, e deixada em Chicomo uma guarnição composta, principalmente, da 4.ª companhia do 2.º batalhão de infanteria 2, o coronel Galhardo não podia contar com 600 expedicionarios capazes de marchar!

E com esta força diminutissima se ia invadir o paiz da Gaza e combater as *impis vátuas!*

Contamos apenas com os expedicionarios para a campanha a emprehender, embora com a columna sahissem tambem algumas centenas de negros auxiliares, a quem a noticia das victorias do sul dera um certo animo relativo, porque esses auxiliares, aproveitaveis para o serviço de exploração a grande distancia, ou para completar a derrota d'aquelles que os nossos tivessem vencido, seriam incapazes de travar combate juntamente com as forças portuguezas contra os vátuas.

Entre os auxiliares avultavam os guerreiros de Spandanhana e eram esses os que mais valiam e aquelles com quem mais se podia contar, porque os dominava e impellia o chefe, vivamente interessado em que os nossos vencessem. A nossa victoria seria para elle um tentador accrescimo de poder e um desforço indirecto, soffregamente antegosado.

Spandanhana era filho d'aquelle desventurado Binguana, que nove annos antes fôra destroçado pelos vátuas do Gungunhana e morrera azagaiado na aringa de Inhassune, tendo por mortalha a bandeira portugueza, da qual fôra sempre lealissimo vassallo.

Espoliado, foragido, dominador de terras que não eram as de seu pae, elle proprio uma sombra apenas do poder quo os vátuas lhe usurparam, Spandanhana aproveitava avidamente aquelle lance da fortuna para a sua ambição e para o seu odio.

O commissario regio havia-lhe promettido as terras de seu pae, se elle, com a sua gente, coope-

rasse na campanha contra os vátuas. Spandanhana conseguiu reunir um importante troço de guerreiros, a uma parte dos quaes foram distribuidas espingardas Snider.

No dia 4 sahimos de Chicomo — escrevia Mousinho d'Albuquerque em uma carta interessantissima, ácerca d'esta campanha — *e fomos bivacar á langua de Inhalifatuane — uns 15 kilometros de distancia. Marcha muito vagarosa por causa dos carros de bois. Ahi bivacámos em quadrado, é claro, e não houve novidade. A agua era horrorosa, perfeitamente amarella, côr de chá* [1].

O major Machado escrevia tambem ácerca da sahida de Chicomo:

No dia 4 de novembro, parti com tres companhias do meu batalhão, seis boccas de fogo, vinte cavallos e oito homens de engenheria, tudo sob o commando do coronel Galhardo, de Chicomo sobre Manjacaze [2].

O calor era asphixiante. Para evitar surprezas como a de Marracuene, foram adoptadas no bivaque umas lanternas de grande poder illuminante, que esclareciam o campo até 60 metros além do quadrado. Tinham sido compradas no Natal e iam montadas sobre uns pequenos carros, que o Caldas Xavier delineára.

*

* *

No dia 5 a columna effectuava uma excellente marcha de 20 kilometros até Ballola, onde encontrava e apprehendia grandes manadas de gado do

---

[1] A carta do capitão Mousinho foi publicada nas *Novidades* de 7 de janeiro de 1896.

[2] Carta do major Machado publicada no *Diario de Noticias* de 10 de janeiro de 1896.

Gungunhana. Não era n'aquella direcção que os vátuas esperavam a *guerra branca.*

O serviço de exploração na extrema vanguarda era feito por 500 negros de Spandanhana. Estava indicado que este serviço fosse desempenhado por indigenas.

Seguia-se a cavallaria, já reduzida a dois pequenos pelotões. Commandava-a e dirigia todo o serviço de exploração o capitão Mousinho d'Albuquerque. Um pelotão de caçadores formava a face da frente do quadrado, outro a face da rectaguarda; a face direita e esquerda, marchando de costado, eram constituidas por 2 companhias de caçadores. Iam dentro do quadrado: o destacamento de engenheria sob o commando do alferes Viegas; duas secções de artilheria de montanha sob o commando do capitão Machado e tenente Saccadura, a secção das peças Cruson, sob o commando do tenente Baptista, o pessoal de saude, sob a direcção do cirurgião Monterroso.

As patrulhas de flanqueadores eram commandadas pelos alferes de lanceiros Montez e Lobo.

O comboio de viveres e de munições, composto de 40 carros e dividido em 6 secções, era commandado pelo alferes Raul Costa.

Com o pessoal de saude ia o benemerito medico naval Rodrigues Braga, delegado da Cruz Vermelha. Elle e o cirurgião Monterroso dispunham de 6 enfermeiros, 2 carros para o transporte de feridos, 8 macas, 2 mochilas de ambulancia, 2 caixas de medicamentos e pensos e 6 caixotes com dietas.

E os carros, penosamente arrastados pelos bois, já velhos e cançados, lá iam rodando atravez d'aquellas ferteis planuras, que tão singularmente contrastavam com os melancholicos arredores de Chicomo.

Ao chegar a Ballola 14 bois dos transportes cahiram mortos de calor e de extenuamento.

O quadrado bivacou tranquillamente. De tarde, porém, appareceram ao longe grupos de vátuas,

que vinham reconhecer as nossas forças. Fez-se o signal de alarme, o quadrado aprestou-se para combate, mas os vátuas desappareceram.

Uma cousa resolvera o coronel Galhardo, que talvez aos scepticos pareça pueril, mas que todos os sinceros patriotas applaudem enternecidamente. Os 2.os batalhões d'infanteria não teem bandeira; cada regimento tem uma e essa pertence ao 1.º batalhão. Faltou, pois, essa extremecida insignia por cima dos quadrados heroicos de Marracuene e de Magul. Não faltaria agora. O coronel Galhardo mandou prender na haste de uma lança a bandeira de Portugal e confiou-a ao tenente Pinheiro, seu ajudante d'ordens. Não era uma bandeira de seda com preciosas bordaduras; era uma modesta bandeira de lã. Embora. Era bem o symbolo da gloriosa nacionalidade.

Fôra dada ordem para que a marcha do dia 6 fosse sobre Manjacaze, mas as difficuldades de transporte forçaram a columna a bivacar junto da vasta lagôa de Coolella, a cerca de 7 kilometros do *kraal* do Gungunhana.

Tomaram-se precauções especiaes; o quadrado redobrou de vigilancia. O inimigo estava proximo; o mais prestigioso, o mais arrojado, o mais poderoso inimigo que ainda tinhamos tido nos sertões da Africa selvagem.

De noite os vátuas espionavam constantemente o quadrado. Na lagôa, os patos inquietos denunciavam a sua approximação.

*

*   *

A marcha do dia 7 estava fixada para as 6 horas da manhã. O sol inundava de luz a planura immensa onde o capim resequido se dobrava á minima aragem. Ao longe fechava-se o horisonte na moldura enorme dos bosques.

Ao cabo de sessenta annos de hesitações ia-se

emfim vibrar um golpe audacioso ao poder dos vátuas, irmãos pela origem e pela intrepidez d'esses zulus, que a Inglaterra só conseguiu dominar, depois de ter soffrido duas crudelissimas derrotas e de mover contra elles uma força, immensamente superior á nossa.

Que destino seria o d'aquelles 577 portuguezes n'uma campanha offensiva contra inimigos, pelo menos, vinte vezes mais numerosos?

O desbarato, ou a morte pela fome e pelas febres no sertão—respondiam as previsões dos ***boers,*** nossos amigos, e dos aventureiros inglezes, nossos adversarios.

Se aquelle sol, ardente e rutilo, nos seria propicio, como o de Aljubarrota e de Ceuta, ou se transmudaria em tocheiro enorme de um tragico funeral, como fôra o sol d'Alcacer-Kibir?

Para a frente. O quadrado prepara-se para marchar e tem por objectivo Manjacaze.

Os negros de Spandanhana caminham para o bosque, á descoberta, mal disfarçando o pavor que os domina.

Levam n'uma haste grosseira uma bandeira portugueza.

Quando elles desfilavam, um soldado de engenheria dissera-lhes commovidamente, na sua grosseira linguagem:

—Agora vejam lá como guardam essa bandeira, que se a deixam perder, leva-lhes o diabo a alma!

O estado maior e os lanceiros estão já a cavallo; a artilheria está atrelada. Vae fazer-se o toque de marcha. De subito os negros de Spandanhana retrocedem espavoridos, n'uma doida carreira, soltando gritos de alarme. Tinham descoberto as *impis* do Gungunhana.

Era a guerra do vátua *omnipotente* que chegava.

Soára a grande hora. Effectivamente na orla do bosque, a O. da vastissima languna, apparecem as primeiras linhas negras dos atiradores vátuas, cujas plumas adejam confusamente na mancha escura do

horisonte. Silvam por cima da columna as primeiras balas do inimigo.

Vibra o toque de formar quadrado. A infanteria toma a formatura definitiva e fórma os parapeitos d'aquelle reducto feito d'homens. A artilheria toma posição, desatrela e carrega as boccas de fogo; os lanceiros teem ordem de apear. Dentro do quadrado ficam as ambulancias, as viaturas, o gado e o pessoal dos serviços accessorios. Os pretos auxiliares deitam-se no chão, na frente das primeiras fileiras ajoelhadas do quadrado.

N'aquelle baptismo de fogo de soldados quasi todos noviços, n'aquella conjunctura gravissima de um combate desegualissimo pelo numero, os officiaes montados entenderam que deviam duplicar a força moral dos soldados, dando-lhes a suggestão do desprezo pela morte. O coronel Galhardo, o major Machado, o capitão Mousinho, o capitão Sarsfield e o alferes porta-bandeira ficam a cavallo, serenamente, destacando-se na perspectiva do quadrado, alvejados pelos vátuas.

Por cima do *reducto d'homens* desenrola-se a bandeira da patria distante. E' uma força. Veem-n'a todos os olhos, enternecidamente, e como que a sentem palpitar ali todos os corações portuguezes. Vae envolvel-a a fumaceira das descargas, como nos altares as santas imagens se envolvem no fumo dos thuribulos, e, se tiver de cahir, será como inclita mortalha do quadrado morto.

As enormes forças do inimigo começam a desenhar uma linha envolvente na orla do bosque. Apparecem a S. O. depois a N. O. S. e S. E. O seu fogo mais intenso é de S. O, sobre a face do quadrado formada pela 4.ª companhia de caçadores 3, do commando do capitão Sarsfield. São precipitados os primeiros tiros d'esta face, mas logo o capitão brada á sua gente:

— Então n'esta companhia ha algum soldado que faça fogo, sem ordem do seu capitão?!

E logo se restabeleceu a serenidade d'animo e

a companhia começou a dar descargas por secções, á voz de commando, tranquilla, correctamente, como em um campo de exercicio!

Já tem feridos e mortos o quadrado. O major Machado fôra gravemente ferido no braço esquerdo, logo aos primeiros tiros e tivera de apear-se, ficando, todavia, intrepidamente no exercicio do commando.

Mousinho d'Albuquerque conta este episodio com encantadora singeleza, n'este trecho da sua carta, por nós já citada:

«O major Souza Machado—uma belleza. Estava a cavallo quando foi ferido no braço esquerdo. Tinha passado ao pé de mim e disse-me: «Oh Mousinho, veja os meus rapazes como estão bem». D'ahi a pouco torna a passar a pé, pergunto-lhe eu: «Então morreu a sua gata?» (como elle chamava ao cavallo que montava). Respondeu-me: «Não, uma coisa n'um braço», e continuou até ao fim a animar os soldados, indo só depois tratar-se.»

A artilheria começára a trovejar. Os canhões Gruson fazem fogo vivissimo.

A 1.ª companhia de caçadores 3 responde com descargas ao fogo do inimigo, que começa a afrouxar. O coronel mandou cessar fogo. Os vátuas retiravam com os feridos e mortos e reforçavam-se a coberto do bosque. Os *mahbuco* e *mabonga,* gente destinada á rapina e a completar a carniceria, era pouca para levar os que tinham sido varados pelas nossas balas.

Duràra 10 minutos a primeira investida. O coronel Galhardo dirige palavras de incitamento ás tropas. Nas ambulancias os medicos Braga e Monterrozo fazem os primeiros curativos.

Por algumas linhas despretenciosas da carta de Mousinho, a que nos temos referido, póde o nosso espirito comprehender claramente como era corajoso e brilhante o procedimento do coronel.



SOUSA MACHADO
(Major de caçadores n.º 3)

Vejamos o que refere Mousinho d'Albuquerque:

«O coronel uma perfeição de socego e serenidade. Ficou sempre a cavallo. Uma bala roçou-lhe na garupa do cavallo e elle nem pestanejou; sempre de charuto na bocca, percorrendo as faces, recommendando firmeza e socego e dizendo a sua graça a um e a outro. Muito, muito bem.»

Mousinho é boa auctoridade, é juiz de primeira instancia n'este assumpto de intrepidez d'animo.

Os vátuas renovam o ataque e fazem fogo vivissimo, principalmente sobre a face formada pela 4.ª companhia, que lhes responde com certeiras descargas. Surgem massas enormes na orla do bosque. Começa a completar-se o movimento envolvente. O fogo generalisa-se em tres faces do quadrado. Os projecteis da artilheria vão colher o inimigo na linha exterior do bosque e causam-lhes perdas enormes.

Avançam as *impis* de vátuas mais famosas, a dos guerreiros do tempo de Muzilla, a que se denomina a *sombra do Gungunhana,* a das plumas brancas, dos *ynhyope m'chope,* os *passaros brancos,* especie de guarda real; os chefes de guerra, e destacando-se de todos Comango e Machope, incitam os negros ao assalto, mas o fogo do quadrado é mortifero e as grandes massas teem de ir reformar-se a coberto das arvores, onde as balas das Kropatscheks as vão ainda alcançar, atravessando os grandes troncos. Avançam os atiradores vátuas, cobrindo-se com os monticulos de terra levantados pela salalé ou deitando-se no terreno a cada signal de assobio dos chefes, attentos ao movimento das espingardas da infanteria do quadrado.

Era o lance critico do combate. O effeito da artilheria era tal que um soldado o indicava depois em Lisboa, n'esta phrase conceituosamente pittoresca:

—Cada tiro de peça abria uma rua de pretos!

Emfim, 100 destemidos vátuas teem a desvairada ideia de assaltar o quadrado. Correm para elle, em saltos felinos, como tigres, mas as balas dizimam-nos cruelmente e a meio caminho hesitam e recuam. Todavia, vinte d'entre d'elles, n'uma loucura febril de intrepidez, arrojam-se para a frente, atravessam a lagoa, e vão cahir dilacerados pelas balas, arrogantes, heroicos, formidaveis, a vinte ou trinta metros do quadrado!

Durante esta investida, que levára 15 minutos, havia augmentado muito o numero de feridos dentro do quadrado. Os vátuas não eram grandes atiradores, mas a Martini é uma espingarda certeira. Atraz de um monticulo da salalé foi morto um vátua, que tinha ao pé de si quatorze involucros de cartuchos da Martini, que representavam outros tantos tiros feitos a coberto, contra o quadrado.

Já estava ferido o chefe do estado maior, capitão Eduardo Costa, fôra gravemente ferido o alferes Costa e Silva de caçadores 3 e o cavallo de Mousinho cahira atravessado por uma bala.

Vamos pedir á linguagem viva e despretenciosa de Mousinho d'Albuquerque alguns traços impressionistas, que completem o esbocêto d'esta segunda phase do combate:

«O Costa, chefe do estado maior, passa ao pé de mim, fala-me, e d'ahi a pouco vejo-o agarrar-se á crina do cavallo; corri para elle e disse-me logo: «Ferida *canonica* na barriga da perna, não vale nada.» Foi para o hospital de sangue, onde se apeou.

«O Costa e Silva, da 1.ª companhia, com a omoplata atravessada por uma bala, cahiu de costas. Os soldados gritam: «Ai! o nosso alferes!» e tres da 2.ª fila correm para o levantar. Elle levanta-se só, corre-os á pranchada para a fileira e continua a mandar o fogo até que desmaiou e os maqueiros o levaram para o hospital de sangue.»

«O Ornellas andava a pé, muito socegado, com

todo o dandysmo de official *gentleman,* dizendo graças, tomando apontamentos e de vez em quando sentando-se, *para descançar,* em cima de um carro —isto é, o mais exposto possivel».

«Em summa, todos os officiaes que vi muitissimo bem. O Montez e o Lobo o melhor possivel.»

. . . .

«Fiquei a cavallo entre os carros e a 4.ª companhia. O meu impedido veiu para traz de mim com o cavallo á mão. Quando pela segunda vez avivou o fogo dos vátuas elle diz-me com uma cara muito affiicta: «O' meu capitão, v. está ahi a cavallo parado e elles estão ali uns poucos a fazer-lhe pontarias. Se *calhar* (expressão muito d'elle) apanha alguma que o mata». Mandei-o prender o seu cavallo para entrar na fórma. Elle afastou-se.

N'isto ha uma descarga enorme dos vátuas; sinto o meu cavallo levantar-se e atira-me um salto para a frente e depois vae-se abaixo das pernas. Era uma bala que eu tinha sentido por detraz da minha perna direita e que o atravessára. Quando vi o cavallo morto chamei o impedido para lhe tirar o arreio, mas não o vi e o clarim disse-me que elle não apparecia. Estava morto ao pé do cavallo. Uma bala que lhe entrára no pescoço cortando-lhe a carotida, matou-o instantaneamente. Tive immensa pena d'elle, tão novo, tão desembaraçado e ainda não tivera uma febre!»

Apesar das perdas horriveis que teem soffrido, os vátuas não desistem ainda d'aquelle combate, que póde ser bem o supremo engrandecimento ou a completa ruina do seu poder.

Accentuam o movimento envolvente e recomeçam o fogo, embora menos intenso que no lance precedente. Mais quinze minutos de fogo; mas a artilheria e as Kropatscheks varejam-os cruelmente e perdem-se os ultimos alentos d'aquella raça bellicosa. Estão já mortos Comango e Machope, os che-

fes prestigiosos, e a propria *impi* real dos *ynhyope m'chope* retira em debandada para os lados do rio Manguanhana.

Godide, o filho dilecto do Gungunhana, o chefe supremo dos vátuas em Coollela, o prudente Godide que se não arriscára aos lances perigosos do combate, ia já na onda dos fugitivos, levar a Manjacaze, ao regulo impaciente, a lugubre noticia da sua derrota. E mal sabia elle que n'essa má nova levava o primeiro pregão da ruina dos vátuas.

Outra nobilissima victoria fulgia, como rutila estrella, nas espadas e nas bayonetas dos nossos expedicionarios!

E em volta do quadrado, a uma ou duas centenas de metros, como sangrento despojo, estavam estendidos cento e dois cadaveres de vátuas, que os *mabhuco* e *mabonga*, transmudados em recoveiros de mortos, não tiveram tempo de levar comsigo para os esconder na floresta, o amplo cemiterio de tantos outros que o orgulho vátua havia roubado aos olhos dos vencedores.

Desapparecera batido o formidavel exercito do rei de Gaza. Oito das suas mais famosas *impis*, tres d'ellas de puros vátuas, uma força total de mais de doze mil guerreiros [1], fôra repellida e posta em fuga por um quadrado de 577 portuguezes e algumas centenas de auxiliares, que fugiram ante a simples apparição do inimigo e depois, deitados no chão, apenas, timidamente, disparavam alguns tiros incertos.

---

[1] Lobengula, o rei dos Matebeles, não conseguira reunir em combate contra os inglezes mais de 6.000 homens. Confessam-o os proprios inglezes, que o bateram com setecentos homens da policia militar da South Africa.

Ainda assim, nos não desfavoreceu o confronto. O Gungunhana era bem mais poderoso e não chegavam a seiscentos os portuguezes que o derrotaram.

Deve notar-se ainda que em Coolella combateram os guerreiros escolhidos do exercito de Gaza.



EDUARDO GALLARDO

(Coronel de infantería)

Em Isandhluana 1:320 inglezes não poderam resistir a 20:000 zulus. Em Ulundi foi precisa a coragem de 3:300 inglezes para baterem 12:000 zulus.

Se não ha-de a gente sentir orgulho por aquelles valentes, que, n'um relampago de heroismo, nos deram a visão épica do passado!

Conta-se que o marechal Beresford dissera na batalha do Bussaco, ao ver como o batalhão de caçadores 3 levava diante de si, á bayoneta e á coronhada, os brilhantes soldados de Massena:

—Não póde haver nada melhor que este batalhão!

Com que egual justiça o duro inglez não repetiria este remontado louvor, se lhe fosse dado vêr o batalhão heroico de Coolella e os seus valentes companheiros de combate!

E por cima do quadrado, palpitantede jubilo, como se contivesse em si o grande coração de uma nacionalidade, por cima d'aquelle quadrado que a lucta ensanguentára e que encerrava os seus bemditos mortos, a bandeira de Portugal desenrolava-se altiva sob os fulgores da victoria, como nos seus grandes dias antigos.

Com que sincero amor e com que immenso orgulho aquelles valentes não cravaram n'ella os seus olhos humedecidos ao verem-n'a surgir d'entre a fumaceira das ultimas descargas, como dos nimbos de uma apothéose?

*

*   *

A'cerca das forças do inimigo que entraram no combate de Coolella variam um pouco os calculos, feitos pela simples avaliação á vista e por informações colhidas depois da acção.

Segundo a participação telegraphica do commissario regio, seriam de 8 a 10.000 homens. O major Machado na sua carta, por nós ja citada, diz que a força provavel dos vátuas e seus auxiliares seria de

12 a 14.000 homens. Mousinho de Albuquerque, na carta a que já nos referimos, informa que os nossos auxiliares aprisionaram um induna ferido e que por elle se soube que eram oito as *impis* empenhadas em combate, *impis* que designou pelos seus nomes especiaes, e que a sua força total seria de 12 a 14.000 homens.

Effectivamente, se eram 8 *impis*, e não nos parece que se deva confundir a *impi* com a *manga*, unidade de combate muito mais pequena, calculando a cada *impi* a força média de 1.500 homens, que era o seu effectivo normal entre os antigos zulus, teremos um total de 12.400 guerreiros.

Mas não houvesse produzido um enorme effeito de terror no sertão a victoria de Magul e o desbarato de Chinavane, acções em que entrou gente do Gungunhana e não estivessem acobardadas as populações da margem esquerda do Limpopo, que o bombardeamento enchera de pavor, e decerto o rei de Gaza teria podido augmentar o seu exercito com importantes contingentes de guerra dos regulos seus vassallos ou seus satellites da Cossine e das margens do Limpopo até á confluencia do Changane. Então as suas forças ascenderiam a 24 ou 28.000 homens de gente escolhida, sem contar, portanto, com os guerreiros noviços, *mofanas* (rapazes).

Deve ainda notar-se que o Gungunhana já não esperava que a columna sahisse de Chicomo senão depois de passada a estação das chuvas e por isso não tinha concentrado em Manjacaze os contingentes dos regulos afastados, da região septentrional de Gaza, no valle do Save.

A respeito das perdas dos vátuas tambem os calculos divergem um pouco, embora todos sejam concordes em affiançar, e até os proprios vencidos, que foi avultadissimo o numero dos mortos e que quasi todos os feridos — 500 a 600 — morreram em resultado dos estragos horriveis causados pelos projecteis da artilheria e pelas balas da Kropatschek.

Effectivamente a bala d'esta espingarda dilacera as carnes e esmigalha os ossos que attinge, deixando-os como se fossem triturados.

Já havia succedido o mesmo com os cafres feridos em Marracuene, em Magul e em Chinavane. Os mézinheiros, os feiticeiros negros, que frequentes vezes conseguem curar os ferimentos de azagaia, eram completamente inuteis para curar os ferimentos produzidos pela bala da Kropatschek.

Em Manjacaze o missionario suisso, dr. Liengme, medico distincto, fez o primeiro tratamento a alguns vátuas feridos em Coolella, mas eram muitos para que os podesse pensar a todos. Exigiam cuidados constantes os que tinham ferimentos mais graves e o medico suisso fugiria tambem de Manjacaze, logo que o *kraal* estivesse em perigo de ser tomado. N'estas circumstancias, escaparam sómente os que estavam apenas levemente feridos. Os outros lá morreram ao desamparo, como feras, esparsos pelo sertão.

Na sua carta, a que nos temos referido, o major Machado avalia em mais de 200 mortos e cerca de 900 feridos as perdas dos vátuas. Ha, porém, quem as calcule em perto de 300 mortos e mais de 600 feridos.

Das tropas europêas houve 5 mortos e 27 feridos, incluindo 3 officiaes. Dos nossos auxiliares ficaram feridos 9.

Eis os nomes dos que morreram:

De lanceiros: o soldado n.º 65 da 1.ª companhia, João d'Andrade.

De caçadores 3: os soldados da 1.ª companhia n.º 49, Antonio Manuel e n.º 63, José Maria; da 3.ª companhia n.º 132, José Rodrigues Latas e da 4.ª companhia n.º 194, José Feliciano.

Recapitulemos:

PERDAS

		Effectivos	Mortos e feridos	Percentagens
Portuguezes	577	1.077	41	3,8 %
Auxiliares armados	500			
Vátuas e auxiliares		12.000	900	7,5 %

A percentagem de perdas das tropas expedicionarias foi de 5,5 %.

Sem organisação militar, mal sabendo fazer fogo e tranzidos de medo, os auxiliares faziam numero, mas não eram um elemento de combate com que fosse licito contar. Valiam mais como carregadores do que como guerreiros. Agachados ou cosidos com o solo como reptis é que elles se atreviam a disparar alguns tiros. E tão pouco se expozeram que, sob a *rêde de balas* que passava pelo quadrado (conforme a expressão de Mousinho d'Albuquerque), sob o fogo intenso que deixou os carros como crivos, apenas tiveram 9 feridos ou 1,8 % da sua força, em cujo effectivo não contámos 200 carregadores.

A lucta foi indubitavelmente entre 577 brancos e 12.000 negros, ou de um contra mais de vinte.

*

* *

Registemos a opinião escripta dos mais illustres officiaes que entraram no combate, ácerca da intrepidez dos seus camaradas e da admiravel disciplina de fogo, mantida nos lances mais graves da lucta.

Dizia o coronel Galhardo em officio ao commissario regio, logo depois do combate:

«Feito o toque de fogo, todo o quadrado respondeu fazendo fogo contra o inimigo; ao principio houve pouca regularidade, devida á natural precipitação da maioria dos soldados, que pela primeira vez entravam em fogo, mas logo depois faziam fogo com a maxima regularidade, graças á admiravel serenidade e valor dos officiaes, que todos nos seus postos commandavam os fogos como em exercicio ou desempenhavam os serviços que lhes competiam.

«Das praças de pret tambem nem uma só abandonou o seu posto e até feridos voltavam ao seu

logar depois de pensados ou lamentavam não poder continuar no fogo. Este durou quarenta minutos, sendo o inimigo repellido com grandes perdas, tendo chegado a 30 metros do quadrado, distancia a que foram encontrados alguns mortos.

«Foram todos incansaveis e exemplares nas suas funcções. Taes officiaes e soldados são o orgulho dos chefes que teem a honra de os dirigir, exaltam o seu paiz e o seu rei e bem merecem da patria.»

Escrevia o valente commandante do 2.º batalhão de caçadores 3:

«E' de enthusiasmar o coração de portuguezes o vêr como os nossos pobres soldados, alquebrados da febre e fadigas, se portaram. Os officiaes todos cumpriram o seu dever; mas o coronel Galhardo, esse, foi admiravel de sangue frio e serenidade de animo, sempre a cavallo, dando indicações e ordens, como se as balas, que lhe sibilavam em volta, fossem uma simples figura de rhetorica; mas não eram e elle bem o via, pois o cavallo, que montava, foi tocado duas vezes e os nossos pobres homens iam caindo feridos ou mortos.»

De Mousinho d'Albuquerque já sabemos a opinião ácerca dos officiaes que mais se distinguiram em Coolella. Mas falta saber ainda o que elle pensava dos seus mais humildes companheiros n'aquella acção. Ouçamol-o, que é um bravo sem inveja das glorias de ninguem:

«Dos soldados tudo que se diga é pouco. Os que tinham ferimentos leves, logo depois de pensados, voltavam a correr para a fileira. Uma belleza! Ao menos em combate os portuguezes ainda são, pelos menos, tão bons como os mais valentes que haja.»

A disciplina de fogo foi tão correctamente man-

tida que em 40 minutos de combate, dispondo de armas de repetição, os nossos soldados apenas consumiram 6:700 cartuchos. E não perderam as balas. Por cada 40 ou 42 tiros disparados (suppondo que 50 % das perdas foram causadas pela artilheria) pozeram um inimigo fóra de combate. Não é isto o que costuma succeder. Em algumas batalhas modernas as balas disparadas ficaram na razão de 200 e mais para cada homem inutilisado. Com as antigas armas de fogo o desperdicio de balas chegava a proporções espantosas. Em 1846 calculava-se em França que era preciso atirar 10:000 balas para pôr um homem fóra de combate. Em 1830, na tomada de Alger, os francezes gastaram tres milhões de tiros para pôr fóra do combate 300 argelinos. Com as espingardas modernas, de alcance immensamente maior e incomparavel justeza de tiro, o aproveitamento das balas é muitissimo maior. Na batalha de Saint-Privat (1870), a infanteria franceza, em 10 minutos de fogo, poz fóra de combate 6:000 homens da guarda real prussiana, mas a torrente de fogo era espantosa e cada um dos prussianos inutilisados representava o consumo de mais de 200 tiros das espingardas francezas.

Segundo o calculo de Mousinho d'Albuquerque, os vátuas não tinham menos de 2:000 armas de fogo no combate de Coolella, entre as quaes o maior numero era dos systemas Martini-Henry e Snider.

*
* *

Na sua linguagem adoravelmente singela, tão eloquente e commovedoramente simples que faz chorar, Mousinho d'Albuquerque descreve assim o modesto funeral dos expedicionarios que perderam a vida em Coolella:

«A' tarde, ás 6 horas, fez-se o enterro dos 5 soldados mortos. Arranjámos-lhes um cemiterio no

bosque, debaixo das arvores, cercado de fio d'arame e abatizes por causa das hyenas. Foram todos os officiaes, excepto 8 (dois por face de quadrado) e 6 praças por companhia.

Quando se enterraram, o coronel fez uma breve allocução, lembrando que tinham morrido como soldados portuguezes ao serviço d'el-rei. Ajoelhou tudo de chapeu na mão, deram-se as tres descargas do estylo, tocaram as cornetas a marcha de estandartes e levantamo-nos. Ha exequias ou enterros pomposos que valham isto? Chega-se a ter inveja dos mortos! A primeira mão cheia de terra foi deitada sobre cada um pelo seu capitão respectivo.»

Como isto é suggestivo e enternecedor! Vê-se e sente-se aquella homenagem e aquella magua. Curvam-se de joelhos os vencedores, deante das covas abertas no pequeno cemiterio improvisado; vibram as cornetas, estrondeiam as descargas d'honra, como se fossem ainda um echo do combate vencido, e na sua honrada mortalha, a pobre farda ensanguentada na lucta, são lançados aos covaes esses que para sempre ali ficam longe da patria. Depois, como um chefe de familia, cada capitão esparge piedosamente o primeiro punhado de terra sobre aquelles que a sua companhia, a sua familia, perdeu alli.

E esses *duros* luctadores, duros nas provações e nos combates, *duros* como lhes chamava depois o Gungunhana e como lhes tinha chamado um jornal francez, tinham os olhos cheios de lagrimas pelos pobres camaradas que a terra do sertão, a tres mil leguas de Portugal, ia encerrar no seu estranho seio de madrasta!

Vê-se! Sente-se! Tem um colorido melancholico de tradição christã, de suavissima piedade, de épica singeleza, que parece antigo!

*
* *

O sr. Antonio Ennes expedira para Sua Mages-

tade a Rainha Regente D. Amelia (El-Rei viajava no estrangeiro) um largo telegramma, dando-lhe noticia da grande victoria de Coolella.

A Rainha respondeu ao commissario regio n'estas palavras, cheias de enthusiasmo e de carinho:

O seu telegramma causou-me profunda emoção e encheu-me de jubilo, vendo que os seus esforços, a sua dedicação, as luctas e o valor dos nossos heroicos soldados tinham sido recompensados. D'aqui mando uma derradeira homenagem áquelles que pela Patria deram a vida, e saudo todos aquelles—commissario regio, officiaes e soldados—que tão brilhantemente continuam as nossos gloriosas e nunca interrompidas tradições. Faço mais ardentes votos prompto restabelecimento feridos.

Nacionalisado pelo seu amor de mãe, gemeo do amor da patria, o coração da Rainha sentia bem toda a immensa impressão d'aquelle feito na alma, tantas vezes amargurada, da sua adoptiva nacionalidade.

XVI

DESTRUIÇÃO DE MANJACAZE

Ainda que o enfraquecimento physico das tropas, em grande parte envenenadas pelo impaludismo ou já no primeiro periodo da anemia palustre, não fosse rasão sufficiente para abandonar a idêa de seguir sobre Manjacaze no proprio dia do combate, a escassez de viveres impunha o estacionamento da columna.

Faltavam apenas 7 kilometros para chegar ao *kraal* do Gungunhana, mas as tropas estavam em tal estado de abatimento, tão frequentemente os soldados cahiam extenuados, que essa marcha insignificante importaria um sacrificio penosissimo.

O coronel ordenou ao capitão Mousinho que fosse a Chicomo com a força válida dos laceiros (26 cavallos) e de lá escoltasse um comboio de carregadores com viveres.

A cavallaria partiu em 8 e fez a marcha em sete horas, sem nenhum accidente importante. Foi-lhe disparado um tiro de emboscada, mas a bala não tocou em nenhum dos cavalleiros.

Organisou-se o comboio com a maxima rapidez possivel e no dia 10 a cavallaria voltava a Coolella com 200 carregadores. N'esse mesmo dia se deu ordem para a columna avançar sobre Manjacaze na madrugada de 11.

O major Machado, de braço ao peito, gravemente ferido, incumbir-se-hia de commandar o pequeno quadrado (108 homens), que havia de guardar os feridos e o comboio, a pequena distancia do *kraal,* emquanto as tropas, relativamente válidas, investissem a famosa capital dos vátuas.

Mas confiêmos a narração do feito á palavra auctorisada do glorioso vencedor de Coolella.

Em officio ao commissario regio, datado do bivaque da langua de Manguanhana, em 11 de novembro, escrevia o intrepido coronel Galhardo:

«Cumprindo as ordens de v. ex.ª, a columna do meu commando effectuou hoje a marcha sobre Manjacaze. Chegado á langua provoquei o inimigo a combate, bombardeando a povoação; a gente do Gungunhana appareceu no bosque que circumda e occulta o kraal, em pequenos grupos, respondendo apenas com alguns tiros de espingarda ao fogo da artilheria da columna que os dispersou rapidamente. Em seguida, deixando o comboio devidamente escoltado, marchei sobre Manjacaze, que encontrei abandonada, mas com muitas munições e objectos de uso dos habitantes, tudo na desordem propria de uma precipitada fuga; os auxiliares saquearam a povoação e Xigocho do regulo, que logo depois mandei incendiar, ficando tudo completamente destruido e voltando com a columna ao bivaque na langua.

«Segundo informações de uma mulher encontrada na povoação, o Gungunhana retirou para Macasse, entre Changane e Limpopo (rios), na occasião do bombardeamento, tendo antes mandado contra nós a unica manga de que dispunha, Ynhyope M'chope, que foi repellida, como disse.

«A jornada de hoje, sempre debaixo de chuva, foi excepcionalmente trabalhosa, devido á incapacidade dos meios de transporte; 7 bois ficaram mortos no caminho, tendo eu de abandonar um carro de viveres e muitas cargas, por terem fugido os carregadores; apesar d'estas contrariedades e de termos de avançar para o inimigo com um comboio de feridos, exemplo talvez unico nos annaes militares, a coragem e a disciplina das tropas do meu commando nunca se desmentiu e antes se affirmou por actos singulares, ennobrecendo os individuos que os praticam e que muito honram o exercito a que pertencem. O major de caçadores 3, gravemente ferido, acceitou com enthusiasmo a organisação e commando da defeza do comboio na langua de Mangunhana. O capitão Costa, apesar de ferido, conservou-se a cavallo a meu lado em toda a jornada, desempenhando as funcções de chefe do estado maior; o alferes Costa e Silva, ferido n'um hombro, acceitou o commando da uma das faces do quadrado que defendia o comboio; um cabo e dois soldados, tendo o primeiro o pescoço atravessado por uma bala, fugiram da ambulancia para tomar parte na columna de ataque.»

*

* *

Tal supersticiosa lenda se formára rapidamente em volta das nossas victorias, de tal modo se convenceram os vátuas de que o coronel Galhardo tinha o feitiço de guerra que fazia reviver os soldados ou os tornava invulneraveis e tão funda impressão causára a mortandade enorme de Coolella e os terriveis effeitos destruidores da artilheria, que bastaram algumas granadas para pôr em fuga o poderoso regulo e a sua famosa *impi* de plumas brancas! Nem já confiavam na Martini-Henry com que tinham contado espingardear o nosso punhado de valentes!

Mas a fuga do filho do Muzilla fôra precedida, logo depois do combate de Coolella, pela deserção (assim se lhe póde chamar) dos mais importantes dos regulos seus vassallos e parentes, taes como Cuio, Mapissana e Tchambi, que desampararam o sobrinho n'essa lendaria Manjacaze que o sertão negro suppunha a prodigiosa e inexpugnavel cidadella dos vátuas.

Abandonavam-no vencido os seus regulos, os seus parentes, os seus indunas, a elle, que pouco antes era ainda o autocrata potente, cujo nome reboava terrivel desde o Zambeze ao Incomati! Como n'estes grosseiros dramas selvagens se reflectem ás vezes os egoismos, as traições, as villanias dos grandes dramas politicos das altas civilisações! Desamparado por esses que o haviam lisongeado de rastos e que se encolhiam como timidos cachorros a um gesto seu, ante uma iniquidade, ante um capricho da sua embriaguez quotidiana, o vencido rei de Gaza encontrava destino egual ao dos famosos despotas que, em outra esphera, o precederam na omnipotencia do mando e no abandono da sua propria expiação. O seus *marechaes* e os seus *cortezãos* negros eram afinal o que tinham sido varios marechaes e cortezãos brancos.

O quadrado de Coolella passava o Manguanhana e annunciava-se pela voz da artilheria, defronte de Manjacaze. Deixava atraz de si outro pequeno quadrado em defeza dos feridos. Se os vátuas soubessem como aquelles soldados, cheios de resignação, com alma para luctar e morrer, mal podiam ter-se de pé e manejar a espingarda e os canhões, se elles soubessem o estado d'aquelles gloriosos anemicos, teriam decerto preparado uma emboscada, protegida e disfarçada pela evacuação de Manjacaze e então, chegados á lucta corpo a copo, quem sabe o que succederia aos heroicos vencedores de Coolella?

Mas quando chega a hora do terror panico, aggravado demais a mais pela superstição, fogem os

povos de mais provada intrepidez e retiram desordenadamente os soldados de mais arrojada bravura.

Os vátuas abandonaram Manjacaze. O rei de Gaza fugia espavorido como um cobarde landim, como se fôra o mais timido dos seus *mofanas*. Estava esfarrapa a lenda.

Perdido já o temor d'outros tempos, os negros de Spandanhana incendiavam com selvatico jubilo as setecentas palhotas da maior povoação d'aquelles sertões. Excitava-os o saque. As labaredas punham reflexos vermelhos na figura sinistra d'aquelles selvagens, que quatro dias antes fugiam doidamente porque tinham avistado as primeiras *impis* do Gungunhana!

Ouvem-se detonações. E' o cartuchame comprado aos inglezes que está explodindo, similhante a descargas irregulares de muitas metralhadoras.

Tolda-se o céu na fumaceira enorme do incendio.

No jubilo e no orgulho d'aquelle desenlace, o quadrado, com a sua bandeira coroada pela victoria e os seus heroes arrazados pelas febres, põe a alma inteira na contemplação d'aquelle espectaculo, em que toda a historia sangrenta dos vátuas, a sua lenda, o seu prestigio, a sua força, se apagam no ar, entre os turbilhões de fumo do *kraal,* desfeito em cinzas.

*
* *

Emquanto a columna triumphadora retomava o caminho de Chicomo com o seu triste comboio de 14 carros de feridos e na sua passagem recebia a homenagem das populações maravilhadas; foragido nas florestas, reduzido á sua fiel *impi* dos *ynhyope m'chope,* o filho do Muzilla procurava asylo junto da sepultura de seu famoso avô, o terrivel Manicusse.

Seguiam-n'o ainda, na esperança de que a fortuna voltasse para o decahido rei de Gaza, o mis-

sionario suisso, alguns conselheiros e amigos inglezes, Queto, o unico dos irmãos do Muzilla que applaudira a guerra e seguia o sobrinho, e Manhuene, o valído, a alma da lucta, a vontade inabalavel que fôra na campanha do norte o que o Finish havia sido na campanha do sul.

Tinham os feiticeiros affiançado ao Gungunhana que estaria seguro e recobraria alento na terra que encerrava o primeiro rei dos vátuas, e o regulo vencido acreditou n'aquella affirmação e foi pedir conselho e amparo aos manes do grande morto.

Disseram-lhe os seus *conselheiros brancos* que mandasse emissarios seus ao Cabo, ao Natal e ao Transvaal, a pedir auxilio ou sequer guarida para os vátuas, e o regulo, desorientado no seu infortunio, a todas as esperanças se abraçava e acreditou no bom exito do conselho! Os emissarios partiram e foram dizer aos inglezes e aos *boers* que o Gungunhana tinha ainda forças poderosas e que só uma parte minima dos seus guerreiros fôra vencida pelos portuguezes. Seriam os vátuas vassallos fieis de quem lhes soccorresse o regulo — era a promessa dos emissarios, que nas suas instancias chegavam até á extrema solicitação de alguns pedaços de terra deshabitada em que podessem estabelecer-se!

Nem as auctoridades inglezas nem os *boers* quizeram acredital-os e acceitar-lhes as propostas. Ainda que não fosse um dever de lealdade repulsar-lhes os pedidos e as promessas, seria de boa politica não tentar aventuras por um potentado, senão ainda de todo perdido, já profundamente abatido e desprestigiado. Não era a ingenua diplomacia dos emissarios vátuas que podia illudir os inglezes e os *boers*.

Os negros cruzam o sertão rapidamente, as noticias vôam de bocca em bocca e no Transvaal e no Cabo sabia-se já a que miseranda situação fôra reduzido o despota de Gaza.

*
* *

Em 14 de novembro a columna chegára a Chicomo e logo 108 d'aquelles pobres valentes, que só a alma arrastara a Coolella e a Manjacaze, iam cahir sobre os leitos da enfermaria.

O coronel Galhardo recebia em Chicomo a vassallagem do regulo Matinhe e de Tonguanhane, chefe das terras de Binguane, como em Bololla havia recebido dois emissarios da rainha de Chai-Chai (do Limpopo), o maior potentado das regiões do Chope. Estes emissarios iam com um salvo-conducto do 1.º tenente Andrêa, um dos valentes da flotilha do Limpopo.

Em 25 de novembro os feridos de Coolella desembarcavam em Inhambane de bordo das lanchas que os tinham transportado pelo Inharrime. Foram recebidos triumphalmente e entraram no hospital, ornado de flores e de bandeiras, por entre as acclamações enternecidas da população. Acompanhava-os o benemerito medico da Cruz Vermelha, o dr. Rodrigues Braga. O commissario regio acolhia-os com palavras de commovida saudação.

Ia ser repatriada a maior parte das tropas expedicionarias. As operações contra o Gungunhana foragido seriam funestas em plena estação das chuvas, nem o estado das tropas permittiria qualquer demorada empreza no sertão.

Ficariam na Africa as forças indispensaveis para guarnecer os postos da Ribeira d'Amba e do Inharrime, ao norte, de Lourenço Marques e do Incomati, ao sul. Além de pequenos destacamentos de artilheria e engenheria e dos restos do esquadrão de lanceiros, continuavam no serviço d'Africa quasi todo o 2.º batalhão de infanteria 2, sob o commando do capitão Mattos Cordeiro, a 4.ª companhia de caçadores 3, do commando do capitão Sars-

field e ainda algumas forças de caçadores 2, commandadas pelo capitão Macedo.

Mousinho d'Albuquerque, nomeado governador militar das terras de Gaza, ficava encarregado de organisar elementos que, em occasião opportuna, tornassem possivel a perseguição do regulo vencido, o que talvez importasse uma nova campanha e a exigencia de outros reforços da metropole, como então se julgava, visto serem escassissimas as forças de que Mousinho poderia dispôr. Novamente se impunha uma attitude expectante á sua indomita coragem! Teria de ficar entre os perigos, em face da morte, mas de espada na bainha, como no quadrado de Coolella?

O grande troço de expedicionarios repatriados embarcára em dezembro a bordo do paquete *Zaire*. Vinham com elles o commandante em chefe das tropas e, com a sua gloriosa tarefa já concluida, o benemerito commissario regio em Moçambique.

Surprehendido nos seus esmorecimentos pela vibração envaidecedora das victorias d'Africa, a patria portugueza apercebia-se para acolher n'uma recepção triumphal os abençoados valentes que lhe tinham resurgido o nome e o prestigio nas tradições do sertão negro.

XVII

A FAÇANHA DE CHAIMITE

A ninguem era licito envolver na sombra sequer de uma duvida os feitos brilhantes das nossas tropas. Mas por entre os echos da victoria alguem perguntava quando seria o remate da guerra contra os vátuas, que tinham por si o asylo immenso das florestas e o longo periodo da estação das chuvas, talvez sufficiente para de novo se organisarem.

Tornar-se-hia necessaria uma nova expedição e uma nova campanha para acabar de destruir o poder do Gungunhana? Na Zululandia succedera cousa parecida aos inglezes com Katchwayo e no Dahomé aos francezes com o rei Behanzin; mas os maldizentes de cá e os que, por antagonismo de interesses, nos eram desaffeiçoados lá fóra, punham em duvida, não já a gloria militar alcançada nos combates, mas a efficacia politica das campanhas concluidas.

Aprazia-lhes suppôr e divulgar que o Gungu-

nhana apenas mandára as suas avançadas contra os nossos soldados e lhes abandonára as palhotas do kraal para mais facilmente nos enganar e poder cahir de improviso sobre os postos e povoações desprecavidas com o grosso do seu exercito intacto, com o qual, tranquillamente e a rir-se dos nossos triumphos, se andaria pavoneando pelos amplissimos sertões de Gaza.

Entretanto, os menos desdenhosos da guerra em que o nosso prestigio militar se resurgira e exalçara, contavam com a dura necessidade de uma nova campanha e, portanto, com novos sacrificios de dinheiro e de vidas.

De vidas, e até então, em combate e, principalmente por effeito do clima africano, já tinham morrido em Moçambique, na viagem de repatriação e na metropole, não menos de 6 a 7 % de effectivo total dos expedicionarios, sendo provavel que esta percentagem se elevasse ainda a 8 ou 9 %. Não era extraordinaria. Nas suas campanhas de Cuba, desde 1869 a 1878, a percentagem das perdas das tropas hespanholas tivera o limite minimo de 13 % (1873) e o limite maximo de 18,22 % (1874).

Na campanha de Madagascar (1895) as perdas dos francezes, insignificantes em combate, chegaram á enorme percentagem de 21 %.

Não eram relativamente grandes as nossas, mas representavam, todavia, um doloroso sacrificio.

Quanto a despezas, eram avultadas as que tinhamos feito e esmorecia pensar na dura necessidade de as continuar. Haviam de approximar-se de dois mil contos. (Em 29 de fevereiro de 1895 tinham-se apurado as despezas na importancia total de 1.884:432$640 réis).

A guerra de Dahomé ainda custára mais aos francezes (cerca de onze milhões de francos ou mais de dois mil contos da nossa moeda), mas a França é uma nação opulenta e o que para ella representa apenas uma diminuta despeza extraordinaria vale para nós um enorme dispendio.

*
* *

Esperava-se a chegada das tropas que voltavam d'Africa a bordo do *Zaire*. Em todo o paiz se preparavam ruidosos festejos. Parecia rejuvenescida a velha alma expansiva da patria portugueza.

De subito, inesperadamente, na noite de sabbado, 4 de janeiro de 1896, o sr. conde d'Arnoso apresentava a El-Rei, no theatro de S. Carlos, este surprehendente telegramma do governador interino de Moçambique:

LOURENÇO MARQUES, 4.— Conde d'Arnoso, secretario particular de Sua Magestade El-Rei, Lisboa.—Peço a honra de apresentar, com as minhas homenagens, as enthusiasticas felicitações a Sua Magestade pela prisão do Gungunhana e seu filho Godide, levada a effeito pelo valente capitão Mousinho.—(a) Lança.

O governo recebeu tambem o seguinte telegramma:

LOURENÇO MARQUES, 4—Ultramar, Lisboa.—Acabam de chegar aqui o Gungunhana e seu filho Godide e tio Molungo e suas sete mulheres, acompanhados todos pelo capitão Mousinho d'Albuquerque, que os foi agarrar a Chaimite, acompanhado pelo tenente de artilheria Miranda, tenente graduado Couto, medico Amaral e 46 praças de artilheria e infanteria.

As minhas calorosas felicitações pela victoria que para o paiz acaba de conseguir o valente capitão Mousinho.

Tambem veiu o Zixaxa com tres mulheres suas.

Espera-se que o Mahazul seja preso por estes dias.

No kraal, e em presença do Gungunhana amarrado e de 3:000 vátuas e buingelas, foram fuzilados

Quêto, irmão do Muzilla, e o induna Manh'enhe, alma damnada do regulo.

A'manhã vou fazel-os embarcar no «Africa», para seguirem para Lisboa.—(a) LANÇA.

Quasi se não póde descrever o febril enthusiasmo que estas noticias produziram. Os telegrammas foram lidos no salão do theatro de S. Carlos á multidão anciosa de pormenores. Parecia que tinham voltado os grandes dias antigos!

Estava no theatro um parente de Mousinho; abraçaram-n'o enternecidamente. Cantava-se a *Africana;* no final do 2.º acto o enthusiasmo explodiu n'uma extraordinaria manifestação de jubilo patriotico, por entre as vibrações do hymno nacional, que a todos os corações fallava de gloria n'aquelle momento excepcional.

Houvera n'outros tempos ruidosas manifestações politicas em S. Carlos. Nenhuma, talvez, mais expontanea, mais sentida, mais nobre, mais pura do que a d'aquella noite inolvidavel.

A boa nova correu vertiginosamente. Reproduziram-se as manifestações nos outros theatros de Lisboa e do Porto. O telegrapho levou a noticia a todos os recantos do paiz. Fez-se em toda a parte, enthusiasticamente, o santo jubileu da patria.

Ah! com que immensa gloria, para si e para todos nós, o Mousinho se vingára da má fortuna que o tivera inactivo no quadrado de Coolella e na tomada de Manjacaze!

*
* *

Como se realisára tão espantosa façanha, que parecia um trecho de algum antigo romance aventuroso e como se rematava, inopinadamente, por similhante prodigio aquella guerra por tantos titulos notavel?

Formulavam-se hypotheses diversas e a impren-



MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

(Capitão de lanceiros n.º 1)

sa estrangeira, attentando melhor nas campanhas que até ali apenas brevemente noticiára, deu larga publicidade á descripção dos combates vencidos e exalçou a expedição de Chaimite, entre incredula e maravilhada.

A Fremdenblatt, de Vienna d'Austria, dizia:

«E' indubitavelmente justo saudar com applauso o valente capitão Mousinho e os seus 49 camaradas pelo acto de bravura sem par *(Bravourstuck sondergleichen)* de prenderem o semi-deus africano Gungunhana, considerado invencivel, e de fuzilarem dois de seus chefes na presença de 3.000 de seus guerreiros. Que os portuguezes sabem melhor que as outras nações haver-se com os pretos affirma-o uma experiencia de seculos, e se conseguem ser mais promptos e energicos nas campanhas africanas do que o seria a Allemanha, por exemplo, é que possuem uma mais justa apreciação das circumstancias locaes, que a elles mais do que a ninguem são familiares. D'isto deram agora mesmo uma prova evidente, com a qual devem estar tanto mais satisfeitos, quanto a imprensa ingleza, interessada no assumpto, se exprimiu sempre com menosprezo e escarneo, ácerca da expedição portugueza contra o invencivel Gungunhana.»

O illustre explorador Emilio Holub publicou na *New Freie Presse,* de Vienna, um artigo em que avultavam algumas inexactidões, mas que era realmente honroso para Portugal:

Póde avaliar-se por este trecho:

«A attitude dos portuguezes é a todos os respeitos digna de louvor, até no proceder dos soldados em face do inimigo batido, de modo que muitos bandos — facto raro na historia da tactica dos zulus — depozeram as armas diante dos portuguezes. Os mais importantes episodios d'esta guerra foram: o ataque da principal columna portugueza

sobre um destacamento zulu, que regressava com uma rica preza e em que os regimentos d'este destacamento soffreram uma completa derrota, e a prisão do Gungunhana e do seu filho Godide, pela força do capitão Mousinho.

«Com a derrota do Gungunhana livrou Portugal a sua colonia do sul d'Africa d'um temido contrario e as tribus negras, que lhe tinham ficado fieis, do seu peior inimigo, mas além d'isso Portugal merece os agradecimentos do mundo civilisado pela sua victoria, que poz termo definitivo ás crueldades do Gungunhana.»

Da Allemanha a *Gazeta do Norte* e a *Gazeta de Colonia* publicavam tambem largos artigos ácerca das nossas ultimas campanhas d'Africa, postas em evidencia pela audacia excepcional de Chaimite.

Explicando o exito da expedição de Mousinho d'Albuquerque pelo effeito moral das victorias obtidas pelas nossas tropas e pelo desalento superstiscioso dos vátuas, que suppunham os nossos soldados protegidos pelo feitiço da invulnerabilidade, a *Gazeta de Colonia* dizia:

«Depois d'esta descripção, publicada muito antes dos ultimos successos, apparece o feito de 50 portuguezes prendendo o Gungunhana e espingardeando dois dos seus principaes conselheiros na presença de 3.000 vátuas, cousa de todo o ponto espantosa. Nós não acreditamos facilmente em milagres e procurámos por isso a explicação natural do caso.»

Emfim, fosse como fosse, a verdade incontroversa era que o Gungunhana estava preso e fôra aprisionado por Mousinho com 46 soldados e 3 officiaes.

A *incrivel* noticia fôra confirmada a alguns governos europeus pelas informações telegraphicas dos seus consules em Lourenço Marques.

Reconhecida a authenticidade do facto, muitos

governos estrangeiros felicitaram o nosso pela brilhante conclusão da guerra. E' dever de justiça registrar que fôram do governo inglez as felicitações de mais alta significação politica.

Nunca nenhuma das nossas modernas campanhas ultramarinas interessára tanto a Europa e tivera a sombra sequer de uma celebridade assim!

*

* *

Mas como se realisára afinal a façanha de Chaimite?

Conta-o na sua modesta singeleza o relatorio de Mousinho d'Albuqurque, datado de 16 de janeiro de 1896, e publicado em Lisboa em 17 de março, no mesmo *Diario do Governo*, em que se dava publicidade a este telegramma do governador interino de Moçambique:

«Chegou Mousinho. Territorio Maputo perfeitamente submettido em resultado razzias constantes feitas por Mousinho, que percorreu todo o territorio desde Inhaca até á fronteira ingleza e Mussuati, em marchas forçadas com a cavallaria. Apprehendidas cerca de mil cabeças de gado. Já cobrada a contribuição de guerra de 1:800 libras. A cobrança continúa. O regulo refugiado em territorio inglez. Em Maputo, além da guarnição indigena, ficaram 40 praças europêas.»

Faltava-lhe provar que a cavallaria servia para alguma cousa. Provou-o.

Vejamos agora como se effectuou a prisão do Gungunhana.

No seu relatorio, Mousinho d'Albuquerque indica os esforços do tenente Sanches de Miranda para aprisionar o regulo da Zixaxa, que se julgava refugiado em Xissano. O tenente Miranda era então o commandante do posto de Languêne, a 70 milhas

da foz do Limpopo. Preso o rebelde, Sanches de Miranda, um dos officiaes que melhor estudou e conhece o paiz de Gaza, empenhava-se em descobrir o paradeiro do Mahazuli e conseguiu saber que era no territorio do Mogudugudo, neto do regulo Majioli.

Era com o tenente Miranda e com a gente do posto de Languêne que Mousinho d'Albuquerque mais contava para o seu arrojadissimo commettimento.

A força moral adquirida era enorme. Cincoenta e dois regulos haviam prestado vassallagem e foram *pagar pé* (tributo do vassallo ao suzerano), mas o Gungunhana ainda era temido e Mousinho não poderia dispôr senão d'um punhado de homens. De Inhambane tinham-lhe mandado dizer que não podiam dar-lhe reforços. De Lourenço Marques recommendavam-lhe uma prudente espectativa.

Mas elle proprio nos póde dizer melhor qual era a sua situação e como levou a cabo a heroica aventura.

«Sou obrigado a dizer a v. ex.ª, que ao receber esta resposta fiquei desanimadissimo. Nada estava disposto por forma a favorecer o aprisionamento do regulo vátua. Basta olhar para a carta e saber que estavam occupados apenas um posto no Inharrime, outro no Chicomo, outro no Languéne (além da linha de postos no Incomati, quanto a mim inuteis pela maior parte), e que a *Capello* não tinha passado do Changane, para vêr a facilidade com que o regulo podia fugir ou para oeste ou para o norte. Com gente a cavallo parecia-me possivel, embora arriscado e de exito muito duvidoso o persegui-lo; com gente a pé afigurava-se-me impossivel captural-o.

Confesso a v. ex.ª, que ainda outra rasão, menos ponderosa por certo, concorria para me desanimar. Official de cavallaria ha vinte annos, e quasi o unico que durante algum tempo insistia pelo em-



SANCHES DE MIRANDA
(1.° tenente de artilheria)

prego d'esta arma em Africa, tinha visto o esquadrão do meu commando tão mal tratado pela sorte e reduzido a um papel tão insignificante na columna do norte, por motivos que não sei, nem me caberia apreciar, que desejava muito ao menos que a uma força d'esse esquadrão coubesse a honra de levar a effeito um commettimento, que rematasse condignamente a campanha, tão brilhantemente encetada com o combate de Marracuene. A resposta do capitão commandante do destacamento mixto de Inhambane destruia de todo esta esperança.

Ainda os exemplos de outras guerras de Africa augmentavam o meu desalento. O Katchwayo, n'um paiz muito menor que o de Gaza, escapára durante um mez á perseguição do 3.º regimento de dragões e da cavallaria irregular. Lo-Bengula escapára ao major Forbes, depois de haver anniquilado os trinta cavallos de Wilson; como poderia eu agarrar o Gungunhana com umas cincoenta praças a pé, unicas validas de que podia dispôr?

Entretanto todos os chefes que vinham pagar pé me pediam que prendesse o regulo vátua porque emquanto elle estivesse livre elles não teriam um momento de socego; todos os dias vinham queixas dos roubos e assasinatos que o regulo mandava perpetrar em volta de Manguanhana. Por outro lado eu tinha e tenho a convicção de que com pretos um acto de audacia, embora temerario, é quasi sempre bem succedido, porque lhes produz uma grande impressão e fal-os perder de todo a força moral.

A *Capello,* que tinha ido á barra buscar carvão, chegou a Languéne no dia 24. Resolvi partir logo que pudesse e mandei reunir os auxiliares mais proximos e de quem suppunha dever desconfiar menos, por se acharem já muito compromettidos comnosco, no dia 26 de madrugada. Podia ter reunido muitos centos, talvez dois ou tres milhares de pretos, mas a curta experiencia que tinha adquirido na columna do norte ensinava-me que os auxiliares

só em pequeno numero são uteis, porque, sómente sendo poucos, se podem até certo ponto dirigir.

O tenente Miranda commandava a força européa, o tenente graduado Couto os auxiliares. O dr. Amaral acompanhou a força, levando alguns recursos medicos e quatro macas improvisadas com umas peças de algodão branco que existiam no posto.

Como v. ex.ª vê, tinha-se enraizado no meu espirito a idêa de que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul (7 de setembro), do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coolella (7 de novembro) e incendio de Manjacase (11 de novembro), se iria obliterando no animo d'estes povos, e, o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr, e as probalidades de exito da empreza. E seja-me licito n'este ponto affirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas, que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu dispunha para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o medo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado, porque incutiu nas praças um enthusiasmo que os fez vencer fadigas e arrostar perigos com uma alegria e boa vontade deveras sur-



COSTA E COUTO
(Tenente graduado do exercito de Africa)

prehendentes, attendendo para mais ao mau estado de saude de maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou na lancha-canhoneira *Capello,* o primeiro tenente Sanches Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.ª classe Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infanteria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.ª companhia de caçadores n.º 3 de Africa.

No dia 26 ás cinco horas (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 1, n.º 84 da 1.ª companhia, o interprete João Massablana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languene, Chai-Chai, e Lofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam (Martini Henry, Albini e de carregar pela bocca), e 76 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho, que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 por cento. N'esse mesmo dia pelas quatro horas (p. m.) chegámos a Zimacaze, cerca de 3 milhas a montante da foz do Changane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes Ma-Buingella e Manguni, dos que tinham já ido pagar pé a Languene, se apresentaram com as suas *guerras,* pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado, em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam, tive que acceder, embora com repugnancia, e só depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1.500 a 1.800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.), vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languene no dia 19), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxéca. Vinham pedir a este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo regulo, que queria ir lá *pagar pé* e fazer

paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario de Languene para trazer ao vapor a resposta, observando ao mesmo tempo o que podesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda proximo ao Manguanhana, a umas seis horas de Chaimite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto perplexo. Se marchasse n'aquella noite podia o regulo, avisado a tempo, fugir, e eu perder assim a occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana, e receiava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apezar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veiu acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

A's doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei-o buscar. Era um homem de Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitára a saída da gente de guerra da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Vuiâna, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zuiacaze, no caminho de Chaimite.

Dei logo ordem para que ás tres horas (a. m.) se effectuasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Eram quatro horas (a. m.) quando começámos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo uma encosta cheia de lodo, caniço (mangal) e arbustos, onde a marcha era difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (2 tinham adoecido a bordo), dispuz a força da fórma seguinte: 6 praças da 1.ª fileira e 6 da 2.ª, quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.ª fileira a face da esquerda, e 12 da 2.ª fileira a da direita; o resto da 1ª e da 2.ª fileiras formavam a face da rectaguarda.

Assim, a marcha com 2 homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a suppressão do intervallo que a exiguidade da força tornava dispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de um minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com cunhetes (1.100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar para dentro do quadrado, logo que elle se formasse.

Seguiam os outros carregadores e os homens com machados.

Cada carregador levava a tiracollo o capote de uma praça, emmalado no encerado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitar no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio sómente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languene e Lofogasi. A guerra de Cuio estava tambem na margem esquerda.

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastavam para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hespanholada,* junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coollela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da fórma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 me-

tros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 para a esquerda as de Languene e Lofogasi. Estas distancias diminuiam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se a N. do caminho, a povoação do Vuyâna. Mandei então seguir a força europeia pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou 30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei dois homens estavam azagaiados no figado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e creanças e saqueando as palhotas. N'isto appareceu um homem, que escapára não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que o Vuyâna não era tão culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver milandos n'aquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e creanças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyâna dez bois para o Cuio, como indemnisação, e dez vaccas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos, que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atraz fallei, achamo-nos n'uma planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornára-se muito escorregadio. A erva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alternaram com um sol abrazador, de fórma que, officiaes e praças, marchando todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro, ora iamos encharcados em agua, ora es-

correndo em suor. Como não queria perder tempo, continuei marchando sem descanço até ás onze horas (a. m.) Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o Muambaxéca e 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pagar pé e falar de paz com o rei, *seu pae*. Respondi-lhes que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *saguate* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanáca, conservando o Zaba preso. N'essa occasião appareceu o homem de Languene, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu já suppunha ter sido morto por este.

Depois de 30 minutos de descanço, prosegui na marcha até á uma hora (p. m.). Tinhamos assim feito oito horas uteis de marcha a passo mais que ordinario; estavamos exhaustos. Os carregadores, só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequencia para descançar alguns momentos. Resolvi, portanto, bivacar um pouco a O., por saber que ficava ali a lagôa de Moatacane.

Fui adiante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagôa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coollela) em largura e cumprimento, e bastante profunda. A agua não seria, talvez, das peiores, mas a gente de guerra (já então mais de 2.000, porque Zugoiusa, irmão do Muzilla, e outros chefes se nos tinha juntado), entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo o lodo, o que fez com que fosse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispuz o bivaque em quadrado com duas senti-

nellas em dois angulos oppostos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle, separadas umas das outras e com postos avançados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto que, com não pequeno trabalho, dispoz assim as forças indigenas.

Eram cinco horas (p. m.) quando voltou o Sucanáca acompanhado de Godide, filho do regulo, que trazia sessenta e tres cabeças de gado bovino, 510 libras, duas grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos de que elle mesmo viria n'essa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava ali toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cançados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria apenas ganhar tempo, e que o Sucanáca lhe iria affirmar que o cansaço não nos permittiria avançar.

Effectivamente, o aspecto do bivaque parecia confirmar o que eu dissera; o tenente Miranda extenuado, abrazado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sede; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cançados, que muitos nem quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as tres horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crêr o contrario.

Chovêra quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idêa de não voltar atraz, senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso ás tres horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carre-

gadores, enrolar os capotes, e marchámos ás quatro horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto e plano, o chão duro. Apressei a marcha por fórma que varias vezes fomos em accelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pagavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fôra, afim de fazer sobre a sepultura de seu avô Manicusse, diversas ceremonias, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

Pelas seis horas e trinta minutos (a. m.) avistámos Chaimite no meio de um terreno arenoso, cheio de marçala e môrros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apesar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda ou por terem medo que o regulo se defendesse ou influenciados pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo, só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comnosco. N'essa occasião duas praças brancas cahiram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fosse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente da guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação do Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns dez minutos da povoação dei ordem para que as guerras formassem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizerem, ficando a uns 100 metros da paliçada que cercava as palhotas.

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas vinte cinco a trinta palhotas

cercadas por um paliçada de $1^m,5$ de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa dos vátuas, e deviam ter-se ali passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao approximarmo-n'os da povoação encontrámos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne podre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centimetros de largura.

Corri para ahi á frente dos brancos, ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente, seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e interprete. Julguei logo que entrei que o regulo se defenderia, porque vi encostados á paliçada do lado interior, alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão, corri logo sobre elles, e ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem logo atraz de nós a testa da columna que derrubára as estacas lateraes da entrada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam fugido logo, a as praças brancas, sem ter quem os dirigisse, teriam provavelmente sido trucidadas pelos 2.500 ou 3.000 pretos que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo, logo que os pretos fugiram, sahir de uma palhota proxima um homem de corôa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde sahira. Chamei-o muito de alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me

para lançar fogo á palhota, caso elle se [illegible]morasse, quando vi sahir de lá o regulo vátua, que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacaze.

Não se póde fazer idêa da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (cousa que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era regulo dos *manguni,* mas um *matonga* como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da paliçada, além dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que havia no exterior, mesmo proximo á paliçada, levantaram grande alarido, batendo com as zagaias nas rodelas em signal de applauso e espanto. Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo e Maguiguâna. Mostrou-me o Quêto e o Manhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobrei a Manhune (que era a alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandei-o então amarrar a uma estaca da paliçada e foi fuzilado por tres brancos. Não é possivel morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarral-o para poder cahir quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão do Muzilla que quizera a guerra contra nós, e o unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pagar pé, como tinham feito Inguinsa e Cuio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto, respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a quem tinha creado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobedecia e fazia guerra ao Rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandonal-o.

Mandei-o amarrar tambem e fuzilar.

Estas duas execuções produziram na guerra preta um enthusiasmo indescriptivel, que manifestaram com ruidosos e repetidos *bahctes*, o que mostra bem que elles confundem perfeitamente a força e coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrára-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta á guerra.

Disse-lhe que ácerca do regulo só o rei podia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por ella o ter pedido; e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguem consentiria lhe fizesse mal.

O regulo perdêra toda a arrogancia depois da morte do Quêto. Disse que dava tudo que tinha, e entregou 1.000 libras e 8 diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsota para trazer todo o gado que levára mais para longe, e mandou igualmente procurar mais marfim a Manjacaze, onde ficára enterrado, dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoasse a morte. O portador d'estas ordens foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandei então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cahir e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.»

Depois de uma fatigante marcha de regresso, a pequena expedição europêa embarcou em Zimacoze. Mousinho descreve assim o embarque:

«Embarcada a força europêa e os presos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas, a El-Rei, á familia real, á armada real e ao exercito, enthusiticamente correspondidos pelas praças da marinha e do exercito que estavam armadas e debaixo de fórma no *sparedeck*, e em seguida a gente de guerra soltou tres *bahetes*, saudação que eu lhes tinhas feito explicar se dirigia n'aquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *Incuáia*, acabando por uma torrente de insultos da mais requintada torpeza áquelle de quem havia poucos dias tremiam com medo.

Deixei expandir assim a natural villeza de sentimentos dos pretos, não para atormentar um prisioneiro, já moralmente aniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo e por uma vez.

Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Capello* levantou ferro, chegando a Languêne ás tres horas e trinta minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encalhe.»

O glorioso heroe de Chaimite justifica admiravelmente e com rara franqueza o seu procedimento no ultimo *kraal* do Gungunhana.

Ouçamo-l'o:

«Assim se levou a effeito a prisão do celebre Gungunhana e acabou o predominio do ultimo dos tres povos guerreiros e poderosos, independentes de facto, que existiam na Africa Austral: Zulus, Matabelles e Vátuas.

Muita gente por certo fará não poucas censuras á maneira como dirigi e commandei este golpe de mão: uns classifical-o-hão, attenta a exiguidade da força branca, de loucura que só quasi por milagre teve bom exito; outros chamar-me-hão cruel e sanguinario por ter fuzilado os dois prisioneiros. Parece-me, porém, de justiça attender ao seguinte: temeraria ou não, similhante surpreza era indispensavel e urgente, sob pena de ficarem as forças expedicionarias, e, portanto, o exercito e a nação, de todo desprestigiadas perante os indigenas de Gaza e a gente do Transvaal, Orange, Natal e Cabo. Sei perfeitamente que esta operação foi levada a cabo, sem pôr em pratica muitos dos preceitos que os regulamentos militares determinam, mas nem a pouca força de que dispunha podia dar um serviço de segurança regular, nem a empreza era d'estas que demandam prudencia; era um verdadeiro jogo; ou lá ficavamos todos, ou conseguiamos agarrar o regulo; o que era preciso era andar depressa e não haver hesitações. Sacrifiquei a isso todas as considerações de prudencia.

Com respeito ao fuzilamento dos dois prisioneiros, limito-me a dizer que é muito nobre, muito justo, muito alevantado, sustentar os principios da mais acrisolada philantropia e humanitarismo n'um parlamento, n'uma assembléa qualquer, n'uma redacção de jornal entre concidadãos nossos que pensam e sentem como nós, e ainda por cima mantidos em respeito por numerosas forças do exercito, da armada e da policia militar e civil; é porém muito differente o caso em que se achavam 50 brancos no meio de cerca de 3:000 pretos, ainda hontem nossos inimigos. Se não mandasse matar ninguem, todos os cafres supporiam que ainda tinha medo do Gungunhana e voltariam a dizer: «portuguez é mulher, não mata ninguem». Esta é a maneira barbara e absurda porque elles encaram as cousas.

De resto ainda outra rasão influiu em mim quando mandei fuzilar o Quêto.

A constituição rudimentar da sociedade vátua era aristocratica, com visos de feudalismo [1].

Quando me contavam o que se passava entre os vátuas, parecia-me estar ouvindo narrativas dos tempos merovingios em França, representando os matonga o papel dos Gallo-Romanos. Ora Quêto era dos irmãos do Muzilla o mais attendido pelo Gungunhana, e era depois do Jambui o mais poderoso dos que poderiamos chamar os grandes vassallos da corôa vátua, e tanto assim que Inguinsa, seu irmão e os filhos do Cuio, seus sobrinhos, quando o viram cahir disseram: «branco sabe tudo, até adivinhar quem devia matar».

No dia 29, pelo cahir da tarde, chegaram um filho e um secretario do Jambui, dizendo que vinham com o fim de adquirir a certeza de que o recado recebido pelo regulo do Lipallula era deveras meu.

Talvez ao regulo houvesse já constado a marcha para Chaimite, e mandava vêr qual tinha sido o resultado. Disseram-me que o regulo não vinha ainda, porque sendo gordissimo, o que eu sabia ser verdade [2], precisava que o trouxessem, mas que viria logo que eu quizesse. Mandei-lhe dizer que ia agora a Fumo (Lourenço Marques) levar o Gungunhana, e que em voltando e em tendo a minha povoação no Chibutze lhe mandaria recado para elle mesmo vir pagar pé, para ir um official depois escolher local para um posto fortificado para a força branca, e fazer o recenseamento para elle pagar o imposto de palhota que eu fixasse.

Tudo acceitaram de bom grado e asseguraram

---

[1] Por exemplo, direito de representação nas banjas dado só pela posse de terras, razão porque o Maguiguana que era o chefe de guerra não ia as banjas, porque sendo buingella não era senhor de terras.

[2] Caldas Xavier *(Territorios ao sul do Save e os vátuas)*, um dos boletins da sociedade de geographia de Lisboa, 1894. —(Notas do relatorio.)

que o regulo havia muito desejava que fosse para lá força branca [1].»

A'cerca dos officiaes e praças de pret do seu heroico destacamento, diz o bravo official com aquelle sentimento da justiça e grandeza d'animo, que são o realce da sua excepcional valentia:

«Por ultimo, não posso terminar este relatorio sem dizer que se eu me metti na empreza de prender o Gungunhana com recursos tão escassos, foi sómente por me vêr na absoluta necessidade de o fazer: mas os tres officiaes, que me acompanharam, deram uma prova evidente de muita subordinação e brio militar, partindo para ella sem a minima observação, nem signal de descontentamento, quando todos estavamos bem convencidos de que o exito era muito duvidoso, e que o menor contratempo teria como resultado o sacrificio das vidas de quantos europeus marchavam. Não menos provaram o seu zêlo e boa vontade na maneira como trabalharam para que tudo corresse bem, e na inalteravel alegria e constancia com que supportaram a fadiga e incommodos, a que, mau grado meu, não os poude eximir. Por esse motivo não hesito em pedir para estes officiaes uma recompensa condigna das qualidades, que revellaram.

Quanto ás praças, comportaram-se de uma fórma que merece todos os elogios, mostrando ser dignos camaradas dos soldados, que tive occasião de apreciar na marcha sobre Manjacaze e combate de Coollela.

[1] Isto concorda com as informações que me deu o alferes Villar, ex-commandante militar de Lipallula.—(Nota do relatorio).

*
* *

E aqui está como se realisou essa prodigiosa campanha de tres dias, que não teve combates e que é, todavia, uma das mais celebres da nossa historia militar!

Povo de valentes, os *boers* sabem perfeitamente o que seja intrepidez e o arrojo. Pois são de um jornal d'esse povo, a *Semaine,* supplemento em francez do jornal de Pretoria, o *Wolksstein,* estas palavras enthusiasticas ácerca do feito de Chaimite:

«Gungunhana, o terrivel, está preso e á sombra em Lourenço Marques. A historia da prisão é a mais heroica e o mais maravilhosa de todas as historias da guerra africana.

«O heroe é o capitão Albuquerque e teem o seu quinhão de honra na acção os tenentes Sanches, d'artilheria, e Couto. Estes bravos officiaes com 46 homens de tropas européas, sem guias e sem a ajuda de tropas nativas, marcharam tres dias e tres noites quasi sem comerem, sob a chuva, á procura do regulo!

«O capitão Albuquerque entrou sósinho no *kraal* e perguntou pelo Gungunhana. Os negros apontaram as armas sobre o temerario e por momentos o capitão julgou-se perdido. De sabre desembainhado atira-se sobre os pretos, que baixavam as armas, crendo que todo o exercito portuguez estava perto. Gungunhana foi chamado, appareceu e foi feito prisioneiro diante de todo o seu povo. São trazidos todos os membros da sua familia e feitos egualmente prisioneiros. Um d'elles, recalcitrando, é immediatamente morto! Vendo preso o chefe, os negros fazem a sua submissão a Portugal e o Gungunhana foi levado para bordo do *Neves (Neuves* diz a *Semaine!) Ferreira* e conduzido a Lourenço Marques. Aos proprios portuguezes custava-lhes a acreditar

na prisão do regulo! e no domingo muitos commerciantes banianes visitavam o *Neves Ferreira* para verem os prisioneiros.

«Os jornalistas foram convidados a intervistar e o da *Presse* photographou os prisioneiros.

«No domingo o capitão Albuquerque assistiu a um juntar em sua honra, offerecido pelos officiaes allemães do *Syadler*.

«Na segunda-feira os prisioneiros foram entregues ao governador de Moçambique, diante dos consules e dos officiaes dos navios de guerra surtos no porto.

«Os consules assignaram documentos attestando a identidade do Gungunhana, depois de o terem interrogado. Elle dizia: «Sou Gungunhana e o capitão Albuquerque fez-me prisioneiro».

São ainda do mesmo jornal estes periodos honrosissimos para as tropas portuguezas:

«É preciso felicitar calorosamente os nossos visinhos e amigos pela victoria que ganharam! Não era coisa facil; além de valentes e bem armados, os pretos do Gungunhana eram defendidos por alliados poderosos: a febre e a floresta.

«Effectivamente, para chegar ao kraal do rei, era preciso atravessar primeiro um paiz pantanoso, coberto de lagôas, emanando microbios pestilenciaes que causaram grandes estragos nas tropas portuguezas.

«Para o comprehender bastava ver aquelles desgraçados que, por não poderem ir mais para diante, eram reexpedidos para Lourenço Marques, magros, com os rostos amarellos, semi-mortos».

Nos exaggeros da sua violenta discussão com os jornaes d'Italia, a respeito da desastrosa batalha de Aduah, o *Gil Blas* dizia aos italianos que pedissem a Portugal o punhado de heroes do capitão Mousinho, se queriam vêr como elles levavam deante

de si os guerreiros de Menelik, o poderoso *negus* da Abyssinia, cujo exercito derrotára completamente as tropas italianas do general Baratière. Apezar do intento aggressivo da hyperbole, percebe-se bem n'estas palavras a impressão de assombro que a façanha de Chaimite produziu em França.

Se o nosso orgulho podia sonhar sequer tão épico desenlace para as brilhantes campanhas do valle do Incomati e do paiz de Gaza?

Positivamente os **cincoenta de Chaimite** valem tanto como os denodados guerreiros da nossa velha epopêa, e Mousinho d'Albuquerque [1] —repetimol-o—é bem o emulo de Duarte Pacheco nas paginas de ouro do esforço portuguez.

---

[1] Mousinho foi promovido por distincção ao posto de major e nomeado governador geral da provincia de Moçambique.

XIX

GLORIFICAÇÕES

A 19 de janeiro de 1896 entrava no Tejo o paquete *Zaire,* trazendo o principal troço dos expedicionarios repatriados.

Desde a Torre de S. Julião da Barra até á ponte do Arsenal de Marinha, o *Zaire* passou triumphalmente, por entre o estrondear das salvas e a vibração febril das acclamações.

Quem tinha alma para sentir e viu os santos enthusiasmos d'aquelle dia, não os póde esquecer, não os esquecerá nunca. E' provavel que fossem recebidos com magnificencias maiores os triumphadores de outros tempos; os vencedores dos exercitos napoleonicos, os nossos gloriosos soldados de 1814, entraram em Lisboa por entre fervorosas acclamações e passaram sob arcos triumphaes, coroados de louros; mas em nenhum tempo talvez se receberam os valentes soldados d'este paiz com jubilo maior, nem com mais carinhoso enthusiasmo.

Aos feitos de excepcional valor correspondia, n'um grande impulso de justiça e de enterneci-

mento, a excepcional expansibilidade de um povo, que andava entristecido pelos infortunios e de ha muito descrente do seu proprio valor. Vivia-se aqui ha longuissimos annos n'aquella *apagada e vil tristeza,* que já o Camões notava amargamente no cyclo que a ultima grande jornada d'Africa devia fechar tragicamente.

Nunca mais esquece quanto houve de grande e commevedor n'aquella recepção triumphal! Parece que está a gente a vel-os em parada na Praça do Commercio, a magestosa praça Pombalina. A multidão impaciente rompe o cordão de policias, como os vagalhões rompem um dique fragilissimo, corre para elles e vae confundir-se quasi nas suas fileiras, para estar ao pé d'aquelles bravos, para os vêr melhor, para certificar-se de que são afinal esses pobres anemicos o seu mais legitimo orgulho, a sua maior gloria contemporanea! Passa El-Rei com o seu estado maior brilhantissimo, passa em revista os gloriosos repatriados, e a multidão não se aparta dos seus queridos valentes.

Se havia lá coragem para impôr preceitos, para espadeirar esses desobedientes que se julgavam mais fortes, mais soberbos, mais poderosos ao pé d'aquelles soldados, que, de quando em quando, era preciso amparar nos braços, para que não cahissem nas tremuras da febre!

Depois, arrastam-se na sua marcha triumphal e a multidão enorme, doida, a victorial-os, a cobril-os de flores, a dizer-lhes palavras de carinho, a seguil-os até aos quarteis!

Mas que duro contraste nas coisas humanas!

Emquanto os que podiam marchar passavam nas grandes ruas de Lisboa, levando á frente o seu glorioso coronel e esse bravo major Machado, que ainda trazia ao peito o braço ferido em Coolella; de bordo do *Zaire* sahia lugubremente, por entre os echos das acclamações distantes, um largo cortejo de macas trazendo os feridos do clima africano, pobres vencedores que não podiam voltar ao seu

quartel e nem talvez (quantos?) á sua remota aldeia!

Nos quarteis a confraternidade d'armas, de corporação, de classe manifestou-se em requintes de enternecida affeição. Abraçavam-se effusivamente, sem distincção de categorias. N'aquelle momento excepcional, a suprema hierarchia não estava nas divisas ou nos galões dos uniformes; estava nas fardas desbotadas dos que voltavam de Africa. El-Rei dera o exemplo, saudando-os a todos, indo saudal-os aos quarteis.

No dia 20 celebrava-se um *Te-Deum* em Santa Maria de Belem. Fôra bem escolhido o formoso templo manuelino. Ficavam bem sob a arcaria magnificente, em volta dos columnellos, esguios como grandes mastros de uma nau antiga, ficavam bem ali, monumento peregrino da idade de oiro do nosso esforço, os marinheiros e os soldados que acabavam de affirmar na historia a solidariedade entre o presente e o passado, enlaçados no heroismo da sua alma de luctadores.

Se as almas podessem voejar nos ares como ondulações de luz, estariam alli com elles, a abençoal-os orgulhosamente, D. João I, o de Ceuta, e Affonso V, o africano.

Mas tanto soffriam ainda os pobres repatriados, que muitos cairam exanimes no caminho para o templo e outros ficaram na enfermaria da Casa Pia [1].

Nos palcos e nas platêas dos theatros cada expedicionario que apparecia, soldado raso que fosse, era erguido nos braços como um triumphador.

No theatro de S. Carlos havia uma recita de gala. Na tribuna real Sua Magestade El-Rei tem comsigo o commissario regio e o coronel Galhardo. Os espe-

[1] Aos que não conhecem Lisboa indicaremos que a Casa Pia occupa uma parte do edificio do antigo mosteiro dos Jeronymos, ao qual pertencia a egreja monumental de Santa Maria de Belem.

ctadores fazem uma ovação calorosa aos valentes, e na platêa, Paiva Couceiro, o bravo indomavel de Marracuene, de Magul, de Chinavane, é levantado nos braços da multidão. A um sargento, a um marinheiro, a dois soldados que apparecem na sala prestam os espectadores homenagem egualmente calorosa e egualmente sincera.

Fôra creada uma medalha especial para commemorar as campanhas d'Africa. Denomina-se *medalha D. Amelia*. No dia 21, na amplissima *sala do risco* do arsenal de marinha, realisava-se a primeira distribuição, a solemne distribuição d'essa medalha. E para que o premio fosse maior e a distincção mais peregrina, foi a formosa esposa d'El-Rei, ella propria, quem poz com as suas mãos ao peito dos valentes aquella insignia d'honra.

E depois d'essa festa inolvidavel consagrada aos mais ditosos, porque ainda podiam marchar, não se esqueceu dos outros, dos que estavam nos catres do hospital e tinham tambem vencido e tinham tambem luctado e soffrido pela patria; não se esqueceu d'elles a alma angelica da Rainha e foi levar-lhes ao hospital as suas medalhas e o premio bemdito do seu sorriso e das suas palavras de immenso carinho. Pobres rusticos, que alguns eram, com que immensa ternura elles não choraram então! Para quantos, já turvados pela febre, não seria a apparição da Rainha, uma como visão celestial que chegava ao pé d'elles primeiro que as pobres mães distantes?

N'esse mesmo dia dava El Rei um jantar de honra aos officiaes expedicionarios e, pela primeira vez, n'um banquete de gala, apparecia o Principe Real, ainda uma creança. No brinde aos *seus camaradas*, brinde caloroso, enthusiastico, de sentida eloquencia, explicava El-Rei n'estas palavras a presença de seu filho:

Muito de proposito quiz que meu filho assistisse a esta festa para que, aprendendo com o vosso exem-

plo e com o d'aquelles que desgraçadamente a nossa saudade envolve, possa um dia ser pela patria o que vós tendes sido.

*

* *

Os festejos de Lisboa tinham em todo o paiz uma repercussão intensa, excepcional, commovedora e em toda a parte, como na capital, era da mocidade das escolas, almas em plena florescencia e na sincera vibração de todos os enthusiasmos, era d'ella a nota mais impressionavel, mais ruidosa, mais caracteristica, de mais suggestiva e apaixonada glorificação.

E onde não havia expedicionarios a festejar, n'uma consagração individual, ia o povo aos quarteis felicitar os que não haviam ido á Africa, mas eram bem a grande familia dos que tinham voltado e Lisboa retinha ainda no arroubamento das suas homenagens.

O Porto aguardava impaciente os expedicionarios de caçadores 3 e da artilheria de montanha. Queria tambem victorial-os, envolvel-os nos caricias da sua alma viril e antiga. Não podia faltar áquella apothéose eminentemente patriotica a consagração da inclita cidade, onde, como no burgo indomito de ha sete seculos ou no baluarte épico de ha sessenta e quatro annos, palpitam e vivem ainda todas as masculas energias e todas as altas susceptibilidades do grande caracter antigo.

Foram brilhantes os festejos do Porto, como depois foram calorosos e fraternaes os festejos de Bragança, onde está aquartellado caçadores 3, e os de Penafiel, onde a artilheria de montanha tem o seu aquartelamento.

O corpo commercial do Porto offereceu uma bandeira d'honra ao 2.º batalhão de caçadores 3 e a camara municipal de Bragança mandou collocar no quartel d'aquelle regimento uma lapide commemorativa da victoria de Coolella.

A' brigada de artilheria de montanha concedeu o ministerio da guerra, em nome d'El-Rei, um estandarte, que representa uma justissima distincção e um premio aos brilhantes serviços das baterias expedicionarias.

Pena foi que a iniciativa particular, como no Porto, ou a iniciativa do estado, como no distinctivo outorgado á artilheria de montanha, se não houyessem lembrado tambem do batalhão de Marracuene e do 2.º batalhão de infanteria 2, que deu o quadrado de Magul e a quasi totalidade d'esse pelotão de bravos que acompanhou Mousinho d'Albuquerque á façanha de Chaimite.

Nem seria exaggero, antes representaria um valioso estimulo, vincular ao numero d'esses regimentos o nome dos feitos praticados pelos seus segundos batalhões.

Assim succedia na antiga nobreza. Era de toda a familia o brazão tantas vezes conquistado pelo esforço de um só.

Dá-nos a Hespanha o precedente.

Recordam-lhe as soberbas victorias os nomes dos seus batalhões e regimentos. Castillejos e Wad-Ras, batalhas notaveis da sua guerra de Marrocos não se esquecem nunca, porque dois batalhões tiveram o baptismo épico d'aquelles grandes nomes.

Ficariam bem e seriam justos os titulos de *regimento n.º 2 de caçadores da Rainha e de Marracuene, de regimento n.º 2 d'infanteria de Magul e Chaimite* e *de regimento n.º 3 de caçadores de Coollela e Manjacaze.*

Mais longos são os titulos do n.º 4 de cavallaria do imperador da Allemanha, Guilherme II e do n.º 5 d'infanteria do imperador d'Austria, Francisco José.

E para que o triumpho não ficasse incompleto e tivesse um altivo remate, chegava a Lisboa com o ultimo grande troço de expedicionarios repatriados, como o resto do heroico batalhão de Magul, prisio-



O GUNGUNHANA

Sem frak, sem coco, sem fato,
Sem botas e até sem tamancos...

neiro, acobardado, humilde, o ultimo rei dos vátuas [1].

Recebeu a cidade generosamente e sem odios, n'um grande movimento de curiosidade, esse que fôra o terror dos sertões de Moçambique e o derradeiro grande autocrata da raça zulu. Acabrunhado, tranzido de medo, receôso de que lhe fizessem o que elle teria feito aos nossos, se fosse o vencedor, nem já podia inspirar odio o grande *vátua* abatido.

No seu aposento do reducto de Monsanto, nem é já bem um prisioneiro de guerra; é o curioso exemplar de uma famosa raça africana!

*

* *

Mas não bastava glorificar os desditosos vencedores, a quem as febres e a anemia palustre tinham levado aos hospitaes. Era preciso protegel-os desde que saissem do hospital, para que tivessem uma convalescença reparadora e não ficassem ao desamparo nos seus miserandos lares, nas suas mesquinhas aldeias. Outra rainha se lembrou d'elles—estrangeira pela origem, nacionalisada pelo coração--a piedosa mãe d'El-Rei, a senhora D. Maria Pia de Saboya.

Fundou a sua abençoada iniciativa o *sanatorio* que denominou *D. Luiz I,* em homenagem ao defuncto rei seu esposo, e ali vela pelos pobres convalescentes a sua carinhosa e inexcedivel solicitude.

E aqui está como no quadro épico d'estas campanhas se esboça docemente o perfil inconfundivel das duas Rainhas e como na apothéose das victo-

---

[1] Com o Gungunhana vieram tambem prisioneiros o fero regulo da Zixaxa e Molungo, tio do ex-rei de Gaza.

Alguns dos principaes vátuas prisioneiros foram desterrados para Cabo Verde.

O Mahazuli e o Finish estão presos em Lourenço Marques.

rias esvoaça lucidamente a alma affectuosa d'essas duas senhoras de preclara stirpe.

*
* *

Um voto na ultima pagina d'este pobre livro obscuro.

Novamente affirmadas, e com tão remontado fulgor, as qualidades notabilissimas dos marinheiros e dos soldados d'este paiz, que nunca as deixe annullar ou esmorecer a imprevidencia, a tibieza, ou o abandono das iniciativas dirigentes, para que não faltem á patria, na sua pobreza e na sua pequenez, esses soberbos elementos de força.

Que não seja preciso, na hora do perigo, ir pedir ou contractar no estrangeiro, para os nossos intrepidos soldados, a tutela de uma espada mercenaria, como nas guerras dos *Vinte e oito annos* e do *Pacto de familia,* ou a aptidão disciplinadora de um despota que nos humilhe, como na *Guerra da Peninsula.*

Se os não ha melhores, quando a disciplina lhes realça os dotes herdados e a competencia do commando sabe guial-os á victoria, que amaldiçoada economia a que lhes negasse os meios materiaes do combate e que inercia criminosa a que os deixasse indifferentes aos progressos da sciencia da guerra!

Que doloroso seria deixar que elles se irmanassem, pela ignorancia, pela indisciplina, pela desorganisação, pela incompetencia do commando, com os seus tristes antepassados que nos legaram a vergonha enorme de 1801, se têem alma e valor—que o provaram agora—para hombrear com esses luctadores excepcionaes, que nos conquistaram na historia humana o imperio das glorias portuguezas, inapagavel e immenso, como as grandes constellações do céu!

FIM

NOTAS SUPPLEMENTARES

Segundo uma estatistica recente, de 1895, a população de Lourenço Marques augmentou consideravelmente e chegou já a 2:729 habitantes, dos quaes 1:989 são portuguezes da Europa e da India. Entre as colonias estrangeiras da cidade, as mais numerosas são a ingleza (397), a chineza (89), a italiana (57), a franceza (53) e a allemã (49). (Vide pagina 94).

*

A importação do Transvaal, que em 1894 fôra de 6.440:215 libras, ascendeu em 1895 a 9.816:394 libras. (Vide pagina 94).

*

Devemos a uma extremada e generosa amabilidade do sr. conselheiro Emygdio Navarro, o mappa do theatro das operações no Incomati e em Gaza, que vem incluido n'este livro.

Traçado pelo distincto africanista o sr. Eduardo de Noro-

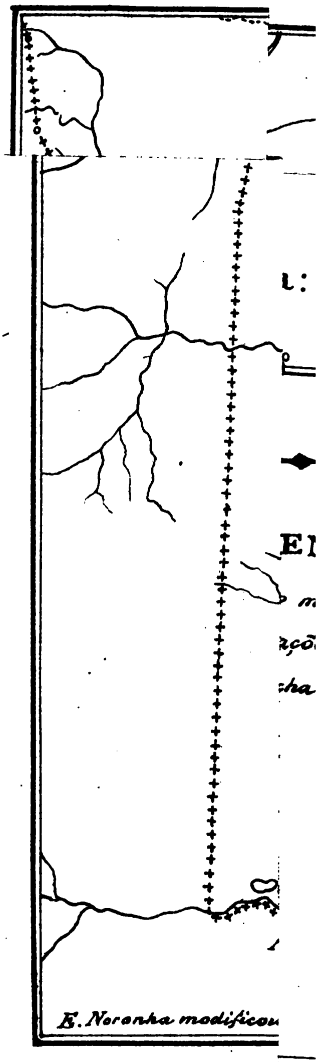
nha, ainda antes de ser conhecida a extraordinaria façanha de Mousinho de Albuquerque, o mappa não designa o *kraal* de Chaimite.

A Ribeira d'Amba está designada pelo nome de Ribeira Danta, como na carta da commissão de cartographia. A lagôa Coolella não tem designação no mappa, mas está n'elle indicada.

Quanto á orthographia de alguns nomes africanos não ha modelos seguros a imitar. Divergem n'este ponto uns dos outros os mais illustres africanistas. Assim, uns escrevem Xixaxa, outros Zixaxa, uns Augoana, outros Augoane, uns Manhissa e Xinavane, outros Manhiça e Chinavane, etc.

INDICE

COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS


E. Noronha modificou

D
N